



REDENÇÃO

SERÁ O AMOR CAPAZ DE MUDAR UM HOMEM?

CARLIE FERRER



REDENÇÃO

Será o amor capaz de mudar um homem?

Carlie Ferrer

Copyright © 2015 Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte dessa obra sem o consentimento escrito do autor.

10% da renda desse livro será doada para instituições de apoio a crianças com câncer.

Dedicado a Juliana Cardoso Fiori, e a pequena
Thamara.

*“As pessoas que amamos nunca vão realmente
embora.”*

Agradecimentos

Obrigada a você por estar lendo isso agora, seja a primeira coisa minha que você lê, ou a décima obra, muito obrigada.

*Obrigada a Deus, mais uma vez, e sempre!
A minha família, por me aturar assim,
maluquinha e tão aérea, mas me apoiar apesar disso.*

Obrigada Ellen, esse livro nunca estaria terminado se não fossem suas ameaças.

Obrigada Olívia e Danielle, porque sempre preciso agradecer.

Obrigada Jessica Souza, Mel Olivatti e Sara Rodrigues, pelos poemas lindos, a amizade e apoio de cada dia.

Obrigada a Regiane Valim, Maria Fernanda, Maria Rosa (você sempre me dá sorte amiga), Ale Lacombe, Mia Klein, Cynthia Lopes, Leila Rios, Jaine Gonçalves, Naty (minha japinha preferida) Simone Camargo, Denise Bernardes,

*Nathalia Mattos, Shirley Nonato, Ana Mendes,
Michelle Souza, Sheyla Mesquita, Danny Lobo,
Nessah Cândido, Camila Lima e Débora Gomes.
Por tudo, mais uma vez.*

*Obrigada as minhas meninas do grupo do Whats,
vocês tornam meus dias sempre melhores! Emily,
Andrezza, Anna, Anne, Kami, Karol, Juliana,
Jessica, Diana, Luana, Cecília, Emanuela, Mika,
Rozzy, Monique, Rosa, Julia, Flavia, Mony,
Carla, Josi, Shirlene, Keissiane, Liv, Krisley, Ana
Rita, Ellah, Gaby... nunca lembro o nome de
todas... rs*

Bárbara Pinheiro e Amanda Lopes

A vocês duas, não há palavras para agradecer. Por cada palavra de incentivo, por cada bronca. Por insistirem tanto em mim, mesmo quando nem eu faço isso. Por cada final de semana, madrugada e feriado que perderam se dedicando a coisas minhas. Por me ouvirem chorar e brigarem por mim. Por estarem aqui, sempre, em cada momento, todos os dias, independente do assunto, independente do humor de cada uma, por superarmos juntas tantas coisas. Por serem minha voz, minhas mãos, por resolverem tudo antes que eu entre em crise.

Vocês me carregam sempre, e mesmo que eu não consiga retribuir, quero que saibam que estou aqui, para o que der e vier, para qualquer coisa, para desfilmarmos em Paris, ou andar de bondinho. Por todos os P.10 e gerentes de supermercados. Para corações engavetados e broncas na madrugada.

Para sempre.

*Amo vocês. Vocês são a melhor família que Deus
poderia ter me dado.*

Estou preso à escuridão, penso eu que não há liberdade, não é coisa da idade, nem mesmo vaidade...

E logo você aparece, não sei se de mim esquece, te fiz uma promessa, mas sei que não há pressa. Me dê sua resposta...

Por mais que não queira, seja minha de qualquer maneira, eu posso falar ou posso gritar, deixe me aproximar, sentir os seus beijos, te ter em meus braços, sentir seu calor e ter seu amor, me dê uma chance, esse é o lance.

Não posso arriscar.

Vou me conformar, não quero te ver, mas não posso crer.

És tudo o que preciso, não sei se te digo.

Com essa arrogância, não tem importância.

Não sei nem dizer, mas há um porquê.

Deixa-me em paz.

*Quanto tempo faz?
Você me quer sua,
Talvez me possua...*

Por Jessica Souza

Capítulo UM

Foi um acidente tê-lo conhecido, mas foi escolha minha procurar por ele depois. Claro, eu nunca poderia imaginar que as coisas chegariam ao ponto que chegaram. Que minha impulsividade, somada a determinação dele, nos fariam percorrer esse caminho de pedras. Richard Becker é louco, possessivo e apaixonante. Não pense que é um bom homem com uma mente fodida, não, ele não é bom. É mau, um homem amargo e egoísta, mimado e cruel. E o pior, ele sabe exatamente o que fazer para ter o que quer, e contra isso, não há como lutar.

Sexta-feira, dirigia meu Uno Mile vagorosamente em direção ao colégio. Tinha acabado de sair do trabalho, um bar chamado Hot Point, sei que o nome é sugestivo, mas é apenas um bar com uma pequena danceteria. Para a pequena cidade de

Caxambu, ele era o point. Meu turno começava à meia-noite e acabava por volta das sete e meia da manhã, quando pegava meu irmão na casa de Stacie, a bondosa vizinha que tomava conta dele durante a noite, e o levava para a escola. Se fosse do trabalho a pé para casa, não daria tempo de levar Ben à escola, ele tinha uma bolsa de estudos em um colégio particular num bairro distante, mas valia o esforço, era um excelente aluno. Achei que isso fosse justificativa suficiente para o fato de eu estar dirigindo meu carro, às sete e meia da manhã, mesmo sem ter dormido nas últimas 48 horas. Confesso, estava mais dormindo do que acordada. Foi então que dei uma olhada rápida no celular em cima do banco, ele havia caído em um dos buracos do estofamento do meu carro, sem tirar a mão esquerda do volante, diminui para 30km/hr e com a mão direita, comecei a tatear o buraco no banco a procura dele. Quando finalmente o encontrei, a hora marcada nele me surpreendeu, já eram sete e quarenta e oito. “O

quê?” Gritei sozinha no carro. “Droga!” não entendi como o tempo passou tão rápido, Ben chegaria atrasado por minha culpa, e ele era bolsista, não podia dar-se ao luxo de chegar atrasado, rapidamente pisei fundo no acelerador e o carro deu um solavanco para frente, bem no momento em que reparei que o sinal estava fechado e dois homens de ternos elegantes atravessavam a rua. Nem deu tempo de procurar o freio antes que o carro atingisse o primeiro homem, derrubando-o, mas sem muita força. Meus pés finalmente alcançaram o freio e parei o carro sem conseguir me mover. A confusão de gente em volta do homem caído aumentava, enquanto as batidas do meu coração também. O outro homem que estava com o acidentando, era alto, elegante e me olhava com olhos furiosos, era como se estivesse gritando para mim: “Você está ferrada!”. Reuni toda a coragem que me restava e tirei o cinto de segurança, respirando fundo mais umas dez vezes antes de tomar coragem para abrir

a porta.

Desci, e assim que coloquei todo o meu peso sobre minhas pernas, senti que elas estavam moles como gelatinas, e tive que me apoiar no carro. Enquanto me aproximava do homem caído, sendo observada por todos a sua volta com olhares acusadores, comecei a mentalizar o mais forte possível: “Não esteja embaixo do carro, por favor, esteja respirando...” Percebi que alguns garotos riam da minha cara e relaxei, se estão rindo não deve ter sido tão grave. Tomei um impulso e passei de uma vez para frente do carro, e só então comecei a ouvir as coisas a minha volta, os cochichos das pessoas, o barulho dos carros que buzonavam e mais alto que tudo isso junto: os gritos histéricos do homem. Ele estava sentado, seu impecável terno cinza, todo amarrotado. Ele consertava a manga da blusa enquanto tentava se levantar, mas o outro homem engravatado, o de terno azul marinho, que me olhara feio, não deixava ele se mexer enquanto ligava frenético

para um hospital. Senti minha voz sumir e minhas pernas tremerem ainda mais ao me aproximar do atropelado.

— Perdoe-me senhor, não o vi na rua. —
supliquei esperando misericórdia.

Percebi seus ombros automaticamente ficarem tensos só de ouvir minha voz. Ele nem se deu ao trabalho de virar a cabeça, mas respondeu com uma voz fria, histérica e amedrontadora:

— O sinal estava fechado. Uma louca como você não deveria ter licença para dirigir, não duvido nada se sua carteira foi comprada. Esse país sem lei. Se não viu dois homens na sua frente e o sinal fechado, para onde estava olhando afinal?

Eu sabia que ele tinha toda razão em estar zangado, furioso, como estava, mas precisava mesmo de todo aquele sermão na frente de tanta gente? Abaixei a cabeça e tentei encontrar as palavras certas, não estava acostumada com pessoas gritando comigo, mas quando tentei me explicar, apenas gaguejei e não consegui dizer

nada.

— O senhor está bem? — consegui perguntar finalmente, mas antes que eu terminasse, ele já estava gritando.

— Claro que não! Estou nessa rua imunda, e atrasado para minha reunião! Sem falar desse carro velho e sujo que acabou com meu terno!

Só então olhei meu carrinho, meu velho amigo, e vi o amassado na frente dele, onde pegara o homem histérico.

— Não! — exclamei. — Meu carro!

Então o homem olhou para o amassado no carro, e finalmente olhou para mim, já com a boca aberta, provavelmente se preparando para soltar mais uma dúzia de insultos, porém, quando olhou para mim, ele ficou imóvel, apenas me encarando.

Senti-me sem graça pela maneira como ele me encarava, parecia em transe. Eu sabia que não devia estar com uma boa aparência, após 48 horas sem dormir, depois de uma noite inteira andando para lá e para cá com bandejas de bebidas, o

cheiro de cerveja em minha roupa já era habitual para mim, mas com certeza não para um homem elegante como ele. Eu tinha prendido meu longo cabelo negro em um rabo de cavalo ao sair do bar, mas sabia que àquela altura, com o baque da batida, meu rabo estava torto e duas mechas do meu cabelo, haviam se soltado dele, se embolando na frente do meu rosto. Eu devia estar mesmo assustadora. Mas ele me olhou por tanto tempo, que fiquei incomodada. Ele não precisava ser tão indelicado. Será que nunca viu uma mulher indisposta antes? Sustentei seu olhar com a expressão mais fechada possível, se ele achava que podia me analisar daquele jeito e me intimidar, estava enganado. Eu o desafiei, mal pisquei olhando diretamente para ele, porém, era uma luta injusta. Enquanto eu era a própria gata borralheira antes da chegada do príncipe, ele era o príncipe em pessoa. O cabelo castanho combinava perfeitamente com a cor esverdeada de seus olhos. A barba por fazer deixava um cavanhaque que

rodeava seus lábios grossos e convidativos. Concentrei-me então em seus lábios, eu podia me imaginar perfeitamente neles. Então voltei a mim, com a respiração acelerada enquanto tentava colocar meus pensamentos em ordem. “O que aconteceu aqui?” pensei ao perceber que estava com dificuldade de respirar. O homem pareceu sair de seu transe também e num rompante, se levantou, sobre os protestos do homem de azul.

— Estou bem. Está tudo bem. — até para acalmar o outro que parecia em pânico, seu tom de voz era frio, severo, exigente. — O circo acabou. — falou ele e empurrou algumas pessoas na multidão passando por elas e sumindo com o homem de azul a tiracolo.

Eu continuei parada vendo-o desaparecer enquanto era o centro das atenções. Toda multidão olhava para mim, voltei e tranquei meu carro, então corri na direção por onde o homem havia desaparecido. Finalmente os avistei, os dois ternos elegantes, entrando em um prédio. Era o mais

elegante e alto da cidade, o local estava sempre fechado, coberto de vidro escuro, era impossível ver lá dentro. E as portas raramente abriam, já que raramente alguém entrava ou saía dele. Na cidade o chamavam de edifício de luxo. Parei em frente à porta e ela se abriu quando o sensor detectou a minha presença. O hall de entrada do prédio parecia uma enorme sala de luxo, cadeiras exóticas, pequenas mesas de vidro e um sofá de canto, davam ao local um misto de riqueza e peculiaridade. Aproximei-me do balcão, o homem de terno vinho atrás da mesa me encarava dos pés a cabeça. “Droga” pensei, nem tinha arrumado meu cabelo, nem dado um jeito de tirar a jaqueta com cheiro de cerveja antes de entrar em um local tão elegante. Não adiantava mais tentar me arrumar, ele já tinha me visto, mesmo. Aproximei-me sem graça.

— Bom dia senhor, gostaria de saber em que andar trabalha o homem que acabou de subir.

Ele me encarou com uma sobrancelha arqueada,

desconfiado.

— Qual homem, senhorita?

— Um alto, cabelo castanho, terno cinza, lindo de morrer. — tapei a boca imediatamente, mas o homem até então desconfiado, abriu um sorriso travesso.

— Subiram dois, a senhorita pode estar falando de Charles Mendler ou de Richard Becker.

Claro! Que falta de atenção minha! Subiram dois homens. Percebi que o recepcionista parecia animadinho em falar dos homens elegantes, então entrei no jogo dele.

— O mais bonito deles.

— Então estamos falando do Sr. Becker. Mas ele não trabalha em nenhum andar específico.

— Como não se eu o vi entrar aqui?

— Se estiver falando do Sr. Richard Becker, ele não trabalha em um andar somente, ele é o dono.

Meu queixo caiu sem chance de tentar evitar. Eu deveria sair dali correndo, tinha atropelado um homem muito, muito rico. E com certeza,

importante. Richard Becker, o nome dele não me era estranho, eu já tinha ouvido falar. Agradei o recepcionista e saí cabisbaixa. Ele fora até educado em não me processar, não chamar a polícia, não manter o circo por mais tempo. O mínimo que eu podia fazer era me desculpar, mas ele nem me dera tempo antes de desaparecer. Uma ideia então veio a minha cabeça, mas primeiro, eu precisava buscar Ben.

Ele me encarou com o bico já conhecido de quando estava chateado.

— Você se atrasou Gabriella, de novo! — resmungou enquanto entrava no carro.

— Desculpe querido, mas você vai chegar para o segundo tempo e eu vou conversar com sua professora. E se você se comportar e tirar esse bico, eu acho que poderemos fazer um festival de sorvete lá em casa hoje, o que acha?

Os olhinhos verdes dele brilharam e um sorriso enorme surgiu em seu rosto. Estava perdoada.

Após deixar Ben na escola e me desculpar com a professora, corri para a casa. O que eu mais queria na vida era deitar em minha cama e esquecer o mundo, mas não podia. Tinha uma coisa muito importante a fazer, precisava me desculpar com o homem que tinha atropelado aquela manhã. Tomei um longo banho, lavei os cabelos a fim de me livrar do cheiro de cerveja e o prendi em um coque. Vesti minha roupa mais respeitável, uma saia social acima do joelho com um pequeno rachado no lado direito, bem discreto. E uma blusa branca social que era bem velha, mas que eu amava. Olhando-me no espelho percebi as olheiras em volta dos meus olhos, tentei disfarçá-las com uma base e lápis de olho, mas ainda estavam bem visíveis. “Como se ele fosse reparar muito em mim.” pensei. Então juntei o que ainda tinha na carteira e saí para executar meu plano de desculpas.

Na floricultura, comprei um arranjo de flores que não era muito feminino, mas elegante. Não

era muito caro, nem barato. Era um arranjo de cravos amarelos e tulipas coloridas. Então, caminhei até o grande edifício, antes de a porta abrir ao detectar minha presença, respirei fundo e entrei novamente. O homem de terno vinho levantou os olhos para mim e olhou sua revista novamente, então, olhou novamente para mim e pareceu surpreso. Aproximei-me com um sorriso tímido.

— Boa tarde, gostaria de ver o senhor Richard Becker, por favor.

Ele me encarou contendo um sorriso.

— A senhorita marcou hora?

“Droga!” sorri amavelmente lendo o nome dele em seu crachá.

— Desculpe senhor Da-my-na-der-son... — parei de falar e olhei para ele esperando que ele corrigisse seu nome, mas ele apenas me encarou de má vontade, que espécie de nome era aquele?

— Senhor Damyanderson, eu não marquei hora.

— Então sinto muito, senhorita?

— Gabriella. — respondi achando meu nome de repente simples demais.

— Senhorita Gabriella, mas se não tem hora marcada, não poderá ver o Sr. Becker. Ele é um homem muito ocupado.

— Entendo, mas é que o senhor Becker foi muito gentil comigo esta manhã e gostaria de lhe retribuir o favor.

Damy-alguma-coisa me encarou surpreso:

— O senhor Becker e a palavra gentileza não combinam, senhorita Gabriella. Tenho certeza que está falando do homem errado. Acaso não se refere ao senhor Christopher Becker, irmão de Richard?

Fiquei confusa, havia dois Becker na cidade? Como eu saberia qual eu havia atropelado?

— Não sei. — respondi, eu já havia feito o cartão para Richard Becker, teria que comprar outro. — Qual deles entrou aqui essa manhã?

— De manhã? Então deve ser mesmo o senhor Richard, o senhor Christopher nunca acorda cedo.

— Sim, ele foi atropelado essa manhã e eu...

— Atropelado? Ah sim, então estamos mesmo falando do senhor Richard. Ele ficou de mau humor hoje o dia inteiro, sabe, com o humor pior do que já tem normalmente.

Então ele me encarou e pude perceber a curiosidade brilhando em seus olhos.

— O que ele fez de gentil para a senhorita?

Eu poderia responder: ele não chamou a polícia, mas apenas dei de ombros.

—Será que o senhor poderia entregar essas flores e esse cartão para ele?

Damyanderson pegou as flores, desconfiado, mas logo sorriu amavelmente.

— Claro, senhorita! Eu prometo que essas flores estarão nas mãos do senhor Becker em poucas horas.

— Obrigada. — respondi e voltei para a casa, para finalmente poder dormir.

No final da tarde, conforme prometido, meu

pequeno Ben encontrou uma variedade de sorvetes esperando por ele em cima da mesa. Seus olhinhos brilharam e ele atacou imediatamente vários sabores sem decidir de qual gostava mais. Stacie, minha vizinha, uma mulher baixinha de cabelos loiros e curtos, devia ter por volta de quarenta anos e não tinha filhos, amava cuidar de Ben. Acabou indo para a minha casa saber o que significava o amassado em meu carro. Contei-lhe rapidamente o ocorrido e ela arregalou os olhos:

— Mas Bella, se está falando de Richard Becker, o empresário que está na cidade, não devia ter mandado as flores! Todos comentam que ele é um homem ruim e que gosta de humilhar as pessoas. Para ele processar você não seria nada, mas como você pagaria? Como vai pagar o conserto do seu carro?

— Eu dou um jeito, faço hora extra, me viro.

— Hora extra em que horário, se nem tem tempo para dormir? E você sabe as condições do Ben, não pode se descuidar dele.

— E não irei. — sabia que íamos começar uma discussão, o estado de saúde frágil de Ben preocupava demais Stacie, e ela às vezes exagerava em sua proteção e cuidados e exigia o mesmo de mim.

Mas fomos interrompidas por batidas apressadas na porta. Abri rapidamente e me surpreendi ao encontrar Damyanderson, o recepcionista do edifício de luxo.

— Desculpe, senhorita, — disse ele abaixando a cabeça sem graça. — O senhor Becker mandou devolver as flores. — Ele esticou o braço com as flores e me entregou.

O arranjo estava praticamente desfeito, descuidado e dentro dele, o cartão que eu havia escrito estava amassado em uma bola, que parecia ter sido arremessada no arranjo.

— Ele disse por que fez isso? — perguntei sentindo-me humilhada.

— Ele disse que não tem tempo para essas coisas insignificantes, que a senhorita é muito petulante

de incomodá-lo depois do que fez.

Fiquei um tempo calada digerindo a informação, quando achei que não podia piorar, Damyanderson se lembrou de mais alguma coisa.

— Ah! Ele também disse que não gosta de flores baratas.

Foi o suficiente, quem aquele homem pensava que era? Como ele se atrevia a falar de mim daquele jeito? Sem nem perceber, peguei minha jaqueta e gritei para Stacie:

— Fica com o Ben, por favor!

— Aonde você vai? O que vai fazer, Bella?

Escutei-a gritando da porta, mas já estava ligando meu carro amassado, joguei as flores em cima do banco do carona e pisei fundo no acelerador.

Entrei com tudo no luxuoso prédio sem me importar com os olhares das pessoas esnobes que saíam ao fim de seus turnos de trabalho. Eu ainda usava a mesma blusa branca e minha saia social

de mais cedo, porém estavam desarrumadas, estava com uma sandália de dedos e meu cabelo bagunçado solto, com as marcas do coque que havia feito mais cedo e o resultado de ter ido dormir com esse coque. Quando fui passar pela catraca de identificação, dois seguranças me barraram.

— Identificação, senhorita. — me pediu um deles.

— Gabriella! — falei ainda com a raiva me dominando.

— Preciso da sua identidade senhorita. — respondeu ele quase rosnando para mim.

Olhei para minhas mãos, apenas as flores nela, nada pendurado em meu ombro, na pressa, eu nem me lembrei da minha bolsa. Não estava com documento nenhum. Percebendo que eu não estava com nenhum documento, ele se virou para trás, claramente pouco interessado no meu problema.

— Eu preciso falar com o Sr. Richard Becker. —

pedi.

— Claro que precisa. — respondeu ele de costas, sem dar importância.

O que eu poderia fazer que chamasse a atenção daquele guarda-roupa? Como poderia convencê-lo a me deixar passar? Foi então que veio a ideia. Abaixei a cabeça e falei com a voz mais triste do mundo.

— Ele não pode fazer isso comigo. Simplesmente me manda essas flores e nem tem a decência de terminar tudo na minha cara! — abaixei a cabeça e cobri a testa com a mão livre. Os dois seguranças me encararam imediatamente, a expressão dura do que falara comigo havia se suavizado.

— A senhorita teve um caso com Richard Becker?

— Não tivemos um caso. — corrigi. — Nós nos amamos.

Ele pareceu sentir pena por um momento.

— Senhorita, o senhor Becker não ama ninguém,

nem a ele mesmo. Ele ainda foi gentil em te mandar essas flores.

— Mas eu não posso aceitar isso, preciso vê-lo.

Ele olhou o outro homem, depois falou baixinho:

— Gabriella, não é isso?

Assenti.

— Então Gabriella, está vendo aquela portinha ali no canto?

Olhei na direção que ele indicava e avistei uma minúscula porta em um canto da parede.

— Você pode subir por ela e pegar o elevador na garagem. O senhor Becker está no 11º andar. Mas ele não pode nem sonhar que lhe permitimos fazer isso.

— Não se preocupe. — garanti.

— Aproveita e joga essas flores nele. — sugeriu o homem.

— Pode deixar que eu farei isso. — respondi.

Então me afastei deles despistadamente e entrei pela portinha de canto que dava em uma escada estreita e logo, na garagem. Chamei impaciente o

elevador. Finalmente ele veio, entrei e apertei o 11º andar. Não pude evitar pensar que espécie de homem era Richard Becker? Por que seus empregados tinham tanta certeza que ele não seria capaz de uma gentileza? Por que ninguém parecia gostar dele? As palavras de Stacie fizeram sentido, ele gostava de humilhar as pessoas, era exatamente o que ele havia feito comigo, mas isso não ia ficar assim.

Assim que descí no 11º andar, uma recepcionista de cabelos alaranjados e exageradamente lisos, o nome Lúcia em seu crachá, levantou-se no susto para me receber.

— Pois não? A senhorita marcou hora?

— Preciso falar com Richard Becker.

— O senhor Becker já encerrou seu atendimento e já foi embora. — respondeu ela, mas vacilou no final da frase e achei que ela estivesse mentindo.

— Não foi não, ele está me esperando. — respondi tentando passar, mas ela entrou na minha frente, parecia desesperada.

— Por favor, senhorita. Ele está em uma reunião importante, não pode atendê-la agora.

— Ele não tinha ido embora? — retruquei com ironia.

Ela gaguejou e eu aproveitei a brecha para procurar, até encontrar certo movimento numa sala a direita dela. Ele só poderia estar ali. De repente, a raiva falou mais alto e senti o sangue em minhas veias esquentar.

— Me desculpe. — falei com a secretária antes de dar um leve empurrão nela que a tirou do caminho e passei. Abri a porta de repente e todos me olharam.

Havia oito homens de ternos elegantes sentados em volta de uma mesa. “Droga!” O que faria agora na frente desse monte de gente? Avistei o repugnante, lindo e repugnante, Richard em pé próximo a um quadro com uns gráficos, ele me olhou primeiro assustado, mas depois parecia nervoso.

— Mas o que significa... — ele começou a gritar,

mas me apressei e me aproximei com as flores na mão.

Minha vontade era enfiar o cartão em sua garganta, mas apenas parei diante dele.

— Prazer, senhor Becker, sou Gabriella, a louca da direção que comprou a carteira e te atropelou e a petulante que lhe enviou um humilde pedido de desculpas.

Ele me olhou com seus olhos verdes arregalados.

— A senhorita não tem o direito...

— Você não tem o direito de tratar as pessoas assim, quem você pensa que é? Por que acha que pode humilhar as pessoas desse jeito?

— Saia dessa sala ou eu...

Assim que senti seu tom ameaçador, comecei a gritar ainda mais alto. Ele mandou a secretária chamar os seguranças, então aproveitei o pouco tempo que tinha.

— Se você não é homem para aceitar um pedido de desculpas tão barato, então seja homem para engolir sua petulância. — dizendo isso me

aproximei mais dele e simplesmente esfreguei as flores em sua cara, que de tão atônito, nem se mexeu para tentar impedir. Para finalizar, peguei o cartão amassado em forma de bolinha e joguei com toda força em sua testa.

Depois de passada a adrenalina, sabia que estava ferrada, o homem de terno azul que estava com ele mais cedo entrou em pânico no escritório e em seguida os seguranças apareceram e me seguraram, tentando conter um sorriso ao ver a situação em que se encontrava o respeitável senhor Becker.

Enquanto eles me arrastavam para fora da sala, pude ouvir o homem de terno azul sugerir que ele chamasse a polícia imediatamente, mas ele apenas negou com a cabeça. E o tempo todo, não tirou os olhos de mim. De repente senti que se ele não reagira naquele momento, o faria mais tarde, e muito pior do que eu havia feito. Mas não me importava, estava vingada.

Quando o elevador parou diante de mim, outro

homem estava nele, e se assustou ao ver os dois seguranças me prendendo um de cada lado. Ele era lindo, o cabelo num tom loiro escuro, arrepiado, lindos olhos azuis, a boca perfeitamente desenhada como a do atônito senhor Richard. Os seguranças pararam de rir imediatamente e o cumprimentaram.

— Boa noite, senhor Christopher.

Ele acenou para eles com um sorriso e me encarou, curioso:

— Boa noite, senhorita.

Respondi com um sorriso forçado e entrei com os seguranças.

Uma vez que as portas do elevador se fecharam, os seguranças me soltaram e caíram na gargalhada.

— Muito bem feito, Gabriella, muito bem feito.

Capítulo DOIS

Durante toda a semana, toda vez que ouvia algum barulho na rua, próximo a minha porta, quando alguém batia, ou quando o telefone tocava, eu me sobressaltava, sempre esperava a polícia vir me prender por agressão, tentativa de homicídio, danos morais, e sabe-se lá de quantas coisas mais Richard Becker poderia me acusar. Depois de um tempo, e alguns filmes, comecei a esperar que seus capangas me perseguissem, cheguei a me sentir perseguida, estava ficando paranoica. Chegou um momento em que já torcia que Richard Becker se vingasse logo de mim para acabar com aquela agonia. Todo o meu medo provinha do fato de Damyanderson, ou Damy, como eu o chamava, ter passado na minha casa três dias após eu ter esfregado as flores na cara de seu patrão, para me advertir que ele estava furioso, e que estava dando ordens para que descobrissem tudo sobre minha vida. Perguntamo-nos por que

ele estaria interessado em minha vida e a conclusão óbvia foi vingança. Desde então me sentia assim, à beira de um precipício prestes a ser empurrada. As coisas que ouvi falar sobre esse homem nos dias que se seguiram também não ajudavam em nada meu lado paranoico, no Hot Point, Carlo, meu patrão, disse que ele era o demônio em pessoa e que havia tentado matar o próprio pai para assumir as empresas da família. Layla, uma dançarina da casa, disse que o pai trabalhava com ele no edifício de luxo e que havia sido afastado do trabalho por estresse num nível que o estava enlouquecendo, ela disse que Richard Becker era tão ruim, que o pai ficou meses tendo pesadelos com ele, mesmo após se afastar do serviço. Stacie, que passou a investigar na internet sobre Richard Becker, acabou criando amizade com Damy, que aproveitando a oportunidade de ter alguém para ouvi-lo falar sem parar sobre o chefe, garantiu que ele não cumprimentava ninguém que fosse seu subordinado, que em três

anos trabalhando com ele, nunca o vira dar sequer um sorriso, e que ele nunca estava contente, ou satisfeito. A imagem de um demônio surgia a minha mente toda vez que pensava em Richard Becker, mas era apagada quando me lembrava de sua face, face de anjo, como podia ser tão mau, sendo tão adorável? A imagem de seus lábios e a forma como me senti em relação a eles na primeira vez que o vi, me fez enrubescer, em vinte e quatro horas ele me fez ter sensações tão diferentes! Do desejo, a raiva e ao medo.

Oito dias após ter invadido o edifício de luxo, estava tomando banho, quando ouvi batidas na porta. Não me apressei em sair do banho, pois Stacie estava em minha casa, pensei que fosse a polícia, mas como não ouvi nenhum barulho suspeito, decidi permanecer escondida no banheiro. Alguma coisa me dizia para não sair dele. Pouco depois, duas batidas leves na porta do banheiro me sobressaltaram:

— Bella, você tem visita! — a voz de Stacie parecia amedrontadora.

— Estou no banho. Peça para esperar.

— Não posso. Não acho que seja alguém que possa esperar alguma coisa.

Senti meu corpo todo congelar, me perguntei se seria a polícia ou seus capangas.

— Bella! Saia logo daí! — as batidas na porta aumentaram e Stacie parecia realmente muito nervosa, quase em pânico.

“Droga! São os capangas” deduzi enquanto desligava o chuveiro. Nem parei para me secar, nem vesti uma roupa, passei minha toalha vermelha em volta dos meus seios, elas cobriam até o começo da coxa apenas, me certifiquei que nada demais estivesse à mostra, ela cobria o que precisava ser realmente coberto, então saí do banho.

Quando cheguei à sala, a visão me atordoou, por um momento não me mexi, senti-me enrubescer. “Por que diabos não vesti uma

roupa?” Richard Becker moveu-se do canto da sala e se prostrou a minha frente. Não parecia com raiva, seus olhos divertidos me analisaram de cima a baixo, tive vontade de correr dali e me cobrir com um roupão, mas era Richard Becker, não podia abaixar a cabeça para aquele homem arrogante, então o encarei também, não demonstrando nem uma sombra sequer do medo que sentia naquele momento.

— Richard Becker, como já deve saber. — falou ele elegantemente estendo a mão para mim.

Senti-me ruborizar ainda mais ao ouvir sua voz, a qualquer momento eu iria explodir se continuasse daquele jeito.

— Gabriella de Wolle. — respondi o mais friamente possível sem tocar sua mão estendida.

Ele deu um meio sorriso ao perceber que eu não tocaria sua mão.

— Eu preciso falar com a senhorita.

Apenas falar? Respirei aliviada.

— Em particular. — completou ele me olhando

de forma ameaçadora.

Estava realmente ferrada. Eu nem precisei dizer nada, Stacie rapidamente agarrou Ben e saiu despedindo-se dele. Eu a olhei quase suplicando que não saísse, mas ela passou pela porta deixando-a aberta.

Richard então encarou o outro homem que estava com ele, só então percebei a presença de Charles. Ele foi até a porta e fechando-a passou a chave duas vezes. “Por que ele trancou a porta?” eu queria gritar e sair correndo, mas permaneci olhando para ele sem ceder.

— Está tudo bem, senhorita Gabriella? Não quer se vestir? — perguntou com um tom ameaçador, embora seu meio sorriso não combinasse com seu tom de voz.

— Estou ótima, e não me importo de ficar assim, te incomoda? — eu não sabia de onde tinha tirado tanta coragem, consegui falar sem vacilar, mesmo que minha mente estivesse se preparando para suplicar seu perdão.

Após me olhar novamente da cabeça aos pés, ele me olhou nos olhos:

— Me distrai, mas não me incomoda.

Vendo o olhar divertido e ameaçador dele, percebi que eu jamais suplicaria sua misericórdia, meu orgulho venceria, eu jamais cederia a esse homem.

Ele se sentou no braço do meu sofá e bateu no braço do outro sofá que ficava ao lado dele, indicando que eu me sentasse. Eu me aproximei, mas não me sentei. Ele me olhou esperando, mas como não me movi, sua expressão divertida sumiu enquanto ele disse baixo.

— Sente-se.

— Não. — respondi.

Quem ele pensava que era para me dar ordens na minha casa?

— Achei que já estaria disposta a se redimir pelo que fez. — embora seu tom fosse cordial, havia uma singela ameaça em seus olhos, como se fosse minha última chance.

— Não, não tenho essa pretensão.

Ele se levantou imediatamente, ficando de frente para mim novamente, já não havia nenhum vestígio de humor em sua voz e em seus olhos.

— Então acha que o que fez foi certo?

— Acho que foi justo.

— A senhorita sabe com quem está falando?

— Com alguém que veio a minha casa sem ser convidado e está tentando me intimidar. — respondi o mais calmamente possível.

Ele me encarou e pude finalmente sentir a raiva emanando dele. Rapidamente o outro homem, Charles, me puxou pelo braço encostando-me na parede, e com uma mão segurou minhas duas e passou a outra em volta do meu pescoço.

— Charles! Solte-a. — ordenou Richard.

Charles o olhou com certa incredulidade.

— Mas, senhor...

— Solte-a imediatamente! — ordenou ele novamente.

Então Charles me soltou de má vontade, e olhou

para ele esperando uma instrução do que deveria fazer comigo.

— Saia. — disse Richard duramente. — E não feche a porta. Não queremos assustar a senhorita Gabriella.

Charles ia discutir, mas apenas assentiu e saiu olhando feio para mim, deixando a porta encostada.

Então Richard me olhou tentando mostrar uma calma que claramente não estava sentindo.

— Eu sinto muito, senhorita Gabriella, eu apenas...

— Não queria me assustar? — gritei de repente. — Você invade minha casa, me olha com esse jeito ameaçador, traz um capanga e não queria me assustar?

Eu gritava tanto, que ele arregalou os olhos e com as mãos, fez um gesto para que eu abaixasse meu tom. Aproximou-se de mim e percebi que pretendia me tocar. Então me afastei.

— Não toque em mim!

— Eu quero apenas falar com a senhorita. — ele disse, mas de repente estava rindo.

— O que foi? — perguntei irritada ainda aos berros.

— Capanga? De onde tirou isso?

Eu dei de ombros, sentindo-me mais calma.

— Todo homem mau e importante tem alguns. — respondi enquanto ouvi-o cair na gargalhada. Ele parecia tão inofensivo rindo, parecia um anjo. De repente o som de sua risada era tão agradável, que eu me senti estranhamente segura. Acabei sorrindo também.

— Faz sentido. Acho que devo providenciar alguns. — falou ele finalmente.

Então Ben entrou correndo pela sala, seguido por Stacie.

— O que foi Bella? — gritou me abraçando e olhando feio para Richard. — Por que está gritando?

Dei-me conta que devia ter gritado realmente alto, assustando Ben e Stacie.

— Não foi nada querido, eu apenas me assustei. Está tudo bem.

Ele olhou desconfiado para mim e para Richard, e então me soltou.

— Vamos Ben, deixe a Bella terminar a conversa.

— Nós já acabamos. — respondi e imediatamente Richard estava ao meu lado segurando minha mão.

Seu toque fez toda a minha pele arrepiar e minha respiração ficar irregular.

— Por favor, senhorita Gabriella, ainda preciso falar com a senhorita. É muito importante.

Stacie me encarou esperando uma decisão. Então assenti.

— Tudo bem, Stacie, leve o Ben por mais alguns minutos, por favor.

Ela assentiu e levou Ben, fechando a porta ao sair. Quando olhei para Richard, ele reparava a minha casa, tocava em algumas coisas, outras olhava de cara feia. Cruzei os braços esperando

que ele acabasse. Finalmente ele se sentou e me olhou.

— Acho que devo vestir uma roupa... — meu tom saiu quase que indagando.

Ele sorriu ao perceber.

— Está me pedindo permissão? Eu não me importo se continuar assim.

Revirei os olhos e saí deixando-o na sala. Tirei a toalha molhada e joguei meu roupão. Estava tão mais quente e confortável. Então retornei à sala e me sentei no mesmo sofá onde ele estava, o que o deixou surpreso.

— Pronto.

Ele me olhou novamente e percebi o humor voltar aos seus olhos, e seu meio sorriso.

— Estava mais sexy com a toalha vermelha. — falou reparando meu roupão creme, desfiado e comprido demais.

Fiquei sem reação com o atrevimento dele. O olhei boquiaberta.

— Eu só estou dizendo que você fica melhor com

a toalha vermelha.

— E isso não é da sua conta. — respondi finalmente.

— Claro que não, seria da conta do seu noivo, mas ele não está mais aqui, então...

Levantei-me num rompante sentindo raiva.

— O que sabe sobre isso? Quem te deu o direito de mandar investigar minha vida?

Ele se levantou também, novamente o humor em seus olhos havia desaparecido.

— Eu sei o suficiente, garota, e quem disse que precisei mandar investigar sua vida?

— Eu tenho minhas fontes. — respondi temendo por um momento estar arriscando o emprego de Damy.

— Acho que posso imaginar quais sejam suas fontes. De qualquer forma, não deu muito trabalho, não havia muita coisa a ser descoberta. Sua vida não parece muito interessante, Gabriella, exceto, pelas tragédias que mudaram tudo. — ele me olhou ameaçadoramente. — Pensei que fosse

ser mais dócil e maleável tendo em vista a vida que teve, não que seria tão indomável e segura de si.

Eu não sei dizer se ele estava admirado ou transtornado que tivesse me julgado tão mal. Mas eu estava com um ódio mortal dele, por ter mexido na minha vida, tocado nesses assuntos que não eram de sua conta e por ter mudado tão rapidamente, não havia sequer vestígios de seu sorriso, ele era frio, insensível e ameaçador.

— O que você quer? — perguntei finalmente. — Vai se vingar de mim? Faça logo!

— Não pretendo me vingar de você, na verdade, vim lhe fazer uma proposta.

Fui pega de surpresa, apenas o encarei esperando que ele prosseguisse.

— Sei que não deve ser nada fácil, em seus vinte e dois anos, tão jovem e linda, perder toda uma vida que já estava planejada e vim morar aqui, trabalhando mais do que aguenta, naquele bar horrível, então. Aposto como mal tem tempo de

curtir o Benjamin, de vê-lo crescer, e que também não tem condições de cuidar dele como ele exige ser cuidado.

— O que você quer? — perguntei novamente segurando as lágrimas e me segurando para não pular no pescoço dele.

— Você.

Pisquei os olhos aturdida, e logo ele voltou a falar.

— Você me desafiou na frente de todos os meus sócios, tirou minha autoridade como se tivesse o direito de fazer isso. Eu deveria realmente estar muito irritado, e sabe por que não estou? Porque a desejo. Eu quero você, e a terei de qualquer maneira.

Ele me encarou esperando uma reação minha. Mas não consegui ter qualquer reação.

— Quero que seja minha, Gabriella. Que apareça comigo em coquetéis e eventos. Que esteja disponível todas as noites, sempre que eu a desejar. Não pense que apenas eu serei satisfeito,

você terá tudo, dinheiro para bancar o tratamento do menino, um carro novo, roupas melhores, uma vida melhor. E claro, muito prazer.

Seus brilhavam de uma maneira assustadora, algo arrepiou os pelos do meu corpo pela maneira como ele me olhava, e não era por desejo e sim, por medo. Quem ele pensava que era? Não podia realmente achar que poderia me comprar, que eu me tornaria uma espécie de acompanhante.

— Não estou interessada. — respondi finalmente.

Ele pareceu em choque, me olhou irritado e disse:

— Posso fazer você mudar de ideia.

— Acho que não.

Então de repente ele me empurrou até a parede, pressionando seu corpo contra o meu, pude sentir sua ereção em minha barriga. Prendeu meus braços e aproximou a boca da minha, sussurrando de uma forma ameaçadora.

— Você não precisa complicar as coisas,

Gabriella.

A maneira como ele pronunciou meu nome, arrastando cada sílaba mais do que o necessário, me fez por um momento esquecer a proposta que ele estava fazendo e me concentrar no homem que estava ali, tão perto de mim.

— Nós dois sabemos que a terei de qualquer jeito. Só preciso que você concorde com algumas regras.

Minha respiração acelerou e eu não pude responder nada. Então ele se afastou de repente, determinado.

— Você vai fingir ser minha namorada, vai aparecer comigo nos coquetéis, reuniões que exigem acompanhantes, e em eventos públicos. Não sairá com outros homens, se comportará de agora em diante e aparecerá em público apenas bem apresentável. Claro, nunca mais vai pisar naquele antro onde trabalha.

Ele estava me dando ordens? Achava mesmo que eu aceitaria essa proposta? Com um

desconhecido? Repugnante como ele? Eu o encarei, sem vestígio nenhum do medo que sentia dele, apenas da raiva.

— Então, você invade minha casa, me ameaça e tudo porque precisa de uma namorada falsa? Por que não contrata uma atriz? Acredite, qualquer pessoa poderia fingir mais amor a você do que eu.

Ele respirou fundo e temi que estivesse controlando sua ira com minha reação.

— Você não tem escolha.

— Achei que fosse uma proposta. Então eu posso aceitá-la, ou não.

— Caso não aceite, pagará as consequências.

Dei um meio sorriso, duvidando de sua ameaça, ele pareceu ficar ainda mais nervoso.

— Acho que você não entendeu. Eu a quero. E não existe algo no mundo que eu queira e não tenha. Você será minha de qualquer maneira, se não for da maneira mais fácil, então a terei da maneira mais difícil, mas a terei de qualquer jeito.

O tom de sua voz era de ameaça, como se eu não

tivesse escolha. O que estava acontecendo ali? Por que ele havia cismado comigo daquele jeito?

— Então você precisa ameaçar as mulheres para levá-las para a cama? Isso não me surpreende, levando em conta o quanto é arrogante, idiota e presunçoso.

— Você finge estar brava, mas nós dois sabemos que vai dizer sim. Todo mundo tem um preço, Gabriella, e o seu nem deve ser alto.

Sem perceber, eu já havia levantado a mão para descer na cara de pau dele, mas ele esperava minha reação, foi mais rápido e segurou meu braço me puxando para ele e me apertando contra seu corpo. Passou um braço em volta da minha cintura me prendendo e com o outro segurou meu cabelo, cheirando meu pescoço. Eu nem sabia o que estava sentindo, entre a raiva que tinha dele e um desejo quase incontrollável. Fechei os olhos e me concentrei na ofensa que ele acabara de me fazer. Então falei:

— Esse tipo de mulher você encontra em

qualquer esquina. Então procure uma, eu escolho a consequência.

Ele me soltou, olhando-me desapontado. Esperava realmente que eu aceitasse sua proposta.

— Tem certeza? — perguntou me desafiando.

— Eu jamais me entregaria a alguém como você. Você me dá nojo.

Ele manteve seu olhar duro e desapontado no meu, então de repente, pegou seu casaco no sofá e saiu.

Capítulo TRÊS

Três noites após a visita perturbadora de Richard Becker, ele não havia mais dado nem sinal de vida. Stacie dizia que era porque estava se preparando para as consequências que eu teria que aguentar por ter negado sua proposta. Não me importava, ele havia me ofendido, não estava no direito de reclamar nada. À noite no bar, estava servindo mesas, o movimento de quinta-feira estava fraco. Bombava mesmo nos fins de semana, Layla e Dayse, as famosas dançarinas locais estavam ensaiando seu número de Pole Dance, e fazendo piruetas no palco. Foi quando Layla desceu animada tirando a bandeja de minha mão.

— O que está fazendo? — gritei temerosa por cima da música alta.

Já podia imaginar o que ela estava fazendo, ela soltou meu coque deixando meu longo cabelo ondulado cair até minha cintura e tirou o avental

branco e encardido que estava cobrindo a minha blusa. Ela e Dayse deram aquela olhada quando viram minha blusa, estava usando uma blusa preta de alcinha e muito decotada, mas era por causa do calor do Hot Point, era realmente quente, como dizia o nome. E o avental cobria a parte decotada.

— Dança. — falou Layla animada.

— Eu não sei! — gritei.

— Não importa, ninguém está vendo.

Divertido, Carlo, nosso chefe, fechou o bar pela primeira vez em meses a fim de que pudéssemos nos divertir um pouco, já era quase duas da madrugada, provavelmente ninguém mais apareceria. Dayse me ofereceu uma dose de vodca, virei o copinho na boca sabendo que acabaria em merda, era muito fraca para bebida, mas ninguém veria mesmo. Resolvi entrar na brincadeira, não me arrisquei no Pole Dance, mas pulei feito uma louca com a música alta, os garçons subiram no palco também, tirando seus aventais e dançando para tirar o cansaço. Era divertido, de vez em

quando trombávamos um no outro e quase caíamos, mas ríamos muito entre um copo de vodca e outro. Quando uma música mais sensual começou a tocar, entramos no clima e cada um dançava a sua maneira. Foi então, enquanto rebolava até o chão com Dayse, que flagrei um olhar fixado em mim, eu reconheceria aquele olhar em qualquer lugar, exatamente iguais aos meus pesadelos, Richard Becker estava parado, com sua expressão divertida, me analisando.

Atrás dele, Charles, com um terno azul marinho muito parecido com o que usava no dia do acidente, também olhava divertido para as garotas. Embora tenha sentido um baque e tenha tido vontade de correr, não daria esse gostinho a ele, continuei dançando e me virei de costas para não vê-lo. Henrique, um dos garçons, passou o braço em volta da minha cintura e começamos a rodar feito dois loucos, logo ele me pegou no colo me rodopiando, o efeito da rodada com a vodca que eu havia tomado começava a me assaltar.

Senti minha cabeça rodar pela primeira vez. Foi quando a música abaixou e pude ouvir a voz autoritária de Richard com Carlo.

— Quero que ela me sirva!

Eu nem precisava olhar, sabia exatamente quem ele queria servindo sua mesa. Rapidamente, Carlo se aproximou de mim.

— Ande Gabriella, mesa três para você.

— Achei que estivesse fechado! — falei alto o suficiente para que Richard ouvisse.

— Acabamos de reabrir! — respondeu Carlo me repreendendo.

Desci do palco e amarrei o avental de má vontade apenas da cintura para baixo, ele teria que se contentar em ter uma atendente mal vestida. Parei perto da mesa dele com o bloco de notas em mãos, o rosto vermelho pela bebida e brilhando pelo esforço que estava fazendo misturado ao calor local.

— O que vão querer? — perguntei olhando o bloco de notas.

— Quero que se sente. — ordenou Richard.

Então abandonei a tática de fingir que não o conhecia e o encarei nos olhos.

— Atendentes não se sentam à mesa com os clientes Sr. Becker, elas servem. Preciso estar em pé para pegar suas bebidas.

— Tenho certeza que seu chefe não se importará se você se sentar comigo para um drinque, senhorita de Wolle. — respondeu ele alto demais.

— Claro que não! — respondeu Carlo atrás de mim e percebi porque ele estava falando alto. — Sente-se Gabriella, pode ficar com ela o tempo que precisar senhor Becker.

Fechei a cara para Carlo, como ele me oferecia assim? Satisfeito, assim que Carlo se afastou, Richard encarou Charles. Este hesitou um pouco, mas levantou-se e saiu deixando-nos a sós.

Sem conseguir controlar, bocejei.

— Cansada? Não parecia, pulando tanto em cima do palco. — falou em tom de reprovação.

— Talvez venha daí o meu cansaço. — respondi

de má vontade.

— Quando estiver comigo, jamais pense em fazer uma coisa dessas. A acompanhante de um Becker não pode ser tão desfrutável.

Comecei a rir.

— Não pode ser desfrutável para os outros, não é? Porque passar a noite com um Becker em troca de dinheiro elas podem.

Percebi ele trincar os dentes e apertar a mandíbula, já estava nervoso.

— Você sempre tem esse tipo de comportamento? — perguntou-me.

— Na verdade, eu faço pior. Eu fico com os caras aqui de graça, e eles nem precisam me ameaçar. — provoquei.

Ele se levantou determinado na minha direção, mas quando percebeu que todos olhavam, apenas sentou-se ao meu lado.

— Ia me bater, senhor Becker? Com tantas testemunhas? E acabar nas páginas dos jornais? — provoquei enquanto bocejava novamente.

— Não ia te bater, embora você bem merecesse umas palmadas, ia apenas calar a sua boca. — ele deu um sorriso malicioso que deixava claro como pretendia fazer aquilo. — Agora escute, você escolheu as consequências.

Embora sentisse o tom de ameaça na voz dele e soubesse que não podia ser coisa boa, não conseguia sentir medo, estava com muito, muito sono. Era efeito da vodca, bebida sempre me fazia dormir.

— Como consequência pela espetacular recusa, senhorita ofendida, talvez seu irmão não tenha mais onde estudar na segunda-feira.

Abri meus olhos de repente:

— Você não seria capaz!

Seu sorriso debochado indicava que era frio, seria capaz de tudo.

— Mas, considerando que você tem alguma coisa que realmente mexe comigo, vou permitir que volte atrás com sua palavra e aceite minha proposta.

Senti-me gaguejar.

— Vai à merda! — gritei para ele e me levantei, sentei-me muito irritada no balcão do bar e abaixei a cabeça entre os braços, então, não vi mais nada.

Senti meu corpo sacudir e então despertei, não queria abrir os olhos, estava em algum carro, ouvia o barulho leve de pneus no asfalto e sentia o balançar gostoso de uma viagem lenta. Estava recostada em alguma coisa, braços em volta do meu corpo me segurando, esquentando, protegendo, tateei levemente e senti que era alguém, eu estava nos braços de alguém, em algum carro. Então abri meus olhos de repente.

— Calma! Está tudo bem, você apenas dormiu.
— sussurrou Richard tranquilamente enquanto me libertava de seus braços.

Sentei-me atordoada, como viera parar aqui?
Para onde estaria me levando?

— Onde estamos?

— Está tão bêbada que não reconhece? Estamos

na sua rua, chegando a sua casa.

Olhei pela janela e avistei a casinha amarela de Margô, uma vizinha. Respirei aliviada.

— Onde achou que estivesse? — perguntou-me ele divertido.

Dei de ombros e olhei para a rua.

— Detesto que façam isso. — reclamou ele do meu gesto. — Eu só trouxe você porque praticamente desmaiou no bar. Como pode ver estou te levando em casa. Deveria me agradecer.

Ele estava certo, me fizera um favor. Da última vez que isso havia acontecido, os meninos do bar não conseguiram me carregar para a casa e me deixaram dormir no chão do bar mesmo. Por falar no bar, como eles puderam permitir que Richard simplesmente me levasse embora desacordada? Iria ter uma conversa séria com eles!

— Eu não pedi para fazer isso. — respondi por fim sentindo-me uma criança pirracenta.

Ouvi sua risada.

— Claro que não, acho que jamais pediria.

O carro parou em frente a minha casa, procurei ansiosa a maçaneta da porta, mas por algum motivo ela não abria. Olhei para ele irritada.

— Quer destravar essa porta! — exige.

Ele mantinha um sorriso divertido no rosto e olhava para as pernas.

— Por que tanta pressa? Com medo de alguma coisa? — falou elegantemente passando o braço por cima de mim e abrindo a porta com toda facilidade.

Reparei que se demorou após ter aberto a porta, o corpo bem próximo ao meu, seu perfume já estava me tirando da realidade quando ele de repente se afastou. Apressei-me em descer do carro, minha cabeça doía, antes que terminasse de colocar os dois pés no asfalto, Richard estava ao meu lado e me pegou no colo. Comecei a gritar.

— O que pensa que está fazendo? Coloque-me no chão agora!

— Você não está em condições de andar. — repreendeu-me ele.

Comecei então a bater a mão em seu peito, mas estava fraca, cansada, acredito que ele nem estava sentindo a dor, mas esse gesto de recusa pareceu irritá-lo. Ele me colocou no chão. Assim que tentei caminhar, senti que minhas pernas não tinham firmeza alguma e bambeeí para frente, quase caindo, mas rapidamente ele colocou os braços na minha frente me segurando.

— Deveria deixar você cair! — sibilou com raiva.

— Ainda não estou te pedindo ajuda.

Ele me olhou com olhos intensos, estava realmente irritado.

— Charles! — gritou e rapidamente o assustador homem de terno azul apareceu e me levantou do chão.

Ele estava mesmo com raiva? Por que eu pedi que me colocasse no chão? Como era temperamental esse Richard! Richard parou na porta me encarando, só então percebi minha bolsa pendurada no ombro de Charles, peguei a chave e

dei a ele, sabia que não conseguiria abrir. Richard pegou a chave com ar vitorioso e abriu a porta, entrando primeiro. Novamente reparou minha casa.

— Onde quer que a coloque? — perguntou-me Charles.

— Aqui mesmo, por favor. — respondi enquanto Charles me depositava no sofá. — Obrigada.

Pela primeira vez ele abriu um sorriso ao se afastar de mim.

Eu sorri de volta, mas Richard fechou a cara de um jeito que achei que mataria a nós dois naquele momento, ordenou que Charles deixasse a casa e se aproximou de mim quase bufando. Sentou-se ao meu lado sem dizer uma palavra.

— Acho que você deveria beber um pouco, para aliviar tanta tensão. — disse a ele.

Ele me olhou por um momento, depois deu um meio sorriso malicioso e respondeu:

— Tenho outras formas de aliviar a tensão. Venha. — ele me pegou no colo e sorriu ao

perceber minha expressão de susto.

Ele falava uma coisa daquelas e logo em seguida me pegava daquele jeito! Minha cabeça estava a mil. Ele foi sorrindo até o quarto, onde me depositou em minha cama de casal, me avaliando divertido.

— Não se preocupe Gabriella, só terei você quando me implorar por isso. — falou ele.

Dei um sorriso de incredulidade que essa situação fosse ocorrer um dia, e ele me avaliou, fechando a cara novamente.

— É melhor dormir. — falou sentando-se ao meu lado na cama e começando a abrir minha calça.

— Ei! — parei a mão dele imediatamente — Eu consigo tirar minha roupa, obrigada.

Ele pareceu se irritar e me olhou nos olhos, segurando minhas mãos ao lado do meu rosto desnecessariamente forte.

— É bom dormir agora garota, porque amanhã cedo teremos uma conversa e tenho certeza de que não gostará dela. Minha boa vontade com você

acabou. — dizendo isso ele beijou levemente meus lábios e saiu de repente do quarto.

Senti a raiva tomar conta de mim, ele era louco! Uma hora estava rindo, outra me cantando descaradamente e em seguida já me olhava com aquele tom ameaçador e me tratava como uma coisa qualquer. Tentei não pensar nele e apenas dormir, mas não consegui, ele não saía da minha cabeça. Uma coisa era certa, Richard Becker não ia me deixar em paz.

Na manhã seguinte me levantei cedo e tomei um banho, vesti uma camisola, não pretendia sair durante o dia, e fui fazer um café enquanto Stacie não trazia Ben. Ouvi a porta da sala ser aberta e aguardei meu pequeno pular em mim, mas ao invés, quem entrou em minha sala foi Richard.

— Como entrou na minha casa? Copiou a chave?

— Bom dia, querida. Não, você não vale o esforço. Sua vizinha gentilmente a abriu para mim.

— Ela está bem? — deixei escapar imaginando o que significaria o gentilmente dele.

Ele me olhou divertido.

— Imagino que sim.

Olhei no relógio, era sete e trinta e cinco da manhã, ele havia saído da minha casa por volta das quatro horas, quanto tempo ele dormira?

— Não posso demorar, tenho que trabalhar. — falou colocando uma pequena maleta, que até então eu não havia visto em sua mão, em cima da mesa da cozinha.

— Onde está seu capanga? — perguntei enquanto esperava ele tirar uma bomba de dentro da mala, mas eram apenas papéis.

— Charles? Saudade dele senhorita de Wolle? Ele não vai mais se aproximar de você.

— Por que não?

— Porque eu não quero. — respondeu ele me encarando de forma que deixava claro que aquele assunto estava acabado.

Jogou um monte de papéis para perto de mim.

Então calmamente foi até o balcão, pegou uma xícara e se serviu do meu café, quando provou, fez uma cara que indicava que aprovava o gosto. Peguei o papel e congelei ao ver a capa do amontoado de folhas grampeadas.

GABRIELLA ELENA DE WOLLE

DOSSIÊ

Já havia ouvido falar em dossiês, e se não estava enganada, toda a minha vida estava ali naqueles papéis. Como ele se atrevia? O encarei em choque e ele foi logo soltando:

— Gabriella Elena de Wolle, 22 anos, prestes a completar 23. Filha do meio de Eugenia Ávila de Wolle e Arturo de Wolle. Formou-se no ensino médio com notas exemplares e se mudou com o então namorado para Belo Horizonte onde conseguiu ser aprovada na Universidade Federal. E ficou noiva. Estava no 4º período de medicina, pretendia se especializar em pediatria,

apartamento novo comprado e mobiliado, igreja reservada para o casamento, quando uma ligação mudou tudo. Dia 22 de abril de 2012, onze e quarenta e três da noite, a mamãe estava indo viajar para resolver algumas questões sobre o tratamento do filho caçula, Benjamin Artur de Wolle, na época com quatro anos de idade, e depressiva como era, pressentiu que alguma coisa aconteceria. Então ligou para a filha e a fez prometer tomar conta do irmão caso algo acontecesse a ela. Claro que você prometeu, você não achou que realmente ia acontecer algo com ela, não é mesmo? Mas, na madrugada de 23 de abril, a mamãe capotou o carro numa rodovia, caindo num barranco, sem chance de sobrevivência. Rapidamente a filhinha largou tudo, faculdade, vida, noivo e se mudou para essa pequena cidade para cumprir a promessa. Você não imaginava que seria tão difícil, não é mesmo? Que o tratamento do garoto fosse tão difícil de conseguir e que não poderia levá-lo daqui.

Eu estava em choque, as lágrimas estavam presas aos meus olhos, a forma fria como ele falava era como uma lança de gelo na espinha. Ele se aproximou de mim apoiando-se na mesa nos dois braços, o rosto em frente ao meu.

— Não teria prometido se soubesse que teria que ficar presa aqui trabalhando em um bar noturno, sendo vista como uma coisa que não é e sem tempo até para arrumar o cabelo, não é mesmo? Sabe, acho que sua mãe jogou o carro de propósito naquele barranco, não devia mais aguentar o trabalho e a pressão de um filho com uma doença dessas.

Não sei de onde tirei forças naquele momento, mas virei a mão na cara dele. Ouvi apenas o estalo e senti a pele macia dele sobre minhas mãos. Seu rosto claro ficou vermelho, a marca dos meus dedos brilhava, mas sabia que a dor que ele estava sentindo não era nada comparada a que estava me causando. Num ataque de ira ele me levantou da cadeira pelos ombros e apertou meu braço, mas

nesse momento, Ben apareceu e sem perceber nada, correu até mim e me abraçou.

— Você vai levá-lo para a escola ou eu vou, Bella? — perguntou Stacie parando ao me encarar — Está tudo bem, Bella?

Assenti.

— Deixa que eu o levo, Stacie. Obrigada.

Richard então se aproximou de Ben e segurou sua mão.

— Ei, garoto, o que acha de ir para a escola em um carro sem teto?

— Eu posso ir em pé?

— Claro que pode!

— Não! — gritei percebendo que Ben se empolgara com a ideia. — De jeito nenhum!

— Deixa Bella! — pediu ele choramingando.

— O que é isso Gabriella? Se o menino quer ir de carro comigo para a escola, ele vai. — ele puxou Ben dos meus braços que saiu correndo para a rua, em direção ao carro dele.

Preparei-me para correr atrás, mas ele me

segurou:

— Não faça uma cena ou será pior para você. É melhor trocar essa roupa se não quiser ir de camisola.

— Eu não vou entrar no seu carro! — gritei — Eu te odeio!

— A escolha é sua. — respondeu ele friamente saindo a passos largos.

Antes que voltasse a mim, ouvi o barulho do carro e a arrancada. Joguei meu roupão velho em cima da camisola e corri para meu Uno, então acelerei o máximo que meu carro aguentava seguindo-os.

Quando cheguei à escola, encontrei Richard conversando com a senhorita Saviero, a diretora da escola. Ela beirava os trinta, não era casada, a pele clara salpicada de sardas e os intensos olhos azuis brilhantes diante de Richard. Ela estava recostada ao portão e ele apoiado no braço que estava quase em volta dela. Ele a estava

seduzindo. Lembrei-me de suas palavras no point, sobre tirar a escola de Ben e meu coração congelou. Desci do carro como estava, com o roupão velho por cima da camisola, o cabelo de quem acabou de sair da cama, a cara de quem não dormiu nada a noite e os olhos inchados. Assim que me aproximei, ela pareceu em choque.

— Gabriella! Está tudo bem?

— Acho que sim. — respondi sem ter certeza — Como está o Ben na escola? — perguntei tentando sondar alguma coisa.

O tempo todo Richard me encarava, mal piscava os olhos, com uma expressão de aviso.

— É um menino muito inteligente e muito bom também. Não nos dá trabalho algum. É uma pena que tenha uma saúde tão frágil. — ela suspirou e percebi que gostava realmente de Ben. — Mas o que houve com você? Esteve chorando?

Gaguejei não tendo o que responder, e Richard passou o braço pela minha cintura me puxando para junto dele. Senti uma onda de frio percorrer

meu corpo e uma vontade enorme de afastá-lo de mim a tapas, mas me contive.

— Eu peço desculpas Carolina, ela é minha namorada. Não acordou a tempo e eu trouxe o menino, não quis acordá-la, imagino que deve ter se preocupado quando acordou e viu que ele não estava. — dizendo isso ele passou levemente o polegar pelo meu rosto e beijou o canto da minha boca. Senti a repulsa pelo seu toque, mas apenas fechei os olhos e assenti.

Ela pareceu confusa e incrédula. Olhou-nos como que avaliando nós dois juntos, mas depois de um tempo, pareceu aprovar.

— Foi isso mesmo. — Concordei enquanto ela falava sobre como Richard era bom, totalmente maravilhada por ele, percebi que ele a chamara pelo nome, ela se derretia por ele e claramente ele poderia cumprir sua promessa e prejudicar Ben.

Quando finalmente nos despedimos, ele me olhou de forma estranha, passando a mão pelo meu cabelo, a outra acariciando meu ombro,

parecia preocupado.

— O que você tem? Está assim pelo que eu disse sobre sua mãe?

O encarei com todo ódio possível. Ele só podia estar brincando!

— Você não precisa fingir pena, eu não vou ceder Richard. Não quero um monstro imbecil e cruel como você na minha vida e na vida de Ben. Se afaste de mim ou eu chamo a polícia. — falei me afastando dele.

— Gabriella, você entendeu tudo errado... — ele tentou me segurar, mas me virei e entrei no carro dando partida o mais rápido que pude.

À noite no Point, assim que cheguei, as meninas se aproximaram empolgadas e saltitantes.

— Bella! Richard Becker!

— Não acredito que físgou esse partido!

— O que ainda está fazendo aqui?

Joguei minha bolsa e meu casaco em cima do

balcão e me virei para elas.

— Como vocês puderam deixar um estranho me levar embora desmaiada? E se ele fizesse alguma coisa comigo?

Layla e Dayse se olharam surpresas pela minha reação.

— Mas ele disse que era seu namorado. — justificou Layla. — Eu queria que ele fizesse alguma coisa comigo.

— Ele mentiu! É só o que ele sabe fazer! Nunca mais deixem que ele sequer se aproxime de mim se eu não estiver em condições de me defender.

— Se defender? Gabriella! Ele é o homem mais lindo, sexy e rico do mundo. Qual o seu problema? Ele poderia mentir para mim o quanto quisesse se fosse meu. — falou Dayse.

— Você é mesmo louca! — concluiu Layla e as duas saíram pisando duro.

Ótimo, e a louca era eu, por não querer nada com o monstro Becker. E ainda havia brigado com duas amigas por causa dele. Trabalhei sentindo

um peso incomum no peito, queria ir embora dali, dormir com Ben. Mas não podia. Não podia descontar mais nada do meu salário.

Por volta da meia-noite, meu coração acelerou e uma sensação de medo me invadiu, levantei os olhos e avistei Richard sentado em uma mesa num canto com um homem desconhecido. Ele me olhava daquele jeito estranho, possessivo. Fingi que não o conhecia e continuei servindo as mesas, pedi a Deus que ele não me pedisse para servir a mesa dele. Ele ficou por volta de uma hora no bar e em momento nenhum se dirigiu a mim, Layla e Dayse se sentaram ao redor dele cheias de charme, mas ele continuava olhando fixamente para mim, já estava começando a me sentir incomodada. Então ele chamou por Carlo. “Droga” sibilei, agora ele me chamaria para servi-lo, me ofereceria para ele. Carlo se aproximou de mim com uma cara de culpa.

— Gabriella, querida! Devia ter me dito que não estava se sentindo bem. Pode ir embora, os outros

dão conta do recado.

Olhei em volta, o bar estava cheio.

— Não precisa, Carlo. Obrigada.

— Pode ir querida. Richard disse que não dormiu durante a tarde, não quero que tenha uma síncope aqui. Vá com seu namorado e descanse um pouco.

— Carlo, realmente não precisa.

Senti o braço de Richard em volta da minha cintura, não olhei para ele.

— Se ela for embora, será descontado do salário dela? — perguntou ele.

— Não! Claro que não! Se for por isso que não quer ir, fique tranquila. — garantiu Carlo para impressionar Richard, então tirou meu avental, pegou meu bloco de notas e saiu.

Permaneci imóvel, sequer tirei o braço de Richard da minha cintura. O que ele queria? Agora estava dando uma de bonzinho? Tentando me ajudar? Fingindo que se importava? Ele deve ter percebido meu choque, pois me soltou e se prostrou na minha frente levantando meu queixo.

— Eu não quero machucar você, Gabriella. Sei que causei a impressão errada, não te culpo por me odiar, você é só mais uma.

Senti uma pontada de dor na voz dele quando disse aquilo.

— A senhorita Saviero me ligou e pediu que cuidasse bem de você. Vá para a casa, Charles vai levá-la, está te esperando com o carro lá fora. — ele retirou do bolso um cartão e me entregou — Por favor, assim que chegar me ligue, me dê um toque se não quiser falar comigo, só para eu saber que Charles a levou direto para a casa.

Amassei o papel e joguei nele. Peguei minha bolsa e meu casaco e passei por ele sem olhar em seus olhos. Quando saí na rua, vi Charles parado na porta da Range Rover Sport preta de Richard, ele sorriu para mim, mas apenas acenei para ele e continuei andando. Senti alguém correndo atrás de mim e Richard me alcançou.

— O que está fazendo? É muito perigoso e está sem carro. Aceite a carona, eu não vou com você.

Abaixei a cabeça, não queria olhá-lo, sentia tanta raiva, tanto ódio dele, que desejava que ele morresse. Logo, esse pensamento me fez ter arrepios, ele arrancava o pior que havia em mim, me fazia sentir as piores coisas possíveis. Eu realmente o odiava.

— Gabriella, por favor. — pediu ele novamente, mas vendo que eu não respondia, nem olhava para ele, se afastou e me soltou e voltei a andar.

Percebi que ele entrou no carro e foram me seguindo vagarosamente até eu chegar em casa e entrar.

Na noite seguinte, todas as dançarinas e garçonetes pararam olhando embasbacadas para alguma coisa, alguém, percebi ao olhar para verificar o que era. E lá estava, alto, forte, o cabelo loiro arrepiado e os intensos olhos azuis notava-se mesmo a pouca luz. Christopher Becker. Ele estava com alguns amigos e ria muito enquanto cantava as meninas. Resolvi manter distância

dele. Consegui evitá-lo por quase toda noite, mas quando estava indo embora, ele me avistou.

— Ei, você não é a garota que esfregou as flores na cara do meu irmão? — perguntou-me com um sorriso de orelha a orelha, claramente havia adorado minha arte.

— Sim, e não quero nenhum contato com a família monstro. — respondi saindo e deixando-o confuso.

Na segunda de manhã, estava no hospital da cidade verificando a nova lista de remédios de Ben, quase o dobro da anterior. O doutor Ferraresi, com quem ele se tratava, era um velho mal humorado que ignorava totalmente pessoas da minha classe social, mas tinha apego por Ben, e cuidava bem dele. Ben era uma das crianças que ele tratava gratuitamente, mas o hospital não tinha todos os recursos necessários para o tratamento, e às vezes, meu pequeno precisava esperar por remédios que precisava tomar urgentemente.

Ele se aproximou carrancudo ao ver minha cara de desespero.

— Os últimos remédios praticamente não fizeram efeito, ele não vai aguentar a quimioterapia se continuar com eles. Talvez esses o ajudem a aguentar melhor.

— Talvez? — falei ainda mais desesperada. Nada parecia funcionar.

— Precisa entender que essa troca é necessária, ou quer que seu irmão continue sentindo dor? Ele já está na lista de espera pelos remédios, com sorte, não irão demorar.

Contive as lágrimas e me despedi dele. Mais remédios, mais semanas longas aguardando. Os remédios não estavam fazendo efeito. Essas frases pairavam na minha cabeça, fazendo minha esperança vacilar. Eu queria poder dar uma vida melhor ao meu pequeno, dar tudo o que ele precisava, sem ter que aguardar em filas pelos remédios que iriam salvá-lo.

Quando estava saindo do hospital, meu celular

vibrou. Atendi de imediato ao ver que era Stacie, ela havia ido levar Ben à escola.

— Gabriella.

— Stacie, o Ben está bem?

— Sim.

— O que aconteceu? Ele já entrou para a aula?

— Então... — a voz de Stacie vacilou, como que encontrando coragem para dizer alguma coisa difícil — Ele não entrou para a aula, ele não tem mais bolsa, se quiser estudar terá que pagar a mensalidade.

Estaquei sem acreditar no que estava ouvindo.

— Eu ia pagar, mas é muito cara. Ele chorou tanto. Gabriella, está aí?

— Onde vocês estão? — perguntei sufocando novamente as lágrimas.

— Na minha casa.

— Me faz um favor? Traga ele para a quimioterapia para mim, ele pode vir mais cedo já que não teve aula. Eu vou resolver isso.

Peguei o ônibus até a escola. Assim que abriu a

porta, Carolina Saviero abaixou a cabeça, aparentemente envergonhada.

— Gabriella, me desculpe. Eu não queria fazer isso, mas ele me ameaçou. Ele banca a maior parte das bolsas dessa escola e ameaçou retirar o patrocínio se a bolsa de Ben não fosse tirada. Eu sinto muito.

Naquele momento ela nem precisava dizer o nome, o ódio em minha alma gritava em minha cabeça: Richard Becker. Levantei-me determinada e fui para o edifício de luxo. Assim que entrei, os seguranças vieram me barrar, mas olhando para meu rosto, fingiram não me ver e eu passei pela catraca e entrei no elevador. Desci no 11º andar determinada. Assim que apareci, Lúcia a mesma recepcionista que tentara me impedir da primeira vez se levantou aos pulos.

— Onde ele está? — perguntei aos berros.

— Você não pode entrar! Ele está em uma reunião importante!

— Foda-se a reunião dele! — gritei, se estava em

uma reunião, poderia estar na mesma sala do outro dia.

Fui em direção a sala e Lúcia fez menção de me seguir, mas eu a encarei.

— Se tentar me impedir eu vou jogar você por essa janela! — gritei apontando para a enorme janela atrás dela.

Ela deu um passo para trás e apertou um botão ao lado do interfone. Devia ter chamado a segurança, eu não tinha muito tempo. Abri a porta da sala e lá estava ele, elegantemente sentado no centro da mesa enquanto um rapaz franzino explicava alguma coisa em gráficos. Ao olhar para ele, o ódio que sentia emanava de mim, meus olhos não aguentavam mais segurar as lágrimas. Ele se levantou, ficou ainda mais branco do que já era, parecia ter visto um fantasma.

— Senhores, podemos continuar essa reunião dentro de uma hora, por favor?

Os senhores engravatados se levantaram, alguns resmungando e saíram um a um da sala. Richard a

fechou atrás de mim e sentou-se em sua cadeira.

— O que foi?

— Como você pôde? — explodi — Ele é uma criança! Que espécie de monstro é você?

Os seguranças entraram com tudo, mas Richard fez sinal que parassem.

— Está tudo bem, podem ir. Ela está comigo.

Eles saíram da sala e novamente ficamos somente nós dois.

— Eu avisei a você Gabriella, foi você quem escolheu as consequências.

— Mas você tinha que descontar em mim! — gritei quase caindo em cima dele, parando bem na sua frente, as lágrimas descendo descontroladamente pelo meu rosto — Ele não tem nada a ver com isso!

— Não encontrei outra maneira de atingir você. Não posso fazer nada, você fez sua escolha.

A voz dele era fria, insensível. Desabei na cadeira de frente para ele. Ele estava com as duas mãos em cima da mesa, despreocupado.

— Você está atrapalhando minha reunião e me fazendo perder tempo. — falou.

Foi então que num impulso, segurei suas mãos, ele arredou para trás no mesmo instante, mas manteve suas mãos nas minhas e pela primeira vez desde que entrara naquela sala, olhou em meus olhos.

— Por favor, Richard, eu imploro. Por favor, faça o que quiser comigo, tire o que quiser de mim, mas não dele. Ele não tem quase nada, eu não tenho como pagar uma escola e a escola pública não tem condições de cuidar dele por causa de sua doença. Por favor.

Ele abriu a boca algumas vezes, mas não disse nada, minhas lágrimas pingavam em suas mãos, fechou os olhos um instante. Comecei a soluçar, ele soltou as mãos das minhas e arrastou a cadeira para frente, ficando mais perto de mim, então apertou minhas mãos.

— Você sabe como mudar isso Gabriella, só tem que me dizer sim.

— Eu não posso, por favor, se vingue de outra forma.

— Não. Ele terá a escola de volta assim que você disser sim. Não é difícil, você só tem que me dizer sim.

Tirei minhas mãos das dele.

— Nunca. — falei baixo e ele se levantou, parecia com raiva.

— Então saia daqui! E que se danem você e seu irmãozinho doente, você escolheu esse caminho, a culpa não é minha, e até você mudar de ideia, isso é só o começo.

Levantei-me cabisbaixa.

— Se não tem outro jeito, me deixe pensar. Preciso me acostumar a isso.

Ele me encarou surpreso. Um brilho diferente tomou seus olhos e ele veio direto em minha direção, mas me afastei. Ele parou onde estava e alguma emoção passou por seu rosto.

— Assim que tiver sua resposta, ele terá a escola de volta.

Assenti e saí da sala, as lágrimas continuavam caindo, percebi que ele veio atrás de mim.

— Gabriella, não saia assim. Você está dirigindo?

Eu não respondi, a porta do elevador abriu e Christopher estava lá dentro. Quando olhou para mim pareceu levar um susto, então ele encarou Richard que vinha atrás de mim.

— O que ele fez com você?

Nem eu sei o porquê, mas me atirei nos braços dele que passou um braço em volta da minha cabeça me deitando em seu ombro e com o outro apertou um botão fechando as portas do elevador, enquanto os gritos de Richard mandando que eu saísse do elevador sumiram.

Capítulo QUATRO

Ele dirigia calado, prestando atenção ao trânsito, vez ou outra olhava para mim pelo canto dos olhos, parecia preocupado. Quando fui me acalmando, dei-me conta do que havia feito, tinha simplesmente me jogado em Christopher Becker e entrado no carro com ele. Olhei em volta, apenas mato e serras, eu nem sabia onde estávamos, nem para onde estávamos indo. Onde eu estava com a cabeça? Peguei meu celular, ele estava tocando desde que eu entrara no carro há uns trinta e cinco minutos, podia ser alguma coisa com Ben, mas eu sequer tive o trabalho de olhar enquanto ele vibrava. Olhei as chamadas, todas de um número desconhecido, todas as quarenta e três ligações. Olhei desanimada e Christopher olhou para a tela por sobre o ombro.

— É o número do Richard. Ele deve mesmo se importar com você, deve estar louco uma hora dessas.

Dei de ombros e joguei o celular novamente na bolsa. Então me lembrei de meu comportamento com Christopher da última vez que o tinha visto, no bar, abaixei a cabeça sem graça e tomei coragem:

— Me desculpe pelo outro dia, no Hot Point, eu fui muito grossa com você.

— Não tem problema, você tem crédito depois do que fez com meu irmão.

— Você não gosta muito dele. — observei.

— Ninguém gosta dele. — respondeu Christopher naturalmente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Lembrei-me das suas palavras quando tentava me fazer falar com ele, dizendo que ninguém gostava dele e eu era apenas mais uma. Nem comecei a sentir pena, ele era realmente odioso, merecia que ninguém mais se importasse. Olhei novamente pela janela percebendo que Christopher estava encostando o carro. Não havia nada onde ele estava parando, era o topo de uma

das serras do local, sem nada em volta. Ele desceu elegantemente do carro e abriu a porta para mim. Como não fiz menção de descer, ele estendeu a mão sorrindo.

— Prometo que não vou jogar você lá embaixo.

Desci do carro receosa, segurando sua mão e ele me conduziu até o mais perto que foi possível da ponta. Olhar para baixo me deixou tonta, mas ele não soltou minha mão.

— Por que estamos aqui? — perguntei.

Ele sorriu satisfeito.

— Achei que não perguntaria nunca. Está vendo lá embaixo?

Olhei novamente para baixo, dava para ver que era muito alto onde estávamos, mas não dava para ver o chão abaixo da montanha, então neguei com a cabeça.

— Exatamente. É onde deve manter o que impede sua felicidade. Você tem duas opções, ou você se joga lá embaixo e acaba com isso de uma vez. Ou joga o que está te ferindo lá embaixo e

recomeça tudo do zero.

Olhei para ele surpresa, eu adoraria jogar Richard Becker penhasco abaixo, mas entendia onde ele queria chegar.

— Quer me contar agora o que foi que o Richard fez com você?

As lágrimas voltaram a se acumular em meus olhos.

— Ele... ele quer que eu seja... que eu finja ser sua... — eu gaguejava, mas as palavras não saíam, percebi que tinha vergonha de pronunciá-las.

— Se acalme. — falou ele apertando minha mão — Vamos por partes. Por que esfregou as flores na cara dele?

— Porque ele foi grosso e idiota comigo. Só quis mostrar para ele como se trata uma mulher.

Christopher abriu um sorriso enorme, de tirar o fôlego, seus dentes perfeitamente brancos e sua boca grande radiavam uma paz muito necessária naquele momento.

— É, ele deve ter aprendido. E por que você chorou hoje?

— Eu tenho um irmão, Benjamin, tem seis anos. Ele tinha uma bolsa de estudos em uma escola ótima, mas seu irmão é o benfeitor da escola e tirou a bolsa dele. E eu não sei mais o que fazer.

Ele pareceu surpreso.

— Por que ele fez isso? Só por causa das flores? Neguei com a cabeça.

— O que mais você fez?

— Eu disse não a proposta dele.

Ele arqueou uma sobrancelha me observando atentamente.

— Que proposta?

— Ele queria que eu fosse a amante dele, que eu o acompanhasse em eventos e dormisse com ele depois.

Christopher soltou minha mão e deu um passo para trás, parecia perplexo.

— Ele é um cretino! Foi longe demais!

Christopher respirou fundo e depois pareceu se

acalmar, então olhou para mim novamente.

— É engraçado que eu tenha trazido você aqui em cima para resolver seu problema, e agora tenhamos que descer daqui para resolvê-lo.

Olhei para ele confusa. Ele tirou o celular do bolso e mostrou que estava sem sinal.

— Não tem sinal nessa altura, vem, vamos dar um jeito nisso.

Entrei com ele no carro sentindo-me de alguma forma melhor, ele era tão legal, descomplicado, simples. Tão diferente de Richard! Não podiam ser realmente irmãos.

Quando chegamos novamente à rua, ele encostou o carro, me olhando com um sorriso lindo, tirou o celular do bolso e fez uma ligação.

— É Christopher Becker, você ainda tem contato com Rebeca Monteiro? Ótimo! Diga a ela que preciso de um favor. Isso mesmo. Fale com ela agora e me ligue de volta, dois minutos.

Ele pareceu mandão exatamente como Richard, sim, podiam ser perfeitamente da mesma família.

— Por que não gosta do seu irmão? — perguntei e ele sorriu.

— Muitas coisas, ficaríamos aqui até mês que vem se fosse te falar tudo que o Richard já aprontou.

Assenti, não precisava de mais provas do quanto Richard era mau. Pouco depois, o celular dele vibrou.

— Sim. Ótimo, obrigado, agora mesmo. — ele desligou o celular com um sorriso triunfante e me olhou — Vamos, precisamos levar o Benjamin para a escola.

Dei um pulo no banco.

— Como?

— Já ouviu falar da Unidade de Ensino Especial para Crianças? Mais conhecida como UEEC?

Assenti, era a escola infantil mais cara e a melhor do estado.

— Benjamin acabou de conseguir uma bolsa de estudos lá. Temos que matriculá-lo, ele começa amanhã, mas imaginei que ele gostaria de

conhecer a escola hoje.

Fiquei sem reação, sem palavras. Senti o sorriso abrir em meu rosto e me joguei novamente nele, desajeitada, no banco do carro em um abraço.

— Obrigada, Christopher, nem sei como agradecer! — disse sentando-me novamente ao perceber o que tinha feito, corando feito louca.

Ele sorriu mais ainda.

— Nem precisa, esse seu entusiasmo já foi agradecimento suficiente. Vamos. — dizendo isso ele ligou o carro e fomos buscar Ben.

Benjamin e eu adoramos a escola nova, ele corria feito louco por toda parte enlouquecendo com os brinquedos. Chegamos em casa quase a noite e Ben foi direto para a cama. Christopher permaneceu parado na porta, então o convidei a entrar.

— Quer um café? — perguntei meio sem jeito.

— Não, obrigado. Eu não tomo café.

Pensei automaticamente em Richard, ele era tão

abusado, que quando chegava a minha casa ia direto para a cozinha tomar café. Afastei meus pensamentos dele quando percebi a forma como Christopher me olhava, ele estava prestando atenção em cada detalhe do meu corpo e me senti ruborizar com seu olhar indiscreto. Quando finalmente olhou para o meu rosto, percebeu que eu havia visto a forma como me olhava e abriu um sorriso tímido.

— Satisfeito? — perguntei cruzando os braços.

— Você não faz ideia! — respondeu aos risos — Mas falando sério, dá para entender porque o Richard está tão fascinado por você, você é realmente linda.

Corei novamente, totalmente sem graça. Era tão diferente ser olhada daquele jeito por Richard e por Christopher! Enquanto Christopher evidenciava sua curiosidade, talvez, aprovação, Richard era muito mais intenso, eu podia sentir seu desejo apenas pela maneira como ele me olhava, ele me fazia vagar com minha mente por

coisas que eu jamais imaginaria em sua consciência. Richard despertava meu lado pervertido. Sempre o pior de mim, eu precisava afastá-lo. Percebendo que eu parecia preocupada, Christopher acariciou meu rosto com o dedo.

— Se está preocupada por Richard, não tem motivos, eu ficarei de olho nele. Ele não fará mais nada a você, eu prometo.

Dei um sorriso tímido.

— Obrigada, Christopher. De verdade, obrigada.

Dessa vez foi ele quem me abraçou de repente, me pegando de surpresa. Depois de um minuto, ou dois, ele se afastou despedindo-se e foi embora.

No dia seguinte, acordei com o telefone tocando, eram dez da manhã e não podia ser da escola de Ben. Eu o havia levado e entregado seu histórico hospitalar à diretora da nova escola, Rebeca Monteiro, uma mulher elegante que pareceu ter gostado muito de Ben, talvez pelo fato de ele ter sido praticamente forçado à escola por

Christopher Becker, o irresistível Christopher Becker. Atendi ao telefone meio dormindo, mas fui obrigada a despertar com os berros de Richard.

— Como você faz uma coisa dessas? Aonde vocês foram? Gabriella! Nunca mais se aproxime de Christopher!

Eu afastei o telefone da orelha terminando de acordar. Com os berros dele.

— Gabriella? Gabriella, está aí?

— Sim.

Ele ficou calado ao perceber minha calma aparente.

— Estou indo até aí. — falou ele de repente.

— Não está! Não quero você na minha casa! — enfim minha calma tinha sumido.

Ele ficou calado um tempo, depois disse num tom baixo, ameaçador.

— Eu pensei que você estivesse pensando na minha proposta. O que ele fez? O que ele falou para você?

— Christopher é um anjo, ao contrário de você.

E sim, estava mesmo pensando em sua proposta, se é assim que você chama, mas já tenho uma resposta.

— Estou indo aí agora mesmo para conversarmos.

— Você não vai vir aqui! — eu praticamente gritei. — Eu vou até aí.

— Você tem vinte minutos para estar aqui. — falou ele impaciente.

Eu bufei.

— Eu vou a hora que eu quiser. — e desliguei o telefone com toda vontade. Então fui calmamente tomar um banho.

Duas horas depois, eu já estava de banho tomado cabelo penteado, tinha almoçado e lavado os pratos. Escovei os dentes tranquilamente, já eram quase duas da tarde quando decidi ir resolver de uma vez por todas meu problema com Richard Becker. Vesti um vestido qualquer, deixei meu cabelo ondulado solto, bagunçado do jeito que estava, peguei minha bolsa e saí de casa. Assim

que pus os pés na calçada, avistei Charles esperando por mim na porta da Range Rover de Richard, senti meu estômago revirar e permaneci parada na porta.

— Ele não está aqui, senhorita de Wolle. — alertou-me Charles. — Me mandou buscá-la.

Assenti respirando aliviada, eu ainda precisava repassar em minha mente tudo o que queria jogar na cara de Richard, não poderia vê-lo ainda.

— Pode me chamar de Gabriella. — respondi entrando no carro. — Então, está aqui há muito tempo?

— Há duas horas mais ou menos.

— Me desculpe. Se soubesse que o maníaco mandaria você, eu o teria convidado para entrar.

Vi seu sorriso pelo retrovisor.

— Tudo bem. Eu não poderia ter aceitado o convite. Acho que Richard não gostaria nem um pouco.

Dei de ombros, pouco me importava a opinião de Richard. Cheguei ao edifício de luxo e nem fiz

questão de me identificar aos seguranças, apenas sorri para eles que liberaram minha passagem tranquilamente. “Já estou ficando conhecida aqui.” Pensei soltando um palavrão em minha mente. Mas se as coisas saíssem como eu planejava, seria a última vez que colocaria os pés ali.

Cheguei à recepção do 11º andar e acenei para Lúcia, percebi Damyanderson sentado num sofá próximo a porta de entrada, sorri para ele que retribuiu o sorriso e se aproximou de mim.

— Gabriella, você e o Becker! Por que não me contou?

— Porque não há nada entre mim e o monstro Becker. — respondi.

Ele suspirou.

— Sei, você não é do tipo que solta as coisas, mas vou conversar com a Stacie.

Dei um empurrão de leve em seu ombro.

— Onde ele está?

— Naquela sala. — falou ele apontando para a

sala onde ele aguardava anteriormente. — Eu vim falar com ele também, mas está em uma reunião, temos que esperar.

Dei um sorriso de “até parece que eu vou esperar” e entrei na sala sem bater. Os dois homens engravatados que estavam sentados em frente a Richard discutindo alguma coisa importante, se sobressaltaram com minha entrada súbita e me olharam. Richard me encarou com uma expressão indecifrável e fez sinal que eu fechasse a porta atrás de mim. Eu fingi que não tinha entendido seu sinal e continuei parada, olhando para a parede, os quadros, as cortinas. Ele então se levantou impaciente e bateu a porta, quando passou novamente por mim, parou na minha frente me avaliando dos pés à cabeça.

— Um minuto, por favor, Gabriella. — e deu um beijo de leve na minha testa.

Eu senti repulsa pelo toque repentino dele, mas também senti um calor agradável onde seus lábios haviam tocado. Estava ficando louca.

Ele se sentou de frente para os homens, a expressão séria, amedrontadora.

— Vocês têm um minuto. Convençam-me.

Os dois homens dispararam a falar desesperados, cada um tentando provar sua tese, tentando convencer Richard a assinar alguma coisa. Eu não conseguia distinguir metade das palavras que eram ditas pelos dois estarem falando ao mesmo tempo, só percebi que eles não falavam a mesma coisa, nem sobre a mesma coisa. Quando o minuto estava acabando, Richard me olhou, parecia se divertir, ele estava zombando deles. Olhou graciosamente o relógio e fez um gesto para que eles se calassem, ambos se calaram no mesmo momento.

— Bom, tendo em vista esse último minuto, nenhum dos dois me interessam, boa tarde.

Eles olharam para Richard, entre magoados e incrédulos.

— Boa tarde, senhores. Estou ocupado agora. — falou Richard impaciente e eles quase se

arrastaram para fora da sala.

Então Richard se aproximou de mim, a expressão agora estava séria, até brava.

— Você simplesmente os dispensou? — perguntei atônita.

— Os dois são representantes de produtos que não interessam à gravadora, foi a maneira mais fácil de me livrar deles. — falou friamente.

— Mas eles ficaram arrasados!

— Ser recusado faz parte da vida. Eu não sabia disso até poucos dias atrás, Gabriella.

Senti meu peito congelar, ele estava se vingando nos outros a desfeita que eu havia feito nele.

— Aonde você foi com o Christopher ontem, Gabriella? — perguntou-me de repente.

— Eu não vim aqui falar disso.

Ele bufou. Aproximou-se mais de mim e praticamente me jogou no sofá, sentando-se à minha frente.

— Você quer falar da proposta? Ótimo! Temos um coquetel amanhã.

— Eu não disse que aceitava.

Ele me olhou, mas não parecia surpreso.

— Sei que o Christopher conseguiu outra escola para o menino, uma escola melhor.

— Sim, e eu não tenho mais porque ceder às suas chantagens. Encontre uma garota de programa para te satisfazer Richard, minha resposta é não!

— praticamente gritei e me levantei, mas ele me puxou pelo pulso, jogando-me de volta no sofá e me prensou com os braços, segurando os meus, cada um de um lado da minha cabeça, o rosto tão perto do meu, que quando ele falou, seu hálito invadiu minha boca.

— Não se engane com Christopher, Gabriella! Eu posso ser um monstro para você, mas pelo menos eu mostro minhas cartas, você sabe exatamente como eu sou. Ele finge. Põe uma máscara, mostra o que você quer ver, mas as intenções por trás dessa máscara, acredite, são muito piores que as minhas.

Eu tentei me afastar, mas não conseguia mexer

meus braços, e mexer meu corpo, fez a saia do meu vestido subir, então fiquei quieta.

— Eu não acredito em você, ele é muito diferente! Muito melhor do que você.

— Não, ele não é! — falou nervoso, depois olhou para minhas pernas e senti sua respiração acelerar

— Eu quero usar você com seu consentimento, ele vai te usar sem que você perceba e vai deixar estragos muito maiores do que deixar seu irmão sem aula por um dia.

— Por que comigo? — perguntei — Há tantas mulheres nessa cidade. Lindas. Por que você me quer?

Ele piscou os olhos e uma máscara de confusão assumiu seu rosto.

— Não sei. Não serve outra mulher, tem que ser você. Você não pode me dizer não, Gabriella, não vou parar até que a faça mudar de ideia!

— Você me dá nojo, Richard! Eu aceitaria sua chantagem, por Ben, mas odiaria cada segundo que tivesse que passar ao seu lado.

Ele fechou os olhos e afrouxou um pouco meus braços, mas não o suficiente para eu me soltar.

— Mas graças ao Christopher eu não preciso mais disso.

— Você está indo por um caminho pior que esse.
— falou ele entre dentes. — Isso não termina assim!

— Qualquer caminho é mais seguro do que perto de você.

— Mas você sabe que eu ainda posso te ferir Gabriella, de muitas formas.

— Eu não tenho mais medo.

Então ele abriu os olhos, se aproximou tanto de mim, que achei que ia me beijar, meu coração também acelerou, eu estava pronta para cuspir se ele ousasse.

— Então pague para ver, mas não se esqueça que a escolha foi sua. — ele me soltou de repente e eu me levantei saindo da sala enquanto ele batia a mão contra sua mesa de vidro jogando algumas coisas no chão.

Assim que saí, encontrei Damyanderson que quase caiu quando eu abri a porta. O pânico tomou conta de mim, mais ninguém poderia saber daquela proposta ridícula.

— Você estava...? — nem consegui terminar de perguntar.

— Eu não ouvi tudo. Mas ouvi o bastante. Não sei que proposta é essa Gabriella, mas vou te dar um conselho. Não confie em Christopher Becker. Ele é um Becker, e nenhum Becker é de confiança. Nenhum deles é bom. Entendeu? Nenhum!

A forma como ele falou me assustou, eu não respondi, apenas saí andando e entrei no elevador. Precisava de ar frio, longe daquilo tudo, precisava esquecer que os Becker existiam.

Capítulo CINCO

Três dias havia se passado desde a última vez que eu vira um Becker, ambos me deixaram em paz. E embora tivesse tido a impressão que Christopher poderia ser um bom amigo, os avisos de Damy serviram para que eu o desejasse bem longe também. Era quinta, dia da quimioterapia de Ben, chegamos ao hospital à tarde, depois da escola, ele já me olhava com a carinha de choro, detestava as sessões de quimioterapia, seu lindo cabelo negro, que antes o fazia parecer um índio, já estava ralo, sabia que não poderia adiar muito ter de raspá-lo por completo, mas não o faria enquanto Ben não me pedisse.

Segurei forte sua mão e entramos no hospital. Para receber a notícia que as sessões seriam reduzidas, devido ao número de crianças e a falta de estrutura para atendimento. Ele não tinha mais as sessões naquele dia. Aquela notícia acabou comigo. Os remédios já não estavam funcionando,

e ainda iriam diminuir as sessões dele. Tive vontade de correr dali, e chorar, extravasar a raiva que eu estava sentindo, mas não podia. Tinha que ser forte pelo meu menino.

— Mas, e as doações? — perguntei.

— São poucas. Quase não dá para fazer melhorias na oncologia. Eu sinto muito, Gabriella.

Peguei Ben pela mão, fingindo que estava tudo bem. Ele estava muito feliz porque não iria mais tantas vezes ao hospital. Foi aí que avistei Richard, conversando com o médico de Ben. A raiva que eu sentia dele, misturada ao ódio que ele me despertava me assaltaram assim que o vi. Parti para cima dele sem me importar se estávamos em um hospital. O que ele achava que estava fazendo perto do médico de Ben?

— O que você está fazendo? — já fui com os punhos cerrados para cima dele, que segurou tranquilamente minhas duas mãos.

— Me desculpe doutor, ela anda um pouco irritada. — falou calmamente com o doutor

Ferraresi.

— Ela anda nervosa ultimamente, deve ser por causa dos remédios. — falou o médico e Richard o olhou com uma expressão de curiosidade. — Os remédios que o Benjamin tem que tomar estão em falta. — ele explicou e Richard assentiu.

Então pediu licença ao doutor e me arrastou para um canto. As lágrimas já escorriam pelos meus olhos, eu estava furiosa, queria matá-lo.

— O que pensa que está fazendo? Não fui clara o bastante? Não entendeu que não pode se aproximar dele? O que mais quer tirar dele? Veio tirar seu tratamento também?

Ele me apertou em seus braços contra a minha vontade.

— Gabriella se acalme, olha a besteira que está falando.

Eu consegui me soltar dele. E o empurrei.

— Eu te odeio, com todas as forças da minha alma. Você é um lixo, Richard, está muito abaixo de um ser humano. Você devia ir para o inferno e

mesmo assim não sentiria a dor que causa às pessoas. Maldita hora que eu atropelei você, eu devia tê-lo matado!

A expressão dele me fez finalmente calar a boca. Seus olhos pareceram lacrimejar, e ele baixou a cabeça, cobrindo-os com as mãos. Depois respirou fundo e me olhou, parecia acabado.

— Seu ódio por mim não é novidade, e mesmo assim eu não vou desistir de você. Eu disse que ainda podia te machucar e te alertei que a culpa seria sua, foi escolha sua.

— Você é doente! — gritei. Ele estava mesmo me acusando de prejudicar a pessoa que eu mais amava na vida?

Foi então que Ben apareceu correndo, tinha se soltado da mão de Stacie e abraçou Richard.

— Você trouxe seu carro sem teto de novo? Eu não vou mais ver o doutor. — falou sorrindo.

Richard manteve os olhos fixos nos meus por um momento, então se abaixou e falou calmamente

com ele.

— Trouxe, mas você só vai poder andar depois que for ver o doutor.

O doutor Ferraresi estendeu a mão para Ben e sorriu para mim, era a primeira vez que fazia isso. Encarei Richard querendo fuzilá-lo de perguntas, por que Ben faria a sessão? Mas ele estendeu a mão friamente, sem olhar no meu rosto.

— Agora não Gabriella, discutiremos depois, eu vou entrar com o Ben, você não está em condições.

A coisa que eu menos queria naquele momento era Ben perto de Richard, mas não tive forças para reagir.

Fiquei dando voltas enquanto aguardava, contando os minutos.

Três horas. Teria que esperar três horas para acabar a sessão e eu poderia matar Richard Becker. Stacie estava calmamente folheando uma revista e eu não conseguia ficar parada. Então, avistei Gloria, a filha dela de oito anos também

sofria de LMA e estava em tratamento junto com Ben. Havia lágrimas em seus olhos, e corri até ela.

— O que houve? Gloria, onde está a Bia?

Ela segurou minhas mãos e sorriu.

— Curada, Bella. Minha Bia foi curada. Não há mais leucemia, ela está curada. Ben vai se salvar Bella, é possível.

Foi como receber a notícia de que todos os males do mundo foram erradicados. De que a vida melhoraria a partir de amanhã, para sempre. Como se eu conseguisse pegar a felicidade com as mãos. O mesmo tratamento, a mesma doença. Por mais que cada corpo reagisse de uma maneira, havia uma chance. Desde que Ben iniciou o tratamento, foram oito mortes. Oito. Eu vi cada uma delas. E essa, foi a primeira cura. Mas ela existiu.

Quatro horas depois eles estavam de volta, Ben com a expressão de cansaço e desconforto que sempre ficava após a quimioterapia. Mas Richard parecia ainda pior, parecia em frangalhos. Ele

segurava Ben pela mão, assim que se aproximaram de mim, peguei Ben no colo vendo que ele não aguentaria andar até o ponto de ônibus. Richard estendeu a mão e Charles num segundo apareceu à nossa frente.

— Charles, leve-os para casa, rode com o menino no carro o quanto ele quiser. E depois pode tirar a noite de folga.

Charles pareceu muito surpreso. Ben fez muito esforço e desceu do meu colo indo até o carro com Stacie e um sorriso fraco no rosto.

— E o senhor? — perguntou Charles.

— Eu vou andando, preciso caminhar um pouco.

Ele não havia olhado para mim hora nenhuma desde que saíra do hospital, virou-se e começou a caminhar, mas eu o segurei.

— Precisamos conversar.

Por fim ele me olhou, os olhos ainda marejados, parecia mesmo em frangalhos. Soltei a sua mão quando ele colocou a outra mão sobre a minha.

— Agora não. — disse apenas.

— Quando então?

— Eu procuro você.

— Richard eu não quero que nada mais aconteça ao Ben enquanto a gente não resolver logo isso. — alertei.

Ele me olhou novamente, parecia enojado, e desviou o olhar para o chão.

— Não vai acontecer mais nada com ele, já aconteceu o bastante, depois eu te procuro.

Ele se virou e saiu andando e eu voltei para dentro do hospital, e procurei o doutor Ferraresi.

— Como o Ben vai fazer agora que terá somente uma sessão por semana?

Ele abriu novamente aquele sorriso enorme que me era totalmente estranho.

— Seu namorado fez uma generosa doação à oncologia, Gabriella. Não será necessário que o Benjamin e nenhuma outra criança reduzam as sessões. Na verdade, ele não só doou uma quantia generosa, doou também aparelhos, suprimentos e, os remédios que o seu irmão precisa já foram

pedidos.

Eu fiquei tão em choque que demorei a assimilar a notícia. Richard Becker, o mesmo que tirou a escola do meu menino, que me ameaçou e me tratou como uma puta, havia pagado tudo o que ele precisava? Dele e de outras crianças? Ele tinha muito dinheiro, eu sabia que não ia fazer falta a ele, mas o que mais me surpreendeu foi ele ter feito isso mesmo que eu não houvesse concordado com sua proposta absurda. Mesmo que eu o tenha ofendido de várias maneiras.

O doutor pareceu perceber meu assombro, porque explicou:

— Ele não aguentou muito bem, você sabe, a sessão. Acho que ficou em pânico, exatamente como você a primeira vez que viu uma. Deveria conversar mais com ele hoje, tenho certeza que ele não deve estar muito bem. — falando isso o doutor se afastou indo embora.

E eu permaneci ali, parada, sem saber o que pensar. Aparentemente, Richard Becker tinha

coração. Talvez eu o odiasse um pouco menos naquele momento.

À noite, estava no Hot Point, para uma quinta-feira estava com um movimento bem grande. Tudo por conta de uns universitários da faculdade local que estavam comemorando o fim do primeiro semestre. Lembrei-me com saudade da época em que eu também saía com Isabel e Deivid para comemorar o fim de cada período da faculdade. “*A época em que você tinha uma vida.*” Pensei. Mas eu tinha uma vida agora, tinha Ben, e era tudo o que importava.

Quando faltavam pouco para as 2h, estava servindo uma das mesas dos estudantes, o time de futebol, quando um deles se levantou totalmente bêbado e veio em minha direção.

— E aí gatinha, qual o preço?

Ignorei seu ato de pura idiotice alcoólica e continuei recolhendo os copos da mesa. Era o que todos pensavam das meninas que trabalhavam no

Hot Point, Layla e Dayse eram excelentes e sensuais dançarinas que enchiam a casa nos fins de semana. Havia apenas eu e a Rute de garçonetes, o resto do pessoal era masculino. O que Layla e Dayse faziam fora do Hot não era da minha conta, mas os boatos iam longe sobre nós quatro, as garotas do Hot. Lembrei-me de Richard gritando que eu era chamada de uma coisa que não era. Como se eu fosse me incomodar com aquilo. Que pensassem o que quisessem, não me importava.

Eu me afastei com a bandeja e o rapaz, alto e moreno, se levantou da mesa e segurou meu braço, quase me fazendo derrubar todos os copos. Consegui tirar o braço de suas mãos e me afastei, mas assim que saí de perto da mesa, o rapaz havia me seguido e me puxou pela cintura derrubando cerveja na minha roupa. Isso acontecia com tanta frequência, que eu já nem falava palavrões. Desvencilhei-me de suas mãos novamente, mas quando me virei, trombei em outro rapaz do time

de futebol. Ele era bem mais alto que o primeiro e bem mais forte. A camisa de manga curta deixava à mostra as tatuagens que cobriam seu braço, ele passou o braço pela minha cintura e sorriu.

— Por que a pressa, docinho?

Percebi que ele não estava bêbado, tentei me soltar, mas ele era bem mais forte. O outro que estava tentando me agarrar antes, se prostrou atrás de mim passando a mão trêmula pela minha barriga e descendo. Consegui impedir com a mão direita que ele alcançasse onde pretendia e gritei por Carlo, mas a música muito alta não permitia que ninguém me escutasse.

— Com medo? — perguntou o grandalhão se aproximando mais de mim.

Preparei-me para lançar os copos e a bandeja na cabeça dele, mas ele foi mais rápido e bateu a mão na bandeja jogando tudo para o alto e fazendo um estardalhaço de copos se quebrando. Algumas pessoas finalmente olharam, mas não pareceram perceber o que exatamente estava acontecendo. Eu

ia correr, quando ele me soltou para bater na bandeja, mas ele me puxou novamente pela cintura e começou a beijar meu pescoço, tentei chutá-lo, mas suas pernas eram muito altas e minhas joelhadas fracas não faziam efeito algum. Eu me desviava das tentativas dele de alcançar minha boca enquanto o de trás puxava meu cabelo, deixando meu pescoço à mostra para que o grandalhão se aproveitasse. Quando ele segurou minha cabeça entre as mãos para me beijar, ouvi uma voz atrás dele:

— Tire as mãos dela!

No minuto seguinte, ele havia sido puxado e me soltou de uma vez. Com o impacto, caí no chão, em cima do bêbado, que gritou de alegria. Olhei para cima sentindo uma dor no braço, e vi Richard socando o rosto do grandalhão, ele estava furioso, dava um soco atrás do outro, sem se importar com a plateia que agora assistia. Bem que o estudante abusado merecia aquela surra, mas Richard não estava com intenção de parar, ia acabar matando-

o. Eu me levantei para tentar impedi-lo e o bêbado atrás de mim me agarrou pela cintura me derrubando de novo. Gritei, e não sei como ele conseguiu ouvir, mas Richard virou a cabeça no mesmo instante, finalizando o grandalhão com uma joelhada enquanto levantava pela camisa o bêbado atrás de mim. Queria gritar que ele estava bêbado, mas Richard percebeu e apenas deu alguns socos em seu rosto, jogando-o no chão, quando Carlo apareceu aos berros vendo a bagunça. Richard o ignorou e me levantou do chão, me levando no colo para fora do bar.

Ele caminhava a passos largos e parou a certa distância, me depositando cuidadosamente sentada num dos bancos que ficavam do lado de fora. Então começou a andar de um lado para o outro. A expressão de dor que havia no rosto dele mais cedo ainda estava lá, misturada com ira, raiva. Eu podia sentir de longe o quanto ele estava nervoso. Meu coração estava quase saindo pela boca, mas me aproximei dele tirando o avental e

limpando sua mão cheia de sangue. Ele tirou a mão da minha num rompante, mas quando se deu conta do que eu ia fazer, se acalmou e colocou a mão sobre a minha de novo. Eu o empurrei para que se sentasse à minha frente enquanto limpava seu pulso. O cheiro de cerveja em minha roupa já não me incomodava, mas pensei que ele poderia estar enojado e me mantive o mais distante possível. Quando terminei de limpar o sangue de suas mãos, ele me olhava de uma forma indecifrável.

— Obrigada. — eu disse finalmente.

— Isso é sempre assim?

Neguei com a cabeça.

— Eles passaram dos limites hoje.

Olhamos para ver os dois estudantes saírem carregados por seus colegas, claramente as pessoas estavam indo embora do bar depois da confusão. Coloquei as mãos na cabeça em pânico.

— Carlo vai me matar! — comentei baixinho.

— Eu é que devia matá-lo por permitir que uma

coisa dessas aconteça debaixo do nariz dele! E se eu não tivesse chegado? Onde você estaria agora?

Estremeci com a hipótese e ele pareceu se arrepender do que havia dito. Puxou-me suavemente pelo braço, passando os braços fortemente pela minha cintura, me encaixando em suas pernas. Ele queria me confortar.

Foi a primeira vez que não senti uma total repulsa ao toque dele. Era aceitável, afinal de contas ele havia me salvado. Encostei a cabeça no ombro dele e esperei minha agitação passar. Nós ficamos ali por mais alguns minutos, até Carlo aparecer aos berros.

— O que deu em você Gabriella? Você vai limpar tudo aquilo! Entendeu?

Richard se preparou para responder, mas eu o segurei.

— Não Richard, por favor. Não posso perder o emprego.

Ele assentiu e prendeu a raiva enquanto se levantava e segurava minha mão.

— Vou ajudar você.

Quando entramos no bar as coisas estavam muito piores do que tinha imaginado. Claramente a briga não havia parado quando saímos, muita coisa estava aos pedaços e espalhadas pelo salão. Respirei fundo, não sairia dali a tempo nem de levar Ben à escola.

— Você não precisa fazer isso Richard, obrigada, mas pode ir. Eu dou conta.

Ele esticou os braços.

— Quatro mãos são o dobro de duas e gastam metade do tempo.

Dei um meio sorriso quando começamos a arrumar as coisas.

— Como ele está? — perguntou Richard de repente.

— Quem?

— O menino.

Olhei para ele e percebi a tristeza em seu olhar, ainda estava emotivo por causa da quimioterapia.

— Bem, na medida do possível. Ele não se abala

fácil.

Um sorriso doce brotou em seus lábios.

— Eu percebi, assim que saiu da quimioterapia ele me pediu para levá-lo ao carro.

Sorri também, aquele era meu menino. Richard tirou o terno deixando apenas a camisa social branca que usava por baixo. Como o lugar era muito quente, ele tirou a camisa de dentro da calça e abriu os primeiros botões, já estava começando a suar.

Não pude deixar de reparar no peitoral definido dele, alguns poucos fios de cabelo claros em seu peito, a pele bronzeada, ele era quase irresistível. Afastei esses pensamentos da minha cabeça e tentei me concentrar no serviço. Mas ele puxou assunto novamente.

— Eu queria me desculpar.

— Pelo o quê, exatamente?

Ele sorriu.

— A lista seria imensa, eu sei. Mas quero me desculpar pelo que falei da sua mãe. Eu queria

irritá-la, mas não tinha o direito de invadir sua vida daquela maneira, e não queria ter sido tão cruel.

Dei de ombros, de todas as coisas que ele havia feito, aquela era quase insignificante.

— Não faça isso! — reclamou ele cerrando os dentes pelo meu gesto. — E diga logo que me desculpa, eu não estou acostumado a fazer isso.

Olhei bem nos olhos dele.

— Isso o quê? Não está acostumado a pedir desculpas ou a desculpar os outros?

— As duas coisas. — respondeu ele implacável.

— Por que veio aqui?

— Porque você disse que precisávamos resolver logo o lance da proposta.

Pronto! A palavra mágica da destruição! O que ele chamava calmamente de proposta, eu chamava de chantagem e isso me fez lembrar tudo o que ele havia feito comigo, pior, tudo o que havia feito com Ben.

— Eu tenho uma nova proposta. — disse ele

percebendo a mudança no meu humor.

— Não me diga! E ela não inclui que eu transe com você ao final de cada noite?!

— Na verdade, não.

Olhei para ele surpresa. Ele se aproximou de mim e soltou o nó do meu cabelo, deixando-o cair pela minha blusa vermelha. Então parou na minha frente, tocando meu cabelo vagarosamente.

— Você é linda, é irresistível. Foi muito difícil desistir dessa parte, mas você está certa. Só quero que saia comigo, que finja ser minha por uma noite, amanhã, em um coquetel. Depois se você preferir eu a levo direto para a casa. Juro que não quero forçar nada, só quero sair com você.

“Se você preferir”. Ele achava mesmo que eu ia querer fazer alguma coisa com ele? E como assim só queria sair comigo? A troco de quê? Algo me dizia que ele estava armando alguma coisa. Disse diversas vezes que me levaria para a cama de qualquer jeito, e de repente não me levaria se eu não quisesse. Como não respondi, ele continuou.

— Em troca das melhorias que o hospital precisa para o tratamento do seu irmão.

— Que você já pagou. Então eu posso dizer não.

Ele assentiu. Fiquei surpresa, nada de ameaças, nada daquele olhar assustador. Quem era aquele homem diante de mim e onde estava o verdadeiro Richard Becker?

— Está dizendo que eu posso negar?

— Sim, você pode, mas se quer um conselho, não deve.

Ele falou tão sério, que senti meus pelos do corpo se arrepiarem.

— O tom de ameaça, estava faltando.

— O que me diz? — perguntou novamente deslizando o polegar lentamente pelo meu rosto.

— Eu já não posso imaginar o que mais você pode tirar de mim, Richard. — eu pretendia negar, claro, mas ele havia possibilitado o tratamento de Ben, e os remédios, e não ganhara nada em troca, não estava exigindo nada em troca. Talvez eu pudesse fazer aquilo, sair com ele para que

finalmente me deixasse em paz. —Tudo bem, mas tenho duas condições.

Seus olhos verdes se arregalaram e pude ver certo brilho neles, o brilho da vitória.

— Você nunca mais, não importa o que aconteça, vai mexer com o Ben de novo.

Ele assentiu.

— Nem precisava pedir isso, eu jamais farei qualquer coisa com ele.

— Ótimo. Ele é uma criança e não tem nada a ver com as burrices que fazemos, não vou tolerar que você o envolva nisso.

Ele continuou concordando.

— E a segunda? — perguntou impaciente.

— Nunca, em hipótese alguma, eu vou transar com você.

Ele me olhou surpreso e um sorriso travesso tomou seus lábios.

— Se você diz.

— Estou falando sério, Richard!

— Eu sei, está bem. Eu já disse, não vou fazer

nada, a menos que você queira.

— Eu não vou querer! — gritei.

— Não devia ter tanta certeza. — respondeu se aproximando mais ainda de mim, de repente eu estava em seus braços, e então, meu corpo estava colado ao dele.

Novamente senti o volume em suas calças quando ele o pressionou em minha barriga. Apertando-me junto a ele de tal forma, que era difícil respirar. Fechei os olhos por um momento e senti seus lábios tocarem os meus, por uma fração de segundos antes que eu me afastasse repentinamente, histérica.

— O que está fazendo? Você ouviu o que acabei de dizer?

Ele continuava sorrindo.

— Eu não ia tirar sua roupa Gabriella, apenas beijar sua boca.

— O teatro é só amanhã Richard. E por favor, tente não fazer isso.

Sua expressão ficou séria também ao ver que eu

falava sério.

— Gabriella, eu só...

— Chega! O que aconteceu hoje não muda nada. Eu aceitei sair com você porque ainda acho que você pode me prejudicar, mas não por vontade própria. Eu ainda odeio você e nunca mais me toque assim novamente! — assim eu saí batendo os pés para o outro lado do salão.

Quando o dia estava amanhecendo, acabamos de arrumar tudo, eu já estava morta. Pensei em Richard, ainda lá, com cara de sono, arrumando as cadeiras em seus devidos lugares. Eu iria para a casa dormir, mas ele ainda tinha um dia de trabalho pela frente. Não entendia aonde ele queria chegar bancando o bonzinho daquele jeito, ainda achava que ele estava aprontando alguma coisa. Aproximei-me dele com um copo de café que eu havia passado na área de funcionários. Ele sorriu ao tomar.

— Adoro o seu café. — comentou.

Sorri também.

Quando saímos finalmente, ele destravou o alarme do carro e me olhou:

— Será que posso te levar em casa?

Percebi que ninguém o aguardava no carro e me lembrei que ele havia dado a noite de folga para Charles. Ele percebeu que eu procurava alguma coisa e sorriu:

— Saudade do Charles, Gabriella? Porque se estiver, eu vou ter que mandá-lo para o outro lado do mundo.

Olhei para ele surpresa e entrei no carro. Richard bufou por eu não ter esperado que ele abrisse a porta para mim. Ligou o rádio e uma música lenta tocava. Eu fechei os olhos, mas tive de abri-los antes que adormecesse. Olhei para ele para me certificar que ele não estava dormindo ao volante. Ele sorriu.

— Eu não sou você. Não saio por aí atropelando os outros quando dirijo com sono.

Dei de ombros e ele apertou meu ombro como

aviso para que eu parasse de fazer aquilo.

— Se bem que, se você não fosse tão barbeira, não teria me atropelado e eu não teria te conhecido.

Olhei para ele nervosa, meu sono até dispersou.

— Eu não sou barbeira!

— Claro que não. Você não conseguiu frear um carro que estava quase parado, a que velocidade estava? Dez quilômetros?

Fiz uma careta para ele e me recostei novamente no banco. Avistamos Stacie e Ben no ponto de ônibus e ele fez a volta parando o carro em frente a eles. Ben rapidamente pulou no carro enquanto Richard abria o teto solar para que ele pudesse ficar de pé.

Richard fez questão de levá-lo até a escola e entrar para conhecer a professora e a diretora. Enquanto ele fazia isso, senti meu coração apertar no peito. O que ele pretendia? Criar laços com a diretora nova para aprontar de novo? Mas ele parecia preocupado, realmente interessado com o

bem-estar de Ben. Deixou claro que qualquer coisa que precisasse em relação a ele, ela deveria avisá-lo e que ele era o responsável por Ben e não Christopher.

Stacie me encarou sem entender o que estava acontecendo e eu apenas dei de ombros, também não entendia nada. A diretora ficou me analisando e olhando para Richard. Eu bufei, será que as pessoas sempre reagiriam desse jeito ao nos ver juntos? Qual era o problema de um homem rico e lindo como ele se interessar por alguém como eu? Finalmente ela se aproximou de mim e perguntou baixo:

— Como está o Christopher?

Richard me olhou imediatamente esperando minha resposta.

— Eu não o vi desde aquele dia, mas acho que está bem.

Ela assentiu e se afastou quando Richard se aproximou de mim passando o braço em volta da minha cintura de forma que deixasse claro que eu

estava com ele e não com Christopher.

— Achei que o teatro só começaria a noite. —
comentei baixinho.

Ele apenas revirou os olhos.

Quando encostou o carro em frente a minha casa, começou a falar animado.

— O seu vestido vai chegar por volta das dezessete horas e você deve estar pronta às dezoito horas, eu venho te buscar.

Assenti e percebi pelo retrovisor o olhar que Stacie lançava para mim. Ela abriu a porta agradecendo a carona a Richard e fez o mesmo, mas ele segurou meu braço e aguardei Stacie sair do carro e ficarmos a sós.

— Obrigada Richard, por tudo. — falei por fim.
Ele sorriu.

— Será que me odeia menos agora? —
perguntou mais sério do que pretendia.

— Bem pouco menos. — respondi tensa.

Não gostava de como as coisas estavam, ele

estava diferente, mais humano, eu sabia que não duraria muito tempo, seu humor mudava de uma hora para outra. Ou ele estava armando alguma coisa, mas não podia negar que tinha gostado de ter quem me defendesse na noite anterior, quem me ajudasse, me levasse para casa, certificasse que Benjamin estava bem. Foi a primeira vez em anos em que eu não tinha que resolver tudo, ele estava assumindo a frente das coisas com Ben e isso me dava alívio, um descanso inimaginável. Eu não podia me acostumar com aquilo. Virei-me para sair do carro, mas ele me segurou novamente, se aproximando de mim. Fechei os olhos e minha respiração acelerou. Ele deu um beijo terno em minha testa e roçou o nariz pelo meu rosto, então beijou o canto da minha boca.

O que eu estava fazendo? Por que não o empurrava? Por que não tentava impedi-lo? Mas ele se afastou e falou com um suspiro.

— Eu te busco a noite, Gabriella.

Assenti e desci do carro, quando fui fechar a

porta, ele falou:

— Mande lembranças para a Isabel.

Fiquei olhando para ele por um momento, então ele puxou a porta da minha mão com um sorriso malicioso e deu partida no carro desaparecendo de vista. Eu continuei ali sem reação. Dois minutos atrás tudo que eu queria eram um banho e minha cama, de repente, tudo o que eu queria era falar com Isabel.

De onde ele a conhecia? Lembrei-me de ter reconhecido o nome dele de algum lugar. Foi aí que meu consciente ligou uma coisa a outra, senti-me congelar. Não era possível que fosse o mesmo Richard. Corri para dentro de casa e liguei para ela. Ela atendeu com a voz sonolenta no segundo toque.

— O que foi?

— Isabel, sou eu.

— Bella! Aconteceu alguma coisa? O Ben está bem?

— Sim, estamos bem. Só queria te perguntar

uma coisa.

— Sobre o Deivid? — perguntou ela com a voz melancólica, minha irmã contava os dias para eu voltar para meu ex-noivo.

— Não. — respondi. — Eu atropelai Richard Becker.

O silêncio do outro lado da linha durou mais que o necessário.

— Onde você está? — perguntou ela de repente.

— Em casa. — respondi com impaciência.

— Então ele não chamou a polícia? Não processou você? — ela parecia incrédula.

— Richard Becker é aquele cara...

— Que ficou comigo, me usou e acabou com minha vida? Sim, o próprio.

Eu me lembrava bem da história, ela foi para a capital dois anos antes de mim. Estava na faculdade, e conseguiu um estágio de administração na Gravadora Becker Records, estava tudo indo muito bem até se envolver com o chefe, Richard Becker. Ela dizia que ele era o

homem mais lindo, sexy e louco que conhecera na vida. Dizia que o amava e até planejava fugir com ele. Mas um dia, sem mais nem menos, ele simplesmente a trocou pela nova estagiária quando o caso deles foi descoberto e ela foi demitida. Ela ficou péssima, largou a faculdade, voltou para casa e ficou depressiva por meses. Só falava em como ele era cruel e como os pais dele eram estúpidos e frios. Isabel demorou um pouco para se recuperar e voltar à sua vida normal, mas acho que nunca superou Richard, já que nunca mais se envolveu com outro cara.

— Bella? Está aí?

— Sim. — falei de repente sentindo meu coração acelerar, estava com medo da reação dela quando eu lhe contasse sobre a chantagem.

— O que mais quer me dizer Bella? Desembucha.

Respirei fundo e soltei:

— Isa, ele me fez uma proposta, ele chama de proposta, mas ele está me chantageando para que

eu saia com ele.

Ela permaneceu em silêncio.

— Ele pagou todo o tratamento do Ben, todos os remédios, me defendeu de uns bêbados no bar ontem e ficou até de manhã me ajudando a limpar a bagunça.

— Oh! — sua exclamação me deixou ainda mais inquieta. Ela soltava sussurros de incredulidade e não falava nada.

— Isa, fala alguma coisa! — insisti.

— Ele está dando em cima de você? — percebi pela voz dela que alguma coisa a estava incomodando.

— Não. Não exatamente, ele só quer ir para a cama comigo. Acho que eu meio que o desafiei.

— Ele não gosta disso, não gosta de ouvir não como resposta, não gosta de ser desafiado, nem contrariado. Se afaste dele Gabriella, se afaste enquanto é tempo. Ele pode parecer mau, mas no fundo só tem seus fantasmas, coisas que não consegue superar.

— Que tipo de coisas?

— Coisas dele! Que já devia ter superado, mas não consegue. Richard Becker não é capaz de amar Bella! — ela suspirou novamente — Você não terá escolha Gabriella, quando perceber estará apaixonada, se afaste dele ou aceite que em pouco tempo estará totalmente apaixonada, e sem saída.

— Isa, eu não estou interessada nele! Na verdade eu queria dar o troco, mostrar para ele que ele não é tudo isso.

— Mas ele é. E acredite quando digo que é impossível conviver com ele sem se apaixonar.

— Mas você não disse que ele é mau? Incapaz de amar? Por que eu me apaixonaria por alguém assim?

Ela suspirou.

— Ele está chantageando você?

— Sim.

— E mesmo assim você se sente atraída por ele.

— acusou ela.

— Eu não estou! — protestei.

— Então por que está me ligando para perguntar por ele? É o que ele faz com as pessoas, Gabriella! Ele vai virar seu mundo de cabeça para baixo. Não permita, não seja mais uma da lista dele. Se afaste imediatamente de Richard Becker!

— Ele te mandou lembranças. — falei.

Ela suspirou mais uma vez antes de desligar o telefone.

Capítulo SEIS

Por volta das dezessete e trinta, meu cabelo e maquiagem já estavam prontos. Passei a chapinha nele deixando-o bem liso e comprido. Assim que me viu, Stacie comentou:

— Não sei o que está fazendo com esse Becker, mas ele vai babar quando te vir assim.

Dei um meio sorriso, eu não estava fazendo aquilo para chamar a atenção dele, não me importava se ele nem me reparasse, só queria fazer o meu papel, fingir ser namorada dele por uma noite e seria tão ruim para ele, que me deixaria em paz. Tinha tudo arquitetado e pronto para ser executado. A partir daquele dia, Richard Becker ia querer a manter distância de mim.

Sim, seria eternamente grata pelo o que ele havia feito por Ben, mas me lembraria sempre de nossos primeiros contatos, de sua arrogância, suas chantagens, sua proposta descabida.

Olhei a última vez para o lindo vestido cor de

rosa em minha cama. Ele havia sido entregue pontualmente às dezessete horas. A parte de cima era um corpete com um decote básico, mas cheio de pedras, e a longa saia tinha uma abertura do lado esquerdo até a altura da coxa. Era lindo. Eu havia me apaixonado por ele, mas não poderia usá-lo para cumprir meu plano. Guardei-o em uma sacola e me despedi de Ben.

— Tem certeza que não vai te atrapalhar ficar com o Ben? — perguntei novamente a Stacie.

— Tenho, nunca me atrapalha. E você, divirta-se.

— Com certeza. Quando o Richard chegar peça a ele para me buscar na loja onde comprou o vestido, por favor.

— O que você vai fazer, Bella? — perguntou Stacie preocupada.

— Nada, só não gostei muito da cor.

Ela arqueou uma sobrancelha vendo que o vestido era perfeito. Mas por fim, desistiu e assentiu que daria o recado.

Estacionei meu carro em frente à loja e olhei a

rua em volta. Não havia quase ninguém. Eu tinha ido de hobby e precisava descer sem ser vista. Desci correndo e, assim que entrei na loja, as vendedoras se assustaram.

— Boa noite. — disse sem graça. — Eu vim a pedido de Richard Becker.

Imediatamente os olhos das vendedoras brilharam e pelo menos umas três se aproximaram de mim para me atender. Estiquei a sacola meio sem graça com tanta atenção.

— Ele me comprou esse vestido, mas quero trocar a cor.

Uma vendedora pegou a sacola da minha mão e correu até o computador

— Qual o seu nome, querida?

— Gabriella de Wolle.

As vendedoras me olharam novamente como se eu fosse um prêmio. A que tinha pegado a sacola da minha mão se aproximou de novo, me oferecendo brincos, colares, sapatos, bolsas. Cada coisa tinha o preço de três meses do meu salário, e

por mais lindos que fossem, me contentei em negar e parecer impaciente. Percebendo que eu não levaria mais nada, a vendedora de olhos castanhos e curtos cachos pretos se aproximou de mim.

— Quer o mesmo vestido de outra cor?

— Sim, quero-o preto.

Ela pareceu surpresa e olhou para outra vendedora que me encarava como se eu fosse louca. Ela me pediu um momento e subiu uma escada, depois retornou com um vestido preto nas mãos.

— Está aqui. Mas ele é quase para enterro, ou lugares mórbidos

— É quase essa a ocasião. — respondi tirando o vestido da mão dela e indo colocá-lo no provador.

A vendedora se prostrou do lado de fora da cortina do provador e começou a tagarelar.

— De onde a senhorita conhece o senhor Becker?

— Foi um acidente. — respondi.

Ela ficou calada esperando eu explicar, mas

como não o fiz, voltou a falar.

— Ele veio aqui hoje e escolheu pessoalmente o vestido. Disse que se a senhorita quisesse trocar poderia escolher o vestido que quisesse. Ele abriu um crediário na loja em seu nome, então se quiser qualquer coisa...

Engasguei com o nada e ela entrou no provador, preocupada.

— Tudo bem, senhorita?

— Sim. Você disse que ele abriu um crediário para mim?

— Sim, sem limites. Ele deixou bem claro que a senhorita pode comprar o que quiser. Não importa o preço.

Fiquei sem reação, o que ele pretendia abrindo um crediário para mim em uma loja cara daquela? Ele devia mesmo estar achando que eu iria para a cama com ele. Terminei de colocar o vestido me olhando no espelho. Tinha o efeito que eu queria. A maquiagem preta em volta dos olhos, o cabelo liso e negro, o vestido, ainda lindo, mas preto. Era

quase igual ao outro, mas não tinha as pedras no corselete, porém, tinha as mesmas rendas na cintura e a rachadura na perna esquerda.

— Você está linda! — disse a vendedora. — Mas triste, toda de preto.

Dei um sorriso indicando que era exatamente o que eu queria parecer. Foi então que outra vendedora apareceu afobada:

— Ele está aqui! Richard Becker está na loja!

A cachinhos curtos me deu um sorriso urgente e me pediu licença saindo do provador, me olhei uma última vez, respirei fundo e fui ao encontro de Richard.

Quando apareci, ele me olhou fixamente, sem piscar e boquiaberto. Esperava sua raiva, ou que tentasse me fazer trocar de roupa, mas conforme me aproximava, podia sentir sua respiração acelerada. Por fim, parei de frente para ele, estranhando que não tivesse dito nada, e ele tocou levemente meu braço com a ponta dos dedos.

— Você está maravilhosa! — disse quase

sussurrando.

Minha expressão surpresa o fez dar risada, ele estava me elogiando e não tentando me matar? Decidi que não gostava tanto do Richard de bom humor, ele era quase não irritável. Ele se aproximou de mim passando o braço em volta da minha cintura e beijou levemente meus lábios, por dois segundos. Seu cheiro rapidamente invadiu minha mente provocando arrepios por todo meu corpo. Seus lábios eram tão macios, quentes, provocantes...

Quando ele se afastou percebi que eu não teria feito isso se ele não fizesse. Ele pareceu perceber também, pois seus olhos brilharam e ele manteve um sorriso bobo no rosto.

— A encenação já começou. — comentou.

Então me lembrei do meu plano. Eu precisava afastá-lo, não me aproximar mais dele. Desvencilhei-me de seu braço e fui andando na frente, batendo os pés até o carro. Charles abriu a porta para mim e sussurrou rapidamente antes que

Richard nos alcançasse:

— Você está linda.

Sorri em agradecimento e Richard já estava sentado ao meu lado após se despedir das vendedoras que já me olhavam de cara feia.

— O coquetel não tem hora certa para acabar, mas como começa às dezenove horas, você deve ficar comigo até as vinte e duas. Depois eu a levo para casa se assim preferir. — falou ele friamente como se estivesse falando de um objeto com a qual ficaria por um período de horas.

Revirei os olhos e dei de ombros, sentindo seu maxilar se contrair com meu gesto que ele detestava.

Durante a viagem, ele tentou segurar minha mão, mas a afastei imediatamente. Mantive a expressão dura, como se estivesse irritada.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— O que você acha? — respondi com aparente deboche.

Como imaginei, ele fechou os olhos e respirou

fundo se acalmando, não gostava de deboche, ironia, má resposta, nada que o contrariasse.

— Você tinha a opção de não vir.

— Com certeza, depois daquele conselho. Já entendi que tem dinheiro e idiotice o suficiente, Richard. Não vou mais contrariar você.

Ele ficou sério com o que eu disse, pensativo.

— O que incomoda tanto você? Eu mudei totalmente a proposta, não entendo por que está tão agressiva.

Dei de ombros novamente olhando para o outro lado, para a janela.

— Estou me sentindo sua puta. Foi isso o que deu em mim.

Ele remexeu no banco do carro e cerrou os pulsos com força no estofamento, depois cobriu a boca com a mão, e finalmente disse com um sorriso repentino nos lábios.

— Você não vai bancar a puta hoje, ou vai? Porque se for, minha noite acaba de ficar melhor ainda.

Minha vontade era de pular em seu pescoço e estapear aquela cara de pau, porém não podia permitir que ele me irritasse mais do que eu o irritaria. Era um jogo que ele claramente estava disposto a jogar, não se importando com minhas palavras e atitudes e tentando me desestabilizar. Mas eu também sabia fingir.

— Pode esperar, essa vai ser a melhor noite da sua vida. — falei com meu melhor tom de desdém, e funcionou, ele virou-se para o outro lado e seguiu o resto da viagem em silêncio.

Finalmente o carro parou em frente a uma mansão que ficava na divisa da cidade. O jardim enfeitado com lamparinas redondas e pequenas luzes era lindo. As esculturas na entrada davam ao local um requinte, não tinha como não admirar a decoração. Assim que descemos do carro, Richard passou o braço pela minha cintura, mas retirei-o com força, chamando a atenção de algumas pessoas que estavam chegando.

— Não me toque desnecessariamente. — sibilei.

Ele tencionou os ombros, mas logo pôs um sorriso falso no rosto e apenas andou ao meu lado, sem tocar em mim. As pessoas, como todas as outras, olhavam para ele e para mim e torciam o nariz ou franziam a testa. Eu estava prestes a perguntar qual era o problema delas. Ao ser apresentada para um bando de esnobes, bem vestidos e com sorrisos falsos, não fiz questão de ser simpática, não mostrando nenhum sorriso, ao contrário, mantinha a expressão de tristeza o tempo todo. Não estendia minha mão para cumprimentar ninguém, e quando alguém insistentemente mantinha a mão estendida para mim, tocava rapidamente com a ponta dos dedos e retirava a mão. Não fiz questão de falar nada, quando alguém perguntava meu nome, e, principalmente sobrenome, apenas olhava para Richard, que respondia. Ele estava cada vez mais irritado comigo, eu podia sentir a tensão que irradiava de seu corpo ao meu lado.

Olhei para ele por um momento, ele estava lindo,

os olhos verdes em destaque com seu cabelo castanho penteado para trás, deixando pequenos cachos nas pontas. O terno escuro, com a usual camisa social branca por debaixo e sua calça jeans preta, davam um ar elegante e jovial. Seus modos sempre impecáveis e seu sorriso, mesmo que sem nenhum entusiasmo, era de tirar o fôlego. Ele era realmente lindo!

Voltei a mim a tempo de ouvir o presidente de alguma coisa, que aparentemente era o homem que Richard queria “fisgar” naquele coquetel, me perguntar se eu era filha de Arturo de Wolle.

— Sim. — respondi finalmente.

— Ele foi um importante empresário da música, você seguiu os passos dele?

— Não, nem me lembro que ele trabalhava com música, desde que me entendo por gente ele já era bêbado e falido.

Richard deu um puxão no meu braço para me conter e as pessoas olharam para mim horrorizadas. Eu fingi que não me importava.

— Fiquei sabendo que ele perdeu tudo. — comentou o homem careca ainda tentando ser simpático. — Mas se não seguiu os passos do seu pai, trabalha com o quê?

Olhei para ele e fingi que não havia ouvido a pergunta. Não podia dizer que trabalhava no Hot ou prejudicaria a imagem de Richard em vez de alcançar o objetivo dele. Deixei então que ele respondesse, tentando imaginar o que ele inventaria. Talvez dissesse que eu trabalhava com ele na Becker Records. Ele tomou um gole do champanhe e olhou o careca nos olhos.

— Ela trabalha como garçonete no Hot Point, um bar da cidade. Já ouviu falar?

A expressão e a reação das pessoas em volta foi de choque. Estavam me olhando como se eu fosse realmente a puta do Richard. Mas eu não me importava, estava ocupada demais em choque com a resposta dele. Percebendo meu choque e a reação das pessoas, Richard me puxou pela cintura para perto dele, como se tivesse orgulho de

mim. As pessoas foram se dissipando depois disso e quando finalmente ficamos sozinhos, me soltei do abraço dele.

— O que há com você? Tenho certeza que pode fingir melhor do que isso! — reclamou ele.

— Isso está chato, eu quero ir embora!

Ele respirou fundo e virou a taça de champanhe de uma vez.

— Você só pode estar tentando me enlouquecer.

Foi então que avistei os cabelos loiros e espetados e o sorriso estonteante de Christopher. Ele usava uma blusa clara, elegante, mas não social, calça jeans azul e tênis. A semelhança entre ele e Richard quando estavam perto era nítida. Christopher devia um pouco mais novo. Dei meu primeiro sorriso da noite ao me jogar nos braços dele.

— Gabriella! Quer me explicar por que está aqui com meu irmão? — sussurrou em meu ouvido.

Rapidamente Richard se aproximou de mim cumprimentando Christopher com um aceno de

cabeça, que Christopher ignorou. Embora Richard estivesse com o braço em volta da minha cintura, Christopher não soltou minha mão. Tentei me aproximar dele para conversarmos, mas Richard me puxou para trás e percebi que as pessoas já estavam olhando para nós.

— Venha comigo. — ordenou Richard.

— Eu quero falar com ele. — respondi tirando seu braço da minha cintura e saindo com Christopher ainda com um enorme sorriso.

Assim que saímos da enorme sala de estar, fechei a cara novamente e Christopher me empurrou para um cômodo acendendo as luzes. Estávamos na biblioteca da casa, a sós.

— O que foi isso? — perguntou ele.

— Me desculpa.

— Por ter me usado para fazer ciúme no Richard?

Senti-me ofendida.

— Eu não te usei para fazer ciúme no Richard! Eu te usei para irritá-lo.

Ele abriu um sorriso travesso.

— Gosto do seu jogo. Mas não entendo o que está fazendo aqui com ele.

— Isso, irritando-o a ponto de ele desistir de mim.

Ele me olhou de cima embaixo.

— Você já se olhou no espelho? Vai ter que fazer muita raiva nele para ele desistir de você.

Bufei.

— Ele vai desistir.

— Depois do vexame que você o fez passar, talvez desista. — comentou Christopher animado.

Nós conversamos por algum tempo e depois, eu quis ficar sozinha e fui para o jardim. Um relógio na entrada indicava que ainda eram vinte horas, teria que aguentar mais duas horas daquilo. Fiquei numa das varandas admirando a bela decoração. Foi quando duas mulheres se aproximaram de mim, ambas bem vestidas e segurando elegantemente as taças. Eu me encolhi por causa do frio e dos olhares delas, logo uma delas falou

alto:

— O que será que Richard Becker viu numa coisa tão sem graça como você?

Eu a olhei sem entender. Então a outra me olhou com desdém e falou:

— Com certeza não foi dinheiro, nem requinte, nem bons modos, menos ainda inteligência, e muito menos berço.

A outra então começou a falar:

— Aposto como o salário de garçoneiro e o de puta dela juntos não pagam nem metade do meu sutiã. Sinceramente estranha, o quê mesmo o Richard viu em você? — falou ela avançando na minha direção.

Eu ia responder, mas senti um casaco quente passar por meu ombro e Richard estava atrás de mim passando os braços a minha volta e me puxando por trás para junto dele. Senti-me instantaneamente protegida.

— O que eu vi nela é muito óbvio senhoritas Valentina e Tamara. Ela é a mulher mais linda,

inteligente, forte e sexy que eu já vi na vida. E tem o dobro de caráter que vocês duas juntas.

As meninas ficaram vermelhas, uma delas engasgou com a bebida e saíram batendo os pés.

Fiquei sem reação, depois de tudo o que eu fizera com ele, ele ainda me defendia. Ele me deu um beijo leve na testa e tocou levemente meu rosto.

— Vou me despedir de algumas pessoas e podemos ir.

Assustei-me ao olhar novamente o relógio. Ainda nem eram oito e meia da noite. Ele sorriu e se afastou de mim, não me obrigando a ir me despedir das pessoas esnobes com ele.

Aguardei na saída, até que ele apareceu, pegou minha mão e olhou com reprovação o nó que eu havia dado no cabelo.

Assim que entramos no carro, a atmosfera de paz se desfez e ele me olhou furioso.

— Você se sente mal por ser taxada de puta, mas foi exatamente assim que se comportou! — gritou.

— Quem você pensa que é para gritar comigo?

Eu me comporto da maneira que eu quiser.

— Eu defendi você.

— Eu não te pedi nada!

— Chega! Acabou minha paciência Gabriella, definitivamente! Se é como puta que você se comporta, é assim que será tratada. — Ele se aproximou de Charles e disse. — Você sabe para onde nos levar.

Afundi-me no banco do carro fechando os olhos, logo o perfume do casaco dele que me aquecia, invadiu minha mente e eu puxei um pedaço do casaco para perto da boca a fim de sentir mais seu cheiro enquanto pensava em uma maneira de fugir. Ele estava fingindo o tempo todo no coquetel, todo o carinho, paciência, atenção. Mas pelo menos meu plano tinha dado certo. Depois do que pretendia fazer comigo naquela noite, ele me deixaria em paz.

Senti o carro parar. “Como vou me livrar dele agora?” Pensei se ele ia mesmo querer transar

comigo e minha cara de enterro. Ao perceber que ele não se moveu para fora do carro, olhei pela janela, e avistei minha casa. Uma sensação de surpresa e alívio me invadiu de repente. Olhei para ele, parecia magoado, quase ferido. Ele não olhou na minha direção, apenas explicou.

— Achei que não estava se sentindo bem lá. Você pode ir.

Tive vontade de agradecê-lo, mas abri rapidamente a porta antes que ele mudasse de ideia. Assim que desci do carro com uma estranha sensação de liberdade, dei os primeiros passos em direção a minha casa, mas parei de repente. Não sabia bem o que estava fazendo, devia correr para dentro de casa e para longe daquele homem, mas me senti de alguma forma, responsável pela tristeza na voz dele. Mesmo que fingindo, ele fora legal comigo a noite inteira. Pensei em voltar e perguntar se ele precisava de mais alguma coisa. "Você ficou louca?" Só podia estar ficando. Antes que tomasse qualquer decisão, o senti ao meu

lado, ele me perguntou preocupado:

— Qual o problema, Gabriella?

— Você quer entrar? — perguntei de repente.

Como não respondeu de imediato, olhei para ele e percebi a surpresa surgir em seus olhos, ele abriu a boca, mas não disse nada. Eu o havia deixado sem palavras? Ele respirou fundo e vi o esboço de um sorriso em seus lábios.

— Claro. — respondeu finalmente.

Senti uma pontada de arrependimento, mas deixei passar.

De certa forma, eu havia vencido aquela noite, não fiz o que ele queria e, principalmente, não fui para a cama com ele. Abri a porta e acendi as luzes, novamente ele reparou minha casa, queria perguntar qual era o problema dele com ela, mas resolvi não começar uma discussão, esperava que ele fosse embora logo. Assim que coloquei a bolsa no sofá, não sabia o que fazer com ele ali. Por que o havia convidado para entrar? Lembrei-me de Christopher na mesma posição que ele, esperando

uma atitude minha. Estava tão desconfortável quanto com Christopher.

— Você quer um café? — perguntei sentindo o vento que vinha da porta.

— Seu café é bom. — concordou ele assentindo.

O clima estava estranho, tenso. De alguma forma, eu estava mais leve, mais tranquila, mas ele ainda estava ali me olhando daquele jeito estranho e fixo, como me olhava desde a primeira vez que nos vimos. Lavei as mãos e me aproximei do armário para pegar o pote de café, mas não o alcancei. Stacie sempre que fazia café colocava o pote bem para trás, de forma que eu não o alcançava. Virei-me para pegar uma cadeira, mas no mesmo instante, Richard estava ao meu lado. Ele esticou o braço e facilmente alcançou o pote.

Dei um passo para trás a fim de lhe dar espaço, foi então que percebi que ele pegara o pote pela tampa, quando ia avisar, era tarde demais. Assim que saiu de cima do armário, o pote espatifou no chão espirrando pó de café em nós dois. Olhei

para ele, que estava com uma cara de quem havia aprontado e esperava uma bronca. Tentei segurar o riso, mas não consegui, caí na gargalhada. Sua blusa branca estava manchada de preto, enquanto ele tentava em vão, tirar o pó da roupa. Tirei seu casaco e percebi que o lindo e caro vestido preto estava repleto de pó de café entre suas rendas. Olhei para ele novamente, estava rindo também, então desistiu de tentar limpar e tirou a camisa. Não pude controlar minha surpresa ao ver seu corpo, forte, bem definido. Deu-me vontade de tocá-lo, mas rapidamente afastei esses pensamentos e descii o zíper do vestido pelas costas para tirá-lo, só então me lembrei que ele estava ali, e estava totalmente parado olhando para mim, esperando que eu terminasse de tirar o vestido.

— Pode continuar. — falou ele em um tom brincalhão.

Arqueei uma sobrancelha e dei um meio sorriso, mas tirei a mão do zíper. Rapidamente ele

se aproximou de mim, me pegando de surpresa. Estava sentindo a energia que corria entre nós, podia sentir o desejo dele vindo até mim, e voltando para ele, porque eu também o desejava. Ele colocou as mãos em minha cintura delicadamente, vendo que eu não me afastei, me puxou para junto dele. Seu corpo estava tão quente! Tão perto! Prendi minha respiração e meus pensamentos sumiram, ele soltou meu cabelo vagarosamente, então enfiou a mão entre eles puxando meu rosto para junto do seu. Seus lábios quentes tocaram de leve meu pescoço, meu rosto, o canto da minha boca, acendendo todo meu corpo. E de repente, meus sentidos voltaram e me afastei abruptamente dele. Ele me olhou com olhos arregalados, a respiração acelerada.

— Você vai limpar isso. — falei de repente.

Percebi sua respiração normalizar e ele me olhou de forma desafiadora. Parecia surpreso.

— O quê?

— O que você ouviu, você vai limpar isso. —

falei, precisava que ele se concentrasse em outra coisa que não fosse eu, minha resistência não estava das melhores naquele momento.

Ele abriu um sorriso debochado de quem não pretendia me obedecer.

— Você não vai me fazer pegar em uma vassoura.

— Claro que vou! — peguei a pá e a vassoura e entreguei a ele.

Ele continuou me encarando atônito e nem fez menção de se mexer.

— Você sabe o que eu posso fazer com você se continuar com isso. — falou ele num tom que não deu para distinguir entre ameaçador e descontraído.

— A única coisa que você pode e vai fazer agora é limpar isso. — respondi sem pestanejar.

— Está me dando ordens, senhorita de Wolle?

— Obviamente. — respondi.

Ele veio em minha direção novamente, mas me afastei rapidamente e fui para o quarto, tirar o

vestido. Tomei uma ducha rápida e vesti uma camisola, então voltei para a cozinha. Ele estava acabando de lavar as mãos, o chão totalmente limpo. Analisei o chão enquanto ele me olhava com uma expressão indecifrável.

— É, não ficou tão ruim. — brinquei.

Ele apenas sorriu. Caminhou para trás de mim e de repente me virou, me abraçando. Seu perfume permanecia forte, seu corpo ainda mais quente, não tive opção a não ser tocar seu peito, e sentir a firmeza de seus músculos estava roubando novamente meus sentidos. Ele afrouxou o abraço e encostou a testa na minha, a respiração acelerada.

— Ah Gabriella! Eu poderia te dizer que não precisa mais passar por isso, que não vai mais me ver. Na verdade, eu queria poder dizer isso, mas estaria mentindo. — então me olhou de forma dominadora. — Eu não consigo deixar você em paz, porque você me recusou. Não sou acostumado a receber um não, Gabriella, e principalmente o seu não, mexe comigo de uma

maneira inexplicável. — ele beijou minha orelha e inspirou.

Senti todos os meus músculos responderem ao seu beijo.

— Eu desejo você de uma maneira assustadora.
— sussurrou em meu ouvido.

Antes que pudesse ter qualquer reação, ele segurou firme meu rosto com as duas mãos e me beijou. Um beijo desesperado, quente, voraz. Ele gemia enquanto sua língua dominava a minha. Passou o braço em volta da minha cintura e me apertou mais ainda contra ele, contra seu peito forte, seus braços fortes, sua ereção. Senti-me derreter em seus braços, como podia desejá-lo tanto?

O beijo dele era absurdamente enlouquecedor, o toque dele me dominava, eu não tinha saída, tinha que ser dele. Ser dele. As palavras trouxeram à minha mente uma proposta feita, que estava sendo concretizada naquele momento, mesmo eu a tendo negado veementemente. Nem sei de onde arranjei

forças, mas me afastei dele e o empurrei. Ele permaneceu de olhos fechados, respirando com dificuldade. Depois de um tempo abriu os olhos, brilhavam como os de uma criança quando consegue o tão sonhado brinquedo. Ele sorriu para mim e pegou sua camisa, saindo. Antes de passar pela porta me olhou novamente, senti-me ruborizar com seu olhar e ele se foi.

Quando finalmente recuperei meus sentidos, uma ideia maluca se formava em minha cabeça. Ele me desejava, não se afastava de mim porque eu disse não. Talvez ele só precisasse de um sim, uma única vez e me deixaria em paz. Será que eu poderia fazer isso para me ver livre de uma vez por todas dele?

Passei todo o dia seguinte com a cabeça nas nuvens, não conseguia me concentrar em uma coisa por mais de dois minutos antes de simplesmente vagar pela noite anterior, pelo calor do corpo de Richard, seus braços fortes e determinados, seu beijo quente. Percebi com certo

assombro que Isabel poderia estar certa, precisava me afastar dele antes que fosse tarde demais para mim. Não que eu pudesse me apaixonar por alguém tão frio e instável, mas com certeza também não resistiria a ele por muito tempo. Cada vez mais, a ideia que tive na noite anterior, me parecia a melhor opção. Nós dois teríamos algo que realmente queríamos e nos veríamos livres um do outro na manhã seguinte.

Quando estava indo para o Hot, coloquei um vestido preto e curto, por causa do calor. Passei na casa de Stacie e deixei Ben na cama, estava praticamente desmaiado. Quando estava saindo, ela me segurou:

— Bella, o que há de verdade entre você o monstro Becker?

Gaguejei.

— Não há nada entre a gente Stacie, você sabe o quanto o odeio e a proposta ridícula que ele me fez.

— Que de repente não te parece mais tão

ridícula.

— Ia brigar, mas ela falou primeiro.

— Admita Bella, ele é simplesmente o homem mais lindo e poderoso que você conhece. Qualquer mulher se derreteria aos pés dele e ele está claramente muito interessado em você. O que foi aquilo na escola do Ben? Ele estava simplesmente cuidando de tudo e você assistindo calada? Eu nunca vi você permitir que alguém cuidasse de alguma coisa que fosse sua responsabilidade!

— Eu não sei o que ele pretendia na escola do Ben, nem pagando o tratamento e os remédios. Mas eu não estou envolvida com ele, estou pensando em uma maneira de fazê-lo desistir de mim.

— Não acho que ele vá fazer isso, ele te cerca o tempo todo. Eu diria que está obcecado.

— Não exagere Stacie! Eu preciso ir agora, mas se quiser continuar falando de Richard Becker, liga para a Isabel. Acho que ela precisa conversar sobre ele com alguém que não seja eu.

Os olhos de Stacie se arregalaram enquanto ela juntava as peças.

— É o mesmo Richard que quase acabou com a vida da sua irmã?

Assenti.

— E por que diabos você saiu com esse homem, Bella?

— Eu não tenho muita escolha, se você não percebeu o homem mais poderoso que eu conheço é também o mais cruel!

Ela ficou balançando a cabeça e resmungando que aquilo estava muito errado, que tudo estava se repetindo, que eu deveria cortar o mal logo no início. Eu me afastei e a deixei reclamando na sala. Na certa, ela e Isabel teriam assunto para a noite inteira quando Stacie contasse que eu tinha saído com ele.

A noite no Hot estava animada e a casa cheia em dia de sábado, como eu já estava acostumada. Conforme o bar ia enchendo, o calor ia ficando

mais insuportável. As pessoas mais impacientes e alguns clientes bêbados o suficiente, mais pegajosos. Às duas da manhã já estava contando os minutos para ir embora, precisava urgentemente de um banho e minha cama. Não tinha dormido nada na noite anterior pensando em uma maneira de seduzir Richard Becker, e agora estava pagando por ficar pensando nele. Meu corpo e mente estavam tão cansados, que eu mal prestava atenção no que estava fazendo. Foi quando percebi que alguém gritava comigo:

— Eu não te pedi Vodca! Eu pedi Absinto! Qual o seu problema?

O homem alto e moreno estava histérico por meu erro, olhei em meu bloco de notas e na verdade eu nem tinha anotado nenhum pedido para a mesa dele. Devo ter me lembrado que ele pedira alguma coisa, mas não me lembrava o que ele havia pedido.

— Me desculpe senhor, vou trocar o pedido.

Peguei o copo com a Vodca, mas ele arrancou o

copo da minha mão e o virou de uma vez na boca. Depois bateu com ele na mesa.

— E esse você não vai cobrar! — exigiu.

Sem abaixar a cabeça, peguei calmamente o bloco de notas e anotei o número da mesa e o valor da bebida e fui saindo, mas ele segurou meu pulso olhando a anotação no bloco de notas.

— Você não me ouviu dizer que não vou pagar essa bebida? Por que anotou?

— Se o senhor não sabe, quando um cliente entra em um bar e toma uma bebida, ela é cobrada. É assim que os comércios funcionam. Nós não distribuímos bebidas, nós as vendemos. Bebeu, pagou. — respondi.

Ele olhou para minhas pernas e me arrependi de ter ido com um vestido tão curto.

— E isso só se aplica às bebidas, porque quando comemos aqui, as meninas saem de graça. — falou me olhando maliciosamente.

Eu ia responder, mas uma voz séria e ameaçadora fez isso por mim.

— Eu tenho certeza que ele não quis dizer isso, não é mesmo Montovani?

O homem arregalou os olhos para a pessoa atrás de mim e me soltou imediatamente. Olhei para trás e avistei Richard com a expressão fechada, assustadora. Por um momento, senti uma onda de medo ao vê-lo tão ameaçador.

— Eu não emprego pessoas de mau caráter em minhas empresas, Montovani, será que me enganei com você?

— Não, senhor.

Entendi de imediato o medo na voz do homem, era empregado de Richard.

— E o que está esperando para pedir desculpas à senhorita Gabriella?

— Me desculpe senhorita, não tive a intenção.

— E o dinheiro da bebida que consumiu Montovani? Tenho certeza que o que te pago dá para bancar sua diversão.

— Claro, senhor. — respondeu ele retirando uma nota de cem e me entregando. — Pode cobrar da

mesa inteira. — disse sem olhar para meu rosto.

Fui ao caixa cobrar a bebida e quando retornei, ouvi apenas o final do que Richard estava falando.

— Acho que vai ser ótimo para você ir para casa agora, já que acaba de ser escalado para trabalhar amanhã.

O homem arregalou os olhos.

— Mas amanhã é domingo, senhor!

— Sim, esteja lá às sete em ponto.

O homem pegou o troco da minha mão e saiu cabisbaixo.

— Você não devia ter dado trabalho a ele em pleno domingo só por causa disso.

— Devia! Ele tem que aprender como se trata uma dama.

Eu sorri com a forma antiquada dele falar.

— Dama? De onde você tirou isso? E olhe em volta, nenhuma mulher aqui dentro é vista assim.

— Talvez seriam se não se vestissem com roupas tão curtas. — respondeu olhando para minhas pernas.

— Bom, como pode ver, aqui não tem ar condicionado como na sua sala. Cada um se vira como pode.

— Por que não tira a roupa de uma vez, já que é para usar essas roupas curtas! — falou ele irritado.

— Eu vou tirar senhor Becker, quando valer a pena.

Seus olhos se acenderam e seu sorriso apareceu imediatamente em seu rosto. Ele me olhava daquele jeito que me deixava sem ar, como só ele sabia.

— Me senti desafiado, senhorita de Wolle.

Dei de ombros e voltei a servir as mesas. Percebi que ele andava atrás de mim e avisei.

— Não me siga! Eu preciso trabalhar e acho melhor você ir embora.

Ele simplesmente assentiu e saiu. Fiquei estacada sem entender, ele havia aceitado uma ordem minha tão facilmente assim? Voltei a servir as mesas. Menos de dez minutos depois, Carlo se aproximou de mim com um sorriso no rosto.

— Gabriella! Está dispensada, pode ir embora.
Meu coração deu um pulo no peito.

— Por quê? O que eu fiz?

Carlo deu gargalhadas.

— Não está despedida, menina! Está dispensada por hoje, pode ir descansar.

— Mas o bar está cheio!

— E você está em todos os lugares menos aqui! Vá para casa e descanse, juro que se receber mais uma reclamação de você hoje, vou te dar umas palmadas. E não se preocupe que não descontarei no seu salário.

Assenti e saí desconfiada. Por que ele estava sendo tão compreensivo? Até dez minutos atrás ele ainda estava bravo por causa da briga. E agora simplesmente me dispensava? Então me ocorreu o que havia acontecido em dez minutos: Richard.

Assim que saí do bar, soltando finalmente meu cabelo da fita que apertava o nó, avistei Richard sentado no mesmo banco de alguns dias atrás. Aproximei-me e sentei-me ao seu lado.

— Eu vou dormir até tarde quando chegar em casa, mas você pelo visto tem que trabalhar de manhã.

Ele deu um meio sorriso.

— Tenho uma reunião às nove. Vai ser divertido, se quiser ir comigo.

— Eu não estarei acordada às nove.

Ele sorriu.

— Me disseram que você era sempre mal humorado, mas até que você sorri com frequência.

— observei.

— Isso só acontece quando estou com você. Você me faz rir.

— Que bom que eu sirvo para alguma coisa. — comentei pegando minha bolsa e me levantando para ir embora.

— Não foi divertido você ter me deixado para ir falar com o Christopher ontem. — falou ele de repente com a voz carregada.

Eu já havia dado alguns passos, mas parei e respondi sem olhar para trás.

— E também não foi divertido você tentar controlar com quem eu falo ou deixo de falar.

Ele parou na minha frente, a expressão calma de segundos antes havia desaparecido.

— Eu te avisei para ficar longe do Christopher!

— E eu não sei por que acha que manda em mim.

Ele respirou fundo e fechou os olhos, depois tirou a chave do carro do bolso e apertou fazendo o barulho do carro sendo destravado.

— Você não vai embora sozinha com esse vestido curto.

Eu sorri.

— Você é mesmo assim tão antiquado?

Ele me olhou confuso, então expliquei.

— Você chama as mulheres de damas e é contra roupas curtas, em que mundo você vive?

— Eu não sou contra roupas curtas. Só não quero que todos as vejam em você.

Levantei as palmas das mãos numa expressão de “o que você tem a ver com isso?”. Mas ele me

puxou pela mão me arrastando para o carro. Eu resisti e me soltei do seu aperto.

— Eu não quero entrar no seu carro.

Ele sorriu seu sorriso mais perverso e delicioso.

— Está com medo Gabriella? De ficar sozinha comigo depois de ter me desafiado?

Eu sorri impaciente.

— Adoro suas segundas intenções, mas está muito quente e prefiro pegar um ar fresco.

Ele apertou novamente a chave e o carro piscou fazendo um barulho indicando que estava travado. Então ele pegou minha mão.

— Vamos andando então.

Caminhamos em silêncio até chegar a minha rua. Por algum motivo desconhecido, eu estava tensa desde que ele pegou minha mão e começou a caminhar comigo. E, chegando perto da minha casa entendi o porquê. Ele ia querer entrar, e eu não queria que ele entrasse porque sabia muito bem onde acabaríamos. E esse era meu plano e eu deveria querer executá-lo logo, mas não queria

que ele conseguisse tão fácil. Ele precisava correr mais atrás de mim. Finalmente, ele começou a falar.

— Eu detesto quando você me contraria, detesto que me responda, me desobedeça e diga não.

Fui pega de surpresa com o assunto repentino.

— Eu chantageei você porque me disse não. Você foi a primeira mulher a me dizer não e eu não gosto de ser rejeitado.

Senti certa dor quando ele disse a última frase e automaticamente apertei sua mão. Mas no mesmo instante pensei que meu plano era perfeito, assim que eu dissesse sim ele perderia o encanto por mim e me deixaria em paz. E de repente, senti um aperto no peito ao pensar nisso.

— Eu não estou acostumada a obedecer, Richard. Nunca fui submissa a ninguém.

Ele assentiu.

— Eu não sabia que seu pai era do ramo da música. Eu já tinha ouvido falar dele, só não sabia que era seu pai. — comentou ele.

Surpreendi-me novamente com a mudança brusca de assunto.

— Seus capangas não fizeram um bom trabalho com aquele dossiê, então.

Ele sorriu.

— Mandeí que descobrissem tudo sobre você, mas não entrei em detalhes quanto ao resto de sua família.

— Bom saber que pelo menos alguém pode ter sua privacidade. Você fez isso com a Isabel também?

Ele me olhou e diminuiu um pouco os passos, andando mais devagar conforme nos aproximávamos.

— Você sabe sobre a Isabel, eu quis que você soubesse.

— Eu descobriria de qualquer jeito.

— Eu sei, e não pretendia tentar esconder. Só quero que saiba que não fazia ideia de que vocês duas eram irmãs. Minha... — ele pareceu pensar em uma palavra, por fim, completou... —

obsessão por você, nada tem a ver com ela. É um mérito totalmente seu.

— Quer que eu me sinta honrada?

— Quero que entenda, senhorita atrevida, que o que eu quero com você, é simplesmente por ser você. Não tem nada a ver com ela. Não tem nada a ver com ninguém. Finalmente, não tem nada a ver com ninguém.

Não entendi o que ele quis dizer, mas ele prosseguiu...

— E eu quis que você soubesse quem eu era, antes de darmos o passo.

O passo. Merda! Ele disse O passo, e minhas pernas tremeram levemente. Um sorriso malicioso brotou em seu rosto, minha mão estava suando e ele sabia que isso era efeito de suas palavras. Tentei mudar seu foco, e o meu.

— Não sabia que éramos irmãs. Mas isso não muda o fato de você tê-la feito sofrer.

— Não muda. Mas entenda que sou um homem. Isabel era uma mulher adulta. Nunca prometi

nada além de prazer, e isso, ela teve. Ela foi mais uma.

— Assim como eu seria.

Ele sorriu.

— Você já é muito mais do que isso. E não tive a intenção de fazê-la sofrer. Mal me lembrava dela, como eu disse, ela foi apenas mais uma.

— Mais uma dessas que você seduz e abandona. Mais uma que você machucou com seu jeito arrogante. As pessoas têm sentimentos, sabia Richard? Você pode não conhecer isso, mas as pessoas sim. Não pode sair por aí brincando com mais uma a cada noite.

Ele apertou minha mão para que eu não a soltasse, e me encarou de lado, a expressão novamente carregada, um misto de raiva e dor.

— Você faz uma ideia muito errada de mim, Gabriella. Eu não sou tão mau.

As palavras de Isabel voltavam a minha mente “Ele pode parecer mau, mas no fundo só tem seus fantasmas, coisas que não consegue superar.” E

cada vez eu entendia menos Richard Becker.

— Mas ninguém gosta de você. — constatei.

— As pessoas têm medo de mim.

— O Christopher não, ele não gosta mesmo de você.

Sua expressão se fechou ainda mais.

— Por que está falando do Christopher? Não dá para ter uma conversa agradável com você! — rosnou.

Ainda estava confusa sobre suas atitudes, suas palavras, o que ele mostrava, o que parecia ser. Não conseguia chegar a uma conclusão sobre o monstro ao meu lado. Não conseguia mais enxergá-lo apenas como um monstro, depois do que ele fez por Ben, se tornou muito mais perigoso para mim.

Quando paramos na porta da minha casa, ele me prensou na parede de repente, passando cada braço de um lado do meu rosto e encostando seu corpo ao meu. Já sentia minha respiração falhar quando ele sussurrou no meu ouvido.

— Tenho uma nova proposta para você.

— Que vai me fazer virar a mão na sua cara de novo?

Ele riu.

— Não, você nunca mais vai fazer aquilo de novo. Mas te procuro esta tarde para conversarmos. Falamo-nos depois. — ele se afastou e eu o puxei pelo braço.

— Ei! Fala logo!

Ele sorriu e voltou à posição anterior, me deixando sem ar novamente.

— Talvez você queira me convidar para entrar e aí nós terminamos essa conversa.

— Não, acho que prefiro ficar curiosa.

Ele deu uma gargalhada e mordeu meu lábio inferior vagarosamente. Todo o meu corpo pareceu despertar e eu me contive para não agarrá-lo ali mesmo.

— Eu acho que está realmente com medo de ficar sozinha comigo. — falou ele pressionando a ereção em minha coxa e lambendo a curvatura do

meu maxilar até meu pescoço.

Aquilo foi demais, quando percebi sua língua já estava na minha boca e minhas pernas estavam em volta de sua cintura. Suas mãos percorreram minhas coxas e apertaram minha bunda. Seu beijo foi ficando mais quente, mais urgente. Ele me colocou novamente no chão e parou de me beijar por alguns segundos para me mandar abrir a porta. Então voltou a tomar meus lábios.

Com dificuldade, enfiei a mão na bolsa à procura da chave, e só quando estava com ela na mão, me dei conta do que estava fazendo. Eu é que deveria seduzi-lo e não o contrário. Abri a porta com dificuldade e me afastei dele o empurrando.

— Boa noite Richard. — falei entrando às pressas e trancando rapidamente a porta.

Sentei-me sem forças no chão enquanto recuperava meu fôlego. Minha resistência merecia uma medalha de ouro.

Acordei de repente com o dia quase

amanhecendo, meu celular estava tocando. Atendi sonolenta, sem olhar quem era e de má vontade.

— O que foi! — resmunguei.

-Bom dia garota! Te acordei? — a voz de Richard era rouca e quente, ele quase sussurrava, como se estivesse fazendo alguma coisa errada. Meu corpo acordou no mesmo instante.

— O que você acha? Já viu que horas são? — olhei no relógio e eram quinze paras as seis.

— Queria te falar da proposta.

— Agora? Achei que tivesse uma reunião às nove. Não deveria estar dormindo? — meu tom de voz já estava mais calmo, quase divertido.

— Tem razão, talvez eu deva passar aí mais tarde.

Peguei-me sorrindo com a ideia.

— Talvez. — respondi.

Ele suspirou.

— Ainda não acredito que você fechou a porta. Você está acabando comigo, Gabriella.

— E eu quase me arrependi quando fiz isso. —

falei sendo mais sincera do que deveria.

Ele ficou em silêncio por um instante, depois disse da forma mais lenta possível.

— Não me faça ir até aí agora.

Minha respiração falhou só pela forma como ele havia pronunciado a frase, já estava imaginando todas as promessas escondidas nela. Como ele conseguia me deixar tão excitada estando longe?

— Você vai dar com a cara na porta. — respondi antes que ele realmente fizesse aquilo.

— Talvez eu tenha uma cópia da chave.

— Se você tiver, senhor Becker, juro que chamo a polícia.

Ele deu uma gargalhada.

— Vou deixar você dormir. — disse por fim.

— Como se eu fosse dormir depois disso. — respondi novamente sendo mais sincera do que planejava.

— Está realmente me tentando a ir até aí, Gabriella! — reclamou ele.

— Tudo bem, estou indo dormir. — falei

desligando o telefone.

Capítulo SETE

Ben acordou mais agitado que o normal e resolvemos tomar café em uma lanchonete que ele adorava. Havia alguns brinquedos e outras crianças, e Ben comia bem melhor quando íamos lá, o que era raro. Ele comeu tudo, embora tenha reclamado bastante e enrolado, eu imaginava como devia ser ruim não sentir direito o gosto da comida, mas ele precisava se alimentar bem. Apenas quando terminou, o deixei sair, e ele sumiu no meio das outras crianças. Fiquei sentada na mesa sozinha tentando me concentrar no jornal. Minha concentração estava falhando muito ultimamente.

Foi então que alguém se sentou na minha frente e o sorriso contagiante de Christopher veio junto com seu animado bom dia.

— Trouxe o irmão para brincar? — perguntou ele.

Assenti.

— Então, o que há de verdade entre você e o Richard?

— Além de chantagens e propostas? Nada. — disse com certa tristeza.

Ele me olhou, estava me avaliando. Mantive o olhar fixo no dele.

— Então por que parece que não tem certeza disso?

— Eu tenho. Aonde quer chegar com isso?

— Só quero saber se o caminho está livre, se podemos ser algo mais.

Eu tinha acabado de levar um copo de água em minha boca, mas engasguei no mesmo instante.

— Não tem problema, acho que podemos ser bons amigos.

Ele deu uma gargalhada.

— Eu não sou amigo de mulheres bonitas como você, Gabriella.

Eu sorri também.

— Não estou procurando um relacionamento agora, Christopher.

— Mas eu posso te convencer a querer ser mais que minha amiga.

— Ou eu posso te convencer a querer ser apenas meu amigo. — falei.

Ele sorriu e me avaliou de cima a baixo, rapidamente cobri minhas pernas.

— Não, acho que não.

Pouco tempo depois estava dando gargalhadas com ele, até a forma como ele me cantava era divertida. Christopher Becker era tão diferente de Richard! Tão mais descomplicado, mais divertido, mais vivo! Eu realmente adorava a companhia dele. Fomos caminhando lentamente até minha casa, enquanto Ben corria na frente, e achei que a forma como ele correu naquele dia estava diferente, sei lá, ele parecia mais lento, e parava mais vezes durante o percurso.

— Quantos irmãos você tem? — perguntei mudando de assunto, já que Christopher insistia em falar mal de Richard e eu não precisava de uma campanha negativa contra Richard para saber

que ele não prestava.

— Filhos dos meus pais mesmo, somos quatro. E tem mais um adotivo, mas é muito novo e rebelde e não gosta do dinheiro da família.

Eu sorri.

— Quatro? E são todos chatos como o Richard ou relaxados como você?

Ele abriu um imenso sorriso, mas percebi que ficou sério na hora de responder.

— Somos todos, inclusive o Richard, a imagem dos meus pais, fomos criados assim, sabendo que somos melhores que os outros e que não temos que abaixar a cabeça e nem obedecer a ordens de mais ninguém.

Senti um vento frio na espinha quando me lembrei das palavras de Damy avisando que nenhum Becker era bom.

— Você também é assim? Como o Richard?

— De certa forma. Eu não sou tão frio como o Richard, somente nosso irmão caçula, Alexander, que o idolatra e quer ser igual a ele. Ambos são

frios e não têm escrúpulos, são capazes de qualquer coisa para conseguirem o que querem. Mas esse é um mal que predomina a família Becker. Cate, minha única irmã é a pior de todos nós. E Erick, o adotivo, é o mais... — ele tentava encontrar a palavra — humano, eu acho. Mas ele não cresceu exatamente com a gente, se manteve longe da criação que tivemos.

Eu não disse mais nada, ele não achava que ele e o irmão eram humanos? Que espécie de criação eles tiveram afinal? E aquilo do Richard ser sem escrúpulos para conseguir o que quer descrevia exatamente o que ele próprio tinha me dito, que tinha me chantageado porque não podia ouvir não como resposta.

Soou um alarme dentro da minha cabeça que eu deveria mesmo me afastar dos Becker. Então ouvi novamente a voz de Christopher, ele ainda estava falando.

— Eu quero ser melhor que isso, Gabriella. Não quero ser um Richard da vida, alguém que

ninguém suporta. Eu não me importo de ser presidente da companhia, como ele, não me esforço muito com as coisas ligadas ao dinheiro. Richard é frio demais, calculista demais. Eu não quero ser assim.

Eu apenas assenti enquanto chegávamos a minha casa. Christopher sempre falava de Richard, mas Richard nem gostava de falar de Christopher. E por mais louco que fosse, eu achava que Richard era quem estava mais certo e que Christopher não deveria ficar falando assim do irmão, por mais que ele apenas estivesse tentando me alertar.

— Você quer entrar? — perguntei.

— Não, obrigado. Tenho que dar um pulo na Orion.

— Orion?

— Sim, é o nome da filial da gravadora. Nos vemos na quarta?

— O que tem na quarta?

— Uma surpresa. — respondeu ele me dando um

beijo no rosto e saindo.

Eu fiquei esperando o telefone tocar o resto do dia, olhava em meu celular toda hora, mas nem sinal de Richard. Não era possível que aquela reunião das nove estivesse demorando tanto para acabar!

No Hot fiquei de olho em todos que entravam, mas ele não apareceu por lá. Quando estava indo embora, procurei pela Range Rover preta do lado de fora, mas ele realmente não tinha ido.

Cheguei em casa com raiva, por que afinal de contas estava esperando por ele? Porque ele dissera que passaria lá em casa, talvez, e a idiota aqui ficou esperando! Como eu era boba! Eu é que deveria estar no controle, não ele! Eu estava caindo em seu jogo de sedução, ele sabia ser esperto. Mas isso não aconteceria de novo, ele pagaria por ter me feito esperar.

Na segunda-feira, busquei Ben na escola no carro emprestado de Layla, não podia andar com

meu Uno enquanto não consertasse o amassado na lataria da frente e sabia que aquilo não aconteceria tão cedo. O levei direto para a quimioterapia, tive um fio de esperança que Richard aparecesse por lá, mas ele não apareceu.

Ben sempre saía da quimioterapia cansado e triste, eu sabia que ele sofria com todas aquelas agulhas no corpo, mas nesse dia em especial, ele estava ainda mais quieto. Comprei um sorvete no caminho, mas ele nem quis tomar e eu já sabia que alguma coisa estava errada. Ele mal entrou em casa e deitou-se no sofá com as mãozinhas rodeando a barriga.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Sim, estou com fome.

Fui fazer a janta de olho nele, poucos minutos depois, percebi que ele chorava baixinho, tentando esconder-se com uma almofada, abafando o choro. Aproximei-me dele em pânico.

— Ben, o que foi?

Ele balançou a cabeça como se não fosse nada,

mas continuava com as mãozinhas em volta da barriga.

— Ben, meu querido, eu preciso que confie em mim. Está doendo aqui? — perguntei colocando a mão em sua barriga.

Ele negou com a cabeça.

— Então está doendo aqui? — coloquei a mão um pouco para cima no lado esquerdo.

Novamente ele balançou a cabeça negativamente. Não era nada no estômago. Então coloquei a mão do lado direito, onde ficava seu rim e ele gemeu baixo. Eu me sentei no chão por um momento, não era a primeira vez que Ben se queixava de dor no rim, um ano antes ele chegou a ter areia no rim direito, mas foi tratado com chás, por causa da grande quantidade de remédios que já tomava na quimioterapia. Devia ter voltado. Peguei minha bolsa e um casaco para Ben e o peguei no colo.

Já estava aguardando há algum tempo por notícias de Ben quando meu celular tocou. Era

uma mensagem de Richard:

“Festa na quinta-feira às 22:00, escolha um vestido no Glitter’s, tem que ser elegante e nada de preto.”

Quem ele pensava que era? Dizia que ia passar lá em casa, sumia e agora simplesmente me mandava uma mensagem? Eu respondi:

“Nosso acordo foi por apenas uma noite. E eu tenho vestidos, não preciso de nada seu.”

Pouco depois, meu celular tocou, atendi de má vontade.

— O que foi?

— Gabriella isso é sério! Essa festa é muito importante, é a primeira vez que vou a um evento como esse! Tem que sair tudo perfeito. Esses clientes estão pensando em deixar a gravadora e é importante que confiem em mim...

Ele tagarelava, mas avistei o médico de Ben saindo do consultório e me despedi rapidamente.

— Não estou interessada, tchau. —corri até ele.

— Como ele está? Está com areia no rim de novo?

— Está melhor agora que foi medicado e está sedado.

Eu me assustei por terem sedado Ben.

— Por que sedado? O que há com ele?

— Se acalme Gabriella, será que pode ligar para o seu namorado?

— Meu namorado? — me lembrei que o doutor Ferraresi achava que Richard era meu namorado.

— Ele não pode vir agora. Por quê? Terei que comprar alguma coisa? O que está acontecendo?

— Meu tom de voz beirava o histerismo que estava sentindo naquele momento.

— Gabriella se acalme ou terei que sedar você também!

— Eu quero vê-lo. Onde ele está?

O médico me guiou até um quarto onde Ben dormia calmamente.

— Ele vem se queixando de dor há quanto tempo? — perguntou o médico, sério.

— Foi a segunda vez. Na semana passada ele estava com a mão na barriga, mas disse que não era nada. Hoje ele não conseguiu esconder. O que há com ele? Está com areia novamente no rim?

— Não. Temo que desta vez seja mais grave. Acho que os remédios novos estão agravando tudo, ele tem que se acostumar a eles primeiro.

— O que ele tem exatamente?

— Está com pedras no rim direito e o rim esquerdo está muito comprometido.

— Como comprometido? Comprometido com o quê?

— Gabriella eu gostaria que tivéssemos essa conversa na presença do seu namorado.

— Eu já disse que ele não pode vir! Qual o problema? — eu já estava aos berros e as lágrimas saíam dos meus olhos.

— Você não tem dinheiro para pagar os exames, esse é o problema. Não podemos aguardar pelo

SUS, precisa fazê-los agora! Então sugiro que ligue para o seu namorado para que possamos fazer os outros exames em Benjamim.

Pedir dinheiro a Richard? Eu não podia fazer aquilo.

— Eu tenho dinheiro, quanto vai ficar os exames?

— Não seja orgulhosa Gabriella, você não pode pagar.

— Me diga quanto vai ficar.

— Você anda muito nervosa, Gabriella. Por que não liga para o seu namorado...

— Porque ele não é o pai do Ben! — gritei. — Ele não tem que pagar mais nada! Que droga!

Dois enfermeiros se aproximaram de mim e eu tentei me soltar, mas eles eram mais fortes, então uma terceira enfermeira se aproximou de mim com uma agulha na mão, enquanto o doutor Ferraresi me dizia que era apenas para me acalmar, e eu não vi mais nada.

Acordei com uma forte dor de cabeça e sentindo

algo quente nas mãos. Abri os olhos e percebi que estava em uma cama no hospital, Richard estava sentado na beira da cama segurando minha mão, com a cabeça baixa e os olhos cheios de lágrimas. Soltei-me da mão dele e me sentei procurando por Ben. Ele me olhou assustado e não disse nada, acho que esperando que eu dissesse alguma coisa. Mas minha cabeça estava confusa, eu nem me lembrava como havia ido parar ali, mas estava ainda vestindo minha própria roupa, então eles só deviam ter me dado algum calmante. Richard parecia abatido e triste, e comecei a imaginar o motivo de sua tristeza, foi então que me ocorreu:

— Ben! — falei e tentei me levantar, mas ele me pegou e me prendeu em seu colo tentando me acalmar.

— Ele está bem, se acalme! Ele já fez todos os exames que tinha que fazer e está dormindo agora. — vendo que eu estava mais calma, me colocou novamente na cama. — Como está se sentindo?

— Acho que estou bem. Ele fez todos os

exames? Sozinho? — Ben sempre teve medo de agulhas e alguém tinha que segurar sua mão para confortá-lo quando tinha algum exame para fazer.

— Não, eu estava com ele. Ele chamou por você, mas estava apagada. Ele está realmente bem, mais calmo que você, se quer saber.

Respirei aliviada recostando-me no travesseiro. Então liguei as coisas.

— Ele fez todos os exames? Quanto deu tudo isso? Eu quero te pagar cada centavo.

Ele pareceu ofendido.

— Você não tem que fazer isso. Não me fará falta esse dinheiro.

— Não importa. Eu quero pagar cada centavo do que gastou com o Ben. Só me diga quanto deu todos os exames.

Ele bufou.

— Não vou aceitar dinheiro de você. Se quiser me pagar, aceite minha proposta. Vá comigo a festa de quinta-feira. E a todas as outras que eu precisar da sua companhia. Em troca, eu banco

tudo relacionado à saúde do Ben, sempre.

— E eu continuo sendo sua puta.

— Não se continuar fechando a porta. —
respondeu ele com um meio sorriso que não alcançou seus olhos, que estavam tristes.

Eu suspirei e me levantei da cama, ainda estava meio zonzinha por causa do calmante e Richard rapidamente me segurou.

— O que está fazendo?

— Quero ver o Ben.

Ele assentiu e me pegou no colo, me levando até o quarto onde Ben dormia com um sorriso tranquilo nos lábios.

Ben recebeu alta a noite e Richard nos levou em casa e mandou Charles devolver o carro de Layla.

— Imagino que não vá trabalhar hoje.

— É minha folga.

Ele colocou Ben na cama e eu tirei cuidadosamente sua roupa e coloquei seu pijama, então o cobri e saímos de seu quarto.

— Você parece cansado. — comentei com Richard.

— Me sentiria melhor se me oferecesse um café.

Assenti e fui fazer o café para ele. Então a raiva por ele não ter aparecido no dia anterior começou a dominar meus pensamentos.

— Você vai comigo à festa?

— Não é como se eu tivesse outra escolha. — respondi e ele sorriu.

— Isabel te disse para ficar longe de mim? — perguntou ele.

— Sim, ela disse que vou me apaixonar por você e você não sabe amar.

Ele sorriu.

— E mesmo sabendo disso vai sair comigo na quinta?

— Eu não estou saindo com você Richard, estou fazendo o meu papel. E mesmo porque não tem a menor chance de eu me apaixonar por você.

Ele ficou sério de repente.

— Como pode ter tanta certeza?

— Gosto de caras que me façam rir.

Ele se levantou da cadeira com uma expressão irritada e pegou o café que eu tinha acabado de passar para a garrafa. Entre um gole e outro, comentou:

— Como o Christopher faz?

Eu o olhei surpresa.

— Sei que passou o dia quase todo com ele.

— Isso não é da sua conta.

Ele bateu o copo na pia e saiu, quando estava na porta, olhou para mim, parecia realmente triste. Achei que estivesse com algum problema, pois quando eu acordei no hospital ele já estava com aquela expressão no rosto.

— Você podia ao menos me agradecer, Gabriella.

Eu coloquei minha xícara de café no balcão, ainda não tinha tomado um gole, e me aproximei dele, na porta. Ia afrontá-lo e perguntar se ele fazia as coisas esperando algo em troca, mas apenas me aproximei e passei os braços por sua cintura

encostando a cabeça em seu ombro. Eu não sabia por que estava fazendo aquilo, mas me senti melhor no momento em que ele me puxou mais para junto dele e afagou meu cabelo.

— Obrigada. — falei me afastando um pouco dele, que segurou minha cabeça entre as mãos e me deu um beijo leve nos lábios.

— Você já me deu muito trabalho por hoje. — respondeu ele me soltando e indo embora.

Na manhã seguinte, Ben parecia bem melhor. Embora tivesse recebido ordens médicas para ficar na cama, corria pela casa inteira e insistia em ir para a rua. Por volta das duas da tarde, Christopher apareceu em minha casa com um sorriso travesso nos lábios e um brilho nos olhos.

— Você vai adorar a surpresa que preparei para você. Isso é, se for realmente corajosa como acho que é.

Eu sorri com o entusiasmo dele.

— Adoraria descobrir sua surpresa, mas não

posso sair hoje, preciso ficar de olho no Ben.

— Você pode levá-lo.

— Ele não pode fazer muito esforço.

Christopher passou o braço pela minha cintura, sorrindo.

— Senhorita, para onde vamos, tenho certeza que ele vai ficar louco só de olhar, e não vai ter coragem de fazer com a gente.

Meus olhos arregalaram.

— Para onde vamos, afinal? Já te aviso que não sou tão corajosa.

Por fim, Christopher conseguiu me deixar curiosa o suficiente para vestir Ben e levá-lo com a gente para o lugar misterioso.

Ao chegar ao local, Ben logo demonstrou seu entusiasmo com o que veria, e como Christopher dissera, não teve coragem nem de chegar muito perto.

Mas lá estava eu, no alto de uma montanha sendo amarrada nas coxas por um desconhecido, ele era o instrutor e estava garantindo que eu

estivesse segura quando saltasse da asa delta. Evitei olhar para baixo para não desistir em cima da hora, era uma coisa que eu sempre quis fazer e era a oportunidade perfeita. Mesmo porque eu saltaria com um profissional, o que me deixava mais tranquila. Só quando percebi Christopher se amarrando atrás de mim, entrei em pânico.

— Aonde você vai?

— Vamos pular de asa delta, esqueceu? — falou ele sorrindo.

— Eu não vou pular com você, eu quero um instrutor profissional.

Christopher deu gargalhadas.

— Eu sou profissional, Gabriella.

— Desde quando?

— Salto desde pequeno, acha mesmo que eu arriscaria nossa vida assim?

Assenti.

— Você é um Becker, eu espero qualquer coisa de você.

Ele sorriu mais ainda.

— Não se preocupe, eu detesto meu irmão, mas não pretendo matar a namoradinha dele.

Fiz uma careta pela forma como ele falou de mim.

A sensação de voar era de total liberdade, como se eu pudesse fazer qualquer coisa, o vento forte soprava meu rosto e era como se o mundo estivesse me acariciando e dizendo que não havia limites. Fechei os olhos, os braços abertos, por um momento esqueci tudo que me atormentava nos últimos dias, queria ficar muito mais tempo, mas o torpor de uma experiência inesquecível foi acabando conforme a asa delta foi descendo. Quando abri os olhos e olhei para o chão, o pânico tomou conta de mim e comecei a me balançar.

— Fique quieta! Quer que nós dois espatifemos no chão? — gritou Christopher.

— É exatamente para onde estamos indo! — gritei.

— Eu sei aterrissar, Gabriella. Por que não confia em mim pelo menos uma vez?

Conforme a asa delta foi virando para aterrissar, percebi algo brilhando abaixo de nós.

— Chris não aterrissa na água! Chris vira a direção para depois da água!

Percebi que ele ria, mas aparentemente tentava desviar a asa delta da poça de água que nos aguardava, e ainda não sei se foi de propósito, mas foi exatamente onde fomos parar, caindo com tudo na água. Ele dava gargalhadas me soltando das cordas enquanto eu estava histérica e louca para bater nele.

— Desculpe senhorita, eu só achei que você não daria conta de correr para aterrissar, esse foi o caminho mais fácil.

Eu bufei e saí da água batendo os pés.

Quando chegamos novamente no alto, um homem foi com um jipe nos resgatar lá embaixo, Ben estava com um brilho de admiração nos olhos. Ele correu até mim e mesmo eu tentando afastá-lo porque estava toda molhada, e me abraçou.

— Que lindo, Bella! Você é tão corajosa! Queria que o Richard visse você!

Percebi Christopher torcer o nariz com a menção de Ben ao irmão, mas eu também tive a mesma atitude. Foi então que avistei um terno azul marinho se aproximando. Ali estava Charles, seus grandes olhos cinza estavam de observando Christopher, como se tivesse medo dele.

— O senhor Richard quer vê-la, agora.

Christopher caiu na gargalhada.

— É claro que ele quer, vai querer toda vez que sairmos juntos.

— É importante, senhorita Gabriella. — insistiu Charles.

— Eu preciso de um banho Charles, diga ao Richard que o procuro em seguida.

— Ele não gosta de ser contrariado, senhorita Gabriella.

— E eu não gosto de receber ordens, Charles. Ou ele vai me ver a hora que eu quiser ir, ou ele não vai me ver, a escolha é dele.

Peguei Ben pela mão e entramos no carro de Christopher, que ficou pensativo até sairmos do parque.

Depois de um tempo, ele falou:

— Você vai à festa amanhã com o Richard?

Eu assenti.

— É estranho ele ter sido convidado, é uma festa de casais, ele nunca é convidado. Se ele vai levar você quer dizer que vai te apresentar a sociedade como namorada dele.

Senti meu estômago dar um nó, ele não ia fazer isso, de jeito nenhum. Eu era apenas mais uma dentre muitas de suas conquistas. Assim que fosse para a cama com ele, desistiria de mim, jamais me apresentaria como namorada.

— Você está pronta para isso? — perguntou-me Christopher.

— O quê? — eu não estava prestando atenção na conversa dele.

— Todos vão te julgar, se te incomodou a forma como te olharam no coquetel, nessa festa será mil

vezes pior. Ninguém gosta do Richard e você será só mais uma interesseira que completa a lista dele. Dei de ombros.

— Como pode não se importar? — gritou ele e olhei imediatamente para Ben, com olhos arregalados no banco de trás.

Christopher seguiu meu olhar e se conteve. Na metade do caminho Ben já estava dormindo no banco de trás do carro e Christopher falou novamente:

— Por que você está com ele? — perguntou apontando para Ben.

— Minha mãe faleceu.

— E você é a única parente dele viva?

— Não, tem minha irmã mais velha, mas ela não pode vir ficar com ele.

— Por que não?

— Porque ela tem uma vida que batalhou para conseguir e não pode simplesmente largar tudo.

— E você não tinha?

Eu ia responder, mas apenas dei de ombros.

— O que ele tem? Por que parece sempre tão pálido e o seu cabelo está ralo?

— Ele tem leucemia. Os médicos achavam que ele não chegaria a essa idade, mas ele tem surpreendido a todos.

Christopher olhou para mim e depois para Ben e ficou o resto da viagem calado.

Quando desci do carro, avistei a Range Rover de Richard estacionada na calçada, Christopher também pareceu ter percebido, pois desceu do carro e se prostrou ao meu lado como se estivesse marcando território. Richard desceu do carro, seus olhos verdes transbordavam raiva e sua boca era apenas uma linha reta e tensa. Ele estava muito nervoso. Aproximou-se de nós olhando Chris de forma ameaçadora, mas ele pareceu não se abalar. Fingi que nada estava acontecendo e abri a porta do carro para pegar Ben enquanto Richard falava.

— Isso são horas?

— Não te devo satisfações. — respondi apenas.

Richard percebeu que eu ia pegar Ben e praticamente me empurrou entrando na minha frente e o pegando no colo.

— Não toque no menino molhada desse jeito. Quer que ele pegue uma gripe?

Eu apenas assenti e saí na frente para abrir a porta. Percebi que Christopher entrou atrás de Richard, mas não conseguia imaginar o que ele pretendia.

— Obrigada pelo passeio Chris, foi ótimo.

— Tenho muitas outras coisas para te mostrar.
— falou ele, e percebendo que Richard estava de volta, me puxou de repente pela cintura e beijou o canto da minha boca.

Eu me afastei bem a tempo de trombar em Richard atrás de mim. Ele estava tenso, seus músculos enrijecidos, estava com os punhos cerrados.

— Eu mandei você ficar longe dela, Christopher!

— Eu avisei que não tinha essa pretensão.

Richard deu um passo na direção de Christopher

e eu entrei na frente.

— Querem parar vocês dois! Estão malucos? Não vão fazer isso na minha casa!

Richard respirou fundo enquanto Christopher ria.

— Qual o problema, Richard? Não confia no seu taco? Claro que não! Você já sabe o que vai acontecer.

Eu não sabia do que ele estava falando, mas a expressão nos olhos de Richard foi de dor e ele passou por mim, partindo para cima de Christopher que desviou por pouco do punho dele. Richard levantou o pulso novamente, e eu num impulso de pura loucura entrei na sua frente, ele freou o pulso a centímetros do meu rosto. Olhou-me com olhos arregalados e estava branco. Sua respiração parecia presa na garganta.

— Chega com isso. — falei com a voz mais calma que pude. — Richard, por favor, chega. — eu me arrisquei a tocar os ombros dele e ele pareceu relaxar um pouco. Então me puxou pela cintura e me abraçou muito forte, mas eu não

tentei me desvencilhar, esperei que ele se acalmasse.

Quando ele me soltou, a expressão de Christopher era assustadora, ele parecia aturdido, quase ofendido.

— Vai embora. — falou Richard secamente, encarando Christopher.

— A casa não é sua. — respondeu ele.

— Christopher, por favor, a gente se fala depois. É melhor você ir agora. — insisti.

Ele me olhou com descrença, parecia ferido. Então se virou sem dizer uma palavra e saiu batendo a porta. Assim que a porta se fechou diante de nós, Richard me puxou pelo pulso, parecia novamente descontrolado.

— Que diabos estava fazendo com ele? Por que está toda molhada? Você quer me matar, Gabriella?

— Está me machucando! — gritei.

Ele me soltou, mais que isso, me empurrou para frente e ficou dando voltas na sala.

— O que há entre vocês dois? Você está interessada nele?

La responder que não era da conta dele, mas ele já estava nervoso o suficiente. Então cruzei os braços para que ele entendesse que realmente não tinha nada a ver com aquilo, mas respondi.

— Ele é meu amigo.

Richard deu uma gargalhada, mas era carregada de raiva.

— Amigo? Christopher não é amigo de mulheres bonitas como você Gabriella, principalmente se elas estiverem comigo.

— Eu não estou com você. — falei com toda calma possível.

Ele se aproximou de mim novamente, seu rosto parando a centímetros do meu.

— E está com ele? Por isso está molhada desse jeito? Você fez com ele o que finge não querer fazer comigo?

Eu levantei a minha mão para bater na cara dele, mas ele a segurou e me puxou pelo pulso

para junto dele. Em segundos suas mãos estavam dentro da minha blusa tomando minhas costas e seus lábios urgentes tomaram os meus, eu mal conseguia respirar. Ele me beijava com uma urgência e uma voracidade que estavam deixando minhas pernas bambas. Empurrou-me até a parede e me levantou pelas coxas, passando minhas pernas ao redor de sua cintura, enquanto fazia questão de pressionar sua ereção em minhas coxas através da calça jeans que eu usava. Quando finalmente libertou meus lábios, desceu a língua pelo meu pescoço, eu sabia que precisava pará-lo, mas estava totalmente sem forças. Agarrei seu cabelo e o preendi ainda mais em mim. Mordeu minha orelha e sua língua quente estava de novo na minha, mais urgente, mais voraz. Ele gemeu na minha boca enquanto tocava minhas coxas através da calça. Então, no segundo em que parou de me beijar, sussurrou:

— Você tem que ser minha! Minha! Não dele!

Senti-me como um objeto sendo disputado pelos

irmãos Becker, então consegui puxar seu cabelo afastando seu rosto do meu.

— Me solta, agora! — ordenei.

Ele deu um passo para trás me desencostando da parede e me colocou no chão.

— O que foi que eu fiz? — perguntou confuso.

— Você nasceu! Foi isso que você fez! Vai embora! — gritei e entrei para o quarto.

Ele me seguiu enquanto eu tirava minha blusa e minha calça, fingi que ele não estava ali, mas resolvi tirar a lingerie no banheiro. Entrei no banheiro, deixando a porta aberta.

Por um momento, pensei que se ele entrasse eu não resistiria, mas respirei fundo me dando conta que poderia resistir, sim. Entrei no banho, a água quente me fez fechar os olhos e esquecer tudo por um momento. Demorei mais do que devia embaixo do chuveiro e quando abri o box, ele estava no banheiro, eu continuei fingindo que ele não estava ali e saí para pegar a toalha na porta. Ele não reagiu quando me viu tranquilamente

nua na sua frente, mas seus olhos avaliaram cada centímetro do meu corpo.

Parei em frente ao espelho enquanto secava o cabelo com a toalha, o vapor da água quente deixou o vidro embaçado, passei a mão a tempo de ver o reflexo do rosto de Richard bem atrás de mim. Ele desceu vagarosamente dois dedos pelo meu braço, seu toque me provocava arrepios, beijou meu pescoço molhado e passou os dedos pela minha barriga, ficando bem atrás de mim, seu corpo colado no meu.

— Definitivamente, está querendo me matar. — sussurrou com a voz deliciosamente falha, sua respiração estava acelerada e ele fechou os olhos ao começar a tocar meu corpo.

Por um momento fechei os olhos também, o toque dele era delicioso e eu queria senti-lo por todo meu corpo. Mas me recuperei exigindo tudo da minha resistência e me afastei dele passando a toalha em volta do corpo e trancando a porta do meu quarto para trocar de roupa.

Demorei mais que o necessário no quarto e quando saí, ele não estava mais.

Na quinta de manhã meu telefone tocou. Richard estava aos berros.

— Vá ao Glitter's e escolha um vestido para festa. Nada de vestido preto.

— Eu tenho vestidos, Richard.

— Você vai escolher um vestido do Glitter's! — gritou ele.

— Eu não sou sua empregada! Pare de gritar comigo!

Ele respirou fundo.

— O Charles irá te buscar às oito horas. Esteja pronta. — e desligou.

Senti novamente a costumeira raiva que ele me causava. O Charles iria me buscar. Por que ele não ia? Nós não chegaríamos juntos na tal festa? Levantei da cama e fui até o Glitter's, se ele fazia tanta questão que eu usasse uma roupa de marca, eu ia obedecê-lo. E ele ia se arrepender de ter

gritado comigo e desligado na minha cara.

No Glitter's, embora tenham disputado quem me atenderia, as meninas estavam de cara feia para mim e suspeitei que era por causa de Richard. Elas achavam que eu estava com ele. Stacie olhava embasbacada as roupas elegantes e seus preços absurdos.

— Ele abriu mesmo um crediário para você aqui? — perguntou pela quinta vez.

Assenti.

— Bella! Você tem que me contar o segredo! O que você faz com os homens?

Eu sorri e apareci para ela com o vestido dourado que tinha escolhido.

— Que tal?

Ela me olhou em choque, depois abriu um enorme sorriso.

— Você está parecendo uma acompanhante de executivo. Dessas de luxo, mas safadas como as outras.

Eu sorri em satisfação.

— Vou levar esse.

A vendedora ficou me olhando novamente como se eu fosse louca, mas não me importei.

Às sete e meia eu já estava pronta, o cabelo parcialmente preso com longos cachos caindo pelas minhas costas nuas. O vestido dourado tinha umas pedras que o destacavam, a frente decotada com abertura na cintura, onde havia fitas de cetim em forma de cadarço prendendo o vestido. Tudo se resumia às fitas de cetim nas laterais do vestido, se não as apertasse o suficiente, meu vestido cairia. A saia era um bico, muito curta do lado direito, minha coxa estava quase toda de fora. O lado esquerdo da saia ia até abaixo do meu joelho. A maquiagem escura e um batom bem vermelho finalizaram meu melhor look prostituta de luxo.

Richard ia ter um treco quando me visse, ou ele me expulsaria aos gritos da festa ou me agarraria.

Uma parte de mim torcia pela última opção, passar uma noite com Richard, para que ele desistisse de mim, me parecia ao mesmo tempo triste e tentador, eu precisava mesmo ficar com ele, já estava ficando louca. Então acabaríamos logo aquela noite.

Stacie pareceu em choque assim que me viu, então se aproximou de mim e segurou minhas mãos.

— O que você pretende com isso, Bella?

— Irritá-lo, para que ele não me convide para outro evento. Ou fazer com que ele me quera.

— Mais do que ele já quer?

— O suficiente. O suficiente para acabarmos com isso de uma vez por todas.

Ela arregalou os olhos, mas depois, a compreensão tomou seu semblante e ela apertou minha mão.

— Ah Gabriella, às vezes me esqueço de que você é só uma menina. Nova demais, uma garota.

— Não sou não. Sou uma mãe.

— Sim, uma boa mãe, por sinal, para o Ben. Mas por dentro é ainda uma menina, que carrega o mundo nas costas. Você está sendo infantil, Bella, você sabe que não irá afastá-lo assim. E nem você vai se afastar dele tão fácil. Mas faça o que acha que tem que fazer, você tem direito de ser simplesmente uma menina de vez em quando.

Eu não era uma menina, a minha pouca idade não queria dizer nada, eu entendia da vida muito mais do que muitas senhoras que conhecia. Era uma mulher, com um problema enorme para resolver, e uma vida totalmente dependente de mim.

Às oito horas em ponto ouvi a buzina do carro e me despedi de Stacie. Não deixei que Ben me visse vestida daquela forma. Calcei os sapatos de salto e fui até o carro. Charles desceu para abrir a porta para mim e assobiou:

— Uau! Você está, com todo respeito, muito gostosa.

Eu sorri. Onde mesmo estava o respeito naquela frase?

Fui calada a viagem inteira enquanto Charles tagarelava feito um louco. Eu não estava prestando atenção, mas assentia e sorria de vez em quando para que ele achasse que estava. Ouvi apenas ele explicar que a festa da noite era o aniversário de casamento de um empresário importante e que Richard nunca havia sido convidado, porque ele só chamava casais.

Quando paramos em frente a um grande e enfeitado salão, com vários carros de luxo estacionados em frente, foi que consegui ouvir a última coisa que Charles estava falando.

— E sem dúvida é muito mais bonita que a senhorita Sarah.

— Quem é Sarah? — perguntei.

Ele desconversou e agiu como se tivesse falado demais. E eu não pude mais perguntar, porque a porta do carro foi aberta e Christopher praticamente me arrancou dele. Ele estava lindo

com um smoking preto e uma blusa branca por baixo. Deduzi que o evento devia ser mesmo importante para até Christopher estar a caráter. Ele me olhou dos pés à cabeça e soltou um palavrão:

— Porra Gabriella! Está querendo nos matar?

— Por que vocês vivem dizendo isso?

— Você se olhou no espelho? Está me dando vontade de sumir daqui com você, mas... — ele respirou fundo. — O Richard vai ficar louco.

— De raiva. — completei.

— Também, mas vai passar assim que ele tocar você.

Dei de ombros.

— Isso tem que acabar hoje.

Então ele me soltou e olhou para baixo, parecia desanimado de repente.

— E eu sei muito bem onde isso vai acabar. — eu não desmenti a ideia dele, esperava que acabasse realmente daquela forma.

— Onde está sua namorada? — perguntei

lembrando-me que era uma festa para casais.

Ele fez uma careta.

— Não fui convidado na verdade, e vim sozinho.

Ele me olhou uma última vez antes de se afastar, então tomei coragem e entrei no salão. Todos pararam para me olhar e de repente tive vontade de me virar e sair correndo. Um garçom estava passando com alguma bebida azul e eu nem quis saber o que era, virei a taça de uma vez. Preparei-me para voltar para o carro, mas avistei Richard, pálido, boquiaberto e sem piscar olhando para mim. Mantive-me segura e caminhei lentamente na direção oposta a ele, me sentando próxima ao balcão de bebidas. Rapidamente um homem alto de cabelo castanho se aproximou de mim.

— Boa noite senhorita...

— De Wolle.

— Lindo nome. — ele beijou a minha mão. — Posso servir a próxima?

— Claro!

Nós estávamos num papo divertido, até ele olhar para trás e sair quase branco sem se despedir. Então Richard se sentou ao meu lado. Olhou minhas pernas e meu decote e baixou a cabeça. Eu não olhei diretamente para ele, então não tive como saber sua expressão. Esperei um pouco, mas ele não falou comigo, então virei a segunda dose de uísque na boca e me levantei. Esperava não vomitar na frente dos outros, nem cair com aqueles saltos enormes e bêbada, mas minha cabeça deu a primeira rodada. Estava passando por uma porta que dava numa sacada, quando esbarrei com alguém. Só quando olhei para cima vi a expressão de Richard. E ele parecia nervoso.

— O que está fazendo? — perguntou baixo, mas ameaçador. — Sabe o que está parecendo?

Dei de ombros. Ele colocou as duas mãos nos meus ombros me parando.

— Gabriella, você... — então encostou o nariz no meu pescoço. — Esse perfume, esse decote. Todos

estão olhando para você! Todos a querem. — sua voz já estava mais calma quando ele me olhou nos olhos. — Você não podia fazer isso comigo. — E me puxou num beijo devorador, me empurrando para a sacada e me prensando contra a porta.

Suas mãos tocaram o lado direito da minha coxa e sua língua mal me dava tempo de respirar. Por fim ele me soltou ofegante.

— Vou levar você daqui agora mesmo. Está me deixando louco.

Eu sorri e passei a mão pelos cabelos dele puxando-o novamente para a minha boca.

— Vamos embora agora! — ordenou ele me arrastando pela mão pela multidão.

Estávamos quase na saída, quando um homem careca, corpulento e alto o parou.

— Richard, não vai nos apresentar a encantadora senhorita?

Richard praguejou e me olhou como que pedindo desculpas.

— Claro. Otávio, essa é Gabriella de Wolle,

minha namorada. Gabriella, esse é Otávio Trentini, dono da Trentini Records.

Richard me olhou tenso enquanto Otávio estendia a mão para mim, estava com medo de que eu agisse da mesma forma como na outra noite. Mas dei meu melhor sorriso e apertei a mão do homem.

— De Wolle? É filha de Arturo de Wolle?

Assenti.

— Seu pai foi um grande homem.

Encarei Richard esperando que ele se despedisse logo do homem, mas Otávio nem deu tempo, arrastando Richard para uma sala onde um vídeo estava sendo exibido. Richard segurou minha mão me arrastando com ele. Fomos obrigados a assistir o vídeo do casamento de Otávio de uma hora e meia de duração, enquanto ele me olhava e piscava de vez em quando, sem se importar com a presença da esposa dele na sala. Richard também percebeu, pois apertava a minha mão e acabou me puxando para frente dele e

passando os braços ao redor da minha cintura, deixando claro que eu estava com ele. Vez ou outra ele sussurrava besteiras em meu ouvido e eu não via a hora de sair logo dali.

No carro, eu nem sabia para onde estávamos indo, não importava. Richard sentou-se o mais próximo possível de mim e me apertou contra seu corpo. Ele beijava minha boca lentamente, beijava meu pescoço, estava me enlouquecendo. Também estava estranhamente carinhoso, deslizava o dedo por meu rosto, pelo meu cabelo, ele já havia soltado completamente meu cabelo, descia a mão levemente por meu braço. Cada toque dele, cada sorriso, só me fazia querer mais me entregar a ele. Eu precisava fazer aquilo.

Paramos em frente a um muro enorme com um portão preto, que era feito de pequenas grades entrelaçadas, o portão automático abriu e o carro entrou em um jardim enorme e perfeitamente cuidado. Richard apertou minha mão e se afastou quando o carro parou, deu a volta e abriu a porta

para mim. Eu podia sentir minha boca aberta com a beleza da casa, mais parecia um palácio. Tinha três andares, a cor pérola, cada janela era rodeada por pedras brancas que de longe, eu não podia ver quais eram. A porta de entrada era enorme, um vidro fino parecido com cristal. O puxador e as grades na porta pareciam de ouro, e formavam pequenos desenhos. Richard abriu a porta e a sala imensa à nossa frente tinha um lindo sofá de canto, mais duas cadeiras tão femininas que duvidei que fosse a casa de Richard. Ele nem me deu tempo de olhar direito, me puxou escada acima para seu quarto.

Senti minha cabeça girar novamente e entramos em seu quarto, ele me segurou pela cintura.

— Está tudo bem?

— Sim.

Ele abriu um sorriso contido.

— Acho que você bebeu demais essa noite. É melhor tomar um banho e dormir.

— Não! Eu estou bem! — minha frase saiu mais

alta do que eu esperava e ele sorriu.

Afastou-se de mim e sentou-se na cama, tirando a camisa e respirando fundo. Eu não ia desistir assim, olhando para o corpo bem definido dele, ele era tudo o que queria. Eu precisava ser dele. Então virei de costas e tirei o vestido, fingindo que ele não estava ali. O vestido desceu vagarosamente pelo meu corpo, e quando me virei para frente, ele já estava me puxando para seus braços, meus seios roçando o peitoral dele, ele era quente, forte. Apertava-me cada vez mais enquanto seus beijos iam ficando mais urgentes. Apertou minha bunda e desceu pela minha coxa. Eu queria mais. Ele foi me empurrando para a cama e me jogou nela, subiu de quatro na cama acima de mim, mas então se afastou de repente com a respiração acelerada, passando as mãos pelos cabelos e chutou um sapato. Parecia irritado.

— Eu não posso fazer isso. Você está bêbada, senão não estaria se comportando assim.

— Eu não estou bêbada! Bom, só um pouco, mas

estou consciente. Eu só quero ser sua, não é o que queria?

Ele me olhou irritado, sua expressão se suavizando conforme olhava para meu corpo. Eu podia sentir que ele me desejava, por que simplesmente não cedia?

— Não desse jeito. Não posso fazer nada com você, de que vá me acusar depois. Quero você quando estiver plenamente consciente de que é o que você quer.

Eu me sentei na cama, irritada.

— Eu nunca fico plenamente consciente perto de você.

Ele deu um sorriso de satisfação, sentou-se ao meu lado na cama. Antes que ele desse mais alguma desculpa moral, eu peguei sua mão e a coloquei em meu seio. Ele se assustou, mas logo estava me olhando de novo com puro desejo.

— Não é o que você quer?

Ele me puxou novamente me colocando em seu colo, beijou minha boca com vontade e desceu os

lábios para meu seio, dando um beijo leve. Então encostou a cabeça em meu ombro, estava ofegante.

— Você é o que eu mais quero nesse mundo. Mas não assim, não hoje.

Aquilo foi demais para mim, eu me levantei do colo dele e recoloquei meu vestido. Ele se levantou assustado.

— O que está fazendo?

— Indo embora.

— Você não tem que ir, pode dormir aqui comigo. Gabriella, por favor, não fique chateada.

— ele me puxou para os braços dele, mas eu me afastei.

— Como quer que eu me sinta? Eu não acredito que você me rejeitou. — as lágrimas ameaçavam pular de meus olhos. Eu nunca havia sido tão sentimental, será que era a bebida que provocava aquilo?

— Eu não rejeitei você! Isso é ridículo! Você é o que eu mais quero no mundo, você me tira do

sério, me deixa louco! Eu não penso em outra coisa senão em ter você!

— Não é o que parece.

— Gabriella...

Mas eu já estava saindo de seu quarto. O corredor era enorme e cheio de portas e eu não me lembrava de onde eu tinha vindo. Ele estava atrás de mim e passou um casaco pelo meu ombro.

— Vou levar você.

Eu atirei o casaco no chão, mas ele pegou e praticamente me forçou a vesti-lo.

— Não precisa ser tão infantil!

Deixei que ele colocasse o casaco, mas não disse mais nada durante todo o trajeto. Ele foi dirigindo o carro, de vez em quando me olhava, mas eu fingia não perceber. Quando parou em frente a minha casa, eu abri a porta e desci do carro rapidamente. Ele correu atrás de mim.

- Gabriella, por favor, podemos conversar amanhã?

— Não. — respondi.

— Depois de amanhã?

— Não quero ver você nunca mais! — gritei batendo a porta.

Ele ficou ainda uns minutos batendo na porta e me chamando, mas não atendi. Quando percebi que ele havia ido embora, tomei um banho e fui me deitar. Avistei o casaco dele em cima da cama, então o peguei e dormi sentindo o seu cheiro.

Na manhã seguinte, estava com uma terrível dor de cabeça. Busquei Ben na escola e permiti que ele fosse brincar na casa de uma vizinha, que eu sabia que era muito cuidadosa com ele. Stacie apareceu com os olhos brilhando de curiosidade.

— Como foi?

— Não podia ter sido pior. Não consegui nada e ainda estou com uma terrível dor de cabeça.

Peguei meu celular e vi que tinha cinquenta e três chamadas perdidas de Richard. Ele era louco! Meu telefone fixo tocou e o barulho foi no fundo da minha mente. Então retirei o cabo do telefone

que ficou mudo no mesmo instante.

— Vou fazer um café forte para você. — falou Stacie indo para a cozinha.

Pouco depois o celular dela tocou.

— Oi, ah sim. Sim, está, um momento.

Ela se aproximou de mim contendo um sorriso.

— É para você.

Eu achei que fosse da escola de Ben, eles tinham o número de Stacie para o caso de não conseguirem falar comigo, e o de Richard também, mas tentei não me apegar a isso. Para minha surpresa, era Richard.

— Como está? Deve estar com uma ressaca terrível.

— O quê? Como você conseguiu esse número? Richard se eu não atendo o celular é porque não quero falar com você!

Ele apenas riu.

— Imaginei. Será que podemos sair hoje e resolver as coisas?

— Não! Não temos nada para resolver.

— Obviamente temos um assunto inacabado.

— Não há nada inacabado! Um homem que rejeita uma mulher da forma como você fez, só pode ser gay! E você deveria assumir de uma vez e ligar para o Charles, não para mim! — desliguei antes que ele respondesse e devolvi o celular a Stacie. — Me desculpa.

— Ele vai ficar me ligando agora? — eu não pude deixar de perceber a excitação na voz dela, mas ele não ligou de novo.

Algumas horas depois, a campainha tocou, achei que fosse a Sra. Dantes devolvendo Ben, mas era Christopher.

— Olá. — disse me afastando da claridade da rua.

— Que cara é essa? Ressaca?

Assenti.

— Como foi ontem?

— Não está vendo a minha cara? — respondi, mas sorri e ele sorriu também.

— Então vocês não...

— Não! — respondi mais rudemente do que havia planejado.

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha e me abraçou.

— Imagino que esteja indisposta para sair, quer ver alguns filmes aqui?

— Seria bom, mas não tenho filmes, só infantis.

— Então eu vou providenciar alguns filmes e trazer uma coisa mágica que vai curar sua cabeça.

Eu sorri, não tinha como não gostar de Christopher, ele era amável e divertido. Assim que ele saiu, Stacie entrou com Ben.

— Stacie, vamos assistir a alguns filmes, quer se juntar a nós?

— Não, mas eu vou levar o Ben para dar uma volta se não se importa.

— A essa hora? — estranhei porque já estava começando a anoitecer.

— Não vamos demorar. — ela disse e sumiu com ele.

Sentei-me meio tonta no sofá e a porta da sala

se abriu, achei que era Christopher de volta, ou Stacie, mas um homem alto, que eu nunca havia visto na vida, se aproximou de mim e com um pano tampou meu nariz e minha boca. Eu tentei lutar, mas ele me impedia de gritar e de respirar, aos poucos me senti fraca, e tudo se apagou.

O calor entrava pela enorme janela e tomava toda a mesa. O café amargo me manteria acordado após mais uma noite ruim. As horas de sono perdidas cobrariam seu preço em algum momento, mas naquele, as coisas estavam onde supostamente deveriam estar.

— Quer se sentar onde a luz do sol não incomoda, Richard? — perguntou-me Charles.

Sim, eu sentia o calor, mas não via a luz, não havia luz para mim há muito tempo.

— Aqui está bom.

A cafeteria era bem perto do Orion, o prédio da gravadora. Praticamente minha casa, então fomos a pé mesmo.

Charles andava ao meu lado em silêncio. Ele sempre respeitava meu silêncio, era só o que eu tinha naqueles dias.

Foi aí que aconteceu. Algo pesado me acertou de repente, jogando-me ao chão. Rapidamente as

pessoas me cercaram. Eu sentia uma dor leve na lateral do corpo, e estava mais preocupado com a reunião em que precisaria estar em dez minutos. E no fato que colocaria o imbecil que me atropelou na cadeia.

— Perdoe-me senhor, não o vi na rua.

Uma voz feminina e amedrontada me surpreendeu. Era uma mulher, afinal de contas. Não colocaria uma mulher na cadeia, não importa o quão imbecil e ruim de direção ela fosse. Então ficar sentado aqui, servindo de show para esse bando de pessoas, nessa rua imunda, era uma enorme perda de tempo. Eu tinha uma reunião em que precisava aparecer bem apresentável e por culpa dessa “louca” chegaria atrasado.

— O sinal estava fechado. Uma louca como você não deveria ter licença para dirigir, não duvido nada se sua carteira foi comprada. Esse país sem lei. Se não viu dois homens na sua frente e o sinal fechado, para onde estava olhando, afinal?

Ela gaguejou um pouco, e por fim, perguntou:
— O senhor está bem?

Se eu estava bem? Isso era alguma piada? Eu poderia colocá-la na cadeia em dois minutos se quisesse e a louca estava me perguntando se eu estava bem?

— Claro que não! Estou nessa rua imunda, e atrasado para minha reunião! Sem falar desse carro velho e sujo que acabou com meu terno!

— Não! Meu carro! — ela disse em um tom que beirava o desespero.

Preparei-me para ensiná-la a dirigir olhando para frente, se amava tanto seu carro velho, mas foi aí que a vi.

Foi aí que pareceu que o ar faltou, não houve palavra dita em meus lábios, mas o encantamento, eu sabia que estava estampado na minha cara. Ela me olhou de volta, sustentou meu olhar, sem

medo, e sim, com raiva. Com petulância. Ela era linda. Não, linda nem começa a descrever sua beleza. Como um anjo. Um anjo muito ruim de direção.

Estava com a aparência cansada, meio descabelada, e cheirava a cerveja. Devia trabalhar em algum bar da cidade, provavelmente estava voltando do serviço àquela hora da manhã. E como era linda! Eu vivia cercado por mulheres bonitas, muitas delas, mas nenhuma chegaria aos pés dessa, mesmo estando tão simples e cansada, sua beleza impediu qualquer sermão, reclamação ou atitude que poderia tomar contra ela.

Era isso. Richard Becker foi derrotado por uma mulher bonita. Como se isso nunca tivesse me acontecido antes, e de forma bem pior.

Levantei-me disposto a acabar com aquele show, e ir para a minha reunião.

Mas ela não saiu da minha cabeça.

Tive que adiar a reunião para mais tarde. E qual não foi minha surpresa, quando no início da tarde, recebi um buquê de flores. Cravos amarelos e tulipas coloridas. Flores baratas, enviadas pela “louca”. Era muito atrevimento me enviar flores quaisquer depois do que havia feito. Era muita ingenuidade achar que poderia me convencer a não processá-la com flores tão baratas!

Era muita audácia escrever meu nome no papel, como se me conhecesse.

Então, entendi tudo. Ela era mais uma. Tenho que admitir que me atropelar levemente para chamar minha atenção foi um meio bem diferente de me abordar, mas a mulher sabia exatamente onde eu estaria, e meu nome. Não ia cair na dela. Não precisava de mais mulheres do que as que já tinha. Eu não precisava de mais nada.

Mandei que Lucia ligasse na recepção e aguardei

até que o recepcionista estivesse na linha.

— Por que me mandou essas flores sem qualquer autorização?

O recepcionista de quem não recordava o nome gaguejou, enrolou e não disse nada. Quando finalmente pareceu ter encontrado a voz, explicou com aparente medo:

— Ela apareceu assim que o senhor entrou pela manhã, senhor Richard. Perguntou-me seu nome e disse que queria agradecê-lo por seu gesto de gentileza. Então me pediu que te entregasse essas flores. Não achei que o senhor fosse se zangar.

Perguntou meu nome? Então não era um plano.

— Venha aqui agora mesmo e recolha essas flores, e as devolva à pessoa que as trouxe.

Amassei o cartão sem sequer me dar ao trabalho de ler e em questão de minutos, ele estava retirando as flores.

— Descubra onde ela mora, devolva isso pessoalmente, e diga a essa atrevida que não tenho tempo para essas coisas insignificantes. Ela é muito petulante por me incomodar depois do que fez. Como se eu fosse aceitar essas flores baratas!

Ele recolheu as flores com olhos arregalados e sumiu pela porta.

Meu humor pirou depois disso. Gentileza. Isso só podia ser uma piada.

A reunião estava acontecendo conforme planejado, porém não no horário planejado, o que gerou desconforto e irritação dos acionistas. E a culpa era minha. Eu sabia que meu pai não deixaria passar batido um atraso desses, e ainda

teria que conseguir apresentar tudo a dois acionistas que não puderam comparecer no horário remarcado.

Quase no final da reunião, eis que ela apareceu. A louca. Invadiu minha sala. Pareceu assustada quando me viu ali, encarando-a com fúria por me interromper, mas isso durou menos de um minuto, e logo a petulante aproximou-se de mim decidida, com passos firmes, e a raiva que vira em seu olhar mais cedo, evidentemente aumentada.

— Prazer, senhor Becker, sou Gabriella, a louca da direção que comprou a carteira e te atropelou. E a petulante que te enviou um humilde pedido de desculpas. — ela disse sem titubear.

— A senhorita não tem o direito...

— Você não tem o direito de tratar as pessoas assim, quem você pensa que é? Por que acha que

pode humilhar as pessoas desse jeito?

Eu não podia acreditar em sua petulância, loucura e coragem. Me enfrentar em meu território não era uma coisa nada inteligente a se fazer.

— Saia dessa sala ou eu...

Mas ela não me permitiu terminar o aviso, começou a gritar, como uma louca:

— Se você não é homem para aceitar um pedido de desculpas tão barato, então seja homem para engolir sua petulância.

E de repente ela esfregou as flores na minha cara. Simples assim. Acabou com um buquê barato, acabou com minha reunião e como se não bastasse, ao descarregar sua ira em meu rosto, acertou o cartão amassado na minha testa.

Eu não sabia como reagir, não conseguia me

decidir entre rir como um louco por toda essa situação, ou pegar essa bela atrevida pelos braços, jogá-la em meu colo e dar-lhe uma lição.

Os seguranças apareceram e a levaram, e precisei de todo meu autocontrole para não ter uma crise de riso. Era minha imagem. Não precisei dizer nada, sai da sala para que eles pudessem rir, para que eu pudesse rir. Quanto atrevimento!

Mal Lúcia terminou de me limpar, me pedindo desculpas por não tê-la impedido de entrar, ordenei que me contatasse com o detetive de minha confiança.

— Marcos, preciso que descubra sobre uma pessoa. Preciso que venha até aqui agora mesmo, isso não pode esperar!

Apesar de toda a cena, e do que falariam. Apesar de saber que isso chegaria aos ouvidos de meu pai, eu estava intrigado, encantado e

extremamente excitado. Sentia meu sangue correr por minhas veias, descontrolado, como eu me sentia. Há muito tempo não desejava nada assim, como desejei aquela garota desde o momento em que ela gritou comigo.

— Ah sua bela atrevida, vou acabar com toda sua petulância em uma noite, vou fazê-la substituir seus gritos de ira, por gritos de prazer.

— Merda! Merda! — atirei os papéis no chão e chutei o móvel mais próximo.

Isso não serviu para aplacar minha ira.

— Por que essa merda de vida? Por quê? — gritei perguntando aos céus por que permitia que alguém passasse por tantas coisas.

Eu havia lido seu dossiê, sua vida, como solicitei

ao detetive. Esperava uma garota de cidade pequena, rodada, por ser bonita demais. Ou dessas que namora a vida toda o mesmo cara que não lhe dará futuro algum. Esperava até uma dançarina, ou garota de programa. Com tanto atrevimento e tanta beleza, ela se encaixaria perfeitamente em qualquer uma dessas profissões. Mas nunca, nunca esperava aquilo.

Não uma menina, tão jovem, com uma vida tão triste. Não uma garota, trabalhando quinze horas por dia por míseros trocados, para cuidar de um irmão. Uma criança doente. Câncer. Leucemia.

O irmão que ela criava, tinha leucemia. Não estava preparado para uma mãe fraca que se matou, e deixou para uma garota uma responsabilidade dessas! Ela largou tudo, largou sua vida. E agora estava ali sozinha, enfrentando toda essa porra sozinha.

— Merda!

Por que ninguém veio com ela? Por que ninguém a ajudava? Onde estava o noivo? A irmã? Os parentes?

— Por que ela está sozinha? Por quê?

Naquela noite, eu a observei, de longe. Tão linda, tão cansada, tão triste. E tudo estava ali quando eu a via, o desejo, a raiva pela vida que ela carregava nas costas. Tudo estava ali. Eu só sabia de uma coisa, eu precisava tê-la. De qualquer jeito, por uma noite apenas, precisava que ela fosse minha.

Esperei mais de uma semana, esperando que passasse, que essa excitação acabasse, tive muitas mulheres nesses dias. Mas nada apagava o desejo que eu sentia por ela. Eu sabia que ela não precisava de alguém como eu em sua vida. Não precisava de mais um problema. Mas não podia

me impedir de desejá-la. Então só teria que ajudá-la. Ela seria minha, uma noite apenas e eu daria tudo a ela, todo o tratamento do menino, todo o dinheiro que ela precisasse, seria como uma redenção por meus pecados. Um bom sexo com uma bela mulher como redenção.

Mas quando a procurei, e a vi ali, de toalha, absurdamente sexy, percebi que uma noite apenas não bastaria. Eu precisaria de mais. Queria tê-la muito mais, queria conhecer cada pedaço de seu lindo corpo, queria beijar e foder cada pedaço dela.

Fiz uma proposta, tão simples, tão vantajosa para ela, e ela se enfureceu. Me recusou. Ela me disse não. Ninguém me diz não. Absolutamente ninguém. Eu sabia que não adiantava insistir, mas também sabia que ela não tinha a opção de dizer não. Ela não podia me recusar e me deixar com todo aquele desejo, aquela obsessão por ela. Ela

não iria fazer isso. Chantageá-la não resolveu. Nem mesmo tentar fragilizá-la, jogando ao vento sua triste história, e tudo o que perdeu, ela era tão forte! Tão invencível, dona de si! Ela era incrível.

E quanto mais ela me dizia não, mais eu a queria, mais obcecado por ela eu ficava.

Ela não se abateria por nada que eu fizesse, e percebi que seu único ponto fraco, não estava exatamente nela, e sim, no menino. Benjamim, o irmão doente. Ele era seu ponto fraco. Para que ela abaixasse a guarda, eu precisaria feri-lo. Eu sabia que era errado o que estava prestes a fazer, sabia que estava tirando algo de alguém inocente, mas não tinha outra saída. Pensei que logo ela seria minha e eu devolveria tudo a ele, e daria muito mais. Só precisava que ela me dissesse sim. Todo o resto não me importava.

E nem sei explicar o desespero quando ele se

aproximou dela. Quando ela aceitou que de todos os homens do mundo, fosse Christopher a se aproximar. Ele percebeu rapidamente meu interesse por ela, isso era evidente. E eu sabia que usaria isso contra mim. E sendo ela tão linda, e tão atrevida, era óbvio que ele se encantaria por ela também. E então eu precisava de mais do que tê-la. Precisava protegê-la. Precisava abrir seus olhos. Ela me desesperava. Deixava-me à beira da loucura. Em cada momento. Em cada não.

Quanto mais tempo eu passava com ela, quanto mais conhecia sua força, sua ira, mais ela me prendia. Quanto mais ela me dizia não, mais eu queria ouvir um sim de sua boca. E então ela me deixava aproximar, e de repente me afastava. E mesmo sabendo que eu seria mais um que a deixaria, como todo mundo fez, não conseguia me afastar dela. Ela tinha que ser minha.

E então, finalmente, a beijei. Como eu quis fazer

desde o primeiro momento, a tive em meus braços, entregue, quente, gemendo como eu queria que ela fizesse embaixo de mim. E um beijo nunca me deixou tão louco, tão excitado, tão satisfeito antes. Se com um beijo, ela derrubou muralhas que cuidadosamente construí por anos, eu só podia imaginar como seria quando eu estivesse dentro dela, como seria quando ela fosse minha. Por inteiro. Sei que a cerquei, não dei chance alguma para que ela fugisse, não permiti que se afastasse, não permitiria que ficasse sozinha.

E cada vez mais eu admirava sua inteligência, sua força, seu atrevimento, até mesmo sua imaturidade. Uma menina. Tão jovem, tão sozinha, talvez eu pudesse cuidar dela. Sim, talvez pudesse dar a ela mais do que prazer. Não amor, nada sequer perto disso, mas muito mais do que beijos e orgasmos. Ela não precisaria carregar o mundo nas costas. Não mais. Eu tiraria esse peso dela.

E quando finalmente a tive ali, nos meus braços, nua, ela estava bêbada. Excitada sim, mas bêbada demais. Normalmente eu não me importaria com isso, eu a tomaria, teria o prazer que ela por tanto tempo me negou e então tudo isso passaria, mas não pude fazer isso com ela.

Eu quero que ela se lembre de cada momento, de cada toque, de cada gemido. Quero que se lembre de mim, que me deseje de verdade.

Só preciso que ela seja minha, por uma noite. Preciso que esqueça seus problemas, seus medos e mágoas, uma noite apenas. E então eu darei a ela tudo o que tenho a oferecer. Não é o que ela precisa, eu sei. Não é o amor que ela busca, sequer a fidelidade. Mas o dinheiro, a vida que ela deveria levar, a vida que ela quer tanto dar ao irmão. Darei isso a ela. E a ele também.

Louco. Estou agindo como um louco. Mas é apenas uma noite. E apenas para que ela seja minha. Apenas para cuidar dela como ela merece ser cuidada.

Gabriella tirou minha sanidade, meu juízo. Perdi totalmente a cabeça. Eu me perdi por ela.

Capítulo OITO

Ao abrir os olhos, percebi que estava em um barco, estava confusa e um pouco enjoada por causa do movimento do mar. Era manhã, eu não sabia quanto tempo havia dormido, me lembrei vagamente do homem estranho em minha casa e de ter acordado e visto Richard, mas não me lembrava de mais nada. Sentei-me meio tonta e avistei Richard de costas, ao lado dele, um homem baixinho, com uma camisa branca e uma bermuda, conversava animadamente enquanto pilotava o barco. Levantei-me e, imediatamente, Richard veio até mim, parecia preocupado.

— Como está se sentindo?

— Como você acha? — comecei a gritar. — Onde estamos? O que você me deu para dormir tanto? Onde está o Ben?

Ele fez sinal com as mãos para que eu me acalmasse e sussurrou em meu ouvido.

— Pare agora com esse show! E se deixar esse

homem sequer imaginar que está aqui contra a sua vontade, vai se arrepender muito, Gabriella!

Sua voz soara tão ameaçadora que um frio percorreu minha espinha e apenas assenti. Ele sentou-se ao meu lado e abaixou a cabeça, parecia derrotado.

— O Ben está a salvo com a Stacie. Perdoe-me pela maneira como estou fazendo as coisas. Sei que deve estar me odiando agora, eu entendo.

— Na verdade, estou com medo de você, e acho que está completamente louco.

— E isso é culpa sua! — ele acusou.

Tive vontade de gritar com ele que eu não saía por aí sequestrando as pessoas, e perguntar o que ele tinha na cabeça, ou o que ele não tinha na cabeça, mas teria que esperar até que ficássemos a sós, e de repente, ficar a sós com Richard me assustava.

O barco deu uma virada e pareceu diminuir a velocidade, então, finalmente, o homem desligou o motor e olhou para Richard.

— É aqui senhor. Boa estadia para o casal.

Richard agradeceu e me levantou nos braços, vendo que eu ainda estava tonta. Pulou comigo na água e foi caminhando para a pequena ilha à nossa frente. O lugar era lindo, parecia o paraíso. Eu ainda estava em seus braços, sentindo apenas a água fria em minhas costas. Achei que ele me colocaria no chão quando pisamos em terra firme, mas ele não o fez. O homem veio logo atrás e depositou uma mala preta masculina na areia próximo a Richard, que agradeceu mais uma vez enquanto o homem subia no barco e sumia de vista.

— Não vamos embora nesse barco amanhã, você ficou muito enjoada, vamos de lancha.

— Grande diferença! — gritei — Eu nem deveria estar aqui!

— Você deveria estar comigo e eu estou aqui! — ele parecia impaciente, mas notei que já não tinha tanta certeza do que estava fazendo. — E a lancha é muito mais rápida e balança menos do que o

barco.

Ele finalmente me colocou no chão quando entramos numa casa pequena, mas muito bem arrumada e aconchegante, havia uma lareira na sala, eu nunca tinha visto uma lareira antes, Richard se afastou de mim e foi acendê-la. Olhei para fora pela porta aberta e me dei conta de que não poderia fugir.

— Essa ilha está cercada pelo mar? — perguntei mais para constatar aquilo a mim mesma, mas Richard respondeu.

— Sim, não adianta tentar fugir.

Tive vontade de correr mesmo assim, sair de perto dele para que ele entendesse que eu queria estar em qualquer lugar, menos ali com ele. E me perguntava o tempo todo por que ele estava fazendo aquilo. Ou iria me castigar por alguma coisa, o que eu não acreditava uma vez que era ele quem estava em dívida comigo, ou então teve uma atitude desesperada. E isso era outra coisa impossível se tratando de Richard, que sempre

mantinha o controle.

Sentei-me emburrada em um dos pequenos sofás da sala. A casa, pequena e luxuosa, era realmente aconchegante. Após o calor da lareira invadir a sala, um raio me assustou e anunciou que iria chover. Richard correu para fora e retornou pouco depois com a mala, depositando-a no chão e fechando a porta.

— O que tem nessa mala? — perguntei preocupada.

— Não tem uma arma, e nada que possa te ferir.
— ele disse de forma divertida.

— Não estava pensando nisso, só quero saber o quanto justo é você trazer suas coisas e eu nem ter tido a oportunidade de pegar as minhas? Você sabe que o que fez comigo é sequestro?

— Não quando outras pessoas sabem onde você está.

— Seu capanga não conta. Ele se torna cúmplice e isso continua sendo um sequestro.

Ele respirou fundo e sentou-se ao meu lado, mas

não tocou em mim.

— A Stacie sabe onde você está. Ela ficou responsável pelo Ben e vai ficar com ele até voltarmos.

— Você já estava planejando isso?

Ele se levantou nervoso.

— Gabriella eu não planejei nada. Eu só quero ter você, não importa onde. É só isso que eu planejo. Eu não queria assustá-la.

— E acha que está fazendo exatamente o quê me trazendo contra a vontade para um lugar desconhecido?

— Eu só estou tentando fazer você me escutar! Eu te liguei mil vezes!

— E eu disse que não queria falar com você! — gritei me levantando.

Ele se aproximou parando na minha frente, tão próximo que eu podia sentir o calor de seu corpo, a tensão de seus nervos, seus músculos. Ele encostou-se a mim e embora estivesse com muita raiva, quando ele passou os braços pela minha

cintura e me aproximou mais do corpo dele, eu não consegui reagir. Ele disse com a voz mais doce do mundo:

— Eu só queria te dizer que não paro de pensar em você nem um segundo desde que nos conhecemos, e que isso está me deixando louco. E se eu faço loucuras para ficar perto de você, a culpa é sua por tirar totalmente minha razão.

Senti-me derreter em seus braços, ele beijou levemente a ponta da minha orelha, meu rosto e minha boca. Seus lábios eram quentes, deliciosos. Tudo o que eu queria era ficar ali com ele para sempre. Lembrei-me de seu corpo, do seu olhar de desejo na outra noite, de saber o quanto ele me queria. Até que ele me rejeitou. Num impulso o empurrei e me afastei.

— O que acha que está fazendo? Pode me manter aqui o tempo que for, mas não vou permitir que toque em mim! Eu odeio você!

Eu me afastei dele e subi as escadas, conheci o quarto e o banheiro do andar de cima, além de

uma sala com uma televisão e várias almofadas, e uma varanda com uma rede enorme. Tive medo ao perceber que só havia um quarto na casa, não medo de Richard, mas medo do que eu o deixaria fazer comigo, eu sabia que minha resistência ultimamente não estava digna de medalhas.

Assim, consegui passar a tarde inteira, evitando os cômodos onde ele estava. A chuva lá fora me impedia de sair para a varanda, como ele fez ao cair da noite. Então aproveitei e fui à cozinha ver o que tínhamos para comer. A geladeira estava cheia e rapidamente fiz salada, arroz e peixe frito. Ele deve ter sentido o cheiro, pois desceu em seu mais absoluto silêncio quando eu estava acabando e se sentou no balcão da cozinha esperando eu terminar.

Ele ficou me observando, me avaliando enquanto eu cozinhava. Tentei evitar seu olhar, mas ele me olhava como na primeira vez em que nos vimos, quando eu o atropelei, então fui eu a quebrar o silêncio:

— O que está pensando?

— Que você é a criatura mais perigosamente irresistível que eu conheço.

— E isso te dá o direito de me sequestrar?

Ele sorriu, estava claramente mais calmo do que de manhã.

— Gabriella, você não faz ideia das coisas que isso me dá direito de fazer com você. Eu queria te mostrar, mas estou proibido de tocá-la.

Olhei para ele e me deparei com aquele olhar sedutor e seu sorriso malicioso nos lábios. Eu precisava ser forte para resistir àquele sorriso.

— Engraçado, porque quando eu deixei, você não me mostrou nada.

Sua expressão fechou no mesmo instante, mas coloquei a salada no balcão antes que começássemos mais uma discussão.

Nós comemos em absoluto silêncio, e quando acabamos, ele se levantou e lavou as vasilhas. Eu não pude conter um sorriso vendo o assustador e sexy Richard Becker cumprindo afazeres

domésticos.

Eu o deixei na cozinha e subi para tomar banho. Deixei por um bom tempo a água quente cair em mim, vez ou outra imaginava que Richard estava abrindo a porta, mas ele não estava. Pensei se ele tinha me levado até ali para depois simplesmente respeitar minha decisão de que ele não me tocasse. Era óbvio que não, ele faria o que tinha ido ali para fazer, e eu precisava evitar. Por mais que o desejasse, por mais que uma pontinha de esperança gritasse em minha mente que ele estava sem controle em relação a mim, eu ainda estava magoada demais com ele para ceder. E estava com medo, do que ele me fazia sentir, do que ele poderia me fazer sentir para depois me deixar. E talvez não estivesse pronta para que ele conseguisse finalmente o que queria e me deixasse em paz depois. Sem entender o motivo, me dei conta de que precisava de um pouco mais de tempo com Richard Becker, mesmo sem saber para quê.

Quando saí do banho, ele estava no quarto, eu ainda estava de toalha e, congelando. Ele estava apenas com a toalha enrolada em volta do corpo, provavelmente iria tomar banho também. Um raio riscou o céu e eu dei um grito me escondendo atrás da cortina, ele me avaliou de longe por um momento. Depois, como se aquilo fosse normal, apenas comentou:

— Você tem medo de raios.

— É o que parece. — respondi esperando que outro estrondo me fizesse pular, olhei para ele que estava sorrindo.

— Você não tem medo de sair sozinha daquele bar a noite, nem de dirigir seu carro velho, nem de me desafiar quando claramente deveria se comportar. Mas tem medo de raio. Sinceramente, eu não entendo você.

— Eu não vivo pela sua compreensão. — respondi me aproximando novamente da cama para pegar um roupão que Richard devia ter trazido para mim, já que era feminino.

Foi então que um novo raio riscou o céu seguido do barulho de um trovão e, eu dei um pulo, mas no mesmo instante, os braços de Richard me envolveram.

— Eu não vou deixar que nada te aconteça. — ele sussurrou e segundos depois seus lábios estavam nos meus, sua língua quente envolvia a minha e ele me apertava contra o seu corpo, contra a ereção escondida pela toalha, mas que eu podia sentir perfeitamente roçando minha barriga. Ele enfiou os dedos em meus cabelos molhados e gemeu em minha boca, então caminhou comigo lentamente e me jogou na cama. Minha toalha abriu enquanto ele descia a boca para meus seios e com delicadeza lambeu um deles. Eu arqueei o corpo pressionando o seio em sua boca quente e suas mãos percorreram as laterais do meu corpo, apertando minha bunda enquanto me erguia de encontro a ele.

Se raios soavam no céu naquele momento, eu já nem ouvia. Ele parou de chupar meu seio e olhou

em meus olhos, então sussurrou:

— Você é o que eu mais quero nesse mundo, Gabriella.

Suas palavras me fizeram lembrar de duas noites antes, quando ele disse a mesma frase, mas completou com “não assim, não hoje”. Então o empurrei e com um enorme esforço consegui me livrar de seus braços e me levantei, pegando novamente a toalha.

— Não toque em mim!

— Você é louca? — ele perguntou irritado.

— Por quê? Por que eu não quero você? Qual o problema, só você que pode me rejeitar?

Ele se aproximou de mim, parecia irritado.

— Gabriella eu não... — depois respirou fundo e falou — Eu desisto, pense o que quiser. Não tocarei em você.

Então ele foi para o banho e eu me sentei na cama, de repente sentia um vazio no corpo, um frio que não sabia explicar.

Pouco depois ele saiu do banho, eu ainda estava sentada na ponta da cama, sentia falta da minha casa, de Ben, da minha vida antes de conhecer Richard Becker. Se ele era louco por me sequestrar, eu não estava muito longe dele na loucura. Nós fazíamos mal um para o outro.

— Não posso permitir que se aproxime dele, Richard.

Ele parou o que estava fazendo por um momento, mas não disse nada e eu prossegui.

— Você disse que todo mundo tem um preço. Você está certo. Esse é meu preço: Ben. Se você me tiver, também terá a ele, consegue entender isso? Não vou deixar que se aproxime dele para depois abandoná-lo. Ele perdeu todo mundo, Richard.

— Você não precisa complicar assim as coisas, Gabriella. Não se trata de abandonar o menino ou não. Trata-se de você me desejar, de estar magoada por uma coisa boba.

— Nunca se trata só de mim. Nunca se trata só de desejar você assim. Você acha que eu não tenho medo? Acha que é fácil dizer não? Sim, Richard, você me magoou de muitas maneiras, e me magoou ao me rejeitar. E vou me apegar a isso, porque é minha única defesa. Você age como se pudesse nos dar tudo, mas o que oferece realmente é quase nada. E eu fico aqui me perguntando se deveria deixar que você faça o que quer comigo, porque pode ser bom para ele, ou se devo me afastar de uma vez porque você é louco, e mais cedo ou mais tarde, vai machucá-lo de novo.

Ele andou até mim e segurou minha mão.

— Eu desejo você, desesperadamente. Desejo tanto que perco o sentido. Sim, você tira totalmente qualquer juízo ou razão que há em mim. Eu prometo a você que posso dar mais do que pensa. Posso dar a ele tudo, Gabriella. A vocês dois, posso dar tudo. Só aceite o que sente e não complique as coisas. Essa noite pense em você.

— Você pode dar amor a ele também?

Ele se afastou como se eu o tivesse ferido.

— Não. Isso não. Eu nunca te prometi isso.

Então ele começou a tirar as coisas da cama para deitar e eu me levantei e tirei a toalha vestindo o roupão. Foi um gesto automático, sem pensar, mas eu havia simplesmente tirado a toalha na frente dele. Mal havia terminado de colocar o roupão, ele estava ao meu lado, me empurrou na cama colocando seu corpo sobre o meu, ele estava apenas com um short e abriu lentamente meu roupão deixando-me totalmente nua e exposta.

Passou vagorosamente a língua pela minha barriga subindo até meus seios, mas eu estava preparada. Não podia ceder. Comecei a me debater pedindo que ele me deixasse em paz.

Por fim, ele pareceu irritado e segurou meus dois braços na altura do meu rosto, me olhando bem nos olhos:

— Ouça o seu corpo, admita esse desejo que eu sei que você sente. Não pense tanto! Você vai ser

minha de qualquer jeito, Gabriella. É melhor ceder se não quiser que seja a força.

Meus olhos encheram de lágrimas e eu tive medo por um instante que ele realmente tentasse me forçar a alguma coisa. Ele pareceu perceber o medo em meus olhos e tentou me beijar, mas eu virei o rosto.

— Você estava muito disposta a ceder na outra noite! Não estava preocupada com ninguém, Gabriella, você me queria! Disse-me sim! — gritou enquanto ainda me prendia embaixo dele.

— Não estou mais.

— Agora você diz que não me quer! Olhe nos meus olhos e diga que não me quer, só assim a deixarei em paz! Mas tem que ser muito convincente, caso contrário mesmo que negue será minha.

Ele era o que eu mais queria desde nosso primeiro beijo, mas não naquele momento, não quando estava assustada demais com seu comportamento descontrolado e agressivo. Não

quando tinha tanta certeza de que ele, também iria embora. Parecia que ninguém nunca ia ficar. Comecei a chorar e olhei nos olhos dele.

— Eu não te quero. Eu não te quero! — por fim eu gritava.

Ele pareceu ferido, magoado, saiu de cima de mim me libertando e sentou-se na cama. Permaneci imóvel por um tempo. Ele escorregou para debaixo da coberta, o vento estava gelado e a chuva lá fora parecia assustadora. Um raio me fez pular e sentar na cama, ele apenas me observou. Pegou um travesseiro e colocou ao lado dele.

— Deite-se. Eu não vou tocar em você. — disse da maneira mais fria possível.

Eu me recusei me levantando.

— Não seja estúpida. É a única cama aqui. A menos que queira dormir sozinha na sala com todos esses raios, é melhor se deitar.

Eu não teria coragem de ir para baixo, onde havia aquela enorme porta de vidro, e assistir aqueles raios assustadores. Então andei até a poltrona e

me sentei. Ele virou para o outro lado e fingiu que eu não estava ali. Os raios e relâmpagos me faziam pular, mas eu estava tão chateada, que recostei na cadeira e acabei adormecendo.

Acordei sendo carregada e por um momento, tive medo, mas ele logo sussurrou em meu ouvido, me tranquilizando:

— Calma, vou apenas colocá-la na cama, não farei mais nada.

Ele me depositou delicadamente na cama e me cobriu, então se deitou o mais distante possível de mim. Eu estava de frente para ele e a claridade de fora que entrava pela janela me permitia ver que ele ainda me olhava com mágoa. Outro raio e a claridade me fez estremecer e fechar os olhos. Ele se mexeu na cama, mas não veio na minha direção, apenas virou-se para o outro lado. Tentei fechar os olhos com força para não ver os raios, e até cobrir minha cabeça com o travesseiro para não ouvi-los, mas nada adiantava. Percebi que tinha mais medo de raios e trovões do que do

homem assustador na cama comigo, e me senti uma tola por isso, mas não tinha escolha.

— Richard. — choraminguei.

Ele virou de repente sentando-se na cama, parecia nervoso.

— Eu deveria deixar você na poltrona, deixar você se virar! — ele me olhou por um tempo, e quando outro raio me fez encolher, ele deitou de novo, esticando um braço para que eu pudesse deitar minha cabeça sobre ele e com o outro, me puxou para junto dele e o passou em volta da minha cintura. Deitou a cabeça sobre a minha e entrelaçou suas pernas nas minhas, ele me cobria de todos os lados e eu nunca tinha me sentido tão protegida. Ele cheirou meu cabelo e suspirou:

— Ah! Gabriella! O que você está fazendo comigo? — sussurrou em meu ouvido antes de beijar minha cabeça. Então segurou meu queixo e levantou minha cabeça a ponto de me beijar leve e docemente nos lábios, aí me soltou e deitou sua cabeça sobre a minha de novo. Ali, no calor do

corpo dele, sob a proteção dele, eu não tive medo de mais nada e adormeci.

Ele parecia um anjo quando dormia, seu corpo deliciosamente quente estava sobre o meu e eu não queria sair dali. Percebi que a chuva era fraca agora, mas o ventinho frio tornava a posição de nossos corpos ainda mais agradável. Consegui libertar meu braço e afagar seu cabelo, ele se mexeu e acordou. Saiu de cima de mim de repente e me senti vazia, mas não disse nada.

— Você conseguiu dormir? — perguntou.

Eu assenti. Ele esfregou os olhos e se esticou, sentou-se na cama e ficou me olhando. Eu ainda estava só com o roupão, e assustada pelo rumo que meus pensamentos tomavam vendo-o daquela maneira tão doce e sexy. Olhar para o seu corpo definido, seu abdômen deliciosamente esculpido, me dava uma vontade enorme de tocá-lo. Ele se levantou, mas sentou-se novamente e murmurou um palavrão.

— Algum problema? — perguntei me aproximando dele.

— Sim. — ele respondeu e me puxou para os seus braços, beijando minha boca com urgência, quase que com necessidade, sua mão acariciou minhas costas. Seus dedos atrevidos tocaram minha bunda, por baixo do roupão, mas eu não me importei, então ele tirou meu roupão. Ajeitou-me no colo dele e continuou me beijando enquanto me tocava. Depois de um tempo me jogou na cama sem deixar de me beijar e se posicionou entre minhas pernas. Desceu os beijos dos meus lábios pelo meu pescoço e os pousou docemente em meu seio direito, por fim ele chupava e mordiscava meu mamilo e eu já sentia minhas pernas tremerem de ansiedade, precisava tê-lo em mim. Ele desceu os beijos mais ainda pela minha barriga, contornou meu umbigo e com os dois dedos indicadores, roçou meu sexo molhado. Eu gemi com o toque frio de seus dedos.

— Você é tão quente! — ele murmurou. — Por

favor, não se afaste. Por favor, Gabriella, preciso de você.

Então, abaixou-se entre minhas pernas e pude sentir seu beijo descer pela minha barriga, passar pelos poucos pelos pubianos e alcançarem deliciosamente meu clitóris. Eu gemi mais alto e arqueei a pélvis para forçar mais de encontro à boca dele. Ele lambia delicadamente, então chupava com força e com o dedo lentamente entrou em mim. Gemi de novo, totalmente entregue a ele. Ele continuou me chupando e seu dedo me torturando, entrando e saindo.

Foi então que um barulho, me fez dar um pulo e ele se afastou de mim assustado.

— Gabriella! — uma voz masculina gritava meu nome.

Eu me enrolei no lençol assustada enquanto Richard sustentava uma expressão de puro ódio. E de repente a porta do quarto foi aberta e Christopher apareceu.

— Gabriella! — ele olhou para mim,

descabelada e desconcertada e enrolada no lençol. E para Richard com puro ódio nos olhos. — O que ele fez com você?

— O que está fazendo aqui? — perguntou Richard de forma ameaçadora.

— Eu vim salvá-la. Você perdeu totalmente o juízo, Richard.

Eu fiquei sem reação vendo os dois quase saírem no braço. Christopher viera me salvar, mas eu queria ser salva? A lembrança de poucos minutos atrás, da docilidade de Richard enquanto me tocava, me deu uma resposta rápida: não. Eu não queria ser salva, não mais. Então que diabos Christopher estava fazendo ali?

Christopher se aproximou da cama, mas Richard deu um passo em sua direção, os olhos semicerrados, a mandíbula travada, os lábios em uma linha. Christopher se conteve, Richard não parecia em seu melhor domínio de controle nos últimos dias.

— Vista-se, trouxe um barco para buscar você.

— falou Christopher. — Me desculpe chegar só agora, mas a tempestade me impediu de viajar a noite.

Pensei que a tempestade deveria ter continuado, para que ele não tivesse chegado naquele momento também. Christopher agia como se Richard não estivesse ali, mas quando tentou novamente se aproximar de mim, Richard parou na frente dele o impedindo.

— Ela vai de lancha comigo.

— Não tem a menor chance de você ficar sozinho com ela de novo! — respondeu Christopher.

— Eu não estou pedindo sua permissão. Estou avisando que se der mais um passo na direção dela, vou jogar você contra essa janela e acabar o que tínhamos começado.

Fiquei vermelha pelo modo como Richard falava, mas mais que isso, apreensiva, um gesto ou uma palavra errada de Christopher e os dois brigariam, e eu precisava impedir. Enrolei-me mais no lençol e me levantei, parando entre os

dois.

— Você está bem? — perguntou Christopher desviando o olhar para mim.

Eu assenti e ele me abraçou, parecia aliviado por ter me encontrado e me senti culpada por ter desejado tanto que ele não tivesse aparecido. Mas senti atrás de mim os músculos de Richard enrijecerem pela atitude do irmão.

— Obrigada, Christopher, mas eu vou de lancha com o Richard.

Christopher pareceu em choque.

— Barcos me dão enjoo. — tentei explicar.

— Depois do que ele fez com você, ainda quer ficar sozinha com ele?

Eu nem precisava olhar para Richard para sentir o sorriso que havia em seu rosto, por um lado isso era bom para acalmá-lo, mas por outro, sabia que aquilo estava magoando Christopher.

— Christopher, ele não fez nada comigo. De verdade. Além de me trazer aqui sem avisar...

— Sem avisar? Ele te sequestrou! Ele é louco! E

você também, se acha normal querer entrar numa lancha sozinha com ele!

Christopher gritava e Richard me puxou para junto dele, a expressão séria novamente.

— Não grite com ela. — disse entredentes, mas Christopher se calou, olhou para mim e para ele e saiu do quarto chutando a porta.

Soltei-me de Richard e sentei na cama, havia magoado Christopher e ele só queria me ajudar. Se tivesse chegado na noite anterior, seria meu herói, mas não naquele momento. Não quando eu queria tanto ficar com Richard. Ele passou o dedo pelo meu rosto e disse:

— Vista-se. Vou levar você para casa.

Assenti e fui me vestir.

O passeio de lancha era muito melhor que o de barco, mais rápido e até divertido. Teria aproveitado mais se não fossem milhões de coisas girando em minha cabeça. Richard permaneceu em silêncio durante o percurso, pilotava a lancha

tranquilamente, e aos meus olhos, estava quase irresistível sem camisa, o sol batendo em seus músculos enquanto se concentrava no mar. Vez ou outra olhava para mim, mas sua expressão era impossível de decifrar.

Quando chegamos ao pequeno porto da cidade, não avistei Christopher nos muitos barcos que atracavam ali. Richard percebeu que eu o estava procurando e segurou forte minha mão, praticamente me arrastando entre as pessoas. Um carro preto já o aguardava, ele abriu a porta e esperou que eu entrasse, sentando-se ao meu lado. Não soltou minha mão, mas não disse uma palavra. O carro parou em frente a um campo onde helicópteros pousavam e comecei a me dar conta de como chegamos até a pequena ilha, e do tanto que Christopher tinha percorrido para me encontrar. Um aperto no peito de culpa me fez gemer e Richard finalmente falou comigo.

— Tem medo de helicóptero? Não deveria, já que pula de asa delta.

— Não tenho medo.

— Então por que está tensa?

Dei de ombros e ele colocou uma mão em cada ombro meu parando meu gesto.

— Não. Faça. Isso.

— Eu quero ir para casa logo, podemos entrar?

— gritei apontando para o helicóptero que fazia um barulho estrondoso.

Ele assentiu e me subiu no helicóptero. Novamente procurei Christopher, mas ele não estava em lugar nenhum. Richard sentou-se ao meu lado, cumprimentou o piloto e apertou minha mão se aproximando do meu ouvido.

— Pare de procurar por ele. Por que não foi com ele?

Eu o olhei surpresa.

— Eu só estou me sentindo culpada por ele ter tido todo esse trabalho para me achar.

— Não se sinta. Ele não fez por você.

Eu tirei minha mão da dele e virei para o outro lado.

— Só chegaremos amanhã? — perguntei lembrando que fora tirada da minha casa na tarde de sexta e só tinha chegado a tal ilha no sábado de manhã.

— Não, chegaremos ao cair da noite. Demoramos mais na vinda porque eu não sabia ainda para onde a levaria.

— E onde eu estava enquanto você decidia?

— Desmaiada no meu carro.

— Será que você consegue perceber o quão doente isso soa?

Ele me olhou nos olhos, por um momento achei que ele queria chorar, mas se conteve e apenas assentiu. Seguimos o resto da viagem em silêncio.

Ele me levou em casa, onde Christopher aparentemente também não estava. Antes que eu abrisse a porta, ele me segurou.

— Gabriella, se quiser dar queixa contra mim, sei que é um direito seu, sei que fui louco e perigoso e que te assustei ontem. Eu não queria que tivesse sido assim. É só que você... — ele

respirou fundo e beijou o topo da minha cabeça. — Você é demais para mim, e não sou o melhor para você. Cuide-se. Adeus, Gabriella. — ele beijou minha mão e entrou no carro preto desaparecendo.

E eu me senti sozinha e desesperada de repente. O que ele queria dizer com aquele adeus?

Capítulo NOVE

Duas semanas depois do “sequestro”, Richard não tinha me procurado, não tinha me ligado, nem ido ao Hot. Christopher me atendia quando eu ligava, mas estava frio, então resolvi deixá-lo em paz. Uma noite, estava saindo do Hot e como estava fazendo nas últimas duas semanas, procurei pelo carro de Richard, mas ele não estava ali. Eu sabia que era loucura sentir falta dele depois de ver seu descontrole, mas não conseguia evitar. E aquele adeus tomava minha mente, me fazendo sentir sozinha. Perguntava-me se não o veria mais, se ele havia realmente desistido.

Tentei me apegar ao fato de que eu seria apenas mais uma em sua cama, e mesmo sabendo disso, eu sentia sua falta. Não sabia explicar, mas era mais do que desejá-lo. Ele esteve ali por mim, poucas vezes, pouco tempo, mas foi um dos únicos que esteve. E mesmo isso tornando-o ainda mais perigoso, ainda esperava o momento em que

ele apareceria como se nada tivesse mudado, e diria seu sensual “boa noite” e então viraria meu mundo de pernas para o ar como só ele era capaz de fazer, me fazendo ir do desejo ao medo em questão de segundos. E me parecia tão errado desejar tanto que aquele adeus não fosse de fato um adeus.

Ele machucou Ben, ele mexeu com meu menino. Eu devia me sentir feliz por ter me livrado dele e sua obsessão maluca, mas não era assim que me sentia.

Dei alguns passos e então avistei alguém sentado no conhecido banco. Parei onde estava, meu coração parecia que ia sair pela boca, não conseguia me mover e vendo que eu não me aproximaria, Richard veio até mim.

Parou perto demais, seu semblante estava sério, preocupado.

— Boa noite. — ele disse.

Não sabia se aquilo era uma visão, ou se depois de semanas ele finalmente estava ali. E então não

sabia se deveria sentir medo, ou me sentir em uma montanha russa de emoções de novo.

— Oi. — foi o que consegui responder.

A verdade, é que me sentia quase aliviada por vê-lo ali.

— Você sumiu. — comentei.

Um sorriso triste tomou seus lábios.

— Eu precisava me afastar, Gabriella. Para o seu bem e o meu.

— Então por que está aqui?

Ele não respondeu de imediato, me avaliou por um momento, como que ponderando a resposta. De repente, me puxou para seus braços e sua boca tomou a minha. Com voracidade. Enfiou os dedos em meus cabelos, puxando minha cabeça e aprofundando a língua na minha boca. As imagens de sua boca no meu corpo me voltaram à mente, me fazendo desejá-lo ainda mais.

Ele se afastou de mim um pouco, e sussurrou:

— Porque não consigo ficar longe. Eu só preciso ter você. Enquanto não a tiver, isso não vai passar.

Só vai piorar. Cada vez que eu olhar para você, vai piorar um pouco mais. Eu a desejo cada dia mais.

Ele tomou minha boca novamente em mais um beijo que me deixou sem ar e voltou a falar nos meus lábios:

— Vem comigo. Vamos acabar com isso.

Eu assenti ainda colada ao corpo dele e ele foi me arrastando apressadamente na direção da minha casa. Ficou praguejando por não estar de carro, achou que eu não entraria no carro com ele e o havia deixado longe. Mas no meio do caminho, meu celular tocou, era Stacie, avisando que Ben estava com febre. Corremos ainda mais e Richard nos levou ao hospital. Ficou comigo até que Ben fosse atendido e examinado, e quando o dia estava nascendo, ele foi embora.

Não foram os dias mais fáceis. Ben estava vomitando muito, e seu desânimo era tanto, que não queria ir à escola. Deixei que ele ficasse em

casa, e fiquei com ele. Passamos dois dias jogados em um colchão no chão da sala, assistindo a todos os filmes que ele gostava, e vez ou outra conseguia que ele comesse alguma coisa. No segundo dia, ele não queria sair de perto de mim, ficou recostado em meu braço, então o coloquei entre minhas pernas, praticamente no meu colo, e assim ele passou a tarde, e dormiu por mais de três horas seguidas pela primeira vez naqueles dias.

Chegou o dia em que fui receber meu salário, e já estava preparada para engolir o orgulho e pedir dinheiro a Stacie emprestado, pois sabia que as faltas que tive quando Ben piorou, seriam descontadas. Mas, quando olhei meu saldo, todo o dinheiro estava ali. Nada havia sido descontado.

— Isso é coisa do Becker. — constatou Stacie.

Não disse nada, continuei lavando as roupas de Ben enquanto ele dormia.

— Gabriella, eu não sou a favor disso que está acontecendo entre vocês.

— Nada acontece entre a gente, Stacie.

— Nada que queiram enxergar, você quer dizer. Richard Becker é um homem mau, tenho conversando com o Damy e meu Deus! Você não faz ideia das coisas que ele é capaz de fazer.

— Tenho certeza que você vai me contar, não é mesmo? — falei desanimada.

— Não vou. Não sou a favor de que você tenha um relacionamento com ele. Mas não sou contra. Você é muito sozinha, Bella. Talvez deva relaxar um pouco e pensar no que seu coração está pedindo.

— Meu coração não pede nada relacionado a Richard Becker.

— Ele cuidou de vocês. Da maneira estranha dele, mas cuidou. Nunca vi ninguém cuidando de você. Talvez você devesse simplesmente aceitar isso e vá ser melhor assim para o Ben, ou talvez você deva cortar pela raiz algo que vai machucá-la mais cedo ou mais tarde. Quem pode saber o que vai doer menos, Bella?

Larguei a roupa com os olhos cheios de lágrimas. Estava cansada de pensar, pensar e não chegar a nada. Cansada de sentir a falta dele. Cansada que ele parecesse não sentir minha falta.

— O que você quer que eu faça? — perguntei desesperada por uma resposta. — Quer que eu seja mais uma na cama dele? E depois eu me apaixono, e o Ben se apega e aí ele vai embora na manhã seguinte e tudo voltará ao normal. O que quer que eu faça?

— Viva. Eu quero que você viva. Se isso for ferida depois, que seja. Mas viva.

Ela se levantou e saiu andando, mas parou na porta, observando Ben dormir no sofá.

— Só tome cuidado, Bella. Apenas tome cuidado.

Duas tardes depois, Ben estava aparentemente melhor. Era dia de quimioterapia, e ao chegar ao hospital com Ben, Richard estava lá. Tentei disfarçar a cambalhota que meu coração deu ao

encontrá-lo. Tentei fingir que não era nada demais vê-lo ali. Mas Ben sequer tentou esconder sua felicidade ao vê-lo.

— Richard! — gritou soltando minha mão e se dirigindo a ele.

Imediatamente Richard o alcançou e o levantou nos braços.

— Você vai entrar comigo?

Antes que Richard tivesse que pensar em uma desculpa para não chateá-lo, respondi por ele.

— Não, meu amor. Eu vou entrar com você hoje, tudo bem?

— Eu entro, Gabriella, hoje vamos ter uma tarde de homens, certo Benjamim?

Ben sorriu e os dois sumiram pelas portas.

A expressão de Richard quando saiu carregando um Ben apagado nos braços não era das melhores. Ele o colocou no banco de trás e se jogou no banco do motorista.

— Não fica mais fácil. Achei que fosse ficar na segunda vez. — comentou.

— Não vai ficar mais fácil, Richard, porque isso não é fácil.

— Há uma menina lá dentro, está fraca demais, ela... — ele se calou e peguei sua mão.

— Eu sei. Você a ajudou muito com as doações que fez, sabia?

— Não parece que foi o bastante.

— Às vezes nada é o bastante.

Ele se virou para mim de repente, e acariciou meu rosto.

— Você parece tão cansada. Tem dormido?

— Ben esteve mal por uns dias.

— E você? Como tem passado? — ele insistiu.

— Do mesmo jeito que ele.

— Você podia ter me ligado. Eu teria ficado com vocês, poderia ter ajudado com alguma coisa.

Sorri.

— Não o imagino no chão da sala assistindo ao Nemo, mas agradeço a intenção.

Ele sorriu também.

— Eu não faria mesmo isso.

Ele colocou Ben na cama ao chegarmos em casa, e assim que saímos de seu quarto, me puxou pela cintura e encostou a testa na minha.

— Saia comigo essa noite, Gabriella. Venha comigo.

— Para onde?

-Qualquer lugar, desde que você seja minha.

— Tudo bem.

Ele se afastou de repente.

— Tudo bem?

— Sim, tudo bem. Preciso ver se a Stacie pode ficar com o Ben, mas se ela puder, você pode me pegar aqui às...

Ele não me deixou terminar a frase, me puxou de encontro a ele e me calou com seus lábios, famintos como sempre, intensos como eu adorava.

— Essa noite... — prometeu quando me soltou de repente e foi embora.

Coloquei uma roupa simples, não ficaria com ela por muito tempo mesmo. Certifiquei-me de que

Ben estava dormindo e bem, antes de terminar de me arrumar. Faltando meia hora para Richard chegar, já estava pronta. E ansiosa. E com medo. Esse medo passaria no momento em que ele me tocasse, e eu esperava que isso fosse uma coisa boa.

Quinze minutos antes do horário marcado, a campainha tocou. Corri para atender, mas era Marcia, a mãe de Ariana. Ariana fazia quimioterapia com Ben, e ao ver a dor estampada no rosto de Marcia, não foi difícil assimilar o que havia acontecido. Fui com ela para o hospital, ela não era da cidade e estava ali porque fora onde conseguiu o tratamento. Estava sozinha, não podia deixá-la naquele momento. Tentei falar com Richard, mas ele não me atendeu, e naquela noite, eu não o vi.

Depois disso ele não me procurou mais. E eu não sabia se devia procurá-lo. Não sabia em que pé estávamos, e ainda sentia sua falta.

Numa sexta de manhã, acordei com alguém na

porta, era Damy.

— Quero saber por que você não vai no jantar de hoje.

— Que jantar?

— O jantar beneficente que os Becker irão. Achei que iria com o senhor Richard, mas ele convidou outra pessoa.

Engasguei com a água que estava tomando.

— Que outra pessoa?

— Uma lambisgoia loira. Achei estranho, porque até um tempo atrás ele ficava te exibindo por aí e até conseguiu o contrato com Otávio Trentini porque ele se encantou por você. Apareceu na gravadora três vezes só essa semana e em todas perguntou por você.

Senti minhas pernas bambearem com a hipótese de Richard estar fazendo com outra o que fazia comigo. Ele tinha um novo acordo, uma nova acompanhante, mas nós não tínhamos desfeito nosso acordo. Como ele simplesmente me trocava assim? Com certeza a outra seria alguém que faria

o que ele quisesse e se entregaria a ele a hora que ele ordenasse.

Deixei Damy na sala falando sozinho e fui me vestir.

Bati na casa de Stacie, que atendeu resmungando pelo horário.

— Pode ficar com o Ben?

— Aonde você vai a essa hora? Ainda nem são nove da manhã. Você dormiu?

— Vou só resolver um problema, mas não demoro.

Ela mandou que Ben entrasse e recostou-se sobre a porta.

— É por que o Becker vai levar outra ao jantar, não é?

— Como você sabe sobre isso?

— Damy me contou. Eu disse a ele que devia te contar, mas não imaginei que fosse se importar tanto. Não era o que você queria até esses dias atrás? Que ele te deixasse em paz?

— Sim. Mas ele não pode dizer por aí que

namora comigo e depois sair com outra. Não vou ficar como a traída, antes eu faço uma cena que ele nunca vai esquecer.

— Gabriella, Gabriella, isso tem tudo para acabar mal.

Dei de ombros e saí, estava determinada.

Entrei no Orion, o edifício de Luxo como eu o conhecia e dei bom dia para os seguranças que me deixaram passar. Quando cheguei ao 11º andar, Lucia me olhou de cara feia.

— Bom dia, onde está o Richard?

— Adianta se eu disser que está em uma reunião?

— Não. — respondi e entrei em sua sala de reunião.

Para minha surpresa, ele estava sozinho, sentado em sua cadeira virada para a grande janela de vidro, olhando a rua lá embaixo, parecia triste.

— Pensando em se jogar lá embaixo?

Ele se assustou e me olhou surpreso. Levantou-se

e veio até mim me dando um abraço inesperado e rápido. Rápido demais.

Então se afastou e voltou à sua expressão fria de antes.

— O que quer aqui, Gabriella? Dinheiro não deve ser, porque é orgulhosa demais para pedir. Não tenho te incomodado, então não posso imaginar o que seja.

Sim, eu não tinha motivo algum para estar ali. Exceto esse aperto no peito por imaginá-lo com outra pessoa. Fazendo com ela o que dizia querer fazer comigo.

— Só queria saber quando ia me contar sobre o jantar de hoje.

Um sorriso surgiu em seus lábios.

— Não pretendia te contar uma vez que não está convidada.

— Então imagino que já tenha outra acompanhante.

Forcei-me a esconder a decepção por não ser eu sua acompanhante da noite.

— Provavelmente. Mas não fique chateada, para esse evento precisava de alguém mais elegante, fina. Sei que você entende.

Senti o sangue ferver, estava estranhamente emocionada por estar perto dele novamente, sentindo uma coisa estranha por saber que ele estaria com outra, mas bastava uma palavra fria com aquele tom de desdém, que sentia o mesmo ódio que me lembrava de sentir na presença dele. Esforcei-me e dei um sorriso.

— Então presumo que nosso acordo acabou e não preciso mais ser sua acompanhante.

Ele pareceu se irritar.

— Não. Quer dizer que por enquanto não quero sua companhia, mas vou querer de novo um dia.

— E você acha que eu estarei à sua disposição?
— nem acreditei na calma que consegui aparentar, embora estivesse explodindo de raiva.

Uma batida na porta chamou minha atenção e Christopher entrou na sala. Até ele batia na porta.

— Bella! Soube que estava aqui.

Estranhei que ele estivesse na empresa às nove horas da manhã, já que ele mesmo assumira que detestava acordar cedo, mas pensei que deveria ser por causa do tal evento beneficente. Ele estava com um sorriso enorme e me deu um abraço apertado e demorado, até demais para alguém que andava me ignorando nos últimos dias. Pensei que era por causa da presença de Richard, mas não importava, eu também queria irritá-lo. Então devolvi o abraço a Christopher com um sorriso, na verdade, eu estava mesmo sentindo falta dele.

— Por aqui tão cedo? — perguntei.

— Só vim pegar uns papéis. Quer tomar um café?

Assenti e segurei sua mão, mas Richard me segurou pelo braço, nos impedindo de sair.

— Ainda não acabamos. — falou no seu tom ameaçador.

Eu me desvencilhei da mão dele e dei de ombros.

— Acabamos sim, boa sorte com sua acompanhante. — dei um sorriso forçado e saí de

braços dados com Christopher.

Na cafeteria, Christopher tomava uma vitamina enquanto me avaliava. Um sorrisinho no canto direito da boca mostrava que ele havia percebido minha irritação. Depois de um tempo, falou:

— Por que o Richard convidou Paola Trentini para o evento?

Trentini? A nova acompanhante de Richard era parente de Otávio Trentini? As coisas fizeram sentido, deveria ser filha dele, filha do novo sócio de Richard, e ele era muito esperto seduzindo a filha do novo sócio.

— Não sei. — disse apenas.

Esperei que ele perguntasse se eu estava chateada por isso, ou se tinha terminado de vez com Richard, ou qualquer coisa que me deixasse em desvantagem em relação aos meus sentimentos por Richard, mas ele apenas deu outro gole em sua vitamina e disse:

— Quando eu era pequeno, gostava de tomar

vitamina com colher, demorava mais para acabar. Mas um dia minha mãe viu, então enfiou a colher na minha garganta até eu quase vomitar. Desde então aprendi a beber no copo.

Eu engasguei com meu pão de queijo.

— Sua mãe não era muito paciente, então.

Ele riu e meneou a cabeça em negativa.

— Não, paciência não é o forte da família Becker.

Percebi que ele se divertia com a lembrança, então coloquei minha xícara de café na boca e ele continuou:

— Então, quer ir ao coquetel comigo?

Cuspi para fora todo o café que tinha na boca e engasguei. Rapidamente Christopher estava atrás de mim batendo de leve em minhas costas.

— Está tudo bem?

Assenti.

— Olha, se tudo isso é porque não quer ir comigo, é só dizer não.

Eu dei um sorriso sem graça percebendo que

todos na cafeteria olhavam para mim.

— Não, não é isso, só fiquei surpresa com o convite.

— Não entendo o motivo. Mas então, quer ir comigo?

Seria realmente ótimo ir com ele, ver a expressão de raiva de Richard. Se é que ele sentiria raiva, talvez não se importasse mais com quem eu saía. Mas esse não era o real motivo que me fazia pensar em ir a esse evento com Christopher. O real motivo era ela.

Eu queria vê-la, a herdeira Trentini, saber se era bonita e fina, como Richard dissera.

Queria vê-los juntos. Ver a cena, olhar bem para os dois juntos, duas pessoas do mesmo mundo, e então matar o que quer que estivesse nascendo por Richard em mim.

Mas se ele precisava de uma garota requintada para acompanhá-lo, Christopher daria vexame saindo comigo.

— Obrigada, Christopher, mas você sabe, eu não

sou requintada como vocês. Eu nem gosto de comer de garfo e faca, você só ia se envergonhar comigo.

Ele segurou minha mão e olhou em meus olhos de uma forma tão intensa, que fez meu coração acelerar de repente.

— Não me importo com a maneira como você vai se comportar, e tenho certeza que serei o homem mais bem acompanhado da noite. Por favor, Bella. Venha comigo.

Era impossível dizer não àquele homem lindo, atencioso, divertido, que me chamava pelo apelido. E, principalmente, era impossível dizer não a minha curiosidade de conhecer Paola Trentini. Havia um lado em mim que tinha o bom senso de me alertar que essa não era a coisa certa a se fazer, que eu devia deixar que Richard e sua nova acompanhante explodissem sem que eu sequer ficasse sabendo sobre eles. Mas, havia aquele outro lado. O lado que me causava aquele aperto no peito, e a aquela raiva por ter sido

trocada, assim, acabei concordando, mesmo com todos os meus instintos mais sábios me dizendo que definitivamente essa não era uma boa ideia.

— Se eu for, vamos como amigos. Por favor, não faça piadas, nem coisas que possam... — parei a frase no meio sem saber como explicar.

— Irritar o Richard? Fazê-lo pensar que estamos juntos? — ele completou.

— Ninguém deve pensar que estamos juntos, porque não estamos.

— Relaxa Gabriella, não vamos sair casados desse evento. É só um jantar beneficente. Vamos fazer nossa boa ação do ano e relaxar, ok?

— Tudo bem, mas eu posso escolher minha roupa?

Ele arqueou a sobrancelha.

— Claro! Quem mais escolheria por você?

Assenti e passei a tarde entre arrependida e ansiosa. Eu sairia com Christopher, mas não era um encontro. Talvez Richard nem nos visse, pois eu só precisava ver como era Paola Trentini e

então poderia ir embora, aceitar que o tipo de mulher com quem Richard se relaciona definitivamente não é o meu, e poderia ter paz novamente.

Capítulo DEZ

— O Richard vem hoje?

Larguei o jornal de lado e puxei a cadeira de Ben facilitando para que pudesse puxá-lo para meu colo.

— Não sei meu amor, acho que está muito ocupado.

— Ele vem amanhã?

Abracei Ben e escondi seu rosto em meu ombro para que ele não visse meus olhos.

— Talvez ele venha amanhã sim. Por que não viria?

Meu menino sorriu e beijou meu rosto, acariciando meu cabelo como sempre fazia.

— Quer que eu fique com você, meu amor?

Ele negou com a cabeça.

— Não. Mas quero que o Richard venha amanhã. Você pede para ele?

Assenti.

— Peço sim, Ben. Vou pedir a ele que venha te

ver.

— Obrigado, Bella.

Apesar de tudo, Benjamin não estava acostumado a ver as pessoas nos deixando.

Era somente um jantar bobo, em que eu não ficaria por mais do que dez minutos. Deixei Christopher avisado que não seria exatamente sua acompanhante, só queria ver a tal Trentini. E por causa disso, não podia aparecer vestida de qualquer jeito. Richard dissera que não me levaria porque precisava de alguém mais elegante, e para o caso de ele me vir, e ela me vir, eu precisava estar à altura. E foi somente por isso que desenterrei de meu armário, o vestido de casamento. Não era o de casamento na igreja, mas o do civil. Eu havia ido embora duas semanas antes de meu casamento no civil, e desde então aquele vestido não tivera qualquer serventia. Mas naquela noite, ele teria.

Às oito horas da noite já estava pronta, conforme

combinado, Christopher apareceu para me pegar. Ele olhou para meu vestido azul claro, era longo nas pernas, mas tinha um decote generoso, pequenas pedras apenas para dar brilho tomavam o busto e desciam pelas laterais, e a saia era feita de voil, um pano delicado e transparente, de um azul mais claro do que o busto. Eu havia passado uma maquiagem leve e colocado grampos enfeitados no cabelo. Christopher me olhou de tal maneira, que me perguntei se havia exagerado, mas então ele abriu um enorme sorriso, e finalmente falou:

— Não prometo te trazer direto para casa depois da festa.

Eu sorri e fui me despedir de Ben, que estava triste.

— Você está bem, querido?

Ele assentiu, mas então falou:

— Por que vai sair com ele? Onde está o Richard?

— Ele é só um amigo, Ben. E o Richard estará

lá, e então pedirei que venha vê-lo, tudo bem? — senti um aperto no peito mentindo para meu menino.

Onde eu estava com a cabeça quando deixei que Richard se aproximasse de Ben? Quando deixei que Ben se apegasse a Richard? Ben sentia falta de uma presença masculina e Richard era a primeira, então era óbvio que ele o admiraria, mas eu devia ter previsto que nos vendo juntos tanto tempo, ele esperaria alguma coisa mais em sua cabecinha simples de criança. Eu já não sabia o que fazer para que ele esquecesse Richard.

Assim que chegamos ao coquetel atraímos olhares, não sei se pelo fato de um Becker sempre atrair olhares, ou porque eu era a única da festa que não usava um vestido caro assinado por algum famoso, ou, o mais óbvio, porque todos me conheciam como a namorada do Richard, e agora ele estava ali com a herdeira Trentini e eu com seu irmão. Comecei a pensar que não havia sido uma

boa ideia sair com Christopher, então queria ir logo embora.

Christopher segurou forte minha mão diante dos olhares, mas me apresentava como uma amiga da família, o que eu sabia, reforçaria a ideia daqueles que achavam que eu era a puta do Richard, agora seria oficialmente a puta dos Becker. Quando entramos no coquetel, a primeira coisa que avistei foi ele. Em pé em um canto conversando com mais dois homens, numa camisa social azul marinho, com os primeiros botões abertos, uma calça preta social e seu sorriso, tão raro e encantador. Senti-me sem ar por um momento. Tentei me esconder para que ele não me visse, mas foi exatamente para lá que Christopher me levou, e eu deveria ter previsto que ele faria aquilo, mas não estava preparada e acho que minha expressão de susto, foi a responsável pelo sorriso zombeteiro no rosto da moça com um elegante vestido pérola, com suas finas e

compridas pernas à mostra e seu cabelo loiro, liso e ralo com todos os fios nos devidos lugares. Ela estava com seu bracinho fininho no braço de Richard e me olhou de cima a baixo com ar de desdém.

— O que está fazendo? — reclamei baixinho, mas Christopher fingiu não ter ouvido.

— Otávio! — chamou ele e o velho e Richard nos olharam.

E então, a expressão de Richard não me permitiu olhar para nenhum outro lugar. Ele nos olhava como se fôssemos monstros, como se estivéssemos cometendo um crime, percebi que ele apertou a taça em sua mão.

Paola deu um puxão em seu braço exigindo atenção, mas ele continuou com os olhos cravados em mim, irradiando sua raiva, e eu não queria me importar com ele. Não deveria ter me visto, mas ele estava ali com outra, por que eu não poderia fazer o mesmo?

Cumprimentei Otávio que também parecia

surpreso por eu estar com Christopher, mas não disse nada a respeito. Ele me disse que eu estava linda e Christopher passou o braço pela minha cintura me puxando para a rodinha que conversava ali. Richard engasgou no mesmo instante e pude sentir o sorriso nos lábios de Christopher. Tratei de me desvencilhar dele delicadamente e queria ter pedido para ir embora.

Missão cumprida, eu tinha ido, tinha visto a herdeira metida Trentini, e tinha visto a raiva de Richard e sabia que ele se importava, logo, já podia ir embora. Mas não queria. Richard estava possesso, como se tivesse o direito de estar, como se tivesse me prometido mais do que ele provavelmente daria àquela mulherzinha pendurada nele naquela noite. Ele não tinha direito algum! E de repente eu não queria ir embora, queria irritar Richard, acabar com a noite dele, não era justo que eu voltasse para casa para ficar pensando no que eles estariam fazendo,

enquanto ele se divertia com ela. Eu duvidava que ela sequer conseguisse fazê-lo dar um sorriso sincero, que ele sentisse por ela a atração descontrolada que sentira por mim um dia.

Por que ele estava com ela? Eu nem percebi quando tinha pensado naquilo, mas no segundo em que Paola Trentini colocou seus dedos magros nos lábios de Richard limpando alguma coisa, minha mão automaticamente esbarrou na dela e o vinho de sua taça virou sobre seu vestido pérola.

— Desculpe-me! — disse com a cara mais lavada do mundo.

Atrás dela, Richard me olhava entre desacreditado e segurando o riso e Christopher, ao meu lado, não estava nem um pouco contente. Ela começou a gritar feito louca enquanto Otávio tentava acalmá-la. Ela saiu correndo no que considerei um exagero, foi apenas uma taça de vinho, mas Otávio acabou puxando Christopher para ir atrás dela com ele, deixando apenas Paulo

Messias, o outro empresário que estava por perto, Richard e eu.

Rapidamente pedi licença e me afastei, já podia ir embora, só tinha que avisar Christopher.

Pensei tê-los visto virar à esquerda, pequei uma taça de champanhe com um garçom e entrei em uma porta à esquerda, que dava numa enorme biblioteca. Eu passei pelas prateleiras com livros e mais livros, havia uma lareira e em frente a ela, uma mesa enorme com uma poltrona. Era um lugar tranquilo e quase me fez esquecer o que estava acontecendo lá fora, quase, mas Richard entrou atrás de mim:

— O que você pensa que está fazendo?

Eu me virei para ele, que caminhou até mim com determinação, mas parou na minha frente e ficou me olhando, seus olhos pareciam acesos e sua respiração estava acelerada. Eu não conseguia tirar os olhos dos dele, então dei um passo para trás, na tentativa de me afastar, mas ele me puxou pela cintura e sua boca cobriu a minha, sua língua

quente invadiu minha boca enquanto seus braços me apertavam cada vez mais contra seu corpo. Eu já não conseguia respirar. Quando ele interrompeu o beijo, sua respiração acelerada permaneceu em meu rosto, e ele o beijou várias vezes.

— Eu devia trancar você. Levar você para aquela ilha e te manter lá. Você me provoca demais, Gabriella. Eu odeio vê-lo com as mãos em você.

Eu queria dizer alguma coisa, que não era da conta dele, ou que não havia nada entre Christopher e eu, mas não disse nada. Aproveitei seu abraço, encostei minha cabeça em seu ombro, e enquanto ele acariciava minhas costas com a ponta dos dedos, deixei escapar:

— Eu senti sua falta.

Ele parou o movimento dos dedos em minhas costas e seu corpo enrijeceu. Afastei-me dele, arrependida por falar sem pensar, mas ele me olhava de uma maneira tão intensa, indecifrável, que me mantive olhando em seus olhos. De repente ele me puxou novamente me dando outro

beijo, e sussurrou:

— Eu também senti muito a sua falta. — então se afastou e pegou minha mão. — Vem comigo. Vamos sair daqui agora mesmo.

Por mais que eu quisesse ir, não podia, não podia fazer aquilo com Christopher, então resisti e ele me olhou.

— O que foi?

— Eu não posso.

Ele pareceu entender o motivo da minha recusa em ir com ele, seus olhos calmos desapareceram e sua expressão furiosa retornou.

— Você só pode estar brincando!

—Richard, não posso chegar acompanhada dele e sair com você. Ele irá passar por ridículo.

— Ele é ridículo! E estou pouco me lixando para o que vai acontecer com ele. Eu quero você. Agora. Venha comigo.

Resisti mais uma vez e Richard parecia que ia explodir a qualquer momento.

— E a sua acompanhante? Vai deixá-la a ver

navios? Vai deixar na mão a filha de Otávio Trentini?

Ele soltou minha mão e ficou dando voltas.

— Não é o que está pensando. Não estou com ela. Eu disse a Otávio que você não poderia vir e ele me pediu que acompanhasse Paola, mas não é um encontro. Eu a encontrei aqui, e aqui ela permanecerá ao final da noite.

Cruzei os braços, irritada. Então todo esse trabalho havia sido por nada?

— Você podia ter me dito isso, em vez de dizer que eu não era a “acompanhante” da vez!

Ele parou de dar suas voltas e me encarou, tão sério, que por um momento tive vontade de sair correndo, para não ter que ouvir o que quer que ele fosse dizer.

— Estava tentando protegê-la. Estou tentando cuidar de você, e você ficará bem melhor longe de mim.

— Você já disse isso. E me procurou de novo. Está dizendo agora, mas sabe que vai me procurar

novamente. O que você quer, Richard? Você quer uma noite comigo? Ótimo! Estou disposta a ceder, saia por essa porta, despeça-se de sua acompanhante. Farei o mesmo e iremos parta onde você quiser. Se for somente isso que você quer, é somente isso que vou desejar de você. E você vai me prometer que não me procurará amanhã.

Ele pareceu em choque. Aproximou-se de mim a passos largos, como se eu o tivesse ferido.

— Eu nunca prometeria algo que não sei se posso cumprir. Parece que ficar longe de você é mais do que posso suportar, então não vou fazer isso.

— Então o que você pode me prometer, Richard? Eu só preciso que você prometa. — ele permaneceu em encarando, mas não disse nada — Você quer que eu assuma o que sinto? Sim, Richard, eu o desejo, muito mais do que achei que fosse possível. Mas você também deve assumir o que sente, porque seu comportamento descontrolado e possessivo não pode ser só por

desejo.

Ele negou com a cabeça. Sua expressão ainda era sombria, como se eu o estivesse ferindo, e eu não entendia porque ele estava daquele jeito. Eu deveria me sentir ferida, ele estava ali com outra, e me dizia com todas as letras que eu seria mais uma em sua cama, e mesmo assim eu não conseguia controlar o que sentia por ele. Mas era ele que estava ali, tão perdido, me olhando, ora como se eu fosse sua tabua de salvação, e ora, como naquele momento, como se eu fosse seu pior castigo.

— Não posso te prometer nada.

Tentei controlar, mas sei que falhei miseravelmente em esconder que aquela não era a resposta que eu queria ouvir. Não era a resposta que eu precisava ouvir dele.

— Adeus, Richard. — dei um passo em direção a porta, mas ele não permitiu:

— Você vai comigo de qualquer jeito! — ele me puxou pelo braço, e a taça na minha mão balançou

derramando champanhe no meu decote.

Soltei-me dele, brava:

— O que é isso? Vingando sua acompanhante?

Esperei por uma resposta, ou um pedido de desculpas, porém, antes que me desse conta, ele estava me beijando novamente, e seus lábios desceram pelo meu pescoço e pararam no meu decote, ele lambeu o champanhe fazendo meu corpo arrepiar de desejo. Fechei os olhos e passei os dedos em seu cabelo, o empurrando para mais perto de mim. E nesse momento, a porta se abriu e Christopher apareceu.

— Tire as mãos dela, Richard! Ela está comigo!
— gritou.

Richard se afastou de mim, mas olhava determinado para Christopher, claramente não se importava em começar uma briga ali mesmo. Eu corri na intenção de fechar a porta da biblioteca, para que ninguém mais percebesse o clima ali dentro, porém, quando dei o primeiro passo, Richard segurou meu pulso e me puxou de volta

para perto dele.

— Ela não está mais com você. — falou para Christopher.

As pessoas lá fora já começavam a reparar a confusão na biblioteca, e já se aglomeravam na entrada, eu tentei me soltar de Richard, precisava fechar a porta, mas ele manteve sua mão forte em torno do meu pulso.

— É melhor soltá-la agora mesmo, Richard! — ameaçou Christopher.

— Richard! Solte-me! Christopher, não estamos juntos! Querem parar com isso? — tentei, mas nenhum dos dois parecia me ouvir.

Richard continuou me segurando e eu tentando me soltar, então de repente, o pulso de Christopher passou pouco acima da minha cabeça e quase acertou Richard, que finalmente me soltou e rapidamente respondeu com o punho acertando em cheio a boca de Christopher.

Eu gritei com a cena e antes de Christopher se recuperar, Richard partiu para cima dele, dando

uma joelhada em sua barriga e jogando Christopher para trás. E claramente Richard não pretendia parar, se aproximou dele novamente, então eu entrei em sua frente e gritei:

— Chega Richard! — me abaixei ao lado de Christopher e levantei sua cabeça antes que ele engasgasse com sangue. Quando levantei o olhar para Richard, ele parecia ainda mais ferido, parecia traído.

Otávio e algumas pessoas entraram na biblioteca sem entender o que estava acontecendo, quando perguntou a Richard, ele não respondeu e me levantou pelo braço de forma agressiva.

— Você tem que escolher Gabriella! Não dá para ficar andando com os dois, nós não dividimos mulheres.

Senti os olhares todos em mim, algumas pessoas com expressão de compreensão.

— Não seja estúpido, Richard! — falei o mais baixo possível.

Atrás de nós, alguém ajudou Christopher a se

levantar. Richard o encarou com raiva, e deu um passo na direção dele novamente, mas eu entrei em sua frente o impedindo. Ele praticamente jogou meu braço para baixo.

— Então essa é sua escolha?

Olhei em volta, não sabia onde me esconder, senti meu rosto ardendo de vergonha. Aproximei-me de Christopher e passei seu braço pelo meu ombro. Vendo o que eu estava fazendo, Richard pareceu ficar ainda mais irritado.

— Se sair por essa porta com ele não poderá correr atrás de mim depois, Gabriella!

Senti as lágrimas descerem por meus olhos, o quanto mais ele pretendia me desmoralizar? Todos já me olhavam com pré-julgamentos antes daquela cena toda, mas talvez eu merecesse, eu devia ser culpada. Não queria estragar a noite de Richard? A noite de nós três estava acabada, junto com minha reputação na cidade, que já não era das melhores por causa do Hot. Vendo que eu não respondia, Richard deu um passo na minha

direção, mas eu o encarei, com a vergonha e o ódio que sentia nos olhos, e devia estar realmente assustadora, pois ele parou no mesmo instante e apenas me encarou. Depois, abaixou a cabeça e passou a mão pelos cabelos, parecia envergonhado.

Eu me afastei com Christopher e o levei para fora dali. Dirigi até o portão da casa dele, que me lembrei por milagre onde era, então desci do carro sem dizer uma palavra e fui embora a pé.

Na manhã seguinte, estava no mercado com Stacie, ainda não tinha ligado para saber como Christopher estava, Richard havia me ligado, mas eu o recusei e acabei desligando também o telefone da Stacie por precaução. As pessoas passavam por mim e cochichavam. Eu tentava fingir que não me importava, mas estava realmente chateada com toda situação, principalmente por ter sido provocada por Richard.

— Quanto tempo uma fofoca demora a se espalhar nessa cidade? Será possível que todo mundo já sabe? — reclamou Stacie.

— Saiu no jornal, Stacie. Naquela coluna desnecessária sobre a sociedade. — falei tentando não demonstrar o quanto aquilo me chateava.

Ela arregalou os olhos, mas tentou desconversar.

— Não sei quem ainda lê essa coluna! É só um jornal local.

— Sim.

Não era. Richard e Christopher Becker eram empresários conhecidos nacionalmente. E as especulações sobre a péssima relação entre eles iam longe. Eles haviam achado um motivo para que os irmãos Becker se odiassem, e claro que iriam explorar isso. Bela manchete: “Dois irmãos milionários brigam por uma garota de programa.” Se eu fosse uma pessoa que me importasse com a opinião dos outros sobre mim, estaria em um hospício àquela altura.

Quando meu telefone tocou pela décima vez aquela manhã, já ia recusar automaticamente a ligação, quando percebi que o número não era de Richard, era da escola de Ben. Atendi rapidamente.

— Senhorita de Wolle? Sou Laura, secretária da IEEC, será que a senhorita poderia vir buscar o Benjamin?

— Aconteceu alguma coisa?

— Ele só está se sentindo um pouco indisposto e pediu que chamássemos a senhorita.

— Estou indo.

Como era de se esperar, meu carro havia passado muitos dias desligado e nada do que eu tentei o fez ligar. Peguei um táxi o mais rápido que pude e cheguei à escola. Assim que me atendeu, a secretária, Laura, uma jovem provavelmente da minha idade, com o cabelo liso bem preso em um coque elegante e o uniforme social da escola impecavelmente passado, me levou até Ben, dizendo apenas que ele estava

indisposto e que a diretora não se encontrava no momento. Pensei ter a sentindo hesitar ao dizer que a diretora não estava, mas não fazia questão de falar com ela.

Ben estava sentado num banco, com a cabeça baixa e um bico enorme. Corri até ele, que me abraçou assim que me viu. Então me sentei com ele no banco com o coração aos pulos. Na bolsa que eu carregava estava a roupa que ele precisaria se tivéssemos que passar a noite no hospital.

— Onde está doendo querido?

Ele meneou a cabeça indicando que não estava com dor.

— Então por que está chorando?

— É porque eles estão falando de você. — respondeu ele apontando para um grupo de crianças que brincava numa quadra próxima.

Eram crianças mais velhas que ele, e claro, ricas. Eu deveria ser o assunto preferido de suas mães fofoqueiras e Ben estava pagando por isso. Nem precisava perguntar para imaginar sobre o que

estavam falando. Mas Ben prosseguiu explicando:
— Eles disseram que você namora com o Richard e o irmão dele, e que você ganha dinheiro assim. Eles disseram uma palavra feia e agora todos estão rindo de mim.

O que eu havia feito? Como desfaria? Abaixei a cabeça por um momento sem saber o que dizer. Foi então que uma voz atrás de mim respondeu:

— E você acredita neles? Acha que sua irmã é assim?

Virei-me tão surpresa quanto Ben pela presença de Richard, mas me dei conta de que ele havia dado ordens para ser avisado sobre qualquer coisa que acontecesse a Ben, eu deveria ter previsto que ele estaria ali. Evitei olhar para ele novamente, mas Ben estava visivelmente mais calmo.

— Não. — respondeu ele.

— Então não tem porque se sentir mal por isso. Esses meninos são uns babacas que não conhecem sua irmã tão bem como nós.

— Mas com quem ela está namorando? —

perguntou ele confuso.

Richard abaixou a cabeça e me apressei em responder.

— Não estou namorando ninguém, querido. Agora vamos.

— Podemos ir no seu carro? — perguntou Ben.

Eu ia dizer que não, mas Richard já havia consentido e Ben correu mais do que tinha corrido em semanas, para o portão. Durante a viagem eu não olhei no rosto de Richard e ele não tentou conversar comigo. Ben sorria e se divertia em pé no banco olhando a rua e parecia já ter esquecido a conversa. Mas, quando estávamos quase chegando, ele se sentou no meu colo com toda manha possível.

— Bella, eu posso faltar amanhã?

— Não. Por que quer faltar? Você adora a escola. Ele abaixou a cabeça.

— Não quero ver aqueles meninos falando de você de novo, eu tentei bater neles, mas não tenho força. Será que eu posso voltar para a minha

escola antiga?

Senti meu peito apertar. Segurei seu pequeno rosto entre as mãos e falei o mais firme possível.

— Você não precisa mudar de escola por causa de uns meninos bobos. Se eles falarem de mim novamente, diga a eles que meus dois namorados irão até a escola pendurá-los pela cueca no portão de entrada.

Ben abriu um sorriso e ficou em pé novamente com os bracinhos abertos aproveitando o vento. Senti que Richard sorria, mas o ignorei. Quando chegamos, Ben deu um abraço em Richard e pediu meio sem graça:

— Você vem me ver amanhã?

— Ben, querido, olha a Stacie e olha o que tem na mão dela. — disfarcei.

— Se sua irmã deixar, estarei aqui, garotão.

Ele abriu um enorme sorriso e desceu correndo do carro ao avistar Stacie e um pote de sorvete na mão.

Eu me virei para descer, mas Richard segurou

minha mão:

— Gabriella...

— Agora não Richard. — respondi descendo do carro, o ouvi mandar o motorista seguir em frente e entrei em casa sem olhar para trás.

A noite no Hot estava agitada como noites de sexta, com a diferença que havia presenças femininas, o que era raro. Por várias vezes enquanto servia as mesas, ouvi cochichos com meu nome, mas quando eu olhava, elas se calavam. Pensei que não seria possível que elas estivessem ali somente por curiosidade. Foi então que Layla esclareceu:

— Elas estão aqui por curiosidade. Todas querem saber como é a sortuda que conseguiu laçar os cobiçados irmãos Becker. Você sabe, os dois! — falou ela admirada.

Vendo que eu não rendia assunto, ela continuou:

— Acho que esperam que eles venham aqui ver você e assim elas possam vê-los.

Dei uma risada.

— Os dois virem aqui me ver? O que mais elas esperam? Que façamos uma suruba ao vivo para acabar com a curiosidade delas sobre como eu consegui fisgar os dois?

Layla percebeu que eu estava irritada e se afastou. Então Carlo se aproximou de mim.

— Percebi que não está bem, Bella, quero que saiba que não me importo com essas fofocas, sei que seu namorado é o senhor Richard e não o irmão.

Eu dei de ombros indicando que não me importava.

— Por que não tira o resto da noite de folga?

— Não precisa, obrigada. Eu estou bem.

— Eu insisto. Vá para casa, ligue para seu namorado e relaxe um pouco.

Eu joguei o pano que estava usando para limpar as bandejas na pia e olhei para ele. Havia uma coisa me incomodando desde a primeira vez que ele me mandara sair mais cedo.

— O movimento está grande e uma garçonne a menos não ajuda em nada, por que vive insistindo que eu saia mais cedo? O que você ganha com isso?

— Bella! Eu me preocupo com você! — respondeu ele, mas vendo que eu não estava convencida, continuou. — Eu não posso contar. — ele me olhou pelo canto do olho, mas parecia nervoso, então finalmente falou. — Richard Becker me paga o dobro do seu dia de serviço quando você vai para casa mais cedo.

Eu pude sentir meu queixo cair. O que ele pensava que estava fazendo? Pagando meu chefe para me deixar em casa? Qual a intenção dele com aquilo? Tirei o avental e joguei na pia.

— Então diga para o senhor Becker pagar o dobro pelo resto do fim de semana, porque eu não virei trabalhar.

Ele simplesmente abaixou a cabeça e me deixou passar. A chuva fina caiu sobre meu rosto, mas era bem-vinda, refrescava minhas ideias. Abaixei

a cabeça, passei os braços em volta do corpo e fui caminhando, mas não dei três passos antes de perceber uma figura sentada num banco de costume. Dei meia volta, mas ele correu até mim e segurou meu braço.

— Precisamos conversar.

— Os amiguinhos da escola do Ben estão zombando dele. E como acha que vou me explicar? — gritei.

— Você se saiu muito bem. — respondeu ele.

— Aquilo não era nada! Eu só queria ver você, não estava com ele, não era nada! Eu não tenho nada a ver com o que quer que tenha acontecido entre vocês! Posso ter o amigo que quiser, você não tinha o direito de fazer aquilo!

Eu abaixei a cabeça e tentei me soltar, então ele falou:

— Gabriella, eu não pensei que chegaria a tanto. Desculpe-me, na verdade eu nem pensei, estava com raiva, eu não quis dizer aquelas coisas, não queria que pensassem assim de você.

Eu consegui me soltar e falei, a raiva formando lágrimas em meus olhos.

— Você prometeu que não incluiria o Ben nessa história! Tem que dar um jeito nisso!

Percebendo minha irritação, ele também se irritou:

— Não vou dar um jeito em nada! Isso é bem feito para você aprender a me desafiar! Quantas vezes eu mandei você ficar longe dele?

A luz de um farol apareceu entre nós e Christopher parou o carro e desceu já prestando atenção ao que estava acontecendo. Mas, antes mesmo dele dar a volta no carro e nos alcançar, antes que comesçassem outra briga que só pioraria as coisas, eu corri até o carro de Christopher, entrei pela porta do carona e a bati. Christopher e Richard me olharam confusos, mas Christopher se apressou em voltar para dentro do carro e assim que entrou, travou as portas.

Era como se ele soubesse o que estava acontecendo, o que eu estava sentindo. Assim que

ele fechou a porta, Richard começou a bater feito um louco ordenando que eu a abrisse.

— Para onde, querida? — perguntou Christopher olhando Richard com ar vitorioso.

— Para qualquer lugar longe dele.

Ele pisou no acelerador e num segundo já não ouvia mais os gritos de Richard.

Ficamos por volta de duas horas dando voltas pela cidade, a chuva lá fora já havia aumentado e eu continuava em silêncio, pensando em muitas coisas ao mesmo tempo. Tentando entender Richard, seu comportamento estranho e sem sentido. Ele agia como se não importasse, aí me sequestrara demonstrando o quanto me desejava a ponto de perder o controle. Mas depois simplesmente se afastara e me dispensara, e quando achava que ele não se importava, ele tem uma crise de ciúme de Christopher.

Mais confuso do que o que Richard sentia por mim, era o que eu sentia por ele. Eu o odiava,

queria odiar, por mais que às vezes me surpreendesse, no fim ele sempre me machucava de algum jeito, mas eu não conseguia parar de pensar nele. Eu sentia falta dele, e não queria mais me sentir daquele jeito. Eu queria seduzi-lo para que ele desistisse de mim, essa ideia agora me fazia rir, eu já não queria que ele se afastasse.

Mas precisava, precisava esquecer que ele existia, precisava me afastar dele de uma vez por todas e recuperar minha razão. Meus pensamentos foram interrompidos por Christopher.

— Está se sentindo melhor?

Só então olhei o rosto dele e percebi o hematoma em volta da boca, me senti culpada.

— Sim, obrigada.

— Bella, não deve se sentir mal por Richard, ele não vale a pena. Quando o Richard quer alguma coisa, ele vai atrás até conseguir, é doente e possessivo e não mede esforços. Mas quando consegue, simplesmente abre mão. Foi assim com você e com a filha do Otávio.

— Não aconteceu nada entre a gente. — respondi me sentindo irritada por imaginar que tinha acontecido algo entre ele e a loira sem graça.

Ele me olhou surpreso.

— Não? Mas e aquela noite na ilha?

— Eu não permiti que ele fizesse nada.

Ele me olhou em dúvida, eu sabia que quando ele nos encontrara na manhã seguinte, eu não parecia estar resistindo a tentativa de Richard, mas não me importava se ele não acreditasse.

— Pode me levar para casa agora?

Ele pareceu desapontado.

— Claro.

— Christopher, me desculpa. Não queria piorar as coisas entre você e Richard. Você é meu amigo, e ele...

Calei-me sem saber o que dizer, e ele me encarou, ainda em silêncio.

— Não devia ter entrado desse jeito no seu carro, nem ter ido ao jantar ontem com você. Foi tudo um erro.

— Tudo o que tem a ver comigo, você considera errado. O erro não está em mim, Gabriella, está nele! O que você não deveria ter feito está relacionado a ele! Não a mim! Eu nunca a feri! Nunca feri seu irmão! Por que sempre escolhe a ele?

— Porque não é uma disputa. Você e eu somos amigos. Richard e eu não somos nada.

— Você está apaixonada, e só tenho uma coisa a dizer, e nem estou dizendo por ser seu *amigo*, estou dizendo por ser irmão dele, não se apaixone! Richard não sabe amar! Nunca soube! E não é agora que vai aprender.

Ele continuou falando sobre o quanto Richard era cruel e frio, mas eu não estava ouvindo. Já tinha motivos suficientes para odiá-lo. Ele parou o carro em frente a minha casa e eu tratei de me despedir e descer rapidamente, não queria convidá-lo a entrar, precisava ficar sozinha.

A chuva estava muito forte e quase impedia minha visão. Enquanto procurava pela chave na

bolsa, avistei Christopher arrancar o carro. Encontrei a chave, mas, antes de colocá-la na fechadura, uma mão segurou meu braço fazendo-me gritar.

Olhei para cima e avistei Richard. Ele estava ensopado e irresistivelmente lindo. A camisa social branca colada em seu corpo deixava a mostra seus músculos perfeitos. Controlei-me e olhei para baixo.

— O que faz aqui?

— Onde vocês estavam? Por que demoraram tanto?

Eu dei de ombros.

— Por ai, quem sabe eu não estava com ele no banco de trás do carro...

Antes que eu terminasse, ele colocou o dedo em minha boca me calando.

— Eu sei que está magoada, posso consertar isso. Só preciso que você me perdoe.

— Não! Eu preciso que você desapareça de uma vez por todas da minha vida, você pode fazer isso

também?

Ele me olhou de uma forma diferente, mais intensa do que já me olhava normalmente. Percorreu meu rosto com o dedo e suspirou quando tocou meus lábios.

— Você sabe que mesmo que eu diga que sim, nós não vamos conseguir ficar longe um do outro. Senti minhas pernas tremerem, mas resisti.

— Eu consigo.

Ele sorriu e me puxou pelo braço, me posicionando de frente para ele.

— Não, não consegue.

— Você se acha muito não é? Acha que eu vivo à sua disposição? Que é só você aparecer desse jeito, todo lindo e molhado e falar com essa voz calma e eu vou pular nos seus braços? Mas você não é irresistível para mim!

Ele me puxou pela cintura e me abraçou e calei a boca no mesmo instante. Encostei a cabeça em seu peito molhado e senti seu coração acelerado.

— Você quer mais... — sussurrou.

— Quero mais do que uma noite.

— Não me contentaria com uma noite, Gabriella. Seria muito pouco para compensar tudo o que você está me fazendo esperar.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Richard, não te pedirei mais nada. Nada para mim. Mas não se aproxime mais de Ben, você não tem que me prometer nada, menos ainda a ele.

— Eu nunca o machucaria.

— Faria sem perceber. Ele está apegado demais a você, vive perguntando, sente sua falta. Preciso cortar isso.

Ele me apertou ainda mais.

— Se ele perguntar por mim, me chame. Estou à disposição dele. — então ele segurou meu rosto gentilmente. — Não vou me afastar dele, Gabriella. Talvez ele seja a única pessoa a gostar de mim de graça.

— Não fale assim. E isso não aconteceria se você não fosse um monstro assustador e mal humorado. Ele sorriu, sua respiração quente em minha

orelha, deixou meu rosto e beijou meu pescoço.

— Perto de você, sou apenas um menino assustado.

— Assustador. — corrigi.

— Onde está sua raiva de horas atrás? — ele provocou.

— É disso que estou falando. Você sempre sabe ser um filho da mãe.

Ele sorriu mais alto, e me apertou ainda mais.

— Eu não sou bom. Você sabe disso melhor do que ninguém, e ainda assim está aqui, em meus braços, desse jeito. Estou dizendo desde agora. Não sou bom. Não sou bom para você, nem para o menino. Eu não presto. Mesmo assim você quer mais. Não tenho muito mais a dar, Gabriella, mas não vou ficar perdendo meu tempo e o seu, lutando contra algo inevitável. Você me ganhou. Parece simples, mas não sou só eu, eu penso que é uma carga que você não precisa carregar, mas a culpa é sua. É sua por me deixar desse jeito. Por destruir assim minhas barreiras. Não vou te

prometer tudo, mas te prometo mais.

Parei de respirar ali, na chuva, nos braços dele, sentindo seu coração acelerado em compasso com o meu.

— Promete? — perguntei desacreditada.

Ele apenas assentiu, enterrando a cabeça em meu pescoço e me apertando até eu quase perder o ar.

— Desculpe-me, Gabriella. — falou ele docemente em meu ouvido. — Eu sempre sou um idiota com você, é que você me deixa louco! Sem sentido! Eu não sei lidar com o medo de perder você, não sei dizer o que eu sinto, eu só...

Ele fez uma pausa, então me olhou nos olhos, aquela mesma expressão intensa, mas reconheci algo a mais nela, como um fogo, admiração, paixão. Eu poderia ficar horas olhando para aquele olhar e me sentir a mulher mais desejada do mundo. Mas ele gentilmente se aproximou de mim e me beijou. Quando seus lábios tocaram os meus, não foi com o desejo desenfreado das outras vezes, sua língua dominou a minha e seus lábios

macios estavam cada vez mais exigentes, mas havia algo mais, quase como adoração, paixão. Ele gemia em meus lábios e seu coração batia tão alto que eu conseguia ouvir, e ele me apertava cada vez mais para junto dele, como se nunca fosse me soltar. Seus dedos entraram em meus cabelos e ele me encostou gentilmente na parede, sem interromper o beijo. Eu nunca havia sentido nada parecido com aquilo antes, nunca tanto desejo, tanta paixão em um beijo. Passei o braço em volta do seu pescoço e ele afundou ainda mais a língua em minha boca.

Minha respiração já falhava, ele ofegava, a boca ainda na minha, ainda podia sentir sua língua quente em meus lábios. Senti o peso do seu corpo contra o meu, como se suas pernas estivessem bambas. Quando o beijo foi se acalmando, senti um sorriso se formando em seus lábios, ele sabia que tinha ganhado essa. Eu sabia, sabia que precisava reagir, mostrar que ele não me afetava, mas estava totalmente presa em seus lábios, seu

calor, seu toque. Não pediria novamente que ele me promettesse mais. Mas não queria me afastar dele, não queria que aquele momento acabasse, mas de repente ele se afastou de mim.

Olhei para ele sem entender, exigindo mais. Ele apenas tocou meu rosto e beijou minha testa, então saiu correndo até o carro que estava parado do outro lado da rua. Eu fiquei ali, sentindo falta dele, do seu corpo e do seu beijo, sem entender o que havia acontecido. Eu sabia que aquilo havia sido diferente, muito mais intenso, muito mais forte, mas não entendia por que ele parecia tão assustado. Essa era a palavra que definia o olhar dele quando se afastou de mim. Peguei novamente a chave, ainda bamba e entrei em casa.

Capítulo ONZE

Na manhã seguinte, por algum motivo desconhecido, esperei Richard me ligar, mas ele não o fez. Estava chateada, mas também não ligaria. Eu sabia que já o havia beijado outras vezes, mas nenhuma como aquela, nenhuma com tanta paixão, entrega, com tanto... Obriguei minha mente a mudar o rumo imediatamente. Um passo de cada vez, repetia a mim mesma. Richard tinha seus fantasmas, precisava de tempo para superá-los, eu não seria a desesperada de saudade que não daria esse tempo a ele.

Também não apareceu no Hot à noite, nem estava no banco de costume quando fui embora.

Estava chegando em casa de manhã, quando Ben gritou meu nome. Ele e Stacie estavam no ponto de ônibus, a caminho da escola dele. Assim que me aproximei, meu pequeno abraçou minhas pernas, amuado.

— Bella, estou com saudade de você. Posso ficar

em casa?

— Saudade de mim? Mas você me vê todos os dias.

Ele pressionou a cabeça na minha barriga e não respondeu. Deixei a bolsa de lado e me abaixei na frente dele.

— O que foi meu amor? Está sentindo alguma coisa?

Ele assentiu e comecei a me desesperar.

— Saudade. — disse sorrindo.

Acho que fiquei tão aliviada, que uma lágrima escorreu por meu rosto. Acomodei-me na calçada e o coloquei em meu colo.

— E se eu levar você à escola hoje?

Ele sorriu.

— Oba! E você me conta uma história no caminho?

— Claro.

— Bella, vá para a casa. Você precisa dormir. O Benjamin entende, não é querido? — falou Stacie.

— Você está com sono? — ele perguntou

tentando esconder a decepção.

— Não amor, eu posso levar você.

Stacie me encarou com aparente reprovação, mas era apenas uma hora e meia a mais, eu conseguiria para ficar mais tempo com ele.

— Bella, você não deixou o Richard ir lá em casa? — ele perguntou quando entramos no ônibus.

— Como?

— Ele disse que se você deixasse ia me ver.

— Ah! Eu... deixei sim amor. Ele irá te ver.

— Quando?

— Assim que ele fizer a barba. — inventei. — A barba dele está tão grande, que se for vê-lo agora, é capaz de sair um bicho do meio dela e atacar você.

Ele deu uma gargalhada e apertou meu braço, uma mania que ele tinha.

— Manda ele fazer a barba! Que porquinho!

— Pois é, eu vou mandar.

Stacie revirou os olhos e fez um gesto negativo

com a cabeça reprovando minha pequena mentira.

Após deixar Ben na escola eu tinha um problema. Inventar outra desculpa para Ben no dia seguinte, ou passar por cima do meu orgulho, do tempo que Richard precisava e pedir que ele fosse ver Ben. É claro que acabei descendo no centro da cidade, em frente ao edifício de luxo.

Minha cara não devia estar das melhores, eu mal conseguia manter os olhos abertos. Pretendia sair dali bem rápido e desmaiar as quatro horas que me restavam antes de buscar Ben. Após os seguranças me perguntarem se eu estava bem, a eficiente Lucia não tentou me barrar de invadir a sala de Richard e soube que devia estar parecendo um zumbi.

Respirei fundo, mandei que meu orgulho se escondesse por um momento e abri a porta.

Richard estava debruçado sobre a mesa, com alguns papéis diante de si e uma caneta na mão. Quando me viu, largou a caneta e andou até mim.

— Oi. — disse sem saber o que dizer.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou me puxando para seus braços e beijando minha testa.

— Você deveria estar dormindo agora. Aconteceu alguma coisa?

Recostei-me nele e deixei que me apertasse em seus braços fortes.

— Ben está perguntando por você.

Ele se afastou e acariciou meu rosto.

— E você poderia ter me mandado uma mensagem dizendo isso. Não precisava vir até aqui quando deveria estar dormindo.

Dei de ombros e ele imediatamente os segurou com força mantendo-os parados.

— Você queria me ver. — ele disse e sorriu.

— Você é muito convencido. Mas deixei meu orgulho de lado um pouco, você pode ir vê-lo?

— Sempre.

— Amanhã?

— Claro.

— Faça a barba.

Ele franziu o cenho.

— O quê?

— Não pergunte, apenas faça. Uma mãe precisa de muitas histórias pra criar um filho.

Ele sorriu.

— Então agora faço parte de uma história.

Assenti. Estava tão cansada que poderia dormir em pé mesmo, se ele me segurasse pelos ombros mais cinco minutos. De repente ele passou o braço pela minha cintura e o outro abaixo das minhas pernas me levantando.

— Primeiro, vamos levar você para casa. Você precisa dormir. Depois, buscamos o menino.

Assim, Richard Becker saiu me carregando onze andares abaixo até seu carro e adormeci antes mesmo de chegar em casa.

Acordei com um peso em cima de mim pouco depois de ter dormido.

— Acorde dorminhoca. — uma voz deliciosamente rouca sussurrou e dentes

arranharam meu pescoço subindo até meu rosto, onde os lábios pousaram sobre os meus.

Abri os olhos e Richard estava ali. Uma visão e tanto após um sono conturbado.

— Precisamos buscar o Ben. Eu ia sozinho, mas sua vizinha gentilmente me disse que você prometeu buscá-lo.

— Ela está bem?

Ele sorriu e assentiu.

— Não acredito que ainda me pergunta isso.

— Nunca se sabe. — disse e me sentei com dificuldade na cama.

Logo, avistei a xícara de café em sua mão.

— Beba isso. — ele disse.

Provei o líquido quente e horrível por menos de dois segundos antes de afastar a xícara com urgência da minha boca.

— Isso está horrível! — reclamei de seu café forte demais e sem açúcar nenhum.

— Eu sei. Por isso a acordei mais cedo. Vá fazer um café.

Levantei-me sorrindo e fui fazer café para Richard.

Ele buscou Ben na escola comigo, rodou com ele pela cidade, deixando que ele visse tudo de lá de cima, como o pequeno dizia, por estar vendo as coisas do teto do carro. Comprou um lanche para comermos na minha casa e quando esperei que ele fosse embora ao nos deixar lá, ele entrou e se jogou no sofá com Ben praticamente empoleirado nele.

— Você está me trocando. — reclamei com Ben para que ele deixasse Richard respirar um pouco.

Ele saiu do colo de Richard e pulou no meu.

— Não. Eu amo mais você que o mundo todo.

— Ah bom. Achei que só quisesse saber do Richard.

Ele pareceu zangado.

— Bella, você é mulher. Não entende.

Segurei o riso diante de seu rostinho fechado.

— O que não entendo?

— Meninos precisam de um homem de verdade. Você é boazinha, mas é uma mulher.

— Ah! Então está mesmo me trocando por ele.
— resmunguei fazendo cócegas nele que começou a gritar em gargalhadas e só o soltei quando fui servir as coisas que Richard havia comprado.

Depois de comermos, Ben colocou Procurando Nemo para Richard assistir e acabei dormindo no sofá. A última coisa que ouvi foi Ben me chamando e Richard dizendo:

— Deixe-a dormir, garotão. Você vai ficar com um homem de verdade agora.

Assim, dormi com um sorriso nos lábios.

Acordei apenas de madrugada. Estava na minha cama, sem roupa. Ben dormia tranquilo em seu quarto e Richard não estava em lugar nenhum, havia apenas uma mensagem dele no meu celular:

“Não sei fazer café. Não sei fazer isso. Veja as coisas que você me faz fazer.”

Não sabia se devia procurá-lo, então resolvi esperar que ele me procurasse, afinal de contas, ele havia passado uma tarde inteira cuidando de Ben e não acho que isso fosse algo comum para ele. Precisava de um tempo para se recuperar de meu menino arteiro, e do fato de ter parado todo seu dia por minha causa.

Recebi uma visita na manhã seguinte, mas era Christopher. Ele estava com o cabelo bagunçado, a blusa amassada e um buquê de flores na mão, mais irresistível, impossível.

— Está melhor? — perguntou entrando em minha casa.

— Sim, obrigada.

Ele me avaliou por um momento.

— Por que esse brilho nos olhos?

— Brilho? Que brilho? Eu nem passei maquiagem. — respondi, mas senti meu rosto corar.

— Você viu o Richard? — perguntou em tom de acusação.

— Talvez. — respondi sem querer mentir.

No mesmo instante, sua expressão desmoronou, ele começou a andar de um lado para o outro, passando a mão no cabelo e aparentemente nervoso.

— Eu não vou mais avisar você sobre ele! — gritou de repente, me assustando.

— Ótimo! Eu prefiro que seja assim. — ele me encarou como se fosse me bater e tratei de mudar de assunto. — Então, onde passou a noite, danadinho?

Ele me avaliou novamente, achei estranho, era só ele responder.

— Não estou te cobrando nada, só perguntando. — esclareci.

— Gabriella, qual a nossa relação exatamente?

— O quê?

Ele piscou algumas vezes ciente que eu havia entendido a pergunta, mas eu estava surpresa demais para conseguir responder.

Depois de um tempo, finalmente falei:

— Somos amigos, não?

Ele meneou a cabeça.

— Se fôssemos mais que isso você poderia me cobrar qualquer coisa.

Eu não gostei do rumo que a conversa estava tomando, um Becker só já era suficiente para bagunçar minha vida, não precisava me envolver com os dois.

— Nada disso, Chris. Somos amigos, apenas isso.

— Mas você não se sente nem atraída por mim?

De repente ele estava me cercando, os braços em volta de mim na parede, sua boca perto demais da minha, pude sentir seu hálito doce enquanto ele falava:

— Você já pensou no assunto?

— Não há o que pensar, somos amigos. Sinto muito se em algum momento fiz algo que o fez pensar...

— Eu posso ser melhor para você do que o Richard. — me interrompeu.

— O quê? — eu juntei toda minha força e o empurrei. — Não me coloquem nessa briga de vocês. A nossa relação é apenas de amizade Chris, é só o que tenho a oferecer para você.

Sua expressão mudou novamente e ele respirou fundo:

— O que ele tem que eu não tenho? Porque eu sei que você está com ele, Gabriella.

— Ele? — droga! Como eu fui parar nessa situação? — Não se trata de comparar, eu só não vejo você assim. E o Richard já me dá trabalho o suficiente. Chris, nós somos amigos, apenas isso!

— Eu não quero a sua amizade!

A forma fria e decidida com que ele falou me lembrou de Richard, e me ocorreu que talvez eles não fossem tão diferentes assim, me lembrei de Richard dizendo que ele se fingia de bonzinho. Afastei esses pensamentos da minha cabeça e fui o mais direta possível, imitando a atitude dele.

— Então não resta mais nada entre nós.

Depois de me olhar por um longo tempo, ele

abriu a porta com força:

— Você é muito burra! — gritou antes de bater a porta atrás de si.

E o que vi em seu olhar antes de fechar a porta me fez sentir culpada. Ele estava triste. Não havia motivos para que eu o machucasse de alguma maneira, afinal, ele sempre me ajudava, estava sempre ali. Queria mesmo que ele fosse meu amigo. Mas parecia que Richard não era o único a carregar seus fantasmas, e se Christopher fosse esperar de mim esse tipo de sentimento, era melhor mesmo nos afastarmos.

No fim da tarde, a campainha tocou novamente, mas era Richard. Ele não me olhou nos olhos, apenas encarou o chão e entrou, o tom de voz frio:

— O que o Christopher veio fazer aqui?

— Ele é meu amigo, pode vir aqui quando quiser.

Finalmente ele me olhou, mas não era como

antes, havia fogo em seus olhos, alguma coisa que me queimava por dentro.

— Gabriella, eu não acho... — ele parou de falar de repente e me puxou pelo braço num abraço e logo sua boca estava dominando a minha.

Um beijo desesperado, quente, como o da última noite que nos beijamos. Novamente tive a sensação de que além do desejo, aquele beijo expressava algo mais, algo que eu não podia me permitir acreditar. Afastei-me sem fôlego e ele estava sorrindo.

— É uma droga quando você me faz perder o controle.

— Achei que já estivesse acostumado. — provoquei.

Ele sorriu novamente, me hipnotizando com seu sorriso, ele ficava tão lindo sorrindo! Era irresistível. Quando percebi, eu havia me aproximado dele e enfiado os dedos em seus cabelos, puxando-o para minha boca novamente, e ele passou o braço pela minha cintura me

apertando contra ele. Não percebi quando ou como ele me fez andar, mas de repente senti a cama atrás das minhas pernas e caí no meu colchão. Logo seu corpo estava em cima do meu, me prendendo, me dominando.

— Richard! — tentei alertar.

— Shhhh!

Ele me beijou com ainda mais força, me deixando sem ar, suas mãos percorreram meu corpo e levantaram a barra do meu vestido, e logo estavam apertando minha coxa direita. Eu gemi com o toque quente, e ele tirou a boca da minha por um momento, tempo o suficiente para a palavra necessária sair:

— Benjamin.

Ele parou no mesmo instante, a respiração acelerada.

— Ele está aqui?

Fiz que sim com a cabeça. Ele se levantou e sentou-se na beira da cama. Eu me levantei e sentei-me ao seu lado, mas ele se afastou:

— Não me toque agora, não sou tão forte assim.

Eu sorri. Era ótimo saber que eu o deixava descontrolado, sobre suas atitudes, sobre o seu corpo. Eu queria mais, queria que ele realmente precisasse de mim. Então uma coisa me ocorreu, uma coisa que eu queria muito fazer, e uma que eu precisava aprender a administrar.

Não queria perder minha amizade com Christopher, alguma coisa o machucava. Mas queria muito estar com Richard, então tive uma ideia. Eu queria apenas amenizar a guerra entre os dois, que eles se lembrassem que são irmãos e não ficassem disputando tudo.

— Tenho uma proposta para te fazer. — disse.

Richard me olhou com seus olhos verdes curiosos, um sorriso no canto da boca.

— Uma proposta?

— Sim, que não é uma chantagem, como a sua proposta.

O sorriso dominou o rosto dele.

— Não posso imaginar o que seria.

— Que tal uma noite, de sexo, amanhã? Em troca de um jantar, na sua casa, eu, você e o Christopher.

Ele se levantou imediatamente, parecia nervoso:

— E você disse que não era uma chantagem.

— E não é.

— E o que acontece se eu recusar?

— Você não me terá.

Ele se aproximou de mim novamente.

— Você quer isso tanto quanto eu, Gabriella.

— Mas eu não perco o controle como você.

Minha resistência a você ganha medalhas de ouro, Richard.

— Por que está fazendo isso?

— Porque ele é seu irmão! Não podem ficar assim. Vocês precisam se entender. Precisam superar o que quer que tenha acontecido. Richard, ele é sua família, sangue do seu sangue, não é possível que se odeiem tanto.

Ele socou a cama ao meu lado e saiu do quarto gritando:

— De jeito nenhum! Isso não vai acontecer!

Na tarde seguinte, estava no mercado com Stacie e Ben, quando Richard ligou.

— Gabriella, queria apenas lembrá-la sobre o jantar de hoje. Será daqui a duas horas. — disse demonstrando sua reprovação.

— O quê? — eu nem havia escolhido uma roupa, o que ele queria? Enlouquecer-me? Passei uma mensagem a Christopher insistindo que ele comparecesse para o caso de Richard não o ter convidado.

Duas horas depois lá estava eu, na mansão dos Becker, sendo guiada por um Richard emburrado e encontrando um Christopher à mesa mais emburrado ainda. Uma mulher baixinha de cabelos vermelhos tirava um lugar da mesa. Encarei Richard confusa e ele explicou:

— Minha avó não vai jantar com a gente, já foi se deitar.

— Sua avó mora aqui?

Ele assentiu e de repente me senti envergonhada. O que ela devia pensar de mim? A mulher que andava com seus dois netos? Senti uma vontade súbita de ir embora, mas já estava ali numa situação ridícula que eu mesma havia criado, agora tinha que aguentar.

— Oi Bella! — cumprimentou Christopher mal conseguindo levantar a garrafa que segurava.

Droga! Ele estava bêbado.

Todas as minhas tentativas de fazê-los conversar sobre alguma coisa deram errado. Eles nem se falavam e chegou a um ponto em que ambos disputavam minha atenção.

— Chega! — gritei por fim cansada de tentar. — Será que vocês não têm um assunto em comum? Vocês são irmãos!

Christopher abriu um sorriso maldoso.

— Sim, temos um assunto em comum, quer falar para ela, Richard? Ou eu falo?

— Não se atreva! — a ameaça no tom de voz de

Richard fez os pelos do meu braço se arrepiarem e Christopher dar uma gargalhada. Eu queria saber o que Christopher sabia que podia afetar tanto Richard.

Mas Richard se levantou da mesa e no ato, bateu a mão em uma taça de vinho que voou na minha direção, jogando vinho no meu cabelo, colo e vestido. Ele me olhou imóvel enquanto eu tentava em vão torcer meu cabelo.

— Gabriella, me desculpe. Vá se lavar, eu mando a Lídia levar uma roupa para você lá em cima.

O jantar havia sido um fiasco, nada dera certo, um estava mais irritado com o outro, e para ajudar, eu estava encharcada de vinho. Subi as escadas com cuidado para não manchar o carpete caro, e me deparei com um monte de portas. Eu me lembrava apenas qual era a do quarto do Richard, então fui até lá.

Logo localizei a suíte do quarto, havia uma banheira enorme e um chuveiro. Tentei me lavar

na pia, mas o vinho estava escorrendo pela minha barriga, então fechei a porta e tirei a roupa, e a sandália, e entrei debaixo do chuveiro. Fechei os olhos e deixei a água quente cair em mim. Quando desliguei o chuveiro e abri os olhos, Christopher estava na porta me encarando:

— Finalmente a sós Bella, e do jeito que eu queria.

Eu permaneci sem reação, totalmente parada, os olhos arregalados enquanto Christopher se aproximava de mim como um louco. Pensei em fazer muitas coisas, correr, bater nele, ou pelo menos me cobrir, mas não tive coragem, ele estava realmente fora de si. Pensei em Richard o mais forte que pude, embora soubesse que era ridículo, ele não saberia o que estava acontecendo, não se importaria o suficiente para sentir minha falta e ir à minha procura. Christopher estava aparentemente bêbado, mas será que aquilo justificava sua atitude?

— Você não pode ser dele, o que viu nele? O que

todas vocês veem nele? Você não percebe que eu sou muito melhor? Eu sou mais legal, eu te faço rir. Qual o seu problema?

— Chris, por favor, vamos sair daqui e conversar...

— Você não vai sair! Você vai ser minha agora, antes de ser dele.

Ele me pegou pelo cabelo e empurrou minha cabeça em sua direção, sua outra mão rapidamente veio até meu ombro, descendo pela lateral do meu corpo, eu não queria demonstrar pânico, mas as lágrimas desciam, eu não sabia o que fazer, comecei a gritar, mas ele rapidamente tirou a mão que estava em minha coxa e tapou minha boca.

— Seja boazinha.

Olhando para ele de perto, não parecia que estivesse tão bêbado, o frio já estava me tomando e, mais ainda, o medo. Como eu me livraria dele? Pensei em empurrá-lo, mas precisaria tirar a mão dele da minha cabeça, para que ele não me levasse

junto. Coloquei então a mão na parte de trás da minha cabeça tentando afrouxar seus dedos, mas ele me puxou mais e, tirando a mão da minha boca, cobriu-a com a sua.

Minha primeira sensação foi repulsa, eu soluzei, tentando manter minha boca fechada, mas ele forçava a língua pelos meus lábios. Fechei os olhos, não sabia mais o que fazer, ele era muito forte, forte demais para um bêbado, talvez. Tentei novamente tirar as mãos dele do meu cabelo, e no instante em que seus dedos afrouxaram um pouco, ele foi tirado de cima de mim.

— O que diabos está fazendo? — gritou Richard dando um soco em Christopher que caiu para trás.

Christopher apenas ria enquanto tocava o sangue em sua boca, mas eu podia sentir a raiva que fluía de Richard. Ele se aproximou do irmão e o levantou com violência, empurrando-o contra a parede, e deu mais um soco em sua boca.

— Nunca mais chegue perto dela! — gritou e se preparou para socá-lo novamente.

Eu queria impedir, embora Christopher não merecesse, mas ele estava aparentemente bêbado e Richard o mataria, e a avó deles nunca o perdoaria. Eu queria gritar que ele o soltasse, mas não consegui, apenas chorei. E o barulho do meu choro atraiu Richard, que me olhou um momento, depois arrastou Christopher pelo quarto e bateu a porta. Então retornou rapidamente e entrou no box, ele parecia desesperado, não sabia o que fazer.

— Perdoa-me, Gabriella. Isso não podia ter acontecido, me perdoe.

Eu não entendia porque ele estava pedido perdão por uma coisa que claramente não era culpa dele, mas não conseguia falar. Eu apenas chorava e um frio incomum me tomava. Cruzei os braços em torno dos seios, não queria que ele me visse daquele jeito, nua, assustada, desprotegida. Mas ele se aproximou de mim e me abraçou, um abraço forte, apertado, aconchegante. Eu recostei minha cabeça em seus ombros e senti o choro

passar, depois de alguns minutos eu apenas soluçava. Ele me afastou o suficiente para tirar sua roupa e ligou novamente o chuveiro. A água quente escorrendo pelo meu corpo me fez sentir muito melhor, levava embora aquele frio que me cercava antes. Ele terminou de tirar a roupa e, embora não soubesse o que ele pretendia fazer, eu não me importava, estava segura com ele. Richard jogou sabonete líquido nas mãos, então passou vagarosamente pelos meus ombros e me olhou:

— Está tudo bem para você?

Eu assenti e ele continuou a ensaboar meu corpo, calmamente, sua mão quente passou por meus seios, ele sempre me olhava, cauteloso, esperando que eu pirasse, ou simplesmente me afastasse. Eu podia fazer qualquer um dos dois, eu devia fazer, mas não queria. Queria que ele me tocasse, seu toque me deixava calma, de uma forma estranha, me purificava. Fazia-me esquecer de o que havia acabado de acontecer. Ele ensaboou minha barriga e se aproximou mais para

passar sabonete nas minhas costas, seu peito encostando-se ao meu. Eu encostei novamente a cabeça no ombro dele, pude sentir o seu cheiro, seu perfume era tão bom, tão provocante, seu corpo quente e forte.

Ele soltou o sabonete e seus braços envolveram minha cintura. Sua língua estava delicadamente na minha boca, sua mão acariciou meu cabelo e então seus dedos entraram neles, e me puxou para mais perto, seu corpo colado no meu, sua ereção dura contra minha barriga. Eu o puxei ainda mais perto, prendendo meus dedos em seu cabelo, enquanto minha outra mão percorria suas costas, sua bunda. Ele gemeu com meu toque leve e desligou o chuveiro. Então me pegou no colo e me levou até a cama.

Antes mesmo de me depositar na cama, sua boca estava na minha de novo, mais quente, mais urgente. Ele me deitou sem deixar de me beijar e rapidamente estava em cima de mim, sua ereção agora forçava em minha coxa. Eu abaixei a mão e

toquei seu membro, ele gemeu de novo enquanto eu sentia seu sexo latejar com meu toque. Ele saiu de minha boca e seus lábios percorreram meu pescoço, desceram por meu colo e pararam em meus seios. Chupou cada um dos meus mamilos deliciosamente, meu corpo já se remexia embaixo do dele, enquanto beijava meus seios, sua mão percorreu minhas coxas e ele se ergueu um pouco, o suficiente para que seus dedos encontrassem meu sexo. Eu gemi com seu toque quente e ele começou a tocar em círculos meu clitóris, seus beijos desceram por minha barriga enquanto ele deslizava um dedo em mim. Eu arqueei meu corpo e gemi, senti seu sorriso em minha barriga, tirou lentamente o dedo e deslizou novamente, dessa vez dois dedos, enquanto com o polegar apertava meu clitóris, eu estava perdida, em seu toque, em seu beijo, queria mais, senti-lo em mim.

— Richard... — chamei.

Ele então subiu os beijos para meus lábios de novo, parou e me olhou nos olhos, com um sorriso

no rosto.

— Ah Gabriella, você não sabe o quanto eu esperei por esse momento. Você é linda, perfeita demais. — então beijou novamente meus lábios e se moveu entre minhas pernas, e senti sua ereção me invadir vagarosamente.

Ele fechou os olhos e gemeu, então saiu e entrou novamente, ainda vagarosamente. Depois seus movimentos foram ficando mais rápidos, mais intensos. Ele me beijava, mordida meus lábios, e penetrava cada vez mais forte, mais fundo. Eu sentia cada centímetro de seu sexo com um prazer indescritível. Então ele me abraçou bem forte e penetrou com mais força, foi o suficiente, senti meu corpo acender em mil chamas e esse fogo me envolver de tal forma, que mal conseguia respirar, como se estivesse em outro mundo, com uma intensidade que alcançou minha alma. Pouco depois ele gemeu mais alto e me agarrou ainda mais, penetrou ainda mais duas vezes antes de deitar a cabeça sobre meus seios, a respiração

ofegante.

Eu o abracei forte, não queria que ele se afastasse de mim. Sabia que agora ele me deixaria em paz, já tivera o que queria, mas eu não queria pensar naquele momento, queria apenas senti-lo, estar com ele, prolongar a felicidade e satisfação que eu sentia. Ele parecia sentir o mesmo, pois saiu de mim delicadamente e deitou-se ao meu lado, me puxando para seus braços e me beijando docemente. Então passou a coberta pelos nossos corpos, e encostou a cabeça na minha. Eu preendi minhas pernas nas dele e coloquei minha mão em seu peito, queria saber que ele estava realmente ali, saber que aquilo era real. Ele beijou meu cabelo, meu rosto, minha boca novamente, então me disse com a voz mais doce do mundo:

— Você está bem?

— Mais do que bem. — respondi.

— Me perdoa pelo que aconteceu

— Não foi sua culpa.

— Foi, eu jamais deveria tê-la deixado sozinha.

Se soubesse como me arrependo.

Eu me afastei com certa dificuldade dele e ergui minha cabeça olhando-o nos olhos.

— Você não tinha como saber. E mesmo assim você me salvou. Não aconteceu nada, eu estou ótima.

Ele respirou fundo e passou o dedo pelo meu rosto, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Se você pudesse ao menos imaginar o quanto é importante para mim, o quanto eu quero você, Gabriella.

— Você já me teve. — respondi com essa simples compreensão que fez meu coração doer por um momento.

— Não o suficiente, eu quero muito mais, eu preciso ter você muito mais. Você é mais perfeita do que eu poderia imaginar, tudo em você é perfeito, cada detalhe.

Eu beijei seus dedos que acariciavam meu rosto, e ele me puxou para seus braços, beijando-me

novamente.

— Fica comigo essa noite.

Eu assenti e ele me apertou ainda mais forte.
Então nós adormecemos.

Capítulo DOZE

Acordei sentindo-me estranhamente leve, ao avistar Richard dormindo ao meu lado, um sorriso bobo tomou meus lábios, seguido pelo alívio de saber que ele não se afastaria ainda, ele queria mais. E eu precisava ter mais dele. Fiquei olhando para ele, para seus lábios perfeitos, seu rosto de anjo, toquei levemente seu cabelo, acariciei seu rosto. Eu não me lembrava de já ter me sentido tão bem algum dia.

As lembranças da noite anterior tomavam minha mente, seu toque delicado, seus beijos apaixonados, como ele era diferente na cama! Era tão carinhoso! Tão delicioso! Tão perfeito! E eu ficaria para sempre ali com ele, em seus braços, em sua cama. Percebi que na verdade, eu precisava daquilo, precisava dele, ser dele, e que ele fosse meu. O medo da hora em que ele me trocaria, como fizera com Isabel e Paola, tomou

conta de mim, desviei o olhar do rosto perfeito dele e então me dei conta de que estava em seu quarto.

O dia já estava amanhecendo e eu estava ali. O que a avó dele pensaria quando me visse de manhã com o vestido sujo de vinho, o cabelo desgrenhado e Christopher com a boca roxa? Levantei-me vagarosamente e fui à suíte. Lavei o rosto, vesti minha roupa e saí de fininho, torcendo para que a avó dele não estivesse acordada. Por sorte, a única pessoa além de mim acordada era a empregada de cabelo vermelho, Lídia, Richard dissera. Pedi a ela que abrisse a porta para mim e ela ficou resmungando que sempre havia uma mulher na cama de Richard, e as palavras dela ficaram em minha mente a tarde toda. Saí no frio do dia que nascia e fui caminhando até minha casa. Ainda bem que já estava acostumada a andar muito, porque o caminho não era curto.

Como tinha dormido a noite, esperei ouvir algum barulho na casa de Stacie e fui buscar Ben. Ele parecia cabisbaixo, perguntei se estava com alguma dor, mas então reparei seu cabelo, uma parte do cabelo dele, no lado direito, havia caído.

Ben foi diagnosticado com leucemia aos quatro anos, quando fez uma bateria de exames porque não estava se desenvolvendo como as outras crianças. Era fraco, pequeno e magro demais. Minha mãe procurou por tratamentos que não incluíssem a quimioterapia, tinha acompanhado minha avó, que teve câncer em suas quimioterapias e não queria que o filho dela passasse por aquilo. Quando minha mãe morreu, eu vim cuidar de Ben, fiz de tudo para que ele não tivesse que passar por isso, mas não teve jeito, os médicos disseram que era a única chance de ele ter um resto de vida melhor. Eles me disseram que ele não viveria mais um ano.

Mas ele nos surpreendeu, e eu tinha fé que ele cresceria e ainda seria um homem forte e bom. A quimioterapia era a pior parte da doença dele. Às vezes achava que ele era mais forte do que eu, sempre alegre, otimista, cheio de vida, apesar de tudo. Mas ele era meu mundo, eu sabia que ele sobreviveria. Fingi não perceber a parte careca em sua cabeça e o levei para a casa. Passamos a tarde toda assistindo a desenhos e ele pareceu se animar um pouco, enquanto me explicava sobre os desenhos que eu não conhecia. Avisei a Carlo que não iria trabalhar naquele dia e convidamos Stacie para jantar conosco.

Durante todo o dia, Richard não me procurou. Não me ligou, não apareceu, sequer mandou uma mensagem. E comecei a achar que ele era exatamente o que eu havia pensado. Que agora que tinha conseguido o que queria, não se importaria mais comigo. Acabou toda a perseguição, as ameaças, as chantagens, as crises

de ciúme. Mas, ao invés de estar feliz por estar livre, me senti deprimida, como se alguma coisa estivesse faltando. A ausência dele deixou um buraco que me assustava.

Na manhã seguinte, Ben não queria ir à escola. Tentei pedir que ele me deixasse raspar sua cabeça, mas ele não aceitou. Disse que os amiguinhos zombariam dele.

— Está feio! — ele reclamou com um bico.

— Então me deixe tirar tudo e vai ficar lindo.

— Não vai não. Todo mundo na escola tem cabelo.

Sentei-me no chão e o puxei para meus braços, tocando a parte onde seu cabelo havia caído.

— Você acharia feio se o seu melhor amigo aparecesse hoje carequinha?

Ele abaixou a cabeça e não respondeu.

— Você gostaria menos dele?

Ele negou com a cabeça.

— Querido, não é porque uma coisa é diferente,

que é pior do que as outras coisas. Você pode não ter cabelo mesmo que todo mundo tenha. Assim como pode pintá-lo de azul. De roxo, de rosa, até.

— Não! Rosa é de menina!

— Quem disse? O que importa o que vão dizer do seu cabelo? Eu não me importo, você se importa?

Ele abaixou a cabeça, mas por fim, depois de conversar muito com ele, e com a diretora, ela permitiu que ele fosse à aula de boné. Foi a única maneira de convencê-lo a entrar na escola.

Em momentos assim eu me sentia totalmente sozinha. Eu não sabia como agir com ele, como convencê-lo a raspar a cabeça, como manter a chama da vida nele, que estava apagada desde o dia anterior.

Esperei mais uma vez que Richard aparecesse, ou pelo menos me ligasse, mas ele não o fez. E me parabeneizei mentalmente por saber que ele faria

exatamente isso, e mesmo assim ter me entregado como me entreguei. Estava tão desatenta, que esperei que a água do arroz fervesse por um bom tempo, até Stacie me lembrar que eu deveria acender o fogo.

— Você sabia que ia dar nisso, Bella. A Isabel te avisou. Mas confesso que estou decepcionada com esse Becker, podia jurar que ele sentia mais por você.

— Sim, ele sentia. Não estou arrependida, Stacie, não teria paz o resto da vida me perguntando o que teria acontecido entre nós. Foi melhor assim.

— O que vai fazer agora?

— Com Richard?

Ela assentiu.

— Nada. Ele é um medroso. Vou cuidar de convencer Ben a raspar a cabeça. Quanto ao Richard, não importa o que ele sente por mim. Ele não vai ficar. Não aguentaria por muito tempo, sabe, tudo isso. Não achei que ficaria, ninguém fica. Por que ele ficaria?

— Ei, eu estou aqui, ingrata. E você está errada, menina. Quando alguém te amar de verdade, não importa o quão impulsiva e imatura você seja, ele vai ficar exatamente onde você estiver.

— Tenho o Ben. Não preciso de homem nenhum além dele. Eu ia dizer de mais ninguém, mas preciso de você, então nada de te irritar.

Ela sorriu e como a boa amiga que era, entendeu que o assunto Richard estava encerrado.

E poucas horas depois, recebi um buquê de flores, cravos amarelos e tulipas coloridas. E entre elas, uma rosa vermelha.

— Foi ele! — constatou Stacie.

Por mais que meu coração estivesse quase saindo pela boca, tentei esconder isso, e demonstrar indiferença.

— Deve estar querendo que eu as esfregue em sua cara, de novo.

— Ah sim, ele adoraria que você fizesse isso. — brincou ela.

— Você precisa ser mais, Richard, precisa procurar por mim. Flores não contam.

— Você sabe que ele vai procurar, não passará de amanhã, então desamarra essa cara de enterro e me dê essas flores para eu colocar em um vaso.

Quando fui buscar Ben, quase tive um ataque de pânico. Christopher estava com ele. Em menos de dois segundos cheguei ao banco onde Ben estava sentado, com Christopher ao seu lado.

— O que pensa que está fazendo? — gritei puxando Ben para perto de mim.

O hematoma na boca de Christopher estava horrível e ele parecia péssimo.

— Nunca mais se aproxime dele, Christopher, nunca mais!

— Eu não ia machucá-lo.

— Eu não confio em você.

Peguei Ben, andei até a diretoria a passos largos e praticamente fiz um barraco proibindo que Christopher chegasse perto de Ben. Enquanto ele

assistia calado, sem tentar se defender.

Quando estava indo embora, a diretora me olhou com reprovação.

— Agora que tem o irmão mais velho, nega ao benfeitor do seu irmão que se aproxime dele. Mas quando Benjamin estava sem escola, ele podia se aproximar, não é mesmo?

— Você não sabe o que aconteceu, não sabe quem ele é, e não cabe a você me ensinar como devo defender meu filho! Se as minhas atitudes não a agradam, isso é um problema todo seu! Benjamin tem que ficar em segurança e Christopher Becker não é seguro para ele. Se eu o vir perto do meu filho de novo, não respondo por mim, fui clara?

— Claríssima.

— Ótimo.

Sai com Ben e passei por Christopher que sequer tentou falar comigo.

Então cheguei à conclusão que ele só procurou Ben na escola, em um horário em que sabia que eu

estaria lá, para me assustar.

À noite, tentei ligar para Isabel. Precisava de uma dica, um conselho, alguma ideia do que fazer para convencer Ben a raspar a cabeça. Eu não podia forçá-lo. Queria apenas que ele me pedisse para fazer isso, e ficasse feliz com o resultado, mas não havia história mirabolante que eu inventasse que o fazia mudar de ideia. Mas Isabel estava com pressa e não podia falar. E eu continuei sem saber o que fazer.

O único sinal que tive de Richard, veio pelo celular, quando um buquê de rosas brancas e vermelhas foi entregue em minha casa. Resolvi mandar uma mensagem, como ele sugeriu que eu fizesse a última vez em que fui procurá-lo.

“Até quando vai se esconder? Ou esse sumiço é o mais que você tem a me dar?”

Ele demorou tanto, que achei que não responderia, até que meu celular apitou:

“Até quando achar que você está segura.”

Eu não tinha uma resposta para uma frase dessas. Respondi esperando que ele sentisse toda a ironia que eu colocaria em pontos de exclamação:

“Que bom!!!!!!”

“Atrevida!”

Não mandei mais nada, e pouco depois ele mandou:

“Não é tudo o que tenho a oferecer, não estou me escondendo, estou apenas aceitando, compreendendo isso e aceitando. Você não se

livrou de mim.”

“Não há tanta coisa assim a ser compreendida, Richard.”

“Há muito mais do que eu poderia explicar.”

Meias respostas, sempre se escondendo.

“Tipo?”

A resposta demorou a chegar, mas finalmente, chegou:

“Uma luz arrasadora, que não condiz com a escuridão em que vivo.”

“O que isso quer dizer?”

“Que você mudou tudo. E não sei o que mais isso significa. Estou aqui, Gabriella, você sabe

exatamente onde estou.”

Continuei não sabendo o que fazer.

Quando a campainha tocou na manhã seguinte, fui abrir a porta meio que no automático. E me assustei ao encontrar um Christopher com flores e uma cara de arrependido. Tentei fechar a porta, mas ele me impediu com o pé e entrou em minha casa.

— Bella, eu sei que sou a última pessoa que você quer ver. Eu não te culpo, mas, por favor, me deixa explicar.

— O que você fez não tem explicação.

— Eu sei, mas preciso que você entenda que eu nunca machucaria você, eu nunca faria nada contra a sua vontade. Eu estava bêbado.

Ele disse isso de forma tão segura, que quase acreditei nele. Quase. Nada justificaria o que ele quase me fez.

— Não, você não estava. Você pode ter bebido,

pode ter ficado um pouco alto, mas sei que estava consciente, Christopher. Você sabia o que estava fazendo.

A primeira reação dele foi de susto, depois ele mudou totalmente a expressão e se fez de ofendido.

— Não pense uma coisa dessas de mim! Eu nunca faria isso se estivesse em plena consciência. Bella, você precisa acreditar em mim!

— Fica difícil acreditar quando você já começa mentindo. Eu olhei bem para você, Christopher, eu vi. Você não estava bêbado! — eu praticamente gritei.

Ele assentiu com a cabeça e se sentou. Então, começou a falar.

— Eu não ia machucar você. Eu achei que fosse a única maneira de me aproximar, mas não pretendia machucá-la.

Não era assim que eu me lembrava das coisas, embora a noite com Richard tenha tomado meus pensamentos de tal forma a apagar todo o resto, eu

ainda me lembrava com clareza o suficiente para saber que ele estava mentindo. E teria me machucado sim.

— Você não teria parado se o Richard não tivesse chegado.

— Eu teria. Claro que teria. Se eu visse que você realmente não queria eu teria me afastado, o Richard que não deu tempo.

— Você viu que eu estava desesperada! Você não ia parar, Christopher e não pense que sou tão burra a ponto de não perceber isso.

Ele se levantou e aproximou-se de mim. Parecia nervoso.

— Tudo bem, e se eu não pretendia parar? É crime desejar demais uma mulher?

— Crime? Claro que é crime! Não há desejo no mundo que justifique forçar alguém a uma coisa dessas!

— Você não entende! Eu preciso ter você, sou louco por você. Eu nunca a machucaria!

Vendo que eu não cedia, ele me sacudiu.

— Não seja hipócrita! O Richard fez muito pior com você! Ele tirou a escola do seu irmão, te chantageou, te sequestrou e você o perdoou. O que eu fiz foi fíchinha perto dele! Você tem que me perdoar também!

Eu o empurrei e me afastei assustada. Nunca imaginaria o sempre divertido e sorridente Christopher tendo uma reação daquelas. Nunca antes daquela noite, naquele momento em minha sala, eu pensava que ele era capaz de tudo.

— Os erros do Richard não justificam os seus. Não pense que pode fazer o que quiser e que eu sou obrigada a perdoá-lo depois. Eu quero que você saia da minha casa e nunca mais fale comigo.

— Você é uma ingrata! Sempre fui eu quem estendeu a mão para você quando o Richard te feria. E na minha primeira falha você me condena. Tenha certeza de uma coisa, Gabriella. — ele se aproximou de mim ameaçadoramente. — Isso não acaba aqui. Você não vai ficar comigo, eu aceito,

mas também não vai ficar com ele! Eu sou melhor do que ele! Você vai perceber isso de um jeito ou de outro!

Ele bateu a porta ao sair e eu fiquei ali em choque, sem entender o que havia acabado de acontecer. Christopher havia mesmo me ameaçado? Estava mesmo mostrando finalmente a face, como Richard me advertira que ele faria um dia? De uma coisa eu tinha certeza, havia alguma coisa muito errada com a família Becker, com a forma como os irmãos reagiam quando ouviam não.

E eu deveria me afastar deles, mas naquele momento, minha primeira reação foi pegar um táxi e ir procurar Richard. Não queria mais aquele papo de luz e escuridão. Precisava saber se era o fim, precisava saber o que significava a reação dele, precisava que alguém me dissesse ao menos uma vez o que fazer. Ele não estava no edifício de

luxo, e não atendeu ao celular, então fui para sua casa.

Cheguei à imponente mansão dos Becker e um jardineiro abriu a porta para mim. Eu entrei na casa ainda me sentindo estranha, sem saber se deveria mesmo ter ido até ali. Fui conduzida até uma varanda nos fundos da casa, uma espécie de estufa. Era um lugar maravilhoso. Fiquei admirando as flores, quando uma voz falou atrás de mim.

— Você deve ser a Gabriella. Eu soube pelo tanto que meus dois netos falam de você.

Senti-me corar diante da pequena mulher que estava me fitando. Apesar de baixa, ela tinha uma presença que transmitia comando, estava muito bem vestida, com os cabelos cinza presos em um elegante coque. Ela fez um sinal para que eu me sentasse e eu o fiz.

— Eu sou Bárbara. Sei que estava procurando por um dos meus netos, mas nenhum dos dois está

aqui. Pedi que a trouxessem para cá porque queria te conhecer.

Eu estava tensa diante dela. Mas ela deu um sorriso amigável e me senti relaxar um pouco.

— Não precisa se sentir constrangida. Normalmente, o que interessa a um atrai a atenção do outro. Sempre foi assim. Talvez você possa acabar com isso. Se conseguir escolher entre um dos dois.

Eu gaguejei na hora de falar. Não dava para saber se ela estava sendo simpática, ou me condenando.

— Não há escolha a ser feita. — consegui falar por fim.

— E a quem pertence o seu coração?

O rosto de Richard surgiu em minha mente, mas afastei esses pensamentos. Eu não estava apaixonada por nenhum deles.

— Não foi o que eu quis dizer.

Ela abriu um sorriso que me pareceu verdadeiro. Então pediu que nos servissem um chá e umas

torradas. Depois que fomos servidas, ela mesma colocou o chá para mim e me entregou.

— Vou te contar uma coisa sobre Richard e Christopher, talvez ajude você a entendê-los melhor. Entenda que o que vou contar é apenas uma coisa que aconteceu, eu não estou julgando nem defendendo nenhum dos dois. Amo meus netos, mas acho que é certo que você saiba sobre o passado deles.

Eu sabia que alguma coisa grande seria revelada. Havia um segredo que explicava o ódio que os irmãos sentiam um pelo outro, esperava que ela me explicasse isso.

— Richard é o filho mais velho do meu filho. Sempre foi o mais inteligente, e desde cedo sabíamos que ele assumiria o lugar do pai nos negócios. Ele sempre estudou e se esforçou muito para isso. Já Christopher, o segundo filho, sempre foi muito comparado a ele. Ele teve que viver a margem do irmão. Não que isso justifique as ações dele. Enfim, Richard tinha uma namorada

no colégio, o nome dela é Sarah.

Eu já tinha ouvido esse nome, acho que Charles comentou alguma vez o nome dela, mas não me lembrava do comentário.

— Richard e Sarah namoraram por anos, até que ele se formou na faculdade e a pediu em casamento. Todos sabiam que eles se casariam, o destino deles estava selado desde quando se conheceram, na adolescência. Alguns meses antes do casamento, Sarah foi passar o verão com a Aretha, minha nora, em nossa casa de praia. E lá encontraram o Christopher. Não sei o que aconteceu durante aquele verão, mas Christopher seduziu a noiva do irmão, e quando ela voltou para a cidade, terminou com Richard e se casou com Christopher.

Fiquei em choque ao ouvir aquela história e quase deixei a xícara que segurava cair.

— O casamento nem durou um ano. Assim que percebeu que Richard não queria mais saber de Sarah, que ele já não sofria com isso, Christopher

se separou dela. A partir daí, a relação entre eles acabou. Mas depois disso, Richard virou outra pessoa, ele não confia em ninguém, não abre seu coração, não se permite ter sentimentos. Toda vez que vejo nos jornais que ele foi visto com alguma mulher, Christopher logo aparece com essa mulher também. Quando soube de você, achei que era mais uma dessas mulheres, mas Richard é diferente em relação a você. Ele nunca me falou de outra mulher antes, mas sempre fala de você e de seu irmão. Christopher também. Temo que você não seja apenas uma conquista para nenhum deles. E temo onde isso vai parar.

Ela se aproximou de mim e segurou minhas mãos geladas. Então deu um sorriso.

— Eu não disse isso para te assustar querida. Só preciso que entenda onde está se metendo. Vejo que você é uma boa mulher, espero que um deles tenha conquistado você e que você possa fazê-lo feliz.

Eu apenas assenti. Era muita coisa para

processar. Agora eu entendia todos os ataques que Richard dava cada vez que eu chegava perto de Christopher, ele queria me proteger.

— Quem você veio ver hoje, querida? — ela me perguntou.

— O Richard.

Ela abriu um enorme sorriso.

— É a melhor escolha.

Capítulo TREZE

Depois que saí da casa de Richard, resolvi voltar para casa. Busquei Ben na escola, mas ele estava ainda mais triste. Então, me contou sem graça que o boné havia caído e os amiguinhos haviam rido dele. Tentei falar algo que o fizesse se sentir melhor, mas nada do que eu dizia o animava. Stacie tentou levá-lo para um passeio, mas ele disse que não sairia na rua enquanto seu cabelo não crescesse. Stacie achava que eu devia dizer a ele que seu cabelo não cresceria, mas eu sabia que isso não era verdade.

A noite caiu, estava tentando convencer Ben a comer alguma coisa, quando a porta da minha casa foi aberta, e Richard apareceu. Minha vontade era pular nos braços dele, mas ele havia sumido, eu não sabia o que éramos naquele momento. Ele se aproximou de mim com a expressão fria e séria de sempre. Nada daquele calor, e do desejo da última noite que passamos

juntos.

— Você foi me procurar?

— Sim, mas não posso conversar agora. Conversaremos outro dia.

Virei-me para voltar para o quarto de Ben, mas ele me puxou para seus braços, apertando meu corpo ao dele, senti uma lágrima escorrer, mas me mantive forte.

— O que houve? Por que está tão angustiada?

Eu me forcei a ser forte e me afastar. Limpei a lágrima antes que ele a visse e falei como se ele não tivesse perguntado nada.

— Você não me procurou. Achei que não o veria mais, até aquelas mensagens enigmáticas.

Ele deu uma volta pela sala.

— Eu acordei da melhor noite da minha vida e você havia sumido. Você saiu de fininho de manhã como se fosse uma garota de programa que eu levei para a cama.

— Não ouse falar assim comigo!

Será que ele voltaria a ser o Richard idiota e que

fazia de tudo para me ferir? Seria esse seu jogo para me afastar por medo?

— Como você quer que eu fale depois de agir assim? Eu queria você comigo! Eu procurei por você e você não estava!

— Não precisa fazer drama! Você podia ter me ligado e perguntado o que aconteceu. Mas talvez seja mais fácil simplesmente me culpar e não me procurar mais, não é?

— Do que você está falando?

— Do seu medo de se envolver com alguém.

Ele pareceu surpreso. Eu respirei fundo e voltei a falar com a voz baixa.

— Por favor, Richard, eu não quero brigar agora. Eu procuro você depois, ou não. Estou ocupada, você pode ir embora?

Ele olhou de mim para o quarto de Ben.

— Aconteceu alguma coisa com ele? Gabriella, você não precisa carregar tudo sozinha.

— Preciso sim.

— Me diz o que aconteceu. — ele se aproximou

de mim e segurou minhas mãos.

Não aguentei mais. Estava segurando isso o dia todo para que Ben não visse, mas não consegui conter por mais tempo. As lágrimas saíram descontroladas enquanto eu tentava falar, mas não saía nada coerente da minha boca.

— Não posso chorar. — sussurrei me afastando e tentando me acalmar, mas Richard me puxou para seus braços e me apertou.

— Pode sim, claro que pode. Vamos meu bem, chore. Chore aqui comigo, estou com você. Coloca isso para fora e depois vamos dar um jeito. Não importa o que seja, eu vou dar um jeito. Eu te prometo.

Passei meus braços por sua cintura e deixei que ele me apertasse ali, no calor de seus braços, até começar a soluçar e ir me acalmando. Quando finalmente parecia não haver mais lágrimas, afastei meu rosto de seu peito. Havia uma mancha em sua camisa.

— Manchei sua camisa. — disse tentando

limpar.

— Quem se importa? O que houve? Por que está assim?

— Uma parte do cabelo dele caiu.

— Sim, mas esse é um efeito normal da quimioterapia, não é?

— Eu sei disso, mas ele não. Ele está com vergonha de sair na rua e não me deixa cortar o resto do cabelo. Não sei mais o que fazer.

Mais lágrimas rolaram por meu rosto e Richard as beijou levemente. Depois se afastou e entrou no quarto de Ben, que se assustou e tentou se esconder, mas Richard foi insistente e o convenceu a sair.

Com um boné na cabeça ele foi conosco até um restaurante. Como sempre, foi em pé no carro e o ar da noite pareceu animá-lo, chegou ao restaurante mais falante e comeu bem. O tempo todo Richard segurava minha mão, me dizendo que estava ali. E aquele gesto simples era tudo o que eu precisava para não desmoronar. Quando

voltamos para casa, Richard tirou o boné de Ben, e se sentou ao lado dele no sofá.

— Então, seu cabelo caiu. O que acha de um visual novo? Por que não deixa sua irmã raspar sua cabeça?

Ele negou na mesma hora.

— Mas você vai ficar com o mesmo visual dos soldados do exército.

Os olhos de Ben brilharam, mas ele não concordou.

— E se eu raspar minha cabeça com você?

Não dá para dizer quem ficou mais em choque, Ben ou eu.

— Se eu raspar minha cabeça também, você vai ver que vai ficar muito bonito e vai ficar igual a mim. O que acha?

— Eu quero ser igual a você. — falou Ben.

— Então estamos combinados. Gabriella, por que não pega sua máquina e nos mostra o que você sabe fazer?

Ainda em choque busquei a máquina, e Ben veio

todo feliz deixar que eu raspasse sua cabeça. Tirei o resto do cabelo ralo dele, que saiu da cadeira se olhando no espelho com um enorme sorriso que não havia em seu rosto há dias.

Logo, Richard se sentou na cadeira.

— Cuidado com esse troço.

— Richard, você não precisa fazer isso.

— Claro que preciso. Ele quer ser igual a mim.

Nós temos um acordo.

Eu não sabia o que sentir. Raspei seu lindo cabelo castanho, os fios claros caindo no meio da minha sala, e o tempo todo ele ficou relaxado.

Quando terminei, Ben pulou no colo dele feliz porque eles estavam iguais, e Richard prometeu dar um terno a ele para que ficassem ainda mais parecidos. Depois de um banho, Ben finalmente dormiu.

Quando saí do quarto dele, Richard estava sentado na cadeira, olhando seu novo visual no espelho. Seus olhos verdes agora bem destacados em seu rosto. Ele continuava lindo. Eu corri até

ele e me joguei em seus braços. Ele me abraçou e me colocou em seu colo. Antes que eu pudesse agradecer, ele me beijou. Com voracidade, com paixão, e algo mais que me fazia tremer.

—Richard. — sussurrei precisando agradecer.

— Eu sei, Gabriella, me agradeça de outro jeito.

Ele me levantou e fomos até o meu quarto. E ali eu o agradei de todas as formas que pude pelo que fez por mim. Ele fez amor comigo tão carinhosamente, que senti junto ao prazer, uma emoção me dominar como nunca tinha sentido na vida.

Richard foi embora na manhã seguinte, bem cedo. Ele se despediu e disse que me procuraria mais tarde. Depois de levar Ben à escola, aproveitei para dormir, já que Richard praticamente não me deixou dormir à noite. Caí num sono profundo e acordei duas horas atrasada para buscar Ben. Resmunguei um palavrão e saí apressada, peguei um táxi e fui até a escola.

Quando a professora me recebeu, olhou-me assustada.

— Gabriella, aconteceu alguma coisa?

— Eu vim buscar o Ben. Eu acabei perdendo a hora, me desculpe. Ele ficou esperando sozinho esse tempo todo, não é?

— Não. Eu tentei falar com você, mas seu celular não atendia.

Meu celular estava descarregado.

— Ele estava descarregado.

— Eu liguei para a Stacie, mas ela também não atendeu.

— Ela não está na cidade hoje.

— Então eu liguei para o seu namorado. Ele veio e buscou o Ben.

Meu estômago revirou.

— Namorado? — Ela percebeu minha reação e pareceu sem graça.

— Ele deixou o número dele aquele dia, disse que podíamos ligar caso alguma coisa acontecesse. Achei que não teria problema

entregá-lo a ele.

— Não, claro que não há problema. — disse tentando descobrir de qual dos namorados ela estava falando.

Eu havia proibido que Christopher se aproximasse de Ben, mas a professora dele estava quando Christopher o levou, não Richard. E eu não tinha certeza de que a diretora havia repassado a ordem, nem de quem ela considerava meu “namorado”.

Meu Deus! Eu parecia mesmo a puta dos Becker. Agradei e voltei correndo para casa. Peguei meu celular desligado e liguei primeiro para o celular de Ben. Rezando para que ele estivesse com o Richard, Christopher estava com raiva de mim, e só Deus sabe o que ele poderia fazer com meu menino para se vingar. O celular de Ben não atendeu. Assim que desliguei a chamada, meu celular começou a tocar. Atendi imediatamente e era Richard.

— Boa tarde, querida.

— Você está com o Ben?

— Tudo bem com você? — ele perguntou rindo.

— Richard, por favor. — minha voz soava desesperada.

— Espere um pouco.

A voz dele sumiu e de repente, a voz de Ben preencheu a linha.

— Oi Bella, adivinha onde eu estou?

Respirei aliviada, na verdade, quase chorei de alívio.

— Onde amor?

— No Parque das águas! Você disse que não podia me trazer, mas o Richard me trouxe! Eu estou todo molhado, você vai brigar comigo?

— Não meu amor. Divirta-se.

Ele passou o telefone para Richard.

— Ele está seguro, querida.

— Richard, obrigada. Eu nem sei... desculpa. Eu dormi demais, não queria que você... meu Deus! Não sei como agradecer.

— Acalme-se, e venha para cá. Você precisa ver

como ele está vivo!

Fiquei calada. Ainda tentando entender que eu falhei com meu menino, e alguém estava ali por ele. Foi uma sensação estranha, como se, de alguma forma, eu tivesse permissão para falhar. O que, claramente, eu não tinha.

— Gabriella, não se preocupe tanto. Eu disse que estaria aqui, não disse?

— Sim, você disse. É só que isso é demais, Richard.

— Nada será demais, minha linda Gabriella. Eu estou aqui. Estarei sempre que você me chamar, e estarei quando não chamar e precisar de mim. Isso não foi nada. Agora relaxa e venha para cá.

Richard mandou o motorista me buscar após muita insistência.

Quando cheguei ao parque, Ben estava se divertindo como só uma criança é capaz de se divertir, correndo de um lado para o outro, não com o mesmo entusiasmo e rapidez de antes, mas sorrindo, gritando e se divertindo como todas as

outras crianças. Richard estava sentado tranquilamente em um banco olhando para Ben. Aproximei-me cabisbaixa e sentei-me no banco ao lado dele. Ele sorriu quando me viu e beijou minha mão. Ben correu até mim.

— Bella, olha como estou molhado!

Ele estava só de cueca e todo molhado. Abraçou-me rapidamente e voltou para perto das crianças. Percebi que ele parecia se cansar com mais facilidade, e parava de vez em quando, com as mãozinhas nos joelhos, e as crianças paravam com ele, todas imitando seu gesto de descanso. E nem isso apagava o sorriso no rosto dele. Havia muito tempo que eu não o via tão feliz assim. Sorri para ele e ele se sentou entre mim e Richard tomando fôlego. Eu sabia que tinha que agradecer a Richard, mas não sabia como fazer isso, não na frente de Ben.

Ele continuou me olhando, sua expressão era insondável. Então, de repente, Ben olhou para mim, para Richard e disparou:

— Você vai casar com a minha irmã?

Eu devo ter mudado de cor pelo menos seis vezes, e Richard engasgou do nada.

— Não Benjamin. Não acho que eu vá.

Ben pareceu decepcionado e me olhou, então olhou para ele novamente.

— Por que não? Ela é tão linda! Por que não vai se casar com ela?

— Ben, por que não vai comprar um sorvete? — falei dando dinheiro a ele. Rapidamente ele se levantou e correu atrás do sorveteiro.

Olhei para Richard sem graça, ele parecia em outro mundo.

— Me desculpe, ele ouviu Isabel dizer que eu adiei o casamento por causa dele e desde então fica assim, tentando arranjar um marido para mim.

Richard deu um meio sorriso que indicava que não estava totalmente de acordo.

— É claro. — disse desanimado. — Você ia se casar.

— É. — disse sem graça.

— Então é isso que você pretende fazer um dia, você vai se casar.

Eu assenti não entendendo o ressentimento em sua voz.

— Bom, não por agora, mas sim, eu pretendo me casar um dia.

— Acho que o tal Deivid vai ficar muito feliz com isso.

Eu dei uma risada.

— Eu não acho que ele vá me esperar a vida inteira.

Ele me olhou como se não entendesse meu comentário.

— E por que não esperaria? Você acha que não vale a pena?

— Eu só acho que ele não vai parar a vida dele por mim por tanto tempo, até eu me decidir.

Richard me olhou, parecia curioso.

— Por que não pararia? Acho que ele teve o melhor de você, conheceu a Gabriella

descontraída, divertida, apaixonada.

— É, ele conheceu.

Depois ele deu um sorriso perverso.

— Se bem que, ele não conheceu essa Gabriella rebelde, desafiadora e sacana.

Arregalei meus olhos para ele.

— Richard!

— Eu estou falando sério, a maioria das coisas que eu te mostrei você nunca tinha feito. Eu acho que eu tive o melhor de você, afinal.

Eu o empurrei de brincadeira, e ele puxou minhas mãos, beijando calmamente cada uma delas, mas pude sentir sua respiração acelerada.

— Então, você não tem alguma reunião importante onde deveria estar agora?

Ele abriu um sorriso.

— Na verdade, sim. Eu deveria estar exatamente em uma reunião importante agora. Mas acontece que a irresponsável da irmã de um garotinho, não deixa o celular ligado, então tive que ir buscá-lo para ele não ficar até essa hora esperando. —

repreendeu ele.

— Meu celular descarregou, eu não tinha visto, me desculpa.

— Claro! Aquele celular velho!

— Ah qual é! Você não pode reclamar! É a primeira vez que isso acontece.

— Ainda bem que eu estava aqui.

— Você está esperando o meu muito obrigada, senhor Richard?

— Não precisa, Gabriella, você não tem que me agradecer, está em grande dívida comigo por isso.

— Oh não! — exclamei sorrindo e ele me puxou e me beijou.

Eu me afastei dele rapidamente.

— Não faça isso, não onde Ben possa ver. Vamos confundir a cabeça dele.

Ele concordou e se afastou de mim. Ficamos um tempo em silêncio enquanto Ben dividia seu picolé com um menininho que havia encontrado por ali.

— Acho que você deveria sair do emprego e

passar mais tempo com ele.

— Bem que eu gostaria, mas não é tão simples assim. O tratamento e os remédios são complicados. Por mais que você tenha feito um milagre pagando tudo, eu ainda tenho que arcar com as despesas da casa e as coisas que o Ben precisa.

— Por que sua irmã não te ajuda?

— Não foi para ela que minha mãe telefonou. Ela confiou o Ben a mim. Eu não posso impedir que ela tenha as coisas dela, quando sou eu quem deve cuidar dele.

Richard me olhou com uma expressão tão fria, que não reconheci. Ele balançou a cabeça discordando do que eu havia falado.

— Não foi assim. De qualquer forma, você não tem que carregar o mundo nas costas, Gabriella. Não é errado pedir ajuda.

— Eu sei. Mas não posso ficar dependendo dos outros. Eu sou tudo o que o Ben tem. Não posso ser fraca e falhar com ele.

— Pedir ajuda não é sinal de fraqueza.

— Eu acho que sim.

Continuamos olhando Ben, então Richard passou levemente o braço em volta do meu ombro. Aquilo era incomum vindo dele. O encarei. Não se contendo, ele arredou e me arrastou para mais perto dele de forma que estávamos colados, vendo Ben brincar.

— Por que é tão difícil ficar longe de você? — ele disse, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Porque você não deve ficar longe de mim, seu medroso.

Ele sorriu, beijou meu pescoço, eu chamei sua atenção e ele afastou a cabeça da minha, mas manteve o braço ali, e eu não pedi que ele o tirasse, pois me sentia tão segura quando ele me tocava!

— Saia do emprego, Gabriella. Viva sua vida. Curta seu menino. Você trabalha demais, se cansa demais. Não vai aguentar esse ritmo por muito tempo.

— Não vai durar muito tempo. Só até o tratamento dele acabar, então arranjurei um emprego melhor e durante o dia. Está bom para você?

Richard me olhou e não comentou mais sobre o meu emprego, mas tinha um sorriso bobo nos lábios.

— O que foi? — perguntei a ele.

— Acho que eu poderia me acostumar com isso.

— Isso o quê?

— Uma criança. Bom, não agora. Daqui a alguns anos, talvez. Mas acho que eu poderia.

Sorri com a revelação.

— Então você já pode imaginar? Um garotinho do tamanho do Ben com seus olhos e sua boca correndo por aí?

Ele sorriu.

— Desde que ele não tenha a criação que eu tive.

— Bom, você pode cuidar para que seja diferente.

— É, eu posso. — Depois ele me olhou com

mais intensidade e olhou novamente para Ben.

— O que foi?

— Eu acho que ele deveria ter seu sorriso, seu sorriso é lindo.

— Ele quem? Benjamin? Ele tem o meu sorriso, se parece muito comigo.

— Não, não o Benjamin. Nosso filho.

Pareci chocada, mas estava muito surpresa com essa conversa. Então ele explicou:

— Visto que se fosse para eu ter um filho, seria seu. Claro, quero que ele tenha sua esperteza e seu gênio.

Olhei para ele boquiaberta.

— Eu não ia querer isso. — depois de pensar um pouco conclui. — Se bem que, entre seu gênio e o meu, prefiro o meu.

Ele começou a rir.

— E isso é verdade.

Nós ficamos o resto da tarde no parque vendo Ben. Quando a tarde começou a ir embora, Richard sussurrou no meu ouvido:

— Eu quero você. Agora.

Não precisou dizer duas vezes, e fomos embora no mesmo instante.

Passamos primeiro em um restaurante, onde Ben mais falou do que comeu, e fiquei preocupada com ele, mas ele continuava com um enorme sorriso iluminando seu rosto. Chegamos em casa e ele já estava nos braços de Richard. Tinha dormido no carro. Coloquei Ben com todo cuidado na cama e o cobri. Richard esbarrou no pufe derrubando uns brinquedos e fazendo um enorme barulho.

— Psiu! — reclamei, ele parecia inquieto.

Dei um beijo leve em Ben, parecia tão fraco e pálido. Fiquei um tempo o observando.

— Será que podemos ir agora? — falou Richard impaciente.

— Quer ficar quieto? — repreendi baixo.

— Gabriella, você não pode... — ele estava quase gritando.

Fiz um gesto com as mãos e falei um pouco mais

alto e mais brava.

— Silêncio!

Ele abriu um sorriso perverso.

— Está me mandando calar a boca?

— Sim, estou!

Ele se aproximou de mim, podia sentir o calor que emanava do corpo dele, e aquilo me deixava inquieta.

— Desde que eu saí da casa dos meus pais, ninguém nunca mais me mandou calar a boca.

— Obviamente alguém deveria. — retruquei.

Seu sorriso se alongou e ele me puxou de repente pela cintura contra seu corpo. Eu já podia sentir o volume me pressionando.

— Oh, Gabriella! Não me provoque!

Afastei-me dele assustada, tentando conter o sorriso.

— Estamos no quarto de uma criança, seu pervertido!

Ele olhou para trás e olhou para mim novamente, o sorriso agora cheio de promessas.

— A porta está bem perto.

De repente ele me pegou pelas pernas me pendurando em seu ombro. Tive que tapar a boca e reprimir o grito que tive vontade de dar. E ele foi caminhando comigo, achei que me levaria até o quarto, mas ele me pousou sentada na mesa da cozinha. Olhei para ele desesperada.

— Você não está pensando...

— Jantar. — disse ele divertido.

— Você sabe que meus móveis não são fortes como os seus, sabe, são baratos.

— Quem se importa com uma mesa quebrada?

Ele veio para cima de mim e me afastei de repente, ele ficou parado na beira da mesa me encarando em choque.

— Você não pode ter “comida” tão fácil assim.

Ele sorriu e respirou fundo.

— Você não tem para onde correr. — me alertou.

— Não? Porque você não pode cercar a mesa inteira.

— Gabriella, se você tentar correr, eu a pegarei

tão rápido, e antes que você perceba já estarei dentro de você.

Eu dei uma gargalhada e pulei da mesa, mas ele me pegou ainda no ar e me arrastou para o quarto. Isso era totalmente diferente de tudo o que tínhamos feito. Passar o dia com ele, saber que podia contar com ele quando precisasse. A forma como ele me tratou o dia todo, tão diferente do Richard frio e insensível de antes. Ele tirou minha roupa com uma rapidez surpreendente e quando me penetrou, parou um pouco e segurou meu rosto com as mãos.

— Não há nada melhor no mundo do que ter você. — sussurrou antes de voltar a se mover.

Sua boca alcançou meu seio e eu gritei o nome dele até atingirmos o ápice do prazer. Ele não ficou para dormir comigo. Disse que tinha que ir, mas que me ligaria. E eu fiquei a noite toda pensando nele.

Durante o dia todo ele não me ligou. Voltei a

trabalhar naquela noite. Esperava uma bronca de Carlo por ter faltado tantos dias, mas ela não veio. Pensei que Richard deveria estar compensando Carlo pelas minhas faltas. No dia seguinte ele também não me ligou. Pensei em ligar para ele, mas deixei para lá. No terceiro dia, ele ainda não havia me procurado, então resolvi ir até a empresa falar com ele.

Estava aguardando no saguão como uma boa menina, não invadi sua sala, não queria brigar. Percebi próximo ao elevador, uma mulher alta, com o cabelo marrom preso num rabo de cavalo bagunçado e enormes argolas que se encostavam a seu ombro. Ela me olhava o tempo todo.

Por que Richard estava demorando tanto? Percebi ela se aproximar de mim e tive o intuito de correr, mas permaneci no mesmo lugar, curiosa em saber quem era. Ela se aproximou sorridente.

— Você deve ser Gabriella de Wolle? — perguntou.

Assenti.

— Sim, e você é?

— Dhiara Camaros, amiga de infância de Richard. — ela estendeu a mão para mim. — Estudamos juntos, mas obviamente não fui tão bem sucedida como ele. Então ele me deu um emprego aqui.

Sorri com simpatia para ela.

— Bom, tenho que comentar o que você tem feito com Richard, não o via tão leve há tantos anos! Eu sabia que ele estava mesmo precisando de sexo, sabe, tem estado num humor divino.

Senti-me corar e fiquei inquieta. Encarei o elevador, por que ele não chegava logo?

— Não que Richard tenha me contado algum detalhe sobre o sexo de vocês, mas pela fama que ele tinha no colegial, sei que é selvagem. E pelo bom humor que tem nos últimos dias, vocês devem praticar muito.

Engasguei do nada, acho que com meu espanto ou com minha vergonha. Finalmente o elevador chegou e as portas se abriram, "Graças a Deus!"

respirei aliviada.

— Até mais Gabriella, e aproveite.

Assenti sem graça.

Então Richard saiu da sala dando ordens a algumas pessoas, parecia nervoso. Pousou os olhos em mim e sua expressão se tornou curiosa e surpresa. Ele pediu um momento e se aproximou. Percebi que todos os olhares estavam em nós, provavelmente aguardando o próximo escândalo que faríamos.

— Não invadiu minha sala hoje, Gabriella, algum problema?

Neguei com a cabeça e comentei.

— Achei que sentiria falta. Quantas amigas você tem? — perguntei de repente.

Ele me avaliou.

— Algumas. Por que está vermelha?

— Acabei de conhecer a Dhiara.

Percebi sua expressão se tornar divertida.

— O que achou dela?

— Bem, ela é um tanto... — qual seria a palavra?

— Invasiva.

Richard deu uma gargalhada que fez todos nos olharem com assombro e espanto. Não estavam acostumados a vê-lo sorrir daquele jeito.

— Sim, essa é Dhiara. Gostou dela?

— Tirando a parte que ela tentou me fazer falar sobre nosso sexo?

Ele riu novamente ainda mais alto. Depois que passou, eu não sabia o que havia ido fazer ali. Não queria parecer uma desesperada, mas tinha o direito de saber.

— Richard, o que há realmente entre nós?

Toda a alegria do rosto dele desapareceu com a pergunta. Ele olhou para os lados, então me levou até a sala dele e pediu a Lucia que cancelasse uma reunião e não passasse nenhuma ligação.

Quando entramos, eu podia sentir a tensão dele. Sentamo-nos no sofá e ele mal olhou para o meu rosto antes de começar a falar.

— Gabriella, eu realmente adoro estar com você. Gosto de fazer amor com você, da sua risada, da

sua companhia. — ele me olhou e eu não pude decifrar o que se passava no olhar intenso dele. — Eu a desejei por muito tempo, Gabriella, eu nunca desejei tanto uma coisa na vida como eu desejei você. Achei que assim que a tivesse isso passaria. Que só precisava estar em você e acabar com essa obsessão, mas não foi assim. Quanto mais a tenho, mais eu a quero. Eu fico mal humorado nos dias em que não te vejo e não quero fazer isso.

Ele se levantou e ficou dando voltas. E eu ainda não entendia onde ele queria chegar. Ele voltou a falar.

— Eu não quero te fazer promessas. Eu quero transar com você, muito. Quero passar mais tempo com o Ben, quero te ajudar, cuidar de você, mas só isso. Eu não quero um relacionamento. Não quero nenhum compromisso. Eu não sei fazer isso. Tudo está perfeito agora, mas se eu tentar ser para você algo que não sei ser, vai dar errado. Tudo vai desandar, você entende?

— Não, eu não entendo, mas respeito você,

Richard.

Ele me olhou com certo desespero nos olhos. Andou de volta para onde eu estava, levantou a mão para me tocar, mas desistiu e disse:

— A escolha é sua, Gabriella. Nós podemos continuar como estamos, apenas dormindo juntos, mais que isso, como amigos, que acho que já nos tornamos depois de tudo. Eu a desejo demais e gostaria que você escolhesse ficar comigo. Mas se você acha que prefere um relacionamento sério, então eu não vou mais procurar você.

Ele queria ir embora. Eu sabia que esse dia chegaria, mas pensei que seria por se cansar de mim, e não por causa desse medo dele de se envolver.

— Você quer que eu continue sendo mais uma...

— Não diga isso! — ele me interrompeu. — Você não é mais uma em minha cama, sabe muito bem disso. O que eu sinto...

— O que você sente? — segurei sua mão, a apertei, não queria que ele visse que eu também

desmoronaria longe dele, mas queria que ele falasse. — O que você sente, Richard? Será que isso não é forte? Não é forte o bastante?

Ele apertou minha mão de volta.

— Isso é forte demais. Muito mais do que sou capaz de entender.

— É mais fácil para você fingir que não é nada?

— É mais fácil para mim não te fazer promessas e não ter que passar minhas noites em claro pensando em um jeito de não quebrá-las. Não estou pedindo que se afaste, nem dizendo que vou me afastar, eu não vou. Você ia se casar, você é dessas meninas que esperam pelo amor da sua vida e eu não sou esse homem. O que estou tentando dizer é que eu te adoro demais, eu preciso de você, sinto sua falta, faço loucuras por você o tempo todo e não me importo. Posso parecer louco, ridículo ou irresponsável por você, e não me importo. Eu quero ser tudo o que você precisa, mas não sou. Posso ser seu porto, Gabriella, eu estarei aqui por você e por ele. Não é

só sexo, é muito mais. Mas não é...

— Amor. Você pode me dar tudo, menos amor.

— Não posso oferecer algo que não sei sentir.

— E eu não posso ensiná-lo se você não quer aprender.

— Há certas coisas que são arriscadas demais.

— Há certos riscos que valem a pena.

Ele sorriu.

— Você me tem, Gabriella. — virou a palma da minha mão para cima e passou o dedo levemente por ela. — Você me tem bem aqui. Quando e como você quiser. Só não espere isso, não espere esse amor. Isso não quer dizer que eu não a farei feliz, ou que não cuidarei de você. Só quer dizer que não posso amá-la.

Senti um aperto no peito ao ouvir suas palavras. Controlei-me para que ele não percebesse. Sim, ele tinha medo, o que houve com Christopher e Sarah ainda o afetava muito. Eu até entendia todo aquele receio, mas eu não podia me arriscar. Richard era um mergulho em queda livre, sem

freio, sem proteções, e eu não fazia ideia do que havia lá embaixo. Ele valia a pena, isso com certeza. Mas eu não podia lutar por ele naquele momento. Já lutava por uma vida, não queria lutar por duas. Não queria depositar tudo em uma pessoa que poderia nunca aprender a amar e deixar apenas o chão para que eu caísse ao final do mergulho.

Levantei-me precisando urgentemente me afastar dele.

— Entendi. — foi tudo o que disse.

Quando me virei para sair, ele segurou meu braço.

— O que você decidiu?

Percebi medo passar por seus olhos.

— Eu não decidi. Preciso de um tempo.

Ele pareceu desanimado.

— É que eu não posso deixar uma pessoa se aproximar do Ben assim. Depois você vai embora e ele vai sofrer.

— Claro, eu entendo, não me afastaria dele. Não

quero me afastar de você. Eu não quero.

— Eu sei. Preciso ir agora. — disse dando um sorriso sem graça e me afastei dele, saindo de sua sala.

Ainda tive esperanças que ele fosse atrás de mim, mas ele não o fez. E eu não sabia o que fazer, não sabia se seria capaz de me afastar de uma vez por todas de Richard Becker.

Capítulo CATORZE

Eu não sabia mais o que fazer com Richard Becker. Perdi um dia inteiro da minha vida pensando nisso. Depois de uma péssima noite sentindo falta dele, decidi não pensar mais. O que tivesse que acontecer, aconteceria. Não adiantava ficar sofrendo por antecedência. Dormi a manhã toda no dia seguinte a ter ido procurá-lo e quando busquei Ben, ele parecia abatido. Mais uma vez não fui trabalhar para ficar de olho nele. Esperava que mesmo não estando comigo, Richard ainda compensasse Carlo pelas minhas faltas, ou eu seria demitida. No fim de semana ele melhorou, e eu voltei a trabalhar. Recebi uma bronca de Carlo e a notícia que as faltas seriam descontadas do meu salário, não podia reclamar, estava de volta à minha vida normal sem Richard para me ajudar.

Poucas noites depois, estava deitada, em mais uma noite em que não fui trabalhar. Eu estava dormindo mal aquelas noites, preocupada com

Ben e pensando em Richard. De repente, a porta do meu quarto abriu e Ben entrou cabisbaixo.

— O que foi amor? Está se sentindo mal?

Esfregando os olhinhos ele negou com a cabeça e subiu na minha cama.

— Posso dormir com você?

— Claro que pode, vem aqui.

Levantei a coberta e ele se enfiou debaixo dela comigo. O cobri e o abracei, ele deitou a cabeça no meu braço, como gostava de fazer e enrolou uma mexa do meu cabelo nos dedos. Esse era um gesto comum dele quando era bebê e dormia com nossa mãe. Eu sabia que ele sentia falta dela. O abracei mais forte e coloquei a mão em concha em sua cabeça, cobrindo o ouvido, como ela gostava.

— Onde está o menino, filho do vento?

Ele sorriu sonolento.

— Aqui, senhorita.

Ben não havia conhecido nosso pai, e mamãe dizia que ele era filho do vento, o que não entendo o porquê, ele adorava.

— E o que ele está sentindo?

Ele não respondeu, apenas enfiou ainda mais a cabeça em meu pescoço, se escondendo.

— O que foi, meu amor? Você pode falar comigo.

— Estou com saudade da mamãe.

— Eu sei. Também estou.

O puxei para cima de mim, e ele me encarou com os olhos quase fechando.

— Quer dormir de canguru hoje?

— Sim, senhorita. — ele disse rindo.

— Então feche os olhinhos.

— Eu te amo, Bella. Sinto falta da mamãe, mas amo mais você.

— Eu também te amo, meu amorzinho. Você é...

— O maior amor da sua vida, mesmo sendo tão pequeno. — ele completou, fechando os olhos, a frase que eu sempre dizia a ele.

— Isso. Maior amor da minha vida.

Passei os braços em volta dele e apertei, e logo ele dormiu.

Mas, Ben teve muita febre durante a noite, e tive que levá-lo para o hospital.

Após ele ser medicado, teve que ficar em observação, e para não dormir, fiquei andando pelos corredores do hospital, parecendo um zumbi, com um copo de café na mão, quando esbarrei em alguém derramando o café na pessoa. Era um homem. Era belo, embora estivesse abatido, e usava uma touca que encobria seu cabelo.

— Me desculpe. — eu disse.

— A culpa foi minha. — ele respondeu com um sorriso, mas ainda segurando minha mão com o copo bem distante dele. — Sabe me dizer onde fica a oncologia?

— À direita, segundo corredor.

Ele me soltou e seguiu na direção que eu havia dito, mas o chamei.

— Você tem sessões durante a madrugada?

— Ainda não comecei as sessões. Eu não moro aqui, não vou fazer... — ele pareceu pensar muito

e por fim, não conseguiu dizer a palavra. — o tratamento aqui. Só quero me informar.

— Que tipo de câncer você tem?

Ele pareceu nervoso.

— Ele não tem câncer. — disse uma mulher extremamente bonita, que passou por mim e o olhou com reprovação. — Por que está aqui? Achei que já estivéssemos conversados sobre isso.

— Eu só queria saber, Cate.

— Nós já sabemos tudo. Pesquisamos na internet. Vamos embora, Renato.

Quando a mulher elegante olhou para mim, quase caí para trás, ela era Richard. Os mesmos olhos azuis e o cabelo era loiro como o de Christopher. Mas, o mesmo formato do rosto, queixo, lábios de Richard. Ela era uma Becker.

Fiquei encarando-a por tanto tempo, que ela pareceu incomodada. Saiu arrastando o homem pela mão, e ao passar por mim, disse:

— Até mais.

— Até mais. — respondi, mas acho que ela nem

ouviu.

Duas noites depois, saindo do Hot, havia alguém sentado no habitual banco. Passei por ele direto, com a cabeça erguida, e ouvi sua risada. Então parei e esperei, e ele veio até mim.

— Boa noite.

— Olá. — respondi não querendo olhá-lo nos olhos. Não queria olhar para ele.

— Como você está? Eu vi o Ben hoje.

— Eu sei. Ele me ligou para falar que você levou um terno para ele. Obrigada.

— Você poderia agradecer olhando para mim. Neguei com a cabeça.

— Gabriella. — ele segurou meus ombros e me puxou, e num segundo levantou meu rosto com a mão e sua boca estava na minha.

Ele enfiou a mão em meus cabelos e não permitiu que eu me afastasse, passou o braço pela minha cintura, e me manteve ali, a boca na minha, sua língua dominando a minha. Quando finalmente

nos afastamos, ele disse:

— Eu sinto sua falta. Droga! Sinto demais sua falta! Quanto é esse tempo que você precisa?

— O suficiente para eu estar segura.

Ele congelou de repente. Afastou-se de mim e me olhou nos olhos.

— Essa noite não. Essa noite você não está segura, Gabriella. Essa noite você é minha.

— Não Richard. Ainda não pensei sobre isso, você e eu...

— Vamos fazer amor a noite toda hoje.

Eu o afastei.

— Não! Não vamos! Eu custei a me acostumar a dormir sem você! Não vamos passar por isso de novo!

— Meu desejo por você é descontrolado. Você sabe disso. Eu sei disso. Não vamos tentar adiar o inevitável. Eu durmo com você, querida. Quando você quiser.

— Não é disso que estou falando. Não quero você perto de mim desse jeito agora.

Eu estava tão brava, e tão perturbada pela presença dele. E ele me olhou e começou a rir.

— O que foi? Voltamos à estaca zero. Vamos ser claros aqui, Gabriella.

— Sem ameaças, por favor.

— Sem ameaças, eu prometo. Eu a desejo. Muito. Você também me deseja. Será que terei que levá-la para uma ilha de novo para ter você?

Tentei segurar o sorriso, mas eu não tinha armas contra esse Richard tão leve, divertido e apaixonante.

— Não quero que você faça isso. — disse.

— Isso o quê?

— Me procurar quando quer, e sumir logo em seguida.

Ele me olhou com tanta doçura, nem parecia o homem incapaz de sentir, que ele dizia ser.

— Você sabe onde eu estou, então não pode reclamar minha falta.

— Não vou andar atrás de você.

— Porque você é extremamente orgulhosa,

teimosa e cabeça dura.

— Olha só quem está falando, o homem que tem medo de se envolver.

O sorriso dele foi triste.

— Sim, ele mesmo. Estou envolvido, descontrolado, e excitado. Você vem comigo agora.

— Não vou não! — dei um passo para trás, e ele me puxou pelo braço, me pegou pelas pernas e jogou em seu ombro. — Richard!

— Isso não é sequestro, uma vez que você está louca para ir comigo. E isso não é apenas uma noite. Eu disse que você não se livraria de mim, eu disse várias vezes e você insiste em não entender isso.

Ele me jogou em seu carro, e mesmo naquela situação indefinida, eu estava tão feliz por vê-lo de novo, que deixei que me levasse onde quisesse.

Mal entramos em seu quarto, ele me puxou para seus braços e me beijou. Segurando meu rosto

entre suas mãos, me manteve ali, com nossos lábios colados, por vários minutos, até precisarmos respirar. Então ele enlaçou minha cintura e me manteve colada ao seu corpo, enquanto beijava meu pescoço e desabotoava minha roupa.

— Preciso de um banho. — eu disse, pois havia trabalhado horas no Hot.

— Seu cheiro está delicioso. — ele respondeu mordendo meu pescoço e enviando ondas de arrepio por meu corpo.

— Banheiro, apressadinho.

Ele sorriu e me guiou para debaixo do chuveiro, sem me permitir afastar dele. Tirou minha roupa vagarosamente e esperou pacientemente que eu fizesse o mesmo. Aproveitei para passear minha mão por cada detalhe de seu lindo corpo, até pará-la sobre seu peito, onde podia sentir seu coração acelerado.

Pousei a mão ali e o olhei nos olhos, e ele me olhou de volta. Havia uma emoção ali, na maneira

como me olhava, algo indecifrável, e ao mesmo tempo quase palpável. Ele quebrou o contato de nossos olhos, encostando a testa na minha e apertando minha mão em seu peito.

— Isso só acontece assim quando estou perto de você. Você descontrola tudo, até mesmo meus batimentos cardíacos. — ele sorriu ao meu beijar. — Você é meu melhor vício.

E quando me beijou de novo, não foi mais com aquela calma e carinho, ele foi voraz, invadindo minha boca com sua língua, me dominando totalmente ao meu apertar contra a parede e passar minhas pernas por sua cintura. E quando me penetrou, parou de se mover um minuto, com a testa colada nos meus seios, ele passeou o rosto por eles, beijando de leve, antes de abocanhar um mamilo e voltar e me penetrar, mais forte, sem parar. Repetindo meu nome como uma prece.

Richard Becker era tão intenso, quanto surpreendente.

Quando eu gozei com sua boca na minha, ele

desligou o chuveiro e me levou para a cama. Embolamo-nos molhados nas cobertas e eu ri enquanto ele me posicionava no meio exato da cama.

— Você não faz ideia de como fica perfeita aí, bem no meio da minha cama, nua, sorrindo assim. Definitivamente esse é o seu lugar.

Acaricieei seu rosto e ele segurou minha mão, a beijando, e foi descendo os beijos por meus braços, meus seios, meu pescoço, até alcançar minha boca, enquanto voltava a me penetrar, mais devagar, mais fundo, com a testa colada a minha, segurando minhas mãos ao lado da minha cabeça, e apertando a cada estocada.

Eu sentia, com tanta clareza que ele estava ali, não só naquele momento, enquanto fazíamos amor, mas estaria ali, mesmo que não quisesse estar, porque era para ser exatamente assim.

Ele me puxou para os seus braços e me apertou neles, beijando minha testa e quase me sufocando

em seu abraço. Nossas pernas emboladas e nossos corpos tão grudados um no outro, que eu o sentia em cada pequeno pedaço de mim. Eu o sentia por inteiro.

— Não posso dormir aqui. — sussurrei. — Stacie vai sair muito cedo. Preciso estar em casa.

Ele assentiu e me beijou.

— Vou levá-la. Daqui a pouco. Agora fica quietinha aqui, comigo.

— Richard, você me ama. Devia assumir isso.

Ele sorriu. Beijou meu cabelo e acariciou minhas costas.

— Fica quietinha, querida.

— Sou a voz da sua consciência.

— Então minha consciência está sonolenta.

— Muito. Mas você me ama.

Era uma brincadeira, é claro. Queria ver como ele reagiria, se tinha apenas medo de amar, ou a incapacidade de fazê-lo.

Mas ele apenas me apertou mais forte e adormeci.

Acordei com ele me colocando em minha cama.

— Como eu cheguei aqui?

— Eu a trouxe. E você estava muito cansada, querida.

Abri os olhos com dificuldade e ele estava sentado na cama, me observando.

— Fica. — meus olhos se fecharam de novo. — Quando você ama alguém, você fica.

— Eu vou ficar, amor. Vou trancar a casa, e vou dormir aqui com você.

Assenti enquanto ele saía do quarto e me obriguei a permanecer acordada até o momento em que ele voltou e deitou-se na cama comigo. Arrastei-me até perto dele, e ele me puxou para seus braços.

— Você mudou de ideia, Richard? — consegui perguntar.

— Não.

— Então não faça mais isso. Não fique mais. Tudo bem?

— Não. Não está tudo bem. Mas eu entendo,

Gabriella. Você precisa pensar.

— Sim. Como minha consciência, não sua.

— Então pense, meu amor. Mas eu estarei bem aqui.

Não respondi mais e adormeci.

Quando acordei, ele não estava.

Benjamin estava com febre de novo. Dessa vez durou por três longos dias. Três dias em que ele permaneceu no hospital, em observação, a febre ia e voltava, e ele vomitava tudo o que comia. Em uma dessas tardes, eu estava perambulando pelos corredores do hospital, com aquele copo de café amassado na mão, tentando pensar em algo que me mantivesse acordada. O dia estava frio, e o tempo totalmente fechado.

Estaquei ao ouvir meu nome.

Era Bárbara. Ela estava em pé, perto do homem em quem eu havia derrubado o café na outra noite, a loira bonita estava ao seu lado, havia lágrimas em seus olhos. Aproximei-me receosa, mas

Bárbara estendeu o braço em um gesto acolhedor.

— O que faz por aqui, querida?

Antes que eu pudesse responder, ou ao menos alcançá-la, Richard apareceu na minha frente. Eu não o havia visto, mas ele andou até mim como um ímã.

— Oi. — eu disse, me segurando para não pular em seus braços.

— Oi, meu bem. O que faz aqui? Há quantos dias você não dorme? — ele passou o dedo por baixo dos meus olhos e acariciou meu rosto. — Você parece tão cansada, Gabriella. Por que não pede ajuda?

— Stacie está aqui comigo. O Ben teve febre e não conseguia comer. Está em observação.

— Irei vê-lo agora mesmo. — ele acariciou meu cabelo, e não tirou os olhos de mim em nenhum momento. — Por que você não me chamou?

Dei de ombros, e ele soltou meu cabelo, parando meu gesto que o irritava.

— Uau! Quase não o reconheço, Richard. —

falou a mulher loira se aproximando.

Ela me estendeu a mão.

— Prazer Gabriella, sou Cate, a irmã do Richard. Sim, sei o seu nome porque ele fala muito de você. A família toda fala de você, aliás.

Por sua expressão conclui que não devia ser coisa boa, o que falavam de mim.

— Cate, por favor. — falou Richard em tom de advertência.

— Só quero conhecê-la, não posso? Afinal de contas, ela será uma Becker, não é? Quem vai se casar com essa? Você ou o Chris?

— Cate! — dessa vez foi Bárbara quem chamou sua atenção. — Perdoe-nos querida, ela não está bem.

— Tente pegá-la primeiro, Richard. Vai ficar feio para você perder de novo para o Chris, você é melhor do que ele em tudo, não pode ficar perdendo as mulheres por quem se apaixona.

— Catherine, chega! — gritou Richard, então olhou para mim, já não havia mais a calma em

seus olhos. — Vamos ver o Ben, Gabriella.

Levei-o até onde Ben estava. Ben pareceu bem animado ao vê-lo, e os deixei falando sobre coisas de menino, como Ben dizia, quando avistei o homem, que estava com os Becker, ao lado de fora do quarto de Ben.

— Olá. — eu disse me aproximando.

— Tenho linfoma de Hodgkin. — ele disse. — Descobri há pouco tempo. Estava tendo febre, e comecei a perder peso. Há um tumor no meu pescoço e um na axila.

— Sinto muito.

Ele abriu um sorriso triste.

— Não sinta. Vou começar a poliquimioterapia e a radioterapia. Não aqui, não moro aqui. Mas vou começar.

— Vai dar tudo certo. — eu disse.

— Estou no estágio três.

— Independente disso.

Aproximei-me mais dele e ele se jogou em uma cadeira, sentei-me ao seu lado. Achei que

estivesse angustiado, que precisava falar.

O linfoma de Hodgkin é um câncer que se origina nos gânglios do sistema linfático, um conjunto formado por órgãos e tecidos que ajudam o corpo a reconhecer e a combater os germes, infecções e outras substâncias estranhas. Ele causa um aumento de volume dos gânglios linfáticos, muitas vezes no pescoço, mas por vezes na axila ou nas virilhas. Esses gânglios linfáticos geralmente não são dolorosos, mas o linfoma de Hodgkin também causa febre, suores noturnos e perda de peso. O estágio três significa que o câncer se espalhou para os nódulos linfáticos acima e abaixo do diafragma.

— Ela não aceita. — ele disse tão baixo que quase não ouvi. — Cate. Estamos juntos há dois anos. Ela não quer que eu faça o tratamento.

— Mas, você precisa fazer.

— Eu sei. Irei fazer.

— Ela vai entender, é difícil no começo, mas depois ela vai aceitar.

— Ela não vai.

— Cate não é tão cruel, Renato. É mimada, mas vai entender, tenho certeza. — falou Richard saindo no corredor.

Mas, não foi o que ela demonstrou. Richard me levou para tomar um café enquanto Bárbara e Cate entravam em um consultório com Renato para conversarem sobre o tratamento. Richard ficou calado durante esses minutos. Muito calado.

— Ela não vai entender, não é? — perguntei.

Ele negou com a cabeça.

— Não. Cate não se arrisca em algo que não entende. Ela não o ama. E ainda que estivesse apaixonada por ele, não acredito que aceitaria.

— Então, por que estão juntos há dois anos?

— Porque meus pais querem assim. Acho que Cate sente algo por Erick, nosso irmão adotivo.

Arregalei os olhos e ele abriu um sorriso triste.

— Não, nossos pais jamais aceitariam algo assim. Mamãe sequer aceita Erick, menos ainda

ele e Cate juntos. O genro perfeito é o Renato, ele é herdeiro de uma marca conhecida de relógios.

Arregalei mais os olhos. Quanto mais eu conhecia sobre a família de Richard, mais estranha ela me parecia.

— Ele vai precisar dela. Isso já é horrível o suficiente.

— Eu sei. — ele segurou minha mão por cima da mesa. — Talvez ela se acalme ao conversar com o oncologista.

Porém, quando Cate apareceu, estava aos prantos. Ela abraçou Richard e ficou quieta, por alguns minutos. Eu via pela expressão de desespero em Renato, que ele a amava, e temia o que ela diria.

Por fim, ela se afastou de Richard, e olhou para Renato.

— Faça o tratamento. Tomara que você fique bem, boa sorte.

O arquejo de espanto de Bárbara só não foi maior que o de Renato.

— Cate... — Richard tentou falar, mas ela começou a gritar:

— Não vou fazer isso. Não vou! Ele vai viver em hospitais, o cabelo dele vai cair, vai ficar abatido e mais magro do que já está e no final de tudo ele vai morrer!

— Não diga isso! — ralhou Richard.

— Não vou participar disso. Não quero isso perto de mim!

Então ela correu da cantina e Richard correu atrás dela. Bárbara e eu ficamos ali, tentando encontrar algo que pudesse ao menos amenizar o que Renato deveria estar sentindo, mas não conseguimos, e pouco depois ele foi embora.

— Ela vai se arrepender. — disse Bárbara. — Nem todo mundo tem sua força, menina. Nem todo mundo enfrenta as coisas como você.

— Não sou tão forte.

— Sim, você é. Incrivelmente forte. Fico feliz que esteja tirando Richard da escuridão em que foram criados. Ele não vai deixar vocês na mão.

Richard, não.

Quando Ben recebeu alta, Charles nos aguardava no carro de Richard, mas ele não estava. Ben foi cantando músicas em pé no carro, nem parecia que estava saindo de um hospital. Richard havia providenciado o jantar também, e um buquê de rosas brancas. E eu estava cansada demais para procurar por ele, então dei um banho em Ben, o acomodei na minha cama, e esperei que ele dormisse para tomar meu banho e dormir com ele.

A chuva caía forte quando saí do Hot, praguejei por não ter ido com meu Uno amassado e estragado mesmo, pelo menos ele ligava de vez em quando. Não havia ponto de ônibus próximo, e como eu não tinha dinheiro para o táxi, o jeito foi conferir se não havia raios e trovões, e ao ver que estava livre deles, coloquei um capuz e corri pelas calçadas.

Foi aí que o vi, Christopher, a certa distância de

mim. Ele chamou meu nome, e atravessei a rua, para não passar por ele. Mas ele veio atrás de mim. Só que fez isso sem olhar para os lados, e só percebi que ele estava completamente bêbado, quando ele parou no meio da rua chamando meu nome e constatei que ele seria atropelado pelo carro que se aproximava em alta velocidade.

— Christopher! — gritei, mas ele não parecia me ouvir.

Com a chuva, era improvável que o motorista parasse o carro a tempo, então joguei a bolsa para o lado e corri para onde ele estava, rezando para que conseguisse tirá-lo a tempo.

POV CHRISTOPHER

“Não está certo Christopher! Concentre-se, você precisa ser como o Richard.”

“Não sei por que ainda tento com você, se Richard é o mais qualificado para isso.”

“Desista irmãozinho, Sarah já está com Richard. Ele sempre é melhor do que você.”

Mais um dia. Mais um dia ruim. Quem se importaria com isso? Quem se importaria com o segundo colocado, se tinham o grande campeão para puxar saco?

Sempre foi assim. Sempre a comparação, e Richard, sempre foi o melhor de nós dois. O filho preferido, o exemplo perfeito. Richard, o perfeito. Pena que ele não tenha sido assim, tão perfeito como irmão. Como o mais velho de nós quatro, ele deveria ter feito mais do que subir no altar

montado para ele e exibir toda sua predileção. Mas quem se importaria com isso?

Eu poderia dizer que não me importava em ser o segundo lugar, mas eu me importava. Não queria ser como ele, queria ser melhor, ao menos uma vez, ao menos em uma coisa, como fui naquela vez.

Deixei o copo em cima da mesa observando-a servir mesa atrás de mesa. Perguntando-me porque o imbecil do meu irmão, mesmo estando tão apaixonado, ainda permitia que ela continuasse ali, se matando de trabalhar a madrugada toda. Por que ele ainda não havia dado uma vida melhor para a garota da vez?

Ela era linda.

Gabriella é uma mulher notável, é forte, atrevida e decidida. Mas mais do que isso, é linda. Realmente linda. Ela é uma dessas mulheres que chamam a atenção de qualquer homem. Uma dessas que se tivesse um pouco de ambição, não estaria servindo mesas naquele lugar horrível,

estaria casada com um homem rico e importante, desfilando sua beleza em tabloides e manchetes. Ela merecia estar vestida do melhor tecido, calçando os melhores sapatos e ser fotografada e copiada a cada dia.

Mas ali estava ela. De cabeça erguida, servindo mesas, se livrando de bêbados apaixonados, com o rosto abatido de quem não dormia há várias noites. Essa era a Gabriella, minha Gabriella, a Gabriella do Richard.

Richard foi o filho planejado. Mamãe não podia ter filhos, e pagou uma fortuna para conseguir tê-lo. Todos o aguardavam, ele foi o milagre. Os que vieram depois foram simplesmente mais filhos, mas Richard, ele foi o filho.

Acho que a minha chegada, quando Richard ainda era tão pequeno, foi considerada um erro pelos nossos pais. Eu estava tirando a atenção que deveriam dedicar somente a ele. E sim, mesmo tendo crescido ouvindo esse tipo de comparações, sabendo que nunca superaria o senhor perfeito, eu

não odiava o meu irmão, não como odeio agora.

Tudo começou por causa dela, Sarah. Eu a vi primeiro, e me apaixonei perdidamente por ela. E Richard a tomou de mim. Ainda me lembro do dia em que Cate chegou rindo, me dizendo para desistir, pois ela havia escolhido Richard. O idiota sequer sabia o que eu sentia por ela, e mesmo assim decidiu conquistar a garota por quem eu estava apaixonado.

É como uma coisa do destino, estávamos destinados a nos odiar.

Claro que eu não podia deixar isso barato. Ele já tinha o amor de nossos pais, de toda família, a admiração e respeito de todo mundo à nossa volta. Não poderia ter o amor de Sarah. Não da minha Sarah.

Só precisei de um final de semana ao lado dela, de uma noite quente de sexo, e ela o trocou por mim. Não me importei com a reprovação e acusação de toda família, não me importei em ver Richard acabado por causa dela, foi meu

momento. De mostrar a ele que eu podia ser melhor do que ele em alguma coisa, e justamente na coisa que mais o importava.

Mas minha paixão por Sarah esfriou quando ela o viu de novo. Essa paixão morreu no dia em que reencontramos Richard após termos nos casado. A forma como ela o olhou, a paixão e arrependimento que vi ali, acabaram com qualquer sentimento por ela. Acabaram com minha vitória. Acabaram com tudo. Ela ainda o amava. Isso, essa mágoa, me faz odiá-lo. Por causa disso, de todo sentimento no olhar dela por ele, coisa que ela nunca dedicou a mim, nosso casamento não deu certo, mais uma coisa em que eu falhei. Então eu saí de casa e resolvi vir morar com a nossa avó.

E quem veio para cá? Richard. Assumir a filial daqui. Eu estava aqui, podia perfeitamente ter feito isso, mas não, não era qualificado o suficiente, foi preciso que Richard viesse para dar conta. Pelo visto eu nunca daria conta de nada.

E então, ela apareceu: Gabriella.

Tão linda, tão ferida por Richard. Ela me escolhia, sempre fugia dele para os meus braços. Foi a primeira a me achar melhor do que ele. Eu era melhor para ela do que ele. Ele a queria para ser uma conquista a mais, como muitas que ele tinha desde Sarah. Mas ela era tão diferente de tudo o que tínhamos visto, que o imbecil se apaixonou. E sim, no começo me aproximei dela por ser bonita demais. Depois, fiz questão de ser seu amigo, porque Richard parecia se importar demais com ela. E então, eu me apaixonei perdidamente por ela.

Não sou tão bom quanto ela. Jamais deixaria minha vida para cuidar de outra pessoa como ela fez com o irmãozinho, não tenho muita paciência com crianças, mas aprenderia a ter por ela.

Eu tive uma chance, tive uma oportunidade de conquistá-la, ela odiava o Richard quando começamos a nos falar, e não entendo o que aconteceu para que isso tenha mudado, pois qualquer cego perceberia o quanto ela estava

apaixonada por ele pouco tempo depois. Mesmo ele sendo frio, idiota e mau com ela. Ela se apaixonou por ele, e para mim, só tinha amizade a oferecer.

Ela me feriu da pior maneira possível, pois mesmo quando estava comigo, nunca me deixou aproximar, mesmo quando o odiava, nunca me viu de outra maneira. Pensei que fosse por causa de seu irmão, que não estivesse com cabeça para amar ninguém, tentei ser seu amigo e dar esse tempo a ela, mas ela usou esse tempo para escolhê-lo. E não importou o quanto eu mostrei que ele não valia a pena, ainda assim ela o escolheu. Não importava que ele não fosse homem nem mesmo para admitir que a amava, ela ficou esperando que ele tomasse uma atitude um dia, em vez de aceitar o amor de alguém que estava pronto para gritar ao mundo o que sentia por ela.

Eu queria apenas uma chance, que ela me escolhesse por um dia. Que não me olhasse com aquele medo que andava estampado em seus olhos

por mim. Queria que ela fosse minha. Mesmo que tivéssemos que ir embora, para que ela nunca mais visse Richard. E então eu não saberia que mesmo estando comigo, ela o escolheu. E seríamos felizes, porque posso não ser bom para ela, mas seria o melhor de mim por ela.

Às vezes, sinto que não sobra nada. Nada que eu queria e ele não tome de mim.

Parece que é nosso destino sempre nos apaixonarmos pela mesma mulher.

Parece que é meu destino sempre perdê-las para Richard.

Capítulo QUINZE

Foi por muito pouco. Pulei em Christopher segundos antes de o carro passar com tudo perto de nós. Caímos com força no chão, e ele gritou de dor. Senti imediatamente uma forte dor no tornozelo esquerdo. Mas estávamos a salvo.

Não demorou três minutos para que um homem se aproximasse de mim ao celular, pedindo socorro. Eu não conseguia vê-lo na chuva, mas reconheci sua voz.

— Charles?

— Sou eu, Gabriella. Já chamei uma ambulância. Como está se sentindo?

— Estou bem. Não chame Richard.

— Mas, senhorita, eu preciso...

— Por que você estava aqui?

— Vou levá-la para o hospital e depois conversamos, tudo bem?

— Nada disso. — a dor no meu tornozelo me impedia de falar mais alto, e o barulho de carros e

da chuva me atrapalhava de ouvi-lo, então acho que ele não ouviu minhas reclamações.

Virei-me com muito custo para Christopher, caído, quieto na rua.

— Chris. Christopher. Fale comigo.

Ele apenas me olhou. Seus enormes olhos azuis se fixaram em mim. Com muito custo ele conseguiu tocar meu cabelo.

— Gabriella. — sussurrou, e achei que estivesse querendo agradecer.

Mesmo com a chuva, eu sentia o cheiro de álcool que vinha dele.

— O que você estava fazendo, Christopher?

— Indo ver você.

A sirene das ambulâncias se aproximando interrompeu nossa conversa e logo fomos separados para sermos socorridos.

Quando saí da sala de raios-X, tremia de frio. Meu tornozelo estava inchado e doía, fui escorada na parede em direção ao quarto, mas uma coberta quente passou por meu ombro e trinta segundos

depois estava nos braços de Richard. Ele estava bravo, muito bravo.

— Oi. — eu disse, mas ele não respondeu.

Depositou-me na cama, verificou meu tornozelo e então saiu e chamou um médico.

Após ser medicada e examinada, e após Richard praticamente obrigar o doutor a pegar o resultado dos meus raios-X e confirmar que eu não havia quebrado nada, era apenas uma leve torção, ele foi falar comigo.

O doutor saiu do quarto, Richard fechou a porta e socou a parede.

— O que você estava fazendo com ele?

A fúria que havia em seus olhos me assustou. Sentei-me na cama pronta para gritar também. Mas me calei e apenas o observei.

— Gabriella! O que estava fazendo com ele? — vendo que eu não responderia, ele se aproximou da cama, nervoso, se apoiou nos dois braços e parou o rosto a centímetros do meu. — Responda!

— Só quando você me perguntar com educação.

O choque tomou seu semblante e ele continuou ali parado, me olhando.

— Não grite comigo, querido.

Então ele sorriu, um meio sorriso, a raiva ainda estava ali, mas foi um começo.

— O que eu vou fazer com você? — perguntou baixinho.

De repente ele puxou meu rosto pelos cabelos em direção ao dele, e sua língua dominou a minha, com voracidade, me beijava como se quisesse me provar que eu pertencia a ele, não a Christopher. Quando se afastou para respirarmos, encostou a testa na minha e sentou-se na cama.

— O que estava fazendo com ele?

— Por que mandou Charles me seguir?

— Para a sua segurança. Ele não a segue vinte e quatro horas por dia, apenas quando sai do serviço até chegar a sua casa. Não faça isso comigo, o que estava fazendo com ele?

— Não estava com ele. Ele apareceu totalmente bêbado, o vi na rua e atravessei. Mas ele veio atrás

de mim e não viu o carro que se aproximava, então eu...

— Você se atirou na frente de um carro por causa dele?

Pronto. Toda a calma havia desaparecido e a fúria estava ali novamente.

— Não me atirei na frente de um carro, me atirei em cima dele, para tirá-lo do caminho.

— Você é maluca? Não pensa no Benjamin? O que aconteceria com ele se não tivesse dado tempo? O que aconteceria se esse carro te acertasse? O que aconteceria com você? Você não pode agir assim! Não pode se colocar em risco porque há uma vida que depende de você! — ele gritava como um louco.

— Eu sei disso! — gritei de volta. — Nada me aconteceu!

— Mas podia ter acontecido! Podia ter... — ele abaixou a cabeça e quando olhou para mim novamente, havia dor em seus olhos, uma angustia que eu quase podia tocar, e não entendia

por que ele estava daquele jeito. — Por que você fez isso, Gabriella? Por que se arriscou assim por ele?

Entendi então o medo que o tomava. Segurei seu rosto nas mãos e disse olhando em seus olhos:

— Porque ele é seu irmão.

Ele me encarou, eu não conseguia entender o que se passava por seu rosto. Ele não se mexeu por alguns minutos, apenas me olhando. De repente, seus lábios alcançaram os meus, mas foi um beijo leve, quase um contato suave de nossos lábios. Ele se jogou em cima de mim na cama e afundou o rosto em meu pescoço.

— Ah Gabriella. O que eu vou fazer com você? Nunca mais se coloque em risco assim, nunca me dê um susto desses de novo. Eu fiquei louco quando o Charles ligou, eu achei... — ele me cercou com os braços e me apertou. — Será que vou ter que ficar de olho em você pessoalmente por vinte e quatro horas?

— Só se você colocar uma aliança no meu dedo.

Ele sorriu, começou a gargalhar, acho que de alívio, ou apenas para extrapolar tudo o que prendia tão firmemente dentro dele.

Por fim, quando começou a se acalmar, disse:

— E se fosse eu? Você teria ido me salvar?

Rodeei sua cabeça com meus braços e respondi:

— Se fosse você, não seria necessário, porque eu não teria atravessado a rua. No momento em que o visse, iria diretamente até você.

Pude sentir seu sorriso em meu pescoço.

— Como um ímã. — ele confirmou.

— Sim, como um ímã.

A chuva estava mais forte e raios riscavam o céu. O clarão entrava pela enorme janela e me fazia pular. Richard estava sentado em uma cadeira, olhando para mim. A cabeça apoiada na mão, tão calado e pensativo que parecia assustador. Faltava aquele cabelo castanho caindo sobre seus olhos, e lembrar porque ele não estava ali me fez sentir uma onda de emoção e alguma coisa mais agitar

meu peito por ele.

— Você não precisa passar a noite aqui, Richard.

— Eu sei.

— Então...

— Está me mandando ir embora?

— Depende. Está de bom humor?

— Depois de você ter se acidentado por causa de Christopher? Definitivamente não.

— Nesse caso, estou apenas sugerindo que vá descansar.

Ele sorriu.

— Não vou a lugar nenhum. Vá dormir.

— Eu já poderia ir embora. Ben vai querer me ver pela manhã.

— Você precisa ficar em observação, bateu a cabeça. Quanto a Ben, Charles irá levá-lo para a aula de manhã, Stacie está com ele. Está tudo bem. Agora durma.

— Sempre mandão. — resmunguei e fechei os olhos.

Não sei dizer quantos pulos dei na cama por

causa do barulho dos trovões, antes de um peso afundá-la e Richard beijar minha cabeça.

— Tão corajosa e forte com tudo e se treme toda por causa de uma chuva.

— Não é uma chuva. E você é um covarde, não pode falar sobre meus medos.

— Não posso mesmo. — ele disse passando o braço a minha volta.

Mas isso não foi suficiente. Deitei a cabeça em seu peito, passei meu braço por sua cintura, entrelacei minha perna boa em suas pernas e fechei os olhos.

Ele ficou rindo.

— Está confortável assim?

— Mais ou menos. — respondi. — Podia ter um espaço maior.

— Há um espaço enorme em minha cama. Você sabe, coube perfeitamente nela.

— É uma pena que eu precise ficar em observação.

— Sim sua atrevida, é uma pena.

— Obrigada. — disse.

— Não me agradeça.

— Você é melhor do que pensa que é.

— Não sou. — ele disse bufando. — Não sou bom, não se engane. Não é porque você tira totalmente meu juízo que sou uma boa pessoa.

— Comigo você é uma ótima pessoa. A melhor delas.

Ele beijou o alto da minha cabeça e apertou mais os braços em volta do meu corpo.

— Então você não deveria estar pensando tanto.

— Você só funciona quando eu digo não, Richard. Se eu disser que aceito o que você me propôs, você nunca vai assumir o que sente.

— Então esse é seu jogo? — ele perguntou espantado.

Tive que rir.

— Não, querido. Esse é meu medo de me acostumar a ter você assim, para depois não ter nem metade disso.

— Então, ainda está pensando.

— Ainda estou com um enorme não na cabeça.

— Nós dois sabemos que você vai mudar de ideia. Agora durma.

E assim, adormeci em seus braços.

Acordei com alguém gritando com Richard.

— Ela estava nervosa. Achei que fosse acalmá-la.

Era o médico, dando uma bronca nele por ter dormido na cama comigo. Achei graça e fiquei rindo, até o momento em que o médico me deu alta e saiu batendo os pés.

— Não é inteligente você irritar um médico. Vai que precisa dele algum dia.

— Muito engraçadinha. Vista-se, vou levá-la para a casa.

— Você acorda de mau humor. Por isso sempre vai embora antes que eu acorde, não é?

Ele sorriu me levantando da cama.

— Não, engraçadinha, só não gosto de ninguém achando que pode me dar ordens.

— Tão mimado! Coloca-me no chão, agora mesmo!

Seu sorriso aumentou mais ainda.

— Seu desejo é uma ordem, atrevida.

Após tomar um banho, e falar com Ben ao telefone, estava pronta para ir. Mas, assim que peguei minha bolsa, Christopher apareceu na porta do quarto. Richard foi para cima dele como um louco.

— O que está fazendo aqui?

— Quero falar com ela.

— Você não vai chegar nem perto dela! Vá embora agora mesmo!

— Richard! Quer parar de gritar? — ralhei.

Ele abaixou o tom de voz, mas permaneceu parado na porta impedindo que Christopher entrasse.

— Por favor, Gabriella, só preciso te agradecer.
— insistiu Christopher.

Ele tinha um corte enorme na testa, acima do

olho direito.

— Você está bem?

Eu podia sentir Richard bufando à minha frente, ele estava prostrado como um muro de proteção, e eu nem me atreveria a tentar passar por ele.

— Não. Estou com vergonha de mim mesmo. Sou um lixo, não faço nada direito. Só queria agradecer. Queria dizer que nunca pensei que você faria algo assim por mim, depois de tudo.

Dei de ombros.

— Está tudo bem. Vá para a casa.

— Posso procurá-la?

— Claro que não! — respondeu Richard.

— Não, Christopher. Melhor não. — eu respondi já que ele aguardava minha resposta sem se importar com o que Richard falava.

Ele assentiu cabisbaixo e saiu mancando. Provavelmente também tinha machucado alguma coisa na perna.

Richard me levou em casa, mas foi em total silêncio o tempo todo. Nem mesmo quando

chegamos ele disse alguma coisa. Carregou-me até minha cama, e quando Ben pulou em cima de mim, se despediu e foi embora.

Um buquê de flores foi entregue naquela tarde. Havia apenas um cartão escrito “desculpe-me”. Não era a letra de Richard.

Uma hora depois, Christopher apareceu. Tentei fechar a porta, mas ele era mais forte e entrou mesmo sem que eu deixasse.

— Preciso falar com você.

— Christopher, saia da minha casa.

— Não vou demorar, só quero me desculpar.

Cruzei os braços e deixei que ele falasse.

— Por aquela noite, na minha casa. Eu estava bêbado, Gabriella, mas estava sim consciente. Achei que você gostaria, e que quando eu estivesse dentro de você, não se lembraria de me rejeitar. Que se lembraria que era eu ali. Achei que pudesse te dar prazer.

— Não é prazeroso se a outra pessoa não quer!

— Eu sei. Mas estava perdido. Eu queria que você fosse minha! Você não entende! Richard nunca vai assumir o que sente por você. Ele não é o cara que vai cuidar de você e de seu irmãozinho, ele não estará sempre a sua disposição. Isso é só agora, só porque você é a novidade. No dia em que você disser que o ama, e ele sentir que a controla completamente, vai te dar um pé na bunda. Como faz com todas. Como fez com sua irmã.

— Não estou te pedindo conselhos amorosos, saia da minha casa.

— Eu... me escuta! — ele parecia desesperado.
— Há muitos outros homens! Eu seria esse homem! Eu posso não ser o homem certo para você, mas me esforçaria para ser. Eu faria tudo Bella, por você e pelo menino. Faria qualquer coisa para que ficassem bem. Eu daria tudo a vocês, sem medo de assumir para você e para o resto do mundo o que eu sinto. Bella, me deixa cuidar de você, me deixa cuidar do menino.

Conceda-me essa chance.

— Por que você cuidaria de Benjamin?

— Por você. Eu faria qualquer coisa por você.

— Essa é a diferença, Christopher. Richard não faz as coisas para o Ben por minha causa, faz por causa dele.

— Isso não faz diferença nenhuma.

— Faz toda diferença! Você não entende que ele o ama. Richard ama o Ben. Eu fico segura porque sei que ele estará seguro se algo me acontecer.

— Não! Eu cuido dele. Nada vai te acontecer.

— Christopher, por favor, vai pra casa. Vai descansar, dormir um pouco, você parece péssimo.

— Richard nunca estará aqui, Bella. Nunca dirá com todas as letras que é seu. Porque ele nunca será seu de verdade. Ele não se entrega.

— Ele não prometeu que se entregaria. Prometeu que estaria aqui por Ben, e sempre está. Por favor, vá para a casa.

Ele deu um passo em direção a porta, mas de

repente voltou para trás e me abraçou.

— Me desculpa. Podemos voltar a ser como antes?

-Não, Christopher. Mesmo que eu o desculpe um dia, nunca mais confiarei em você.

Ele se afastou de repente. E parecia tão ferido, que por um momento tive pena dele.

— É uma pena que seja tão cega para perceber o que realmente pode ser bom para você. Você vai quebrar a cara com ele e quando isso acontecer eu ainda estarei aqui como um maldito segundo plano, esperando por você. Você ainda vai correr para os meus braços com o coração despedaçado me pedido para curá-lo e eu serei idiota a ponto de fazer isso. Não quero sua amizade, Gabriella, não quero sua pena. Não precisa me olhar assim. Quero seu amor, seu coração, mesmo que ele esteja em pedaços, eu o curarei para você e então ele será meu. Você será minha.

E então ele saiu da minha casa. Christopher não estava bem. Liguei para Bárbara e conversei um

pouco com ela sobre ele, e fiquei esperando Richard aparecer, pois eu sabia que ele viria assim que descobrisse que Christopher esteve em minha casa, e estava pronta para enfrentá-lo quando ele viesse. Eu sabia que estava agindo errado com ele. Richard era sim capaz de amar, capaz de dar todo amor possível a uma pessoa. Mas ele tinha que aceitar isso. Enquanto eu fosse fraca e permitisse que ele me tivesse a hora que quisesse, ele nunca se forçaria a pensar no que sente. Aceitaria que não sabe amar, que podemos ter um caso assim mesmo, me teria todas as noites e jamais seria meu de verdade.

Isso seria doloroso, ficar sem ele. Mesmo que por um tempo. Eu sabia que enlouqueceria de saudade, que sentira sua falta a ponto de não dormir. Mas eu precisava parar de ceder para obrigá-lo a dar um passo à frente.

Assim que Ben dormiu, Richard entrou pela porta. Não disse nada, então eu também não disse.

Passei um café e o servi, ele sentou-se à mesa e me sentei à sua frente. Ficaríamos naquele jogo de silêncio por anos se dependesse de mim, mas ele o quebrou:

— Você o recebeu,

— Não exatamente, ele invadiu minha casa.

— Você o mandou embora?

— Sim.

— Então por que ele ainda demorou tanto para sair?

— Ele não demorou. Se ele ficasse um segundo que fosse, você acharia muito.

— Ele nem devia estar aqui.

— Então quem devia estar? Quem devia estar aqui?

Ele pousou a xícara sob a mesa e me encarou.

— O que você quer dizer?

— Richard, você me disse que não pode me dar amor. Eu entendo. Não estou te cobrando isso. Mas, se não pode me dar isso, também não pode me cobrar nada. Você entende?

— Não. Christopher não vai se aproximar de você.

— Não se trata disso. Não o quero perto de mim. Trata-se de tudo. Você não é meu, logo, eu não sou sua.

— Você me tem Gabriella, muito mais do que eu gostaria.

— Não tenho o bastante.

— O que você quer?

— Que você assuma o que sente. Isso não vai acontecer, então eu quero que você me trate como amiga, o que você disse que acha que já somos.

Ele ficou pensativo, então um sorriso surgiu em seu rosto.

— Isso quer dizer que posso vê-la, mas não posso tocá-la?

— Exatamente.

— Então, você não quer mais fazer amor comigo? — seu sorriso era ainda maior e eu estava ainda mais irritada.

— Não. Não quero mais *transar* com você. Para

fazermos amor, teríamos que nos amar primeiro, e você não sabe amar, não é mesmo?

Ele não respondeu. Então cansei de nosso jogo de olhares e me levantei. Ele se levantou imediatamente e me puxou para seus braços, mordendo meu pescoço e levando sua boca até a minha. Mas me afastei e o encarei com reprovação.

— Não Richard. Sem amor, apenas amizade. O que você tem a me oferecer é o que eu tenho a oferecer também.

— Você não vai conseguir manter isso, Gabriella, somos loucos um pelo outro. Isso é notável, o desejo entre nós é palpável. Quando eu a toco, sei que você também esquece o resto do mundo e se perde comigo. Somos o paraíso um do outro. Não importa em que situação, eu só preciso tocá-la para ficar bem, e com você não é diferente. Você me tem. Por que quer mais do que isso?

— Porque eu o quero por inteiro. Eu quero tudo. Não quero só seus toques, eu quero seu coração.

— Eu não tenho coração. Deixe-me fazer isso da maneira que eu sei fazer.

— Eu deixo. E você faz. Não da maneira que diz saber, mas da verdadeira maneira que sabe. Será que você não percebe? Você não é frio e sem sentimentos, você cuida de mim, me protege, cuida de Ben, você o ama. O que você está fazendo não é o que disse que ia fazer, é muito mais.

— Então por que está reclamando?

— Não estou. Estou dizendo que você sabe amar. Você sabe Richard. Assuma.

— Você não quer que eu a toque, não é mesmo? Eu posso fazê-la mudar de ideia.

— Eu sei que pode. Mas peço, por favor, que não faça. Respeite minha decisão. Eu me sentiria no paraíso em seus braços e no inferno na manhã seguinte quando acordasse e você não estivesse ao meu lado. E eu constatasse que mais uma vez fui fraca diante de você.

— Não faça isso. — ele pediu.

— Eu poderia te pedir a mesma coisa. Não faça isso, Richard.

Ele fechou os olhos e me abraçou. Por um momento achei que ele cederia, mas ele sorriu:

— Sempre estaca zero com você. Tudo bem, Gabriella. Tente me fazer mudar de ideia. Vou respeitar sua decisão, mas eu vou fazê-la mudar de ideia.

Então ele beijou minha testa e saiu.

— Ah Richard, por que você tem que ter tanto medo?

Capítulo DEZESSEIS

Na quinta-feira, Ben resistiu à quimioterapia. Eu o levei até o hospital, o doutor Ferraresi e eu tentamos conversar com ele, mas ele não quis entrar. Disse que já estava cansado das agulhas, que queria ir para casa dormir. O doutor Ferraresi conseguiu convencê-lo finalmente a fazer um exame, ele reclamou quando viu a agulha, mas eu o distraí, e o médico me pediu que aguardasse. Depois de um tempo, ele finalmente veio falar comigo. Deixei Ben junto com outras crianças que faziam tratamento com ele e acompanhei o doutor até sua sala. Ele me pediu que esperasse, e pouco depois, Richard apareceu.

— O senhor me chamou, doutor?

Ele assentiu. Eu queria falar que ele não precisava chamar Richard toda vez que acontecia alguma coisa com Ben, mas pude ver pela expressão do médico, que alguma coisa estava

errada.

— O exame feito no Benjamim hoje mostrou que a quimioterapia não está sendo suficiente para acabar com a anemia dele.

— Como não?

— Gabriella, como você sabe, o seu irmão sofre de leucemia mielóide aguda, é um tipo de leucemia mais comum em adultos. Essa doença afeta a produção de glóbulos brancos, que são as células responsáveis pela defesa do organismo. O resultado disso são várias infecções que o corpo sofre, sangramentos frequentes na gengiva e no nariz, febre alta, dor nos ossos, dor na região do abdômen, e claro, a anemia.

Percebi que ele estava explicando a doença ao Richard, já que eu já sabia de cor tudo o que ele estava falando.

— Quando a doença é diagnosticada no início, é possível ser curada com a quimioterapia. Esse não foi o caso do Benjamin. Sua mãe demorou demais para começar o tratamento quando descobriu a

doença. Ele começou o tratamento há pouco tempo, e não estamos conseguindo atingir a remissão. O exame que fiz hoje confirmou que a anemia está mais forte do que na última vez em que fizemos um exame de sangue, e ainda não está produzindo glóbulos brancos. Então, eu vou trocar os remédios mais uma vez, será necessário que ele venha também mais vezes na quimioterapia por semana e veremos se vai começar a dar resultados. Poderíamos deixá-lo internado, mas acredito que isso afetaria ainda mais o psicológico dele. Em todo caso, vocês moram bem perto, então é fácil que estejam aqui com uma frequência maior.

Concordei com a cabeça e ele continuou falando:
— Caso não obtenhamos o resultado esperado em um mês, eu vou colocar o nome dele na lista para um transplante de medula óssea. Eu acredito que não será necessário chegar a isso, e acredito que você seja compatível com ele, Gabriella. É um procedimento fácil, e de rápida recuperação. De

qualquer forma, há mais uma coisa me preocupando, as dores que ele tem sentido no rim. Temos que fazer o possível para que ele não tenha que fazer essa cirurgia, devido a anemia, que impossibilitará a cirurgia.

— O senhor não pode fazer o transplante de medula óssea de uma vez? — perguntei.

— Vamos esperar mais um mês, se nesse mês ele continuar sem responder ao tratamento, faremos o transplante. Eu o chamei aqui senhor Becker, porque preciso trocar os remédios, e a fila de espera pelos novos está enorme. Pensei que talvez o senhor pudesse mais uma vez conseguir esses remédios para a oncologia.

Richard assentiu imediatamente garantindo que conseguiria.

— Também preciso que a Gabriella faça os exames de histocompatibilidade para sabermos se ela é realmente compatível com o Benjamim. Não dá para esperar que ela faça esses exames pelo SUS.

Richard assentiu novamente.

— Claro, o senhor pode fazer tudo o que for necessário, não se preocupe com os gastos.

Quando saímos do consultório minha mente estava em mil coisas ao mesmo tempo. No lugar para recreação infantil do hospital, algumas crianças brincavam, mas Ben estava sentado no chão com algumas outras crianças, mais pálido que o normal, porém sorria e gritava com os meninos. Senti os braços de Richard a minha volta e deixei que ele me puxasse de encontro ao seu corpo. Encostei a cabeça em seu ombro e fiquei ali, sentindo seu cheiro.

— Me desculpa pelo médico ter te ligado, eu não sabia que ele havia feito isso. Eu prometo pagar a você cada centavo do que gastar com o Ben.

— Gabriella, você não precisa me pagar nada. E eu mesmo pedi ao doutor que me ligasse caso qualquer coisa acontecesse. — ele segurou meu rosto entre as mãos. — Escuta, não precisa se preocupar, ele vai ficar bem. Se o médico não quis

o transplante imediatamente é porque ele acredita que os remédios novos farão efeito.

— Eu sei.

— Ótimo. Então vamos levar você para fazer os exames que ele pediu.

Eu assenti e deixei que ele me encaminhasse até a enfermaria do hospital.

Depois que fiz os exames, Richard nos levou para tomar sorvete. Ben parecia bem mais animado, mas ficou perguntando por que o cabelo de Richard já estava crescendo e o dele não. Richard murmurou que rasparia a cabeça de novo e senti uma pontada de algum sentimento por ele me dominar. Depois que Ben dormiu, fui levar Richard até a porta.

— Obrigada mesmo por isso, e eu prometo que vou pagar você.

Ele tocou gentilmente o meu rosto.

— Você quer me pagar? Então saia comigo amanhã. Tenho um jantar, você pode ser minha acompanhante.

— E o que aconteceu com aquela loira aguada do último coquetel?

Ele deu uma gargalhada e me deu um beijo na testa.

— Ela não me diverte como você.

— Que bom que eu te divirto. — murmurei.

Ele ficou sério de repente.

— Você já mudou de ideia? Pensou melhor?

— Eu, na verdade não. Eu estou muito preocupada com o Ben agora.

— Eu sei, desculpe. Boa noite. — ele se aproximou para me beijar nos lábios, mas desviou e beijou meu rosto, então me deixou ali, desejando mais dele.

No dia seguinte me certifiquei de que Ben estava se sentindo bem antes de sair. Richard já me aguardava na porta de casa, ele usava uma blusa social branca e uma calça preta, e meu vestido coincidentemente era preto e branco. Ele sorriu e me cumprimentou, mas não falou mais nada comigo o caminho todo, parecia em outro mundo.

Assim que chegamos, percebi que o tal coquetel era em um restaurante que estava aparentemente fechado para o evento. As pessoas chegavam em trajes de gala e me senti totalmente fora do lugar. Richard mal entrou comigo, se desvencilhou do meu braço e desapareceu. Fiquei parada um tempo tentando me esconder de pessoas que me olhavam e cochichavam, provavelmente ainda por causa da última vez em que eu havia ido a um evento, mas ao lado de Christopher.

Pensar nele foi como convocá-lo, ele apareceu na minha frente. Um terno cinza claro com uma gravata borboleta preta e nada por baixo do terno, o que deixava os pelos loiros de seu peito à mostra. Ele estava com a cabeça baixa, e o corte em sua testa quase cicatrizado.

— Oi. — disse timidamente.

Eu me virei sem responder, mas ele segurou minha mão.

— Gabriella, por favor. Perdoa-me, eu estava fora de mim, perdi a cabeça. Não vai acontecer de

novo.

— Você enlouqueceu! De qualquer forma acho que é melhor nos afastarmos um pouco, nossa amizade não está fazendo bem a você.

— Não diga isso. Eu preciso da sua amizade.

— Achei que não a quisesse. — respondi me lembrando das palavras dele.

— Se é a única coisa que posso ter de você, é claro que quero!

Respirei fundo e soltei minha mão da dele.

— Agora não, Christopher.

— É por causa do Richard? Por que você está com ele? Porque eu não estou vendo ele ao seu lado agora.

Eu ia responder, mas dei de ombros e saí de perto dele procurando a saída, nem tinha chegado, mas já queria ir embora. Mal me aproximei da porta de saída, Richard me alcançou e me apresentou para algumas pessoas. Eu tentei ser simpática, mas estava com a cabeça longe e louca para ir embora. Richard sussurrou que assim que jantássemos

iríamos embora, e tive que esperar o jantar.

Assim que meu prato foi servido, me senti em apuros. Eu nunca tinha sequer visto aquela coisa no meu prato, nem sabia se era mesmo comestível. Todos à mesa pegaram os talheres e com as mãos em uma posição estranha, começaram a tirar um liquido de dentro da coisa nos pratos. Eu tentei reparar que garfo e faca eles estavam usando, mas havia tantos perto do prato! Comecei a entrar em pânico. Olhei para frente e Christopher me encarava, contendo um sorriso. O encarei de volta, tentando mostrar meu desespero. Ele então, sem chamar atenção, foi contando os garfos que estavam ao lado do prato e ergueu o quinto garfo, então olhou para mim. Eu contei e peguei o quinto garfo também, ele assentiu. Depois fez o mesmo com a faca, eu o imitei. Ele continuava segurando o riso, então vagarosamente, espetou a coisa com a ponta da faca e enfiou o garfo tirando uma carne de dentro dela. Eu tentei imitar, mas tremia tanto, que a coisa no meu prato arredou quase caindo na

mesa. Duas mulheres ao lado de Richard escondiam sorrisos com as mãos. Eu respirei fundo e coloquei os talheres de volta na mesa, olhei para Christopher, que balançava a cabeça negativamente. Ele falou sem sair som, mas devagar, de forma que pude ler seus lábios. “Você consegue”.

Peguei novamente o talher e prestei atenção em como ele vagarosamente segurou o garfo e a faca, tentando me mostrar como fazia. Eu virei meu pulso de todas as formas possíveis, por fim, o garfo escorregou da minha mão e caiu no prato, espirrando a sopa no braço de Richard, ao meu lado. As mulheres riram alto e Christopher abriu um sorriso silencioso, mas até eu estava rindo, menos Richard, que me encarou com uma expressão fechada.

— Desculpe. — sussurrei para ele pegando novamente o garfo.

Olhei para Christopher que pegou o guardanapo em volta do prato e passou em seu pulso, e percebi

que o meu pulso estava sujo, então fiz o mesmo, depois o observei dobrar o guardanapo e o imitei. Richard continuava me olhando, então se aproximou de mim e sussurrou no meu ouvido.

— Quer parar com isso na frente dos outros?

Senti-me corar e meus olhos lacrimejaram, ele estava com vergonha de mim.

— Não quero que tenha contato com Christopher. Nenhum contato!

Então, com uma expressão ainda irritada, ele largou o garfo e a faca, pegou uma colher, e começou a tomar a sopa como se fosse a coisa mais natural do mundo. Todos na mesa olharam para ele com reprovação, mas nem se importou. Eu fiquei sem reação olhando para ele, então ele olhou para mim e viu que eu não estava comendo. Pegou uma colher ao lado do meu prato e pôs na minha mão.

— Coma querida, é melhor com a colher. Não sei quem inventou sopa de ostras, mas o caldo está sensacional.

Não consegui conter um sorriso de admiração e agradecimento. Peguei a colher e comecei a comer, as pessoas ao redor cochichavam, mas ele nem se importava, tinha feito o que era mais fácil para mim, não me deixando passar vergonha.

Na hora de ir embora Richard ainda parecia bravo, mas quando Christopher se aproximou de nós, ele passou o braço pela minha cintura me apertando junto a ele.

— Se afaste agora. — ele falou num tom baixo e irritado e Christopher se afastou. Richard me arrastou pelo braço até o carro e sentou em silêncio.

Eu já estava ficando irritada com a atitude dele, e quando ia reclamar, meu celular tocou, era Christopher.

— Valeu por hoje. — falei assim que atendi.

— Não adiantou de nada já que o herói foi o Richard, de novo.

— Christopher isso não é uma competição!

Richard então se virou para mim, tirou o telefone

da minha mão e o arremessou pela janela.

— Ei! — eu gritei e fui para cima dele, mas ele me prendeu pela cintura me puxando para o seu colo e me beijou com tanta força que fiquei sem ar e com os lábios doloridos.

— Nunca mais me provoque desse jeito. — ele falou no meu ouvido antes de me beijar de novo.

Quando o carro parou em frente a minha casa, ele me puxou delicadamente para fora e com um beijo na minha testa, entrou novamente no carro e foi embora.

Na manhã seguinte eu ainda não sabia o que havia entre Richard e eu. Só sabia que sentia muita falta dele. Os resultados dos meus exames ficaram pronto alguns dias depois e graças a Deus eu era compatível com Ben, poderia doar medula óssea para ele. O tratamento com os remédios novos o estava deixando ainda mais desanimado, ele tinha sessões quase todos os dias e chorava muito antes de ir. Eu faria qualquer coisa para

estar no lugar dele, mas infelizmente não podia.

Um celular novo e caríssimo estava me esperando em cima da mesa da cozinha uma manhã. Richard estava sentado à mesa, com alguns papéis na mão. Preparei-me para brigar por causa daquele aparelho caríssimo e desnecessário, quando reparei que o cabelo dele estava totalmente raspado de novo. Desviou o olhar dos papéis para mim por poucos segundos antes de se concentrar de volta neles. Mas disse:

— Que bom que acordou, Ben e eu estamos com fome. Não arrisquei fazer o café para ele.

— Bella, o Richard disse que o café dele tem gosto de meias velhas. — disse Ben sorrindo do sofá.

Esfreguei os olhos para me certificar de que ele estava ali, e Ben estava ali, o que significava que ele havia pegado Ben com Stacie.

— Sim querido, o café dele tem esse gosto mesmo.

— Eca! — disse meu pequeno com uma careta

que fez Richard sorrir.

— Passamos na padaria e compramos tudo o que o Ben disse que você gosta. — falou Richard como se fosse uma coisa rotineira ele estar ali todas as manhãs esperando meu café.

— Você buscou o Ben ou a Stacie precisou sair?

— Eu o busquei. Já demos uma volta, fomos à padaria e cortamos o cabelo. Tudo isso enquanto você dormia.

— Bella, raspei minha cabeça de novo. Está bonito? — perguntou Ben exibindo a cabeça.

Ben não tinha cabelo para raspar, mas o fato de Richard ter fingido que o cabelo dele também estava crescendo e tê-lo levado para cortar, significava mais para mim do que qualquer palavra que eu tanto queria que Richard dissesse.

— Ei. — ele disse largando os papéis e me puxando para seu colo. — Não chore. Ele está bem.

— Richard, eu não sei como agradecer. Eu não sei...

Ele colocou um dedo delicadamente em meus lábios.

— Não precisa agradecer, apenas faça o melhor café do mundo para mim. Preciso estar acordado porque tenho uma reunião chatíssima.

Sorri e o abracei o mais forte que consegui.

— Você sempre tem reuniões chatas.

— Ainda bem que mal presto atenção nelas, então.

Olhei bem em seus olhos e ele acariciou meu rosto.

— É por isso que faço tudo. É por isso que penso tanto em você, Gabriella. Para que você me olhe como está olhando agora.

— Não poderia olhá-lo de outra maneira.

Ele sorriu.

— Vá fazer esse café antes que eu a beije e você vai brigar porque o Ben está olhando fixamente para nós dois.

Saí de seu colo sorrindo e peguei meu pequeno.

— Você está lindo, igualzinho ao Richard.

Ele abriu um enorme sorriso e tomamos café juntos, brincando à mesa. E tive que chamar a atenção de Richard e Ben por fazerem uma guerra de farelos que sujou todo o chão da cozinha. E foi a primeira vez em anos que me senti em família. Era uma sensação deliciosa, viciante e assustadora.

Christopher me mandava mensagens todos os dias, eu não respondia, mas passei a atender quando ele ligava. Sempre era o mais distante possível e o cortava sempre que ele tentava falar comigo sobre sentimentos, mas ainda assim ele ligava.

Uma semana depois, a campainha da minha casa tocou tarde da noite. Atendi sonolenta e me surpreendi ao ver quem era. Os cabelos loiros e os mesmos olhos de mel me repararam dos pés à cabeça, como ele sempre fazia. Deivid abriu os braços para mim e eu me atirei nele. Não o via há um ano, estava morrendo de saudade. Ele entrou e

me abraçou novamente.

— O que está fazendo aqui? — perguntei animada.

— Vim ver você, espero ainda ter um lugar na sua casa.

Dei um soco de leve nele.

— Claro que tem. Sempre terá.

Deivid e eu crescemos juntos em Caxambu e nos mudamos juntos para Belo Horizonte para cursar a faculdade. Namoramos por longos anos, ficamos noivos e então, minha mãe morreu e eu larguei a faculdade, Belo Horizonte e ele, e voltei para Caxambu para cuidar de Ben.

Nós ficamos conversando até tarde, quando ouvi um barulho no quarto de Ben. Corri imediatamente para o quarto. Ele estava delirando. Nem precisei encostar a mão em sua testa para saber que era mais uma crise de febre. Troquei de roupa rapidamente e com a ajuda de Deivid, fomos para o hospital. Ben foi rapidamente hospitalizado, assim que recebesse a medicação,

passaria. Virei a noite com ele no hospital, feliz por ter sido meu dia de folga, Stacie costumava enlouquecer quando isso acontecia nas noites em que Ben estava com ela. Obriguei Deivid a ir para a casa descansar e fiquei lá até o dia amanhecer.

Assim que amanheceu Ben recebeu alta. A febre não voltou após ser medicado e os médicos acharam que ele não precisava ficar mais tempo no hospital. Eu o peguei no colo e fui brincando com ele para procurar um táxi, quando avistei o carro de Richard nos aguardando. Ele estava descendo do carro e veio ao nosso encontro, pegou Ben do meu colo e o levou até o carro.

Depois que chegamos em casa, ele colocou Ben na cama.

— Por que você não me ligou?

— Não foi necessário. Ele tem essas crises às vezes, não é grave.

— Mesmo assim. Você passou a noite naquele hospital sozinha. Podia ter me ligado e eu teria passado a noite com você.

Eu sorri e o abracei.

— Eu sei que teria. Mas já estou acostumada a fazer isso. Você não pode largar sua vida sempre que eu precisar de você.

— Claro que posso. Eu sou meu chefe, posso fazer o que eu quiser.

Um sorriso surgiu nos lábios dele e eu retribuí. Ele segurou meu rosto e se aproximou para me beijar, mas nesse momento uma porta abriu e a voz carregada de Deivid nos interrompeu.

— Bella? Algum problema?

Eu pude sentir a tensão de Richard quando olhou para Deivid sem camisa, saindo do meu quarto.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Deivid.

Não entendi a forma possessiva como ele perguntou, mas tratei de explicar antes que Richard tirasse suas conclusões.

— Richard esse é o Deivid. Deivid esse é o Richard.

— Eu sei quem ele é. — falou Deivid — O que

quero saber é o que ele está fazendo aqui?!

— Deivid, não aja como se a casa fosse sua. — olhei para Richard que me encarava com uma expressão de mágoa. — Richard, será que nós podemos conversar?

— Melhor não. Agora entendo porque você ainda não se decidiu. — ele falou e se afastou de mim saindo da minha casa.

Eu ia atrás dele, mas Deivid me segurou.

— Por que ele estava aqui Bella? Por que você ia atrás dele?

— Deivid o que deu em você? Eu recebo na minha casa quem eu quiser! O Richard é um amigo e me ajudou muito com o Ben.

— Jura? Não foi essa história que a Isabel me contou. É por isso que vim para cá, Bella, para falar com você. Você tem que se afastar dele. Você sabe o que ele fez com sua irmã, não é possível que confie nele.

— Ele é diferente comigo, não vai me machucar. Ele olhou bem em meus olhos, me conhecia

muito bem.

— Nem você tem certeza disso. Olha o que está fazendo, Bella. Se envolvendo com Richard Becker, você perdeu totalmente o juízo? Sabe o que você tem que fazer? Você tem que vir comigo. Pega o Benjamin, vamos para Belo Horizonte e você vai voltar a morar comigo e vamos cuidar dele lá.

A proposta dele me assustou. Achei que depois de um ano, depois dele mal me ligar, as coisas entre nós já tivessem realmente chegado a um fim. Quando eu vim embora, nós combinamos que não daria para manter um relacionamento à distância. Achei que ele já estivesse em outra. Que já teria me esquecido. De repente ele aparecer e me pedir para morar com ele de novo me deixou em choque por um tempo.

— Eu não posso tirar o Ben daqui. Ele já tem um excelente médico que o acompanha, está no meio de um tratamento, tem um hospital ótimo aqui perto de casa. Além do mais, ele não queria ir

embora. Eu tentei quando cheguei aqui, mas é aqui que ele tem as lembranças da nossa mãe. Não posso tirar isso dele.

— E você pretende ficar aqui para sempre?

— Não. Assim que ele sarar, nós vamos para Belo Horizonte, mas não antes disso.

— Então vocês podem vir morar comigo. Como antes. Como uma família.

— Deivid, você não é parente do Ben, não é família dele.

— Ele vai precisar de um pai, Bella. Eu não achei que você realmente assumiria isso, uma criança, sendo tão jovem. Achei que apenas acalmaria as coisas e então voltaria para nossa casa. Mas, sei que ele é seu irmão. Entendo que o ame e vá ficar com ele, não me importo. Leve-o com você. Leve-o para nossa casa. Mas volte para mim.

— As coisas não são tão fáceis.

— Você está cansada. Está aqui sozinha enfrentando tudo isso a tempo demais. Qualquer

pessoa que oferecesse ao menos um pouco de apoio se tornaria importante para você. Mas você não precisa mais disso. Estou aqui.

— Agora? — sorri com ironia e isso pareceu magoá-lo. — Não vamos brigar, Deivid. Pela amizade que sempre cultivamos, não vamos brigar. Não vou voltar com você.

— Você nunca foi boa em tomar decisões. Eu disse que não deveria ter vindo sozinha, que deveria ter obrigado Isabel a vir com você.

— Sou ótima em tomar decisões agora!

— Não é o que parece!

Nós discutimos a tarde toda e por fim, ele foi visitar alguns parentes e eu fui trabalhar depois de me certificar que Ben estava realmente bem.

Minha noite de trabalho rendeu pouco, ainda bem que não era dia de movimento. Em certo momento, Carlo se aproximou de mim e me dispensou, disse que não seria descontado do meu salário e eu soube que Richard estava envolvido

nisso.

Assim que saí do Hot, o avistei sentado no mesmo banco de sempre. Sentei-me ao seu lado.

— Você quer me ouvir agora?

Ele assentiu.

— O Deivid apareceu lá em casa ontem à noite. Pouco depois o Ben passou mal e ele nos levou ao hospital. Depois voltou para casa para dormir. Foi isso o que aconteceu. Eu não sabia que ele viria.

— E por que ele está na sua casa? Ele não tem parente aqui?

— Sim, mas ele me pediu para ficar lá. Eu não posso negar isso a ele.

Ele ficou calado por tempo demais. Não me atrevi a olhar em seus olhos e tentar decifrar o que estava sentindo. Esperei com o coração aos pulos que ele falasse.

— Você ainda o ama? — ele perguntou.

— Faz diferença?

— Muita.

A forma como ele respondeu me deixou surpresa.

Ele me olhou e parecia triste, abatido.

— O que houve Richard?

— Só me responde, Bella.

Meu coração deu uma perfeita cambalhota quando ele me chamou pelo apelido.

— Não. Eu não o amo.

Notei ele respirar aliviado, então se aproximou de mim e me beijou. Um beijo doce, intenso e apaixonado. Quando nos afastamos, ele segurou meu rosto.

— Ainda bem, porque você não pode amar outra pessoa. Eu quero que você me ame, somente a mim.

Eu me afastei confusa pelo que ele havia acabado de falar. Não era o mesmo homem que tinha me dito que não queria compromisso? O que estava acontecendo?

— Eu agi errado com você desde o início, Bella. Eu quis você desde o primeiro momento em que a vi. Quando você invadiu minha sala com toda petulância para brigar comigo, eu me rendi

totalmente a você. Tudo o que eu quis a partir daquele momento foi que você fosse minha, porque eu queria você e a teria de qualquer jeito. Eu ter chantageado você, te sequestrado, isso tudo só mostra o quanto eu me descontrolo perto de você. Eu sei que o que eu sinto é muito mais do que atração ou desejo, mas não quero sentir isso, Bella.

Ele se levantou e ficou dando voltas. Eu ainda não sabia o que fazer. Ainda não estava conseguindo digerir tudo o que ele estava me falando.

— Eu não sei sentir isso. E não quero aprender. Não sei lidar com ciúme, não sei ficar longe, você me deixa à beira da obsessão e não gosto de não poder controlar o que sinto. Eu não sei fazer ninguém feliz, Bella. Não vou fazê-la feliz. Sei que o melhor é me afastar, mas porra, eu não consigo!

Ele segurou meu rosto e mordeu meu lábio, bem devagar. Encostou a testa na minha e continuou

falando:

— Esse sou eu, e isso é o que você me causa. Eu queria poder dizer que sou o que você precisa, mas sou exatamente o contrário. Eu posso cuidar de você. Vou fazer isso, cuidar de você e de Ben. Mas sou assim, louco, possessivo, descontrolado. Esse sou eu perto de você.

— Talvez eu queira você assim mesmo. — sussurrei de volta.

Ele sorriu, mas foi um sorriso carregado por alguma tristeza.

— Talvez seja um peso que você não tem que carregar.

Ele se levantou e voltou a dar voltas. Eu não estava gostando daquela conversa. Ele me disse tudo e não me disse nada. De repente tentar entender o que ele sentia era cansativo demais, eu só queria ser dele. Levantei-me também e peguei sua mão.

— Vamos sair daqui, agora.

Ele me olhou de um jeito que achei que fosse

recusar. Mas logo toda tristeza desapareceu de seu rosto e ele me abraçou. Então me arrastou até o carro. Entramos na casa dele e ele me arrastou direto até o quarto. Assim que ele acendeu a luz avistei um porta-retrato na cabeceira de sua cama. Havia uma foto minha, toda molhada sorrindo no dia em que pulei de asa delta com Christopher.

De repente a voz de Richard atrás de mim me assustou e me fez lembrar que ele estava ali.

— Você não pode imaginar o quanto eu sinto por não ter sido eu a causar esse sorriso. — Ele se aproximou de mim e me abraçou. — Se eu pudesse fazer você feliz, jamais me afastaria de você.

Eu queria dizer que ele podia, queria que ele tentasse, mas não disse nada. Ele me beijou e logo seu beijo tirou todos os pensamentos coerentes da minha cabeça. Eu só conseguia pensar no corpo dele junto ao meu. Nos lábios dele me dominando. Ele me depositou gentilmente na cama e tirou sua roupa. Então, dando beijos leves pelo meu corpo,

foi tirando minha roupa, enquanto seus lábios seguiam cada pedaço de pele exposta.

Por fim, ele se ajoelhou diante de mim e gemi ao sentir sua língua me tocando. Ela se movimentava implacavelmente, me enlouquecendo, e gritei o nome dele quando o clímax me atingiu. Ele subiu seus beijos pelo meu corpo e quando finalmente me penetrou, me abraçou forte, me puxando cada vez mais de encontro a ele e me penetrando cada vez mais fundo.

Quando gozamos juntos, ele me puxou para os seus braços e adormeceu.

Acordei mais uma vez com o calor do corpo dele a minha volta. Quando avistei o sol que clareava as árvores pela janela, me levantei num pulo, mas Richard me puxou de volta para a cama, ainda sonolento.

— Aonde você vai?

— Embora.

Ele abriu os olhos e me olhou com raiva.

— Por que isso?

— Para a sua avó não me ver aqui. Imagina o que ela vai pensar de mim se me vir saindo da sua cama essa hora da manhã?

Ele abriu um enorme sorriso e me puxou de encontro a ele, me prendendo.

— É por isso que você foi embora escondida aquele dia? Para que ela não te visse aqui?

— Claro. Por que mais seria?

Ele deu uma gargalhada.

— Bella, sinto te informar que a essa hora ela já está acordada. Mas não se preocupe. Ela não vai julgar você. Minha avó não é assim. Tenho certeza que ela vai adorar sua companhia.

Resmunguei nos braços dele que riu antes de me beijar e me fazer esquecer o vexame que eu pagaria.

Após me levantar e me vestir, Richard me puxou para seus braços e me beijou. Afastou nossos lábios apenas o suficiente para sussurrar:

— Eu soube que isso não passaria no momento em que deixei de pensar em mim, e cada

pensamento de cada minuto dos meus dias, foi destinado a você. Soube que era mais do que um desejo desenfreado, quando o que acontecia com você, passou a me importar muito mais do que o que acontecia comigo. Soube que não havia volta, quando a tive em meus braços pela primeira vez, e depois não consegui me lembrar de já ter estado tão feliz assim.

Enfiei a cabeça em seu pescoço e o beijei de leve. — E o que você vai fazer? — perguntei, com medo de que toda essa declaração viesse com algo do tipo: vou me afastar.

— Tentar não enlouquecer, e tentar não machucá-la.

— Vai fazer isso longe de mim?

Ele me apertou, como se sentisse medo por eu ter mencionado sobre nos afastarmos.

— Não Bella, nunca mais vou ficar longe de você. Mas você sabe que não sei fazer isso. Não me culpe se eu não conseguir não machucá-la.

— Você não vai me machucar, Richard. Não se

continuar perto de mim.

— Não vou mais me afastar, eu prometo.

Quando saímos do quarto, ele fez questão de me levar para tomar café. Tomamos café só nós dois, mas logo dona Bárbara apareceu e me cumprimentou alegremente. O clima ficou tenso quando Christopher apareceu. Ele se aproximou de mim e me deu um beijo no rosto, sequer olhou para o irmão. Perguntou-me algumas coisas que eu respondi por educação, mas senti Richard enrijecer ao meu lado.

Ele se aproximou de mim e sussurrou:

— Não posso acreditar que você o tenha perdoado.

— Eu não o perdoei, exatamente. Só não estou mais com raiva dele.

Ele me olhou como se eu o tivesse ferido e se levantou.

— Você já vai querido? Não vai levar a Gabriella em casa? — perguntou Bárbara.

— Não. Ela ficou a noite comigo, talvez queira

passar o dia com o Christopher.

Bárbara pareceu tão perplexa quanto eu pela reação dele. Eu queria dar um tapa na cara dele, mas assim que me levantei, Christopher me segurou e disse que me levaria. Richard vestiu seu terno e saiu sem sequer olhar para mim de novo. E eu fiquei ali, sem saber o que havia acontecido para que ele mudasse tão de repente de comportamento. Então suas palavras me vieram à mente: “Eu não sei fazer isso.”

Ele realmente não sabia. Era ciumento demais, possessivo demais e idiota demais.

E naquele momento eu não sabia se teria paciência para ensiná-lo.

Capítulo DEZESSETE

Eu fiquei quieta durante todo o caminho até minha casa. Quando paramos na minha rua, eu agradei a Christopher a carona e ele me impediu de abrir a porta.

— Eu preciso falar com você.

Assenti. Eu queria ficar sozinha, queria me jogar na minha cama e entender o que aconteceu na casa de Richard. Queria medir se deveria matá-lo pelo modo como me tratou na frente da avó dele, ou se deveria relevar porque ele estava com ciúme. Mas não, eu nem precisava pensar, não tinha desculpa me destrar na frente da dona Bárbara.

Voltei à atenção a Christopher que me encarava. Ele passou a mão gentilmente pelo meu cabelo e me senti desconfortável.

— Olha Bella, eu sei que não sou o melhor homem do mundo. Sei que te assustei, que agi errado, que você não me vê da mesma maneira que eu te vejo. Mas eu preciso que você saiba.

Você pode escolher o Richard, esse homem que está na sua casa ou qualquer outro. Mas eu preciso que você saiba o que eu sinto.

— Christopher, eu...

— Não Bella. Deixa-me falar. Eu estou apaixonado por você.

— Não complique as coisas, por favor.

— Eu sei que você está apaixonada pelo Richard, Gabriella, não é difícil perceber isso. Eu só quero que saiba que minha palavra continua de pé. Que da próxima vez que ele humilhar você, eu ainda estarei aqui. Ainda serei eu a te estender a mão, porque eu te amo. Eu não sei conquistar uma mulher, não sei jogar limpo quando estou numa competição, mas não desisti mesmo assim. Eu só quero que você pense um pouco, se o Richard sentisse por você o mesmo que eu, vocês estariam juntos. Porque ele tem o que eu não tenho, ele tem o seu coração. E não dá valor a isso. Você acha mesmo que ele é mais digno de você do que eu?

Eu não sabia o que responder. Eu não queria que

Christopher me amasse, não queria que ele sofresse, não queria que nada daquilo estivesse acontecendo.

— Eu não acho nada, Christopher. Na verdade, eu acho que você deveria tentar me esquecer e seguir sua vida...

— Não! — ele gritou.

Eu ainda fiquei um tempo pensando no que deveria fazer, mas saí do carro. Ele também saiu e me acompanhou até a porta de casa. Antes de entrar, olhei bem nos olhos dele e deixei claro:

— Christopher, independente do que aconteça entre o Richard e eu, você é meu amigo. É assim que eu te vejo e somente assim. Se você puder aceitar isso, nós podemos ser amigos, se não...

Ele deu um soco na parede, ao meu lado.

— Não, Gabriella, eu não posso aceitar isso! Você não está me deixando nem mesmo em segundo plano. Você não diz sequer que vai pensar. Simplesmente me descarta. Você gostou de mim um dia, antes de tudo desmoronar, era

para os meus braços que você corria! O que mudou isso? Por que você se apaixonou por ele? Por que, se eu sou muito mais certo para você?

— Eu... não aja assim! Não grite como se tivesse esse direito! O que você quer de mim? Não posso amá-lo, Christopher. Eu tento não machucá-lo, mas nunca irei amá-lo. Não existe ninguém certo para ninguém. As pessoas se acertam, e eu não vou me acertar com você. Não é assim que funciona. Esqueça isso, siga sua vida.

Ele saiu batendo os pés e entrou no carro.

Não olhei para trás enquanto ele arrancava, e entrei em casa. Só queria me jogar na cama e esquecer tudo. Andei até meu quarto e assim que me joguei na cama, dois braços me puxaram, me assustando. Acendi a luz e ri ao perceber Deivid deitado ali, sem camisa, rindo do meu susto.

— Ei. Por que está no meu quarto?

— Você disse que eu podia ficar.

— Na minha casa, não no meu quarto. Nós temos um terceiro quarto, sabia?

Ele assentiu.

— Sabia, mas qual é a graça se você não vai estar nele?

Joguei um travesseiro nele e me levantei. Já que não poderia ficar deitada pensando na vida, melhor me levantar de uma vez. Eu fui fazer um café e ele me seguiu. Sentou-se perto de mim na bancada e ficou me observando.

— O que foi?

— Você passou a noite com ele?

Eu abri um sorriso mantendo toda a minha calma antes de responder.

— Não é da sua conta.

— Claro que é. Você é minha amiga.

— Sim, e amigos tem direito aos seus segredos, certo?

Ele assentiu e tomamos o café em silêncio. Quando terminamos, eu me levantei para ir buscar Ben, mas ele me segurou.

— Bella, eu preciso saber. Preciso saber o que há realmente entre você e o Becker.

Eu também queria saber, mas no momento não estava com cabeça para raciocinar sobre meu relacionamento conturbado com Richard. Dei de ombros.

— Nada.

— Tem certeza?

Eu assenti. Ele sorriu aliviado e antes que eu pudesse me preparar, me puxou para seu colo e me beijou. E o beijo dele, aquele que eu amei por tantos anos. Aquele que eu senti tanta falta há um ano quando o deixei, não significou nada naquele momento. Não era quente como o de Richard, não tinha a paixão que havia no dele. Eu deixei que ele me beijasse, tentei sentir alguma coisa, mas estava cometendo um erro. Afastei-me dele e me sentei.

— Deivid. Não faça mais isso. Somos amigos.

— Eu ainda não te esqueci, Bella.

— Mas já faz um ano.

— O pior ano da minha vida longe de você. Eu ainda te amo e assim que o Ben se recuperar, você vai voltar comigo para Belo Horizonte e vamos

nos casar, seguir nossos planos, eu ficarei do seu lado. Nunca mais deixarei que enfrente nada sozinha.

Por tanto tempo eu quis que ele fizesse aquilo. Eu cheguei a imaginá-lo entrando em minha sala e me dizendo que tinha ido nos buscar. Que nos casaríamos e que ele me ajudaria com Ben. Mas ele nunca fez isso. Esse com certeza não foi o ano mais fácil da minha vida, e ele não estava ali por mim. Na verdade, Richard em poucos meses me ajudou muito mais do que Deivid. Eu não queria uma declaração de amor dele. Nem de Christopher.

Por que Richard não fazia isso? Por que ele não parava de dar voltas dizendo que sente algo que não quer sentir e não dizia simplesmente que me amava e pronto?

— Isso não vai acontecer Deivid. — respondi finalmente. — O tempo para você me dizer isso já passou. Agora eu não sinto mais o mesmo. E você deveria seguir em frente, como a gente combinou

quando eu vim embora.

Ele assentiu, mas eu pude perceber a mágoa, pela maneira como ficou sério.

— Você não me ama mais? É isso o que está dizendo?

— É exatamente o que estou dizendo. Sinto muito.

Ele concordou e se levantou. Eu me levantei também e dei um abraço nele. Ele demorou a me corresponder, mas quando o fez, me apertou tanto, que fiquei sem ar. Então, me afastei e disse num tom de brincadeira.

— Vamos buscar o Ben?

Ele concordou e saímos abraçados.

A semana passou e não tive mais notícias de Richard. Também não o procurei. Eu não esperava por um pedido de desculpas, na verdade já nem sabia o que esperar, talvez fosse melhor deixar para lá, mas meu coração doía sempre que eu chegava a essa conclusão. Só não aguentava mais

que ele me procurasse e acabasse comigo com sua intensidade, para sumir na semana seguinte.

Ben não estava melhorando com o tratamento novo, pelo contrário, estava cada dia mais fraco. Já nem comia direito, dizia que não sentia o gosto da comida e estava sempre enjoado. Teve que tomar soro várias vezes em uma única semana. Conversei de novo com o médico que me disse que teríamos que fazer o transplante de medula óssea. Ele me explicou que o procedimento era rápido e minha recuperação também. Disse que era dolorido, mas valeria a pena. Só Ben que teria uma recuperação mais longa, teria que ficar no hospital por um tempo, pois após receber a medula, não poderia ter nenhuma infecção, nem nada do tipo. Não era recomendado que eu ficasse com ele, pois ele precisaria ficar em isolamento após o transplante, por três semanas, mas poderia vê-lo. O hospital manteria uma enfermeira com ele vinte e quatro horas, alguém capacitada para agir se alguma coisa acontecesse. O médico me

explicou que a quantidade de medula óssea que iam retirar de mim era mínima e não me afetaria em nada. Eu prometi a ele voltar a doar medula óssea mesmo depois que meu Ben se recuperasse.

Faltando poucos dias para o transplante, Deivid se aproximou de mim nervoso. Ele me mostrou um papel e foi logo falando:

— Olha só do que seu amado é capaz!

Eu tomei o papel da mão dele e numa caligrafia muito bonita, alguém mandava que ele saísse da minha casa e se afastasse de mim, caso contrário, sua família sofreria as consequências. Não sabia o que pensar daquele bilhete. Ele insistia que era o Richard o ameaçando. Principalmente pelo B assinado e foi isso o que me fez desconfiar. Por que ele o ameaçaria e deixaria sua inicial ali? Deivid disse que ele queria que soubéssemos que a ameaça veio dele. Queria deixar isso para lá, mas Deivid reclamou tanto, que decidi procurar Richard e tirar a história a limpo.

Quando cheguei em frente ao edifício de luxo,

tive que respirar fundo antes de entrar. Os seguranças me cumprimentaram e me deixaram subir. Eu não ia esperar, nem fazer uma cena. Então dei um sorriso para Lucia e antes que ela dissesse qualquer coisa, entrei na sala dele. Ele estava sentado, mas levantou a cabeça quando entrei. Um sorriso surgiu em seu rosto e eu tive que me conter para manter a expressão fechada. Eu ainda estava esperando por aquele pedido de desculpas.

— Que prazer te ver aqui. — ele disse.

Percebi que tinha a aparência cansada e a barba estava por fazer. O cabelo, já havia começado a crescer de novo, estava com os fios claros combinando com a barba clara. Ele estava ainda mais lindo. Respirei fundo. Peguei o papel e coloquei na mesa dele. Ele o leu, avaliou e por fim, olhou para mim.

— Você acha que eu fiz isso?

Dei de ombros. Eu achava que não, mas com Richard nunca se sabe.

— Eu não fiz isso, Gabriella, eu não sou do tipo que manda recados. Eu realmente adoraria se esse Deivid sumisse da face da terra sem deixar rastros, mas não fui eu.

Eu concordei e me preparei para sair, quando ele disse.

— Talvez você deva perguntar ao Christopher se foi ele. Imagino que deve ser difícil ter tantos admiradores.

Meu sangue ferveu. Tentei ser calma, simpática, até. Mas ele me irritava ao extremo. Olhei para ele e disse na maior calma que consegui aparentar naquele momento.

— Sim, eu vou perguntar. Ele costuma ser sincero. Pelo menos ele me disse que me ama sem medo nenhum de sentir isso.

Ele ficou em choque. Pude ver em seus olhos que o magoei. Sei que peguei pesado, eu sabia porque ele tinha medo de amar, ele tinha os motivos dele. Ainda mais quando Christopher estava envolvido. Arrependi-me do que disse quase que

instantaneamente, mas já era tarde. Ele não disse nada, ficou me olhando com aquele olhar magoado e eu saí da sala.

Senti uma vontade enorme de chorar, eu me sentia como se carregasse o mundo nas costas. Por que tudo tinha que dar tão errado? Por que eu tive que abandonar meu noivo e a única vez que voltei a sentir algo tão forte foi por um homem que nunca vai corresponder meus sentimentos? Por que meu menino precisava passar por tudo aquilo? Já não bastava ter perdido os pais? Ainda tinha que ficar doente? Mas eu sabia que não adiantava chorar. Fui andando até minha casa e ao chegar lá, já estava mais calma.

Deivid não acreditou que não fosse Richard a fazer a ameaça, e ficou nervoso quando viu que eu acreditava em Richard. Para não começar uma discussão, eu me tranquei no quarto.

E na manhã seguinte, quando acordei, Deivid não estava mais na minha casa. Melhor assim, a nossa amizade andava estranha demais mesmo.

Nos dias anteriores ao transplante, Ben teve que ficar com um cateter, e reclamou muito. Ele ficava irritadiço e chorava com frequência e eu precisei ter toda atenção para que ele não tirasse o cateter. Chegou o dia do transplante e fui cedo com Ben para o bloco cirúrgico onde seria feito. Ele parecia nervoso e fiz de tudo para acalmá-lo. Ele entrou para a sala de exames primeiro que eu, e demorei me despedindo dele, já que não poderia vê-lo o dia todo por alguns dias. Fiquei esperando que me chamassem, a cada passo mais nervosa, quando senti uma mão tocar meu ombro. Eu não precisava me virar para saber que era Richard. Olhei para ele, que estava com uma expressão fechada.

— Por que não me disse que o transplante era hoje?

— Imaginei que seria avisado de qualquer jeito.

— Eu preferia ter sido avisado por você. Como você está?

— Bem.

Eu me afastei dele e voltei a andar de um lado

para o outro. Ele percebeu que eu estava nervosa e me puxou para os braços dele, me apertando enquanto acariciava meu cabelo.

— Fica calma, amor. Vai dar tudo certo.

Eu assenti e me recostei nele. E fiquei ali, no meu refúgio, onde o mundo não parecia estar nas minhas costas, até que a enfermeira me chamou para recolher a medula. Richard brigou para entrar comigo, mas ela não permitiu. Tomei uma anestesia que doeu um pouco, mas logo já não sentia nada. O procedimento em si não foi doloroso como eu imaginava. E logo já estava liberada. Eu me sentia tonta e nem vi quando Richard me colocou no carro.

Acordei em uma cama extremamente macia e em um quarto enorme que com certeza não era o meu. Avistei minha foto sorridente na cabeceira da cama e tentei me sentar, mas minha cabeça doía e eu me sentia enjoada. Logo, a porta do quarto de Richard abriu e Bárbara entrou. Ela sorriu ao ver que eu estava acordada e acendeu a

luz. Então ajeitou os travesseiros para que eu pudesse me sentar.

— Como se sente querida?

— Bem. Preciso ir ao hospital, tenho que saber como o Ben está.

Ela fez um gesto me acalmando.

— Fique tranquila, querida. Ele está bem. Richard ligou a pouco e disse que o transplante ocorreu bem e ele está dormindo. Ele está com Ben agora.

Queria me levantar para ir ao hospital, mas Bárbara não permitiu.

— Ele vai ficar lá um pouco. O médico disse que é melhor que a enfermeira durma com ele, as visitas nessa fase são moderadas.

— Eu sei, o médico explicou que o organismo dele está sem defesas agora, que ele não pode pegar uma infecção.

Ela concordou. Deu-me um copo de água e garantiu que eu o veria assim que me sentisse melhor. Ela ficou a tarde toda conversando

comigo. Quando a noite começou a cair, saiu e retornou com uma sopa, que eu tomei de bom grado. Já não me sentia tonta, estava louca para ir ver meu menino. Ela voltou a conversar e eu lhe contei tudo sobre o tratamento dele, sobre a doença e a esperança que ele se curasse. Ela concordou animada com o sucesso da transfusão de medula. Expliquei que a transfusão foi como uma doação de sangue, só que com anestesia e ela pareceu empolgada em verificar se poderia doar medula óssea também. Expliquei a bateria de exames que tive que fazer para garantir que minha saúde estava boa para a doação e ela garantiu que tinha uma saúde de ferro.

Depois de falarmos, ela ficou um tempo me olhando, percebendo que eu estava sem graça com tanta atenção, ela falou:

— Isso não está certo. Você é muito nova para uma responsabilidade dessas. Você precisa aprender a pedir ajuda, menina. Eu não estou defendendo meu neto, sei que a maneira como ele

tratou você no outro dia foi lamentável, mas sei que o que ele sente por você, vai além dessas crises de ciúme bobas. Ele quer cuidar de vocês e você não deve negar isso.

— O Richard não tem qualquer responsabilidade por mim e pelo Ben, Bárbara. Não posso permitir que tenha.

— Claro que pode. Se não por você, faça pelo menino. Richard tem condições muito melhores para cuidar dele.

— Eu sei, mas não deve se sentir obrigado a cuidar do Ben só porque tem condições para isso. Ben é minha responsabilidade e só minha.

— Ele não faz isso por obrigação querida, mas por amor. E sugiro que você deixe que ele tome conta de vocês. Vai fazer tão bem para vocês quanto para ele. Eu sei que você teme que ele suma e deixe vocês na mão, mas ele não vai fazer isso. Gabriella, você precisa entender que não pode continuar carregando tudo isso sozinha. Você tem sido ótima, mas precisa de ajuda. Quem

vai ficar com o menino durante a recuperação dele?

— Eu, é claro.

— E seu serviço?

— Eu vou pegar minhas férias.

— E depois? Suas férias duram um mês. Mas a recuperação dele pelo que você me disse dura uns três meses.

Eu abaixei a cabeça sem saber o que dizer. Eu poderia pedir a conta, mas quem nos sustentaria?

— Vovó, não encha a cabeça dela com essas coisas agora. Não é o momento para isso. — A voz de Richard atraiu minha atenção para ele, que deu um beijo na testa da avó, se aproximou e me beijou levemente nos lábios.

— Como ele está?

— Ótimo. O doutor Ferraresi não quer que ele receba mais ninguém hoje.

Comecei a reclamar e ele me acalmou.

— Prometo que amanhã bem cedo levo você lá.

Bárbara se despediu de mim e do neto e saiu do

quarto. Então Richard se aproximou de mim e me tirou de debaixo da coberta.

— Vamos tomar um banho?

Eu não disse nada. Queria dizer não, mas queria ficar perto dele daquele jeito. Ele me carregou até o banheiro e me depositou na pia então tirou minha roupa vagarosamente. O tempo todo eu fiquei olhando para ele. Depois, me pegou no colo e entrou comigo debaixo do chuveiro. A água quente e a proximidade dele me fizeram relaxar instantaneamente. Quando acabamos o banho, ele me secou e se deitou comigo na cama. Apagou as luzes e me puxou para seus braços. Estava prestes a perguntar se ele tinha comido alguma coisa, quando ele disse.

— Desculpa.

— Pelo quê?

Por um momento tive medo que ele tivesse escondido alguma coisa sobre Ben, mas ele logo falou:

— Pela forma como a tratei aquele dia. Eu sei

que não mereço seu perdão, eu fui ridículo.

— Você foi um perfeito babaca!

— Eu sei amor. Eu fiquei aliviado quando o Christopher parou de perseguir você. E quando eu a vi ali, conversando normalmente com ele, juntou tudo, eu explodi e descontei em você.

— Juntou tudo o quê, Richard?

Ele me beijou antes de falar.

— O ciúme. Eu já estava morrendo de ciúme do Deivid. E aí veio o Christopher. Eu fiquei louco, não suporto ver outro homem perto de você.

Eu me afastei dele e acendi o abajur mais próximo, então me sentei.

— Não há motivos para isso. Eu te disse que não sentia mais nada pelo Deivid.

— Mas também não disse que sentia por mim.

Eu continuei olhando para ele, mas não disse nada. Ele então se sentou também e pegou minhas mãos.

— Lembra quando eu disse que queria que você me amasse e somente a mim?

Eu concordei.

— Eu preciso disso, Bella. E quando sinto que isso não vai acontecer, me desespero. Perco o controle e sempre te machuco. Eu sei que não faço bem para você, mas não posso mais me afastar. Você entende?

Eu concordei com a cabeça. Eu entendia, como entendia! Ele não me fazia bem, e eu não estava sempre sentindo a falta dele? Ele soltou minha mão e abriu o criado ao lado dele. Tirou de lá uma caixinha de veludo azul e a acariciou por um tempo. Depois a abriu e tirou alguma coisa que eu não consegui ver com a pouca luz. Então pegou minha mão de novo.

— O Christopher foi corajoso e disse que te ama. Imagino que o Deivid tenha feito o mesmo.

Eu não respondi. Não precisávamos ficar remoendo aquilo.

— Eu não vou dizer, Bella. Porque é assustador demais admitir isso em voz alta. Mas eu vou mostrar, se você deixar. Eu vou mostrar a cada dia

o que eu sinto, até você não ter mais dúvidas.

— Eu sempre terei dúvidas se você não disser com todas as letras, Richard.

— Não terá, amor. Você não terá dúvidas porque eu vou mostrar para você como me sinto.

Ele apertou minha mão e senti algo fino e frio tocar meu dedo. Então, ele deslizou algo pelo meu dedo anelar enquanto dizia.

— Você me dá essa chance? A essa chance de mostrar para você o que eu sinto?

— E o que vai significar se eu der essa chance? O que nós seremos?

— Não sei. Mas eu serei seu e somente seu. E espero que você seja minha.

Eu pensei por um momento. Ele mais uma vez não estava me prometendo um compromisso, mas era uma promessa. Uma promessa que eu queria com todo coração aceitar. E foi o que fiz. Assim que assenti, ele sorriu e tirou a mão da minha, e só então pude ver o que ele tinha colocado em meu dedo. O anel era dourado, com pequenas pedras

nas laterais e uma pedra enorme na frente. Não era chamativo, mas era lindo. A coisa mais linda que eu já havia visto. Ele sorriu ao ver minha admiração e me puxou para seus braços. Beijamo-nos por um tempo e logo adormecemos.

Capítulo DEZOITO

Na manhã seguinte apressei Richard o máximo que pude para que fôssemos logo ver meu pequeno. Mas ele, teimoso como era, me fez tomar o café da manhã antes de sairmos. Quando estávamos terminando, Christopher apareceu. Ele pareceu surpreso por eu estar ali e se aproximou. Imediatamente senti Richard tenso ao meu lado.

— Oi Bella. — ele disse me dando um beijo no rosto.

— Olá, como está?

Ele olhou para Richard, que tinha passado o braço em volta da minha cintura e fechou a cara.

— Poderia estar melhor.

O clima na cozinha estava pesado, e eu só queria sair dali logo e ir ver meu menino. Bárbara tentou puxar assunto com Christopher, mas ele respondia com a cabeça e toda hora olhava para mim. Quando finalmente terminei o café, Christopher se aproximou no segundo em que Richard se afastou

e pegou minha mão levando-a até a boca. Mas, antes que minha mão chegasse à boca dele, ele parou e ficou olhando meu anel.

— Onde conseguiu isso? — perguntou nervoso.

Antes que eu pudesse responder, Richard se aproximou e tirou minha mão da dele.

— Isso não é da sua conta, Christopher!

Christopher parecia transtornado e Bárbara olhava admirada para o anel na minha mão. Richard me apressou para que saíssemos logo dali e ouvimos quando Christopher gritou.

— Isso não vai ficar assim!

Assim que entramos no carro, tentei entender o que havia acontecido.

— Por que ele reagiu daquela maneira?

-Eu não sei, Bella. Ele é louco.

— Não minta para mim, Richard.

Ele olhou para o lado de fora, bufou e não respondeu.

— Esse não é o mesmo anel que você deu a Sarah, não é?

Ele me olhou surpreso.

— O que sabe sobre o ela?

— O suficiente.

Ele ficou um tempo em silêncio, por fim, quando eu temia que teria que tirar o anel e jogar na cara dele, ele respondeu.

— Não, Bella. Esse não é o anel que eu dei a Sarah. Eu nunca dei esse anel a ninguém além de você.

Respirei aliviada e não perguntei mais, mas não conseguia entender a reação de Christopher.

Quando chegamos ao hospital, o doutor Ferraresi me atualizou que Ben estava reagindo bem, tinha tido um pouco de febre, mas era comum. Deixou que eu entrasse para vê-lo, mas tive que colocar uma roupa especial, touca e máscara. Quando entrei no quarto, tudo o que queria era pegar meu menino no colo, ele sorriu quando me viu e disse que queria ir para a casa. Fiquei com ele por toda à tarde, até que ele perguntou por Richard e eu tive que sair para que

Richard entrasse e falasse com ele. Richard ficou com ele até bem tarde da noite.

Fiquei esperando Richard do lado de fora, e quando ele saiu, parecia tenso.

— O que houve?

— Nada demais, não se preocupe. É só que ele me perguntou se o cabelo dele vai crescer agora e eu disse que vai, mas não tenho certeza se menti para ele.

Richard parecia abatido e abalado. Eu me aproximei dele e o abracei. Ele me apertou contra ele.

— Droga, Gabriella! Eu não quero que nada de ruim aconteça a ele!

Meu coração pulou quando ele disse aquela frase. Ele amava Ben, amava meu menino. E eu o amava, não adiantava mais tentar negar o óbvio. Puxei a cabeça dele até mim e o beijei levemente nos lábios.

— Não vai acontecer mais nada de ruim com ele, Richard. Agora tudo vai ficar bem.

Ele assentiu e ficamos ainda uns minutos ali, abraçados.

A semana pareceu demorar uma eternidade para passar. Ben ainda estava no hospital, eu o visitava todos os dias e cada dia ele parecia melhor. Vomitava um pouco e ficava enjoado, mas não deu mais febre e o médico me disse que era um excelente sinal. Eu não estava mais na casa de Richard, mesmo que ele tivesse insistido muito, passei a semana entre a minha casa e a de Stacie, que sempre ia visitar Ben comigo. Uma noite, ouvi um barulho e me levantei meio sonolenta para verificar o que era. E Richard estava ali. Todo molhado, parecia cansado e confuso, parado no meio da minha sala. Ele era o meu espelho. O estado de Ben me deixava esgotada, e o estava esgotando também. Ele não disse nada, tirou a blusa molhada e a arremessou no chão. E no minuto seguinte eu estava em seus braços e ele me beijava.

— Preciso de você. Agora!

Afastei-me dele negando com a cabeça.

— Estou cansada, Richard. Esgotada. Não tenho cabeça para isso agora.

Ele me puxou para seus braços de novo, me apertando contra ele.

— Ele está bem, Bella. Está sendo bem cuidado. Agora é sua vez de ficar bem, de ser bem cuidada. Deixe-me fazer isso por você agora.

Antes que eu pudesse protestar, ele me beijou, e os braços dele a minha volta eram tudo o que eu precisava. Ele foi embora na manhã seguinte, me deixando bem mais relaxada, feliz até. Antes de sair, segurou meu rosto entre as mãos e disse:

— Não vou me afastar de novo, Bella. Mas você precisa saber que posso fazer alguma burrada. Provavelmente vou fazer. A culpa é sua.

Eu sorri e o beijei.

— Não me importa, só preciso que fique comigo.

— Ficarei. Para sempre.

Ele me beijou e ia saindo, mas lembrou-se se

algo e voltou a segurar meu rosto.

— Por favor, seja uma boa menina e ao menos uma vez me obedeça. Não se aproxime do Christopher. Depois eu explico, mas, por favor, não se aproxime dele.

— Nem terei tempo para isso, vou passar o dia todo no hospital.

— Ótimo, eu busco você lá.

Eu sabia o medo que ele devia sentir de me ver perto de Christopher, e já estava na hora de tentar tranquilizá-lo, de mostrar que eu me importava com o que ele sentia. Mesmo porque, achei que não veria mesmo Christopher, triste engano.

Nessa tarde, estava voltando do hospital com Stacie quando avistei o carro de Christopher parado em frente a minha casa. Eu não podia simplesmente ignorá-lo, só queria me certificar que ele estava bem. Despedi-me de Stacie e fui até ele.

— Como seu irmão está? — perguntou sem olhar

para mim.

— Bem. Daqui a duas semanas vai receber alta.

Ele assentiu. Percebi que havia algo errado e me aproximei dele.

— O que houve, Christopher?

Finalmente ele me olhou. Tinha na lateral do rosto uma marca rocha e um olho inchado.

— O que aconteceu com você?

— O que você acha?

— O Richard fez isso?

Ele abriu um sorriso debochado. Richard havia passado a noite comigo e não estava machucado, mas também havia me pedido para não me aproximar de Christopher.

— Não, Bella, ele não fez. Foi outra pessoa.

— Quem?

Ele se afastou do carro e parou diante de mim. Tocou meu cabelo e por um momento tive medo dele.

— A pergunta não é quem fez isso e sim o motivo da pessoa ter feito isso.

Eu já não entendia onde ele queria chegar.

— O que aconteceu, Chris? Com quem você brigou e por que está aqui?

Ele sorriu. Passou a mão pelos cabelos, nervoso, e segurou meu braço.

— Você pode ir a um lugar comigo?

— Aonde?

— Eu não vou te machucar, Bella. Só preciso conversar com alguém.

Tudo me dizia que eu não deveria ir, mas ele era meu amigo, afinal de contas. Por mais que me assustasse às vezes, ele precisava conversar com alguém. Eu podia ver pela expressão dele o quanto estava angustiado. Se não fosse por mim, pelo menos por Bárbara, que amava o neto e estava me ajudando muito. Seria rápido, Richard ia ficar louco, mas seria como uma despedida. Pretendia cortar relações com Christopher de uma vez, pelo menos até que Richard e ele superassem o passado e tivessem uma relação normal entre irmãos. Concordei e entrei no carro.

Assim que entramos percebi ele digitar alguma coisa no celular. Ele acelerou o carro e reconheci que estávamos indo para o mesmo lugar onde ele havia me levado uma vez, em que havia uma serra enorme. Eu não sabia se devia me sentir aliviada ou assustada ao constatar o local para onde estava me levando.

Antes mesmo de chegarmos ao local, meu celular tocou. Nem tive tempo de ver quem era, quando Christopher o tirou da minha mão.

— Por favor, Bella, eu preciso da sua atenção.

— Eu sei, vou te ouvir. Mas preciso atender, pode ser alguma coisa com Ben.

Ele negou com a cabeça e colocou o celular que não parava de tocar no bolso da blusa dele. Naquele momento percebi que não devia ter entrado naquele carro. Ele parou o carro como no outro dia, no lugar mais alto onde o carro poderia ir. Desceu e eu ainda permaneci ali dentro um tempo, criando coragem. Mas, já que tinha ido até ali, precisava tentar ajudá-lo. Saí do carro e me

aproximei dele.

— Pode falar, Chris. O que aconteceu?

— Eu briguei com seu ex.

Eu fiquei confusa e devo ter demonstrado isso, porque ele explicou.

— Deivid Cardoso. Seu ex.

— Como brigaram? Por quê?

— Por que você acha?

Ele deu algumas voltas e depois começou a rir.

— Sabe o que é mais engraçado? Nós dois estávamos como idiotas brigando por sua causa, enquanto quem realmente tinha você era o Richard. Ele, o que menos te deu valor, é quem você ama.

Eu não disse nada. Não havia nada que eu pudesse dizer para aplacar a raiva que ele parecia sentir. Olhei em volta a procura de alguma coisa para me defender, e ele continuou falando.

— Eu sempre quis você, Bella. Sempre quis! O Richard só te machucou. Será que você não se lembra de como ficava por causa dele? Não se

lembra quando eu te trouxe aqui, e você estava aos prantos, por causa dele?

Ele me olhou e eu assenti. Avistei um pedaço de madeira e me aproximei dela. Só a usaria se fosse necessário.

— Então por que você está com ele? Você gosta de sofrer?

— Christopher, o Richard mudou.

— Não mudou! Ele não mudou! Ele nunca se interessou por você! Só está fazendo isso para me punir, para se vingar de mim. Eu roubei a mulher dele uma vez, e ele deveria me agradecer por tê-lo livrado daquela cobra, mas ele quer se vingar.

Ele estava gritando e muito alterado. E mais que isso, eu via a dor que ele sentia e aquilo me deixava angustiada. Eu queria me aproximar dele e confortá-lo, mas tinha medo de sair de perto do pedaço de madeira.

— Você não percebe? — ele perguntou quase em um sussurro.

— Não é bem assim. Eu gosto muito de você, me

deixe te ajudar.

— Eu não quero sua ajuda! E não quero que goste de mim! Eu te amo, ele não! Ele só vai se casar com você para se vingar de mim.

Eu não sabia se ria, chorava ou saía correndo. De onde ele tinha tirado aquela ideia?

— Christopher, Richard e eu não vamos nos casar.

Ele parou de andar de um lado para outro e me olhou. E já não havia mais o desespero em seu olhar, havia raiva. Ele deu dois passos até mim e parou na minha frente.

— Não vão casar? Então por que diabos está usando o anel de noivado dele?

Abri a boca para responder, mas a fechei imediatamente. Noivado? Richard e eu não tínhamos nenhum compromisso, era apenas uma chance de ver como nos sairíamos juntos. Mas Bárbara reagiu como se aquele anel significasse alguma coisa a mais, Stacie também. Neguei com a cabeça, mas antes que pudesse dizer qualquer

coisa, Christopher agarrou meu braço e me arrastou até a beira da rocha.

— Christopher! — gritei desesperada.

No bolso do paletó dele o meu celular não parava de tocar.

— Eu deveria te machucar! É disso que você gosta! Eu poderia te jogar lá embaixo e acabar com isso! Mas sabe por que eu não vou fazer isso?

— Porque você não é assim! Merda, Christopher, me solta!

Ele me olhou por um tempo, então me soltou. Eu respirei aliviada e corri até o carro. Entrei, bati a porta e ia arrancar e deixá-lo para trás, mas quando olhei para ele, pensei que se eu o deixasse, talvez ele não voltasse mais. Respirei fundo e abri a porta do carona. Ele me olhou surpreso e se aproximou. Entrou no carro e bateu a porta. Eu saí dali sem dizer mais nada. O caminho todo de volta, meu celular tocava. Eu pedi a ele o celular, mas ele nem se mexeu, nem sei se escutou.

Dirigi direto até a casa dele, e quando entramos

pelo portão, Richard veio correndo na minha direção. Eu já não via mais nada, desci do carro e pulei nos braços dele. Ele me apertou enquanto eu tentava acalmá-lo, ele parecia ainda mais desesperado do que eu. Bárbara me perguntou se eu estava bem e quando eu confirmei, ela foi atrás de Christopher.

Richard me pegou no colo e me levou até seu quarto. Depositou-me na cama e me beijou. Seu beijo era desesperado, mas mais que isso, quente e amoroso. Ele me apertou contra ele e senti enquanto ia se acalmando. Por fim, perguntou:

— Por que você não me atendeu? Por que nunca me obedece? Eu te avisei, Gabriella. Porra!

— Christopher pegou meu celular. Desculpa-me, não achei que ele estivesse tão descontrolado, eu só fiquei preocupada.

Ele me olhou surpreso.

— Acho que é a primeira vez que você me pede desculpas por me desobedecer. — mas seu sorriso durou pouco, ele acariciou meu rosto, estava

assustado. — Onde vocês estavam?

— É melhor não falarmos disso.

Ele me olhou e me beijou de novo.

— Ele machucou você?

Eu neguei com a cabeça.

— Ele te assustou.

Isso eu não neguei, ainda estava assustada.

— Como você sabia que havia alguma coisa errada? — perguntei.

Ele ia responder, mas tocou meu pulso e viu as marcas deixadas pelo aperto de Christopher.

— O que ele fez com você, Gabriella?

— Ele não fez nada. Richard, ele estava fora de si, me levou até uma rocha, onde a gente já tinha ido uma vez e conversamos. Ele me prendeu pelo pulso, mas assim que eu gritei, ele me soltou.

Richard se levantou e ficou dando voltas.

— No alto de uma rocha? Em tempo de atirar você? Por que você estava no carro com ele?

Pelo tom de voz dele percebi que ia começar a me acusar. Levantei-me de queixo empinado e fui

logo gritando.

— Eu não estava fazendo nada demais! Ele apareceu todo triste e machucado eu fui conversar com ele! Foi só isso!

Ele ficou me olhando e percebi que queria sorrir. Com um passo me puxou para os braços dele e me beijou. Já não havia o desespero no beijo dele, apenas o desejo, a paixão. Aproximamo-nos da cama, e quando ele me deitou, e deitou sobre mim, me perguntou:

— Você está bem?

Eu assenti.

— Você me deu um susto enorme! — ele disse baixinho enquanto tirava minha blusa. — Nunca mais se afaste de mim. Nunca mais suma desse jeito.

Eu concordei enquanto ele beijava meu corpo.

— Como você sabia? — perguntei.

— Ele me mandou uma mensagem dizendo que estava com você. — ele parou de me beijar e deitou a cabeça nos meus seios. — Eu nunca tive

tanto medo, Bella, eu já não sabia mais o que fazer.

Eu puxei a cabeça dele até a minha e o beijei.

— Está tudo bem agora, eu estou aqui.

Ele assentiu e me beijou, logo sua mão deslizou pelo meu corpo e ele tocou o meio das minhas pernas, afastou minha calcinha e com os dedos, com a língua em minha boca, ia acompanhando os movimentos que fazia com os dedos em meu clitóris. Quando eu já não aguentava mais, ele se afastou, tirou rapidamente a roupa e me despiu. Então enquanto me penetrava, sussurrou em meu ouvido.

— Eu te amo, Bella. Eu te amo.

Nós adormecemos, e quando acordei, já estava escuro. Olhei em volta e Richard estava sentado na cama, lindamente nu, com uns papéis na mão e óculos que o deixava incrivelmente sexy. Eu me aproximei e dei um beijo no abdômen dele, e ele sorriu, deixando os papéis de lado. Então me

puxou para os braços dele e me beijou.

— Como está se sentindo?

— Muito bem. — sorri beijando-o de novo.

— Bella, eu sei que você vai brigar, mas a partir de agora você vai andar com um segurança.

Foi dito e feito, me afastei dele e me sentei pronta para brigar, mas ele continuou.

— Bella, você poderia estar morta agora! Como ficaria o Ben? Como eu ficaria?

— Ele não ia me machucar de verdade.

— Sim, ele ia. Você precisa parar de confiar tanto nas pessoas! Eu sabia que ele não tinha aceitado bem a história do anel, mas nunca pensei que fosse reagir tão mal.

Então me lembrei da história sobre o anel contada por Christopher.

— Ele acha que estamos noivos. E não consigo entender por que pensou isso.

Richard me olhou por um tempo, depois disse calmamente.

— Talvez ele tenha pensado isso porque você

está usando um anel de noivado.

Eu arregalei os olhos e olhei para o anel, depois para Richard, que sorria.

— Você não pode estar falando sério.

— Bella, não acredito que você não percebeu que isso era um anel de noivado.

— Mas, você disse que não era um compromisso, era uma promessa. Não podemos estar noivos, você não me pediu em casamento!

— Pedi sim!

— Não pediu não! Você me pediu uma chance.

— Uma chance de ficar com você. Uma chance de você ser só minha e eu ser só seu. Uma chance de te mostrar a cada dia o quanto eu te amo. O que você acha que isso significa?

Eu estava em choque. Levantei-me da cama e ele fez o mesmo.

— Você não me pediu em casamento!

Ele abriu um enorme sorriso.

— Bella, nós podemos ficar aqui a madrugada toda discutindo se foi ou não um pedido, mas a

verdade é que eu te fiz uma pergunta muito clara e você disse sim, e agora está com meu anel de noivado no dedo.

Eu neguei com a cabeça ainda em choque e ele se aproximou.

— Eu não vou cobrar isso agora, não quero que tenha pressa, mas quero que entenda que você não terá mais ninguém na sua vida além de mim. Isso é para sempre, Bella. Quando eu comprei esse anel, eu estava com a Sarah, pretendia dar a ela quando a pedi em casamento, mas não sei, não tive vontade de entregá-lo. Acabou que não nos casamos, o que foi ótimo, porque agora posso entregá-lo a quem ele realmente deveria pertencer.

Eu ainda estava em choque. Não sabia o que pensar. Depois de tudo o que ele havia me confessado, apenas uma coisa martelava em minha cabeça.

— Você não me pediu em casamento.

Ele deu uma gargalhada.

— Pedi sim, e você aceitou querida. Agora vem

aqui e vamos comemorar.

Ele me puxou para os braços dele e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, sua boca tomou a minha e eu já nem me lembrava mais do anel em meu dedo quando sua mão alcançou meu corpo.

Duas semanas depois, Ben recebeu alta. Fui buscá-lo no hospital e ele reclamou muito porque teria que continuar com o cateter, pois teria que ir todos os dias ao hospital para receber a medicação. E reclamou mais ainda quando soube que teria que usar uma máscara para sair na rua. Disse que todos iam rir dele, e para acompanhá-lo, eu coloquei uma máscara também.

Mesmo assim ele não parecia animado. Estava frágil e muito pálido. Richard o pegou no colo e falou alguma coisa em seu ouvido que o fez abrir um enorme sorriso. E de repente ele estava louco para ir embora. Pensei em perguntar o que ele havia dito, mas deixei para lá.

Após receber todas as instruções de como

deveria ser a alimentação de Ben no período de recuperação, finalmente meu pequeno recebeu alta. E assim que entramos no carro, percebi que deveria ter perguntado e cortado antes o plano de Richard, pois mal Ben entrou no carro, se recostou em Richard e disse:

— Não vejo a hora de conhecer sua casa.

Eu arregalei os olhos e falei para Charles ir para a minha casa. Ele sorriu, mas seguiu para a casa de Richard. Não quis discutir na frente de Ben, e quando chegamos à mansão, Bárbara aguardava Ben com um sorriso e o mimou como se fosse sua avó. Olhei feio para Richard.

— Você deveria ter me consultado antes de dizer a ele que viríamos para cá.

— Se eu tivesse feito isso, você não viria.

— Claro que não!

— Por isso não disse. Gabriella, seja sensata, você já vai voltar a trabalhar e aqui é bem mais confortável e mais perto do hospital. Sem falar que vai ter sempre alguém com ele. Eu já contratei

uma enfermeira e minha avó preparou um quarto para ele aqui.

Continuamos discutindo, eu queria que ele entendesse que não tinha que fazer aquilo, que não éramos obrigação dele, mas ele desconversou, colocou Ben no ombro e o levou ao que seria o quarto dele. E quando ele abriu a porta eu quase o beijei e bati nele ao mesmo tempo. Ele havia feito um quarto incrível para Ben, com brinquedos, televisão, videogame, tudo que um menino de seis anos poderia querer. Fiquei sem fala enquanto Ben corria pelo quarto mexendo em tudo e perguntando um milhão de vezes se aquilo era mesmo dele. Acho que só não bati em Richard porque nunca tinha visto Ben tão feliz antes.

Depois de passar o resto da tarde no videogame e comer alguma coisa, fui colocar Ben para dormir. Quando Richard entrou no quarto, Ben fez um esforço enorme para ficar de pé na cama e pular no pescoço dele.

— Obrigado. Eu amo você.

Percebi Richard ficar tenso e tentei afastar Ben, mas Richard o colocou deitado na cama e disse:

— Eu também te amo, campeão.

Eu senti as lágrimas escorrerem por meu rosto quando Richard se abaixou e beijou a testa do meu pequeno. Então, Ben perguntou o que ia fazer com os brinquedos quando a gente fosse embora, e Richard, antes que eu pudesse impedir, soltou:

— Vocês não vão embora. A Gabriella e eu vamos nos casar.

Nunca vi Ben tão feliz e nunca fiquei tão em choque quanto naquele momento. Quando por fim Ben dormiu, saímos do quarto, e assim que fechei a porta, me atirei nos braços de Richard.

— Eu te amo! Eu tenho vontade de matar você às vezes, mas eu te amo!

— Eu sei, querida. Mas é muito bom finalmente ouvir isso.

Eu dei um tapa nele que me pegou no colo e me levou até seu quarto.

Duas semanas depois eu voltei a trabalhar. Ben já estava bem, estava tentando convencê-lo a voltarmos para casa, mas ele estava encantado com o luxo da mansão de Richard e não queria de jeito nenhum. Eu já não queria mais dar trabalho e ficava sem graça. Por mais que Bárbara parecesse adorar Ben. Ele estava se recuperando tão bem, que eu não conseguia ficar irritada com nada. Nem com Richard e suas crises de ciúme cada vez que Christopher se aproximava de mim. Mesmo morando na mesma casa, eu quase não o via. Vez ou outra ele aparecia rodeado de mulheres e mal falava comigo. Mas nos raros momentos em que fazia isso, Richard aparecia do nada e o afastava. Eu sentia pena dele, mas não queria dar motivos para irritar Richard. Não tocamos mais no assunto casamento, só quem falava disso era Ben, que parecia já ter imaginado tudo junto com Bárbara, a quem já chamava de vovó. Eu fugia sempre que me falava alguma coisa e adorava o fato de Richard entender e respeitar meu tempo. Ben

estava bem melhor, mas não estava totalmente recuperado. Eu não podia pensar em nada que não fosse ele.

Uma tarde, numa das consultas de Ben, o doutor Ferraresi entrou feliz com o último exame de sangue feito, nas mãos.

— Parabéns, Benjamin. Sua anemia acabou.

Eu mal tive reação, tamanha foi a felicidade que senti. Ben pulou em cima de mim e Richard o pegou e o jogou para o alto. E eu fiquei ali, entre agradecendo a Deus e me beliscando para ver se aquilo era mesmo verdade. Quando Ben veio de novo para o meu colo eu chorei. E ele chorou e eu nunca me senti tão feliz na minha vida.

Nós queríamos comemorar e enquanto saíamos da sala do médico, Ben ia me falando um milhão de coisas que queria comer, agora que ia começar a sentir de novo o gosto das coisas. Ele não teria mais que fazer quimioterapia. Teria que ir regularmente ao hospital por um tempo, mas isso já não significava nada. Percebi que Richard ficou

para trás com o médico, que disse alguma coisa para ele. Alguma coisa que acabou com a felicidade que estava estampada em seu olhar. Senti imediatamente meu sangue gelar, e ao perceber que eu o estava olhando, Richard abriu um sorriso forçado.

Levamos Ben a todos os lugares onde ele quis ir, e cansado, dormiu no carro. Assim que tive certeza de que ele não estava ouvindo, perguntei:

— O que aconteceu?

Richard me olhou por um tempo e não disse nada.

— Richard, por favor.

Ele me puxou para que eu me sentasse no colo dele, então me beijou delicadamente e disse.

— Bella, eu quero que você saia do serviço e fique com ele.

— Como?

— Você ouviu. Saia do serviço. Pare qualquer outra coisa que estiver fazendo e passe todo o tempo que puder com ele.

As lágrimas já começaram a cair por meu rosto e Richard as secou com os lábios.

— Por quê? O que ele tem?

— Nada. Mas a gente nunca sabe o dia de amanhã.

Ele me abraçou apertado e eu senti que alguma coisa estava errada. Assim que chegamos à casa de Richard, enquanto ele ia colocar Ben na cama, eu liguei para Carlo e pedi demissão. Sim, Richard teria que nos sustentar, mas meu orgulho já não importava naquele momento.

Capítulo DEZENOVE

Um mês depois de receber alta, Ben já nem aparentava estar doente. Ainda estava carequinha, mas corria e brincava como um menino saudável. Richard estava deixando muito a empresa de lado para ficar com a gente e isso me surpreendia e fazia com que a conexão que havia entre nós ficasse cada dia mais forte. Ben só falava no casamento, que iria entrar com as alianças e Richard ria e entrava na dele enquanto eu fazia careta e desconversava.

Uma noite, Richard me perguntou se eu queria saber o que o médico tinha dito para ele aquele dia, mas eu não quis. Meu menino estava bem, feliz, era o que importava.

Quando uma chuva forte tomou conta da cidade, Ben ficou mais amuado. Reclamou algumas vezes de dor na barriga, e eu o levava ao hospital e nunca era nada. Até que um dia, o médico identificou o problema no rim dele. O mesmo que

já havia tido pedras uma vez, agora estava com uma disfunção grave, e não havia nada que pudessem fazer. Ele precisava de um transplante. Eu não entrei em desespero, ele já havia se recuperado de coisa pior.

O médico o incluiu imediatamente na lista de espera para um doador, enquanto eu me submeti a exames para saber se poderia doar o rim para ele. Liguei para Isabel para que ela pudesse fazer esses exames também, mas ela não podia sair da cidade no momento, o que me chateou e fez com que brigássemos. Para a minha surpresa, Deivid quis fazer os exames também, por garantia, ele disse. Mas todos tínhamos certeza que meu rim seria compatível.

Qual foi o meu desespero quando descobrimos que não era. Eu não era compatível com Ben. Os médicos estavam a todo vapor tentando arrumar um doador compatível, mas nas semanas seguintes, os doadores que apareceram não eram compatíveis com ele. O desespero enfim começou

a me dominar.

Uma tarde, Ben piorou, estava sentindo muitas dores, enquanto os médicos tentavam aplacar a dor, eu estava ansiosa e sentindo uma dor forte no peito, era uma angústia que eu já não estava aguentando mais. Fui para a capela do hospital, sozinha, me joguei em um banco, e deixei que a angústia que me sufocava saísse por meus olhos.

Quando quis desmoronar ali mesmo, Richard apareceu, ele parecia preocupado. Assim que me viu correu até mim e me abraçou forte. E tratei de impedir que mais lágrimas saíssem, não queria que ele percebesse que eu na verdade era uma fraca.

— Você não estava em casa e sabia que estaria aqui. Não entendo por que não me ligou. Imaginei que estivesse aqui sozinha. Você não tem que aguentar tudo sozinha, Gabriella. Por que não pode ligar para a Stacie? Para Isabel? Se não conseguiu falar comigo, podia ter ligado até mesmo para aquele seu ex, pedir ajuda. Você não

tem que carregar tudo nas costas.

E então o abraço dele era tudo o que eu precisava e me senti confortável. Deitei a cabeça em seu ombro e ele me apertou cada vez mais forte passando a mão por meu cabelo.

— Como ele está? — perguntou.

— O médico ainda não disse.

— Eu vou procurar saber.

— Eles não vão dizer nada, eu já cansei de perguntar.

— Ah! É claro que vão!

Ele me soltou e se afastou, e no mesmo momento eu soube, era óbvio que o médico diria para ele. Pouco depois, Richard retornou.

— Bom, parece que eles conseguiram amenizar a dor agora, mas ele precisa fazer a cirurgia urgentemente.

Ao ver meus olhos cheios de lágrimas, segurou minha mão de forma protetora.

— Fique calma, eles já estão procurando um doador compatível.

Sentei-me, desesperada.

— Eles não vão achar em tempo. — minha voz quase sumindo.

— É claro que vão! — respondeu ele se ajoelhando na minha frente. — Bella, você não pode perder a esperança agora. Nós já vencemos coisa pior, não foi? Isso não é nada!

A forma como ele disse que nós vencemos, me fez perceber que não estava mais sozinha. Eu tentei ser forte, tinha que ser forte por meu menino. Assenti e me afastei dele, me recompondo.

Pouco depois ele pareceu ter tido uma ideia, me deu um beijo na testa e disse:

— Eu já volto. — então saiu.

Conversou com uma enfermeira, em seguida com um médico. Eu não sabia o que estava acontecendo. Pouco depois ele retornou e segurou minha mão me levantando.

— Eu preciso fazer uns exames agora, vai ficar bem?

— Você? Por quê? Está doente?

— Não, Gabriella, porque eu acho que posso ser compatível com seu irmão.

Suas palavras me deixaram sem chão. Ele estava mesmo pensando em fazer aquilo? Eu não consegui dizer uma palavra. Ele percebeu meu choque, tocou meu rosto.

— Gabriella, está tudo bem?

— Você não... Você vai mesmo fazer isso?

— Vou. — a determinação em seus olhos acabou com o pouco de força que eu tinha, as lágrimas escorreram pelos meus olhos. Ele me olhou preocupado.

— É que eu não sei como te agradecer. — expliquei.

— Bom, você deverá sua vida a mim por isso, Gabriella. — ele brincou.

Comecei a rir, sentindo-me um pouco aliviada. O acompanhei até uma pequena sala onde ele se sentou e tirou a camisa, a enfermeira pareceu se perder nos músculos dele, mas eu não me

importei. Ele segurava forte minha mão, principalmente quando ela se aproximou dele com uma agulha.

— Gabriella, será que pode apertar minha mão?

Olhei para a enfermeira, para a agulha e para Richard. O esboço de um sorriso finalmente apareceu em meus lábios.

— Eu não acredito no que eu estou vendo. Richard Becker tem medo agulha?

— Ah, por favor! Segure logo minha mão.

Aí sim comecei a rir.

— Eu não acredito.

— Gabriella!

Segurei a mão dele, ao perceber como ele tremia conforme a agulha se aproximava, abaixei-me de repente e o beijei, bloqueando sua visão da agulha e tirando sua atenção. Quando terminamos, a enfermeira já estava colocando o algodão no braço dele. Embora parecesse tonto, ele sorriu.

— Viu? Você nem sentiu.

— É, acho que vou começar a levar você para os

meus exames de rotina.

Eu sorri. Era como se ele estivesse salvando a minha vida naquele momento. Eu sabia que ele poderia nem ser compatível, provavelmente não seria, mas só o fato de estar disposto a se arriscar por Ben já me fazia amá-lo ainda mais.

E qual foi nossa surpresa e felicidade quando recebemos a notícia que Richard era compatível com Ben. Mais exames foram feitos, para ter certeza que o corpo de Ben não rejeitaria o órgão, mas incrivelmente eles eram compatíveis. Hora nenhuma Richard fraquejou ou pareceu assustado em fazer aquilo. Estava decidido a fazer a doação. Imediatamente começou a tomar os remédios imunossupressores.

Ben recebeu alta alguns dias antes da cirurgia até que tudo fosse preparado, não quis ir para a casa de Richard. Pediu que pegássemos alguns brinquedos para ele e quis ir para a nossa casa, onde poderia ter lembranças da mamãe. Ele estava visivelmente fraco de novo, mas sempre sorridente

e brincalhão.

Um dia, enquanto assistíamos à televisão, jogados no chão da sala, ele falou:

— Bella, se eu morrer vou ver a mamãe?

Eu me assustei e não respondi, quando ele me olhou, eu disse:

— Você ainda não vai morrer, querido. Ainda tem muito que aprontar.

— Mas e se eu morrer? Eu vou para o céu como ela?

As lágrimas já ameaçavam rolar por meu rosto. Olhei para Richard que estava sentado no sofá, e ele fez um gesto com a cabeça indicando que eu respondesse.

— Sim, meu amor. Você iria para o céu com a mamãe.

Ele se recostou em mim de novo. Depois de um tempo, perguntou:

— Mas o rim do Richard vai caber em mim?

Então foi Richard quem riu e explicou o procedimento, que o rim não seria colocado

exatamente onde estava o doente, mas que teria espaço suficiente no corpo dele para caber o rim saudável. Ao ver as lágrimas rolando por meu rosto, Ben me abraçou e passou o dedo pelo meu rosto secando as lágrimas.

— Não chora, Bella. Se o rim do Richard não couber em mim, eu não tenho mais medo de morrer.

— Não diga isso.

— Eu quero ver a mamãe, sinto falta dela. Você também é minha mãe, e antes eu não podia deixar você, tinha que ser forte. Mas agora o Richard vai ficar com você.

— Não é a mesma coisa, amor. Você ainda tem que ser forte, senão quem vai levar as alianças no meu casamento?

Ele abriu um enorme sorriso.

— Viu Richard? Ela falou sobre o casamento. É a primeira vez que ela concorda.

Mas nem Richard conseguia esconder a emoção daquela conversa. Ele apenas acenou e deu um

sorriso triste. Ben se recostou em mim de novo e me apertou o máximo que pôde com os braços finos.

— Eu te amo, Bella. Você é a melhor mãe do mundo. E eu vou viver até entrar no seu casamento e levar suas alianças.

Eu beijei o alto da cabeça dele.

— Acho bom mesmo, porque se não for você para levar minhas alianças, eu não me caso.

Ele sorriu e voltou a prestar atenção à televisão, enquanto eu tentei ser forte e não desmoronar na frente dele. Quando Ben dormiu, Richard me levou para o quarto e me abraçou e deixou que eu chorasse tudo o que passei a tarde toda guardando.

Na manhã seguinte, Ben estava dormindo demais. Fui acordá-lo quando percebi que ele não se mexia. Corremos com ele para o hospital, ele estava desmaiado e enquanto os médicos o examinavam, o doutor Silvio Andrade, responsável pela cirurgia que seria feita em

poucos dias, chamou Richard. Os dois estavam demorando muito e resolvi procurar. Os avistei perto de um bebedouro, e quando me aproximei, pude ouvir uma parte da conversa.

— Não há mais nada que possamos fazer, senhor Becker. A endoscopia digestiva feita mostrou que o tumor se espalhou. Ele não resistiria à cirurgia, ele não vai resistir por muito mais tempo.

— Como vocês não viram isso antes? — perguntou Richard aos gritos.

— Como o doutor Ferraresi te avisou antes, nos exames de sangue do menino constatamos algumas anomalias, mas não dava para ter certeza uma vez que ele não apresentava os sintomas. Mas em alguns casos os sintomas não aparecem até que essas células anormais já tenham se espalhado e substituído o tecido normal dos órgãos. No caso dele, sinto informar que foi assim, e os tumores já alcançaram os órgãos vizinhos.

— Tem que haver alguma coisa...

— O que está acontecendo? — interrompi com um fiapo de voz.

Richard pareceu em choque me notar ali. Ele olhou para o médico e ficou dando voltas. Eu não sabia do que eles estavam falando, mas tinha uma ideia e não queria de maneira nenhuma pensar nela.

O doutor Silvio se aproximou de mim e me arrastou até uma cadeira. Richard se sentou ao meu lado, as lágrimas corriam pelos olhos dele. Ele não disse nada, apenas segurou minha mão e fez um gesto de cabeça para o doutor, que começou a me explicar:

— Sinto muito, Gabriella, mas fizemos uma endoscopia no Benjamin hoje e descobrimos que ele está com câncer no estômago. O que acontece é o crescimento de células anormais no órgão, que fazem surgir pequenas lesões no tecido mucoso, essas lesões são conhecidas como tumores.

Eu não conseguia falar, tinha um milhão de perguntas para fazer, mas minha voz não saía.

Fiquei esperando que ele me dissesse como seria a cirurgia para a retirada desses tumores, se fariam primeiro uma biopsia, qualquer coisa. Mas o médico abaixou a cabeça e me disse:

— Infelizmente descobrimos tarde demais. Esses tumores já se espalharam atingindo outros órgãos e não há nada que possamos fazer.

Esperei um minuto para que ele dissesse que era uma brincadeira de mau gosto. Dois minutos para que ele desmentisse o que havia acabado de dizer. No terceiro minuto, o desespero me dominou,

— Como não há nada? Tem que haver alguma coisa, qualquer coisa! O senhor tem que tirar esses tumores de lá! Faça alguma coisa! — eu comecei a gritar e empurrei o médico.

Richard imediatamente me apertou contra ele me pedindo calma, mas eu não queria ficar calma. Eu queria quebrar as coisas, queria gritar, queria acordar daquele pesadelo e descobrir que era tudo mentira.

— Sinto muito, Gabriella. Nós estávamos mais

concentrados no transplante de rim e esses tumores se espalharam rápido demais. Ele nem teve os sintomas comuns.

Eu não queria mais ouvir, comecei a gritar de novo, Richard tentava me conter, mas eu gritava ainda mais, então dois enfermeiros seguraram meu braço, alguém enfiou uma agulha em mim, e tudo ficou escuro.

Quando acordei, me sentindo tonta, avistei Richard sentado numa cadeira, próxima. Estava com a cabeça apoiada na mão e chorava.

— Ben. — eu disse tentando me levantar e ele se aproximou de mim e me impediu de sair da cama.

— Ele está vivo, Gabriella. Ainda está.

Eu não queria aceitar. Queria vê-lo. Queria entrar no quarto em que ele estava e descobrir que ele estava sorrindo, e perguntando quanto tempo demoraria para o cabelo dele crescer.

Mas a realidade era bem diferente.

Quando entrei no quarto em que Ben estava, ele

estava dormindo, foi o que as enfermeiras disseram. Havia vários fios ligados a ele. Disseram-me que já haviam feito a biopsia, mas eu não escutei mais nada, de que adiantaria? Eu me sentei ao lado da cama e peguei a mão dele, estava gelada. Percebi que ele devia estar com frio e o cobri. Até o meio da madrugada ele continuou assim. Richard não saiu hora nenhuma de perto de mim.

Com o dia amanhecendo, resolvi ligar para Isabel. Não tinha forças para falar nada, só disse que se ela quisesse se despedir de Ben, precisava ser rápida. Deivid e Bárbara passaram pelo hospital para vê-lo. Mas não deu tempo de Isabel chegar, Ben faleceu às nove e quinze da manhã, algumas horas depois de eu ter ligado para ela.

Eu não cuidei de nada. Não escolhi cemitério, caixão, nada. Tomei um banho de uma hora e depois me joguei na cama e chorei. Durante a noite, Richard entrou no meu quarto e se deitou comigo, eu me aconcheguei a ele e choramos

juntos. Stacie veio me avisar algumas horas depois que Isabel havia chegado, mas eu não queria vê-la, não queria ver ninguém e Richard é que foi acomodá-la.

Só vi Isabel na hora do enterro de Ben. Eu sabia que deveria me aproximar dela, mas não tive forças. Fiquei o tempo todo recostada em Richard, já não conseguia mais chorar, mal conseguia abrir meus olhos, de tão inchados. Vi o tamanho do caixão e me perguntei por que Deus permitia que uma alma tão pequena passasse por tudo aquilo. Rezei para que ele encontrasse minha mãe no céu e que ficasse ali com ela, e que se isso não acontecesse, ele não me odiasse por ter mentido para ele.

Quando o enterro chegou ao fim, finalmente me aproximei de Isabel, ela se lançou em mim, me abraçou e me dizia que ia passar, mas eu sabia que não passaria, nunca passaria. Voltei para casa com Richard, que não saiu de perto de mim.

Uma semana depois da morte de Ben eu ainda

não tinha saído de casa, mal saía do quarto. Richard ficou comigo o tempo todo, sempre cuidando de mim, nunca me repreendia por chorar tanto, me obrigava a comer e era ele quem me dava banho, eu não tinha forças para nada. Isabel também ficou a semana toda em casa, doando as coisas de Ben, os remédios que ainda tinha. Richard disse que ela fez uma doação de medula óssea, mas nem assim saí do quarto para vê-la.

Uma noite, estava deitada, perdida em pensamentos, quando ouvi uma gritaria. Enrolei-me em meu roupão e finalmente saí do quarto. Isabel estava sentada no sofá enquanto Richard e Deivid pareciam se enfrentar.

— Você tem que sair dessa casa agora! Essa reclusão não está fazendo bem a ela! Alguém tem que fazê-la voltar a viver. — Deivid falou.

— É muito cedo. Devemos respeitar o tempo dela. — respondeu Richard.

— Tempo? Ela já teve tempo! Já se passaram dez dias! A dor não vai melhorar, ela não precisa

continuar trancada no quarto!

— Se é lá que ela quer ficar, é onde vai ficar!

— Deivid, eu detesto concordar com ele, mas ele está certo. Ela foi a mãe dele nesse último ano. Se alguém está sofrendo pela morte dele é ela. Deixe-a ficar no quarto o tempo que precisar. O que não é necessário é sua presença aqui, Richard. Eu cuido dela. Você pode voltar para sua vida. — disse Isabel.

Richard não se virou para ela, eu o via de costas, mas podia sentir como estava nervoso.

— Eu não vou sair de perto dela a menos que ela me peça isso.

— Ela não precisa da sua pena! — rebateu Isabel se levantando também.

— Ela sabe que não é isso que estou dando a ela!

— Como se você pudesse cuidar de alguém! Como se você se importasse! — gritou Deivid.

— E quem é você para me julgar? Quando ela mais precisou de você, quando o mundo dela virou de pernas para o ar, você a abandonou! — acusou

Richard.

— Isso não é verdade, ela me abandonou! Eu a amo!

— Ama mesmo? Porque ela não teve escolha, mas o tempo todo você sabia onde ela estava e sabia o que ela estava enfrentando e em nenhum momento você veio aqui para ficar com ela! Se queria cuidar dela, deveria ter largado tudo, seu emprego de merda, sua vida e vindo com ela, para cuidar dela, para aliviar a dor que ela sentia, mas você não foi homem para fazer isso!

Deivid partiu para cima de Richard e Isabel entrou no meio. Eu queria fazer alguma coisa, mas só conseguia ficar ali, parada, querendo sumir daquela casa onde todos gritavam e tudo me lembrava Ben.

— Você está certo Richard. Nós falhamos com ela, mas isso não faz de você o dono dela. Você fez o que podia, agora é hora de deixar que a família dela resolva isso. — falou Isabel.

— Mesmo? E como pretende fazer isso Isabel?

Desligando o telefone quando ela ligar? Ou fazendo-a acreditar que sua mãe deu a ela a responsabilidade sobre Benjamin, quando você sabia que ela ligou primeiro para você? Foi você que ela procurou, era você que deveria ter ficado com ele! Por que não disse isso para a Gabriella? Por que ao menos não dividiu a sua responsabilidade com ela? Você a deixou sozinha! Ela carregou tudo nas costas sozinha! E você não prestava nem para atender a porra do telefone quando ela ligava!

Isabel deu um passo para trás e finalmente me viu ali. As palavras de Richard ainda explodiam em minha mente, e eu não estava conseguindo assimilar. Isabel correu até mim e segurou minhas mãos.

— Como se sente querida?

— Ela ligou primeiro para você?

Isabel piscou os olhos e afastou as lágrimas com a mão, mas não me respondeu.

— Me responde! Ela ligou para você?

— Bella, por favor, entenda. Eu não podia largar minha vida, o emprego a que custei conseguir e vir para cá para cuidar do Ben. Eu não saberia fazer isso. Não conseguiria cuidar dele.

— Ela ligou para você? — gritei.

— Sim, ela me ligou. Mas eu disse que não ficaria com ele, disse que era responsabilidade dela. Nós brigamos e... Ah Bella, acho que a culpa da morte da mamãe foi minha!

Eu já não ouvia mais nada. No dia 22 de abril de 2012 recebi uma ligação da minha mãe, ela parecia desesperada. Me fez prometer que cuidaria de Ben se alguma coisa acontecesse a ela e eu prometi. Eu jurei repetidas vezes que cuidaria dele. Poucas horas depois ela jogou o carro de uma ribanceira e tirou a vida. Desde então eu larguei tudo para cuidar dele, ele se tornou minha vida. Eu o amo mais que tudo no mundo, sempre ameí e não me arrependi do que fiz, mas sempre me perguntei por que eu? Por que minha mãe me fez largar tudo e me deu uma responsabilidade

que eu não estava pronta para receber? Sempre me perguntei se ela não pensou em mim, em como eu me sentiria sem uma mãe e de repente com um filho em estágio avançado de leucemia. Sempre me perguntei se ela não parou para pensar que eu não era ela, não tinha a força dela, que eu não aguentaria passar por aquilo sem perder minha própria vida. E de repente descobrir que não foi para mim que ela deu essa missão, não foi eu que ela achou que seria capaz de cuidar do Ben, mas a Isabel. A Isabel que era mais velha e mais responsável. A Isabel que não tinha um noivo e uma vida toda planejada. A Isabel que sempre me disse que não entendia porque nossa mãe havia deixado tudo em minhas costas e nunca moveu um dedo para me ajudar.

Percebi que ela chorava e me sacudia, mas me afastei dela e corri para os braços de Richard. Eu não precisei falar nada, ele me apertou contra ele e tentou me acalmar.

— Viu o que você fez? — Isabel gritava para ele.

— Me tira daqui Richard, por favor. — pedi num sussurro, e ele imediatamente me pegou no colo e mesmo com os protestos de Deivid e Isabel, me levou dali para a casa dele.

Uma semana mais tarde, eu ainda estava na casa de Richard. Ele tinha mandado alguém buscar minhas coisas, e aos poucos, ele me convenceu a sair do quarto. Nós passeávamos pelo jardim, e eu me sentia mais calma ali.

Consegui entrar no quarto que ele tinha feito para Ben e até o ajudei a doar aqueles brinquedos para uma instituição de crianças com câncer. Richard também fez uma generosa doação para a instituição.

Ben havia partido há dezoito dias, e a dor parecia não passar, mas eu já não tinha lágrimas para chorar. Percebi que Richard não havia saído do meu lado desde então, não estava indo trabalhar, não saía de casa, nada. Pedi que ele retomasse sua vida, mas ele não aceitou sair do meu lado até que

eu estivesse bem. Quando eu achava que estava melhor tinha pesadelos durante a noite. Sonhava com Ben caindo, e eu não conseguia segurar sua mão. Sonhava que minha mãe jogava o corpo sem vida dele em Isabel, mas ela se afastava e ele caía no chão, então eu corria até ele e tentava acordá-lo.

Richard sempre estava ao meu lado quando isso acontecia. Abraçava-me, dizia que tudo ia ficar bem, e eu me sentia melhor.

Numa dessas noites em que acordei de um pesadelo, ele me puxou para o colo dele e nos recostamos na cama. Ele acariciava meu cabelo e dava beijos no meu ombro, me acalmando, eu não sei o que teria sido de mim sem Richard ao meu lado. Afastei-me e sentei de frente para ele.

— Obrigada. — pensei em um milhão de coisas que queria dizer, mas foi a única coisa que saiu da minha boca.

— Você não tem que agradecer, meu amor. Eu disse que você não estava sozinha.

Eu queria que ele soubesse, queria que ele visse dentro da minha mente o quanto eu o amava e o quanto eu era grata por tudo o que ele estava fazendo, mas não sabia como expressar isso.

— Você queria fazer o transplante mesmo sabendo que ele ia morrer? — perguntei.

— Bella, eu queria fazer qualquer coisa, qualquer coisa que pudesse salvá-lo. Eu teria doado o que fosse necessário, teria feito tudo, não me importava. Eu faria qualquer coisa para não te ver assim.

As lágrimas que rolaram por meu rosto naquele momento não eram de tristeza, mas de emoção.

— Eu te amo. — disse num fio de voz.

Ele sorriu pela primeira vez em dias.

— Eu também te amo, meu amor. Muito. Vem aqui.

Eu pulei nos braços dele e ele me fez esquecer por um momento tudo o que estava acontecendo.

Duas semanas depois, eu estava arrumando a

casa. Tinha voltado para minha casa há uma semana. Richard foi me visitar nos três primeiros dias. Depois disso, não me procurou mais e eu também não o procurei. Eu o amava com toda minha alma, mas tudo o que tínhamos planejado, os sonhos de vivermos juntos, de Ben entrar em nosso casamento carregando as alianças, tudo isso parecia longe demais, irreal demais. A felicidade não seria mais completa. Eu nunca mais seria a mesma. Ele não veria mais aquela Gabriella atrevida e cheia de vida que ele amava. Ele veria o caco em que eu havia me transformado.

Isabel havia ido embora um dia depois que fui para a casa de Richard, e me surpreendi quando ela entrou em casa como um furacão.

— Gabriella, eu sei que você me odeia agora, mas precisamos conversar.

Eu assenti e nos sentamos.

— Bella, eu sinto muito. Eu sei que o que eu fiz não tem perdão e vou entender se você nunca mais olhar na minha cara, mas eu tive medo. Medo de

largar tudo, de abandonar minha vida e não dar conta de cuidar do Ben. Eu não sou corajosa como você. Sei que deveria ter te contado, mas tive mais medo ainda. Você e Ben eram minha única família e eu não queria perder vocês também. Eu queria ter vindo mais vezes, ter ajudado vocês, mas eu sentia culpa, eu sentia tanta culpa, que não atendia quando você ligava. Era mais fácil fingir que nada estava acontecendo, não saber as dificuldades que você enfrentava com Ben. Senão eu não seria capaz de dormir a noite. Bella, me perdoa.

Eu sabia que ela estava errada, sabia que não deveria perdoar, eu jamais esqueceria o que ela fez, não a mim, mas ao Ben. Mas ela era a única família que eu ainda tinha.

— Tudo bem Isa, eu perdoo você. Eu não digo que entendo, sequer que vou esquecer o que você fez algum dia, mas eu te perdoo.

Ela pulou em mim e me abraçou chorando. Eu não chorei, não tinha mais lágrimas. Quando se

afastou, ela olhou em meus olhos.

— Onde está o Richard?

Dei de ombros e esperei que ela comesse o sermão por eu ter preferido ficar com ele do que com ela, mas ela me surpreendeu ao dizer:

— Eu estava errada, Bella. Eu conhecia o Richard, mas o Richard que eu conheci, não é o mesmo que estava aqui com você. Esse Richard que eu vi aqui, ama você, e faria qualquer coisa por você. Dói-me dizer isso, porque ele nunca olhou para mim como ele olha para você, mas não o deixe escapar.

— Isso não depende só de mim, Isa.

Ela pareceu confusa.

— O que quer dizer com isso? Bella, esse homem te ama.

— Às vezes isso não é suficiente.

— Do que está falando? O que aconteceu?

— Nada, não aconteceu nada. Eu não o vejo há três dias e não quero vê-lo. Eu sei que você vai me chamar de louca, mas falta alguma coisa, algo não

se encaixa na gente mais.

— Você realmente só pode estar louca! Bella, estamos falando de Richard Becker! O homem que te amou e cuidou de você! Aliás, a única pessoa que fez isso por você.

— É aí onde quero chegar. Richard é um homem poderoso, mas solitário. Ele tinha os demônios dele, e a forma que encontrou de se redimir foi cuidando de mim. Eu era uma mulher frágil, sozinha e com um menino doente, para ele cuidar de nós era fácil, era como uma obrigação, uma forma de acertar as contas com a consciência dele. Ele não me ama de verdade, Isa. Agora que o Ben se foi, ele não tem mais essa obrigação, a obrigação acabou no momento em que eu consegui ficar de pé de novo.

— Você só pode estar louca! Bella, olha o que está falando? Você então está dentro da mente dele para saber o que ele sente?

— Não existe esse nível de amor que ele demonstrou. Não entre um homem e uma mulher

que não tenham laços de sangue.

— Mas o que está falando agora? Por caso você não o ama?

— Eu não sei mais o que é amar, Isa. Não sei diferenciar o que foi amor no que vivemos e o que foi gratidão porque ele foi o único que me estendeu a mão. Da maneira assustadora dele, mas fez isso.

— Está me dizendo que não o ama? E você tem certeza disso?

— Estou dizendo que não sei mais amar. E não quero mais, é isso o que estou dizendo.

Após uma tarde batendo boca pelo mesmo assunto, finalmente minha irmã percebeu que não me convenceria, e então me convidou para ir morar com ela em Belo Horizonte. Talvez fosse isso que eu precisava. Sair dali, retomar um passado, terminar a faculdade. Ficar sozinha.

Capítulo VINTE

Com as malas prontas, pedi que Isabel me esperasse e fui resolver as coisas com Richard. Ele fez muito por mim e eu devia muito a ele. Nunca seria capaz de recompensá-lo por ter sido meu porto seguro e de Ben, e queria me despedir dele e agradecer mais uma vez. Além do mais, estava com uma coisa dele e precisava devolver.

Entrar no edifício de luxo pela última vez não doeu como eu achei que doeria, eu já estava desligada desse tipo de emoção, era bom, assim não doeria quando eu dissesse adeus a Richard. Os seguranças me cumprimentaram e respondi da melhor maneira que pude, subi até o décimo primeiro andar, e Lucia nem tentou me impedir quando caminhei até a sala de Richard.

Ele estava concentrado na tela do computador e não me viu entrar. Fiquei um tempo apenas observando-o, reparei nas olheiras em volta dos olhos, a barba por fazer, a aparência cansada. Bati

a porta ao fechar e ele se assustou e finalmente olhou para mim. Seus olhos verdes me avaliaram por um tempo, depois ele se levantou, veio até mim e parou na minha frente. Não me tocou, não me beijou, não sorriu.

Eu não estava imaginando coisas, o que havia entre nós morreu no momento em que sequei a última lágrima por Ben. Ele esperou que eu falasse alguma coisa, mas eu não tinha forças para falar, nem sabia como começar. Percebendo, ele começou:

— Oi, desculpa ter sumido esses dias. Eu fiquei muito tempo sem vir à empresa e as coisas acumularam.

— Tudo bem, não precisa se desculpar.

O clima entre a gente era péssimo, como se fôssemos estranhos. Eu não tinha mais meu porto seguro. Talvez nem precisasse mais de um.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou.

— A Isabel veio à cidade...

Antes que eu terminasse de falar, ele se

aproximou e pegou minha mão.

— Eu sinto muito, Gabriella, se tivesse me ligado eu teria ido ficar com você.

— Obrigada, mas não foi preciso. Nós conversamos e resolvemos as coisas. E ela...

Precisei respirar antes de dizer.

— Ela me chamou para ir morar em Belo Horizonte.

Sua expressão não se alterou em nada quando eu disse aquilo, ele continuou me olhando. Quando eu ia dizer que estava indo, ele disse.

— Você não vai!

— Como?

Ele piscou e colocou as mãos na cabeça, respirou fundo e voltou a olhar para mim.

— Desculpa, eu não estou te proibindo, você não pretende ir, não é?

— Richard, minha vida está lá. Eu tinha tudo lá, e só larguei tudo por causa de Ben. Era por causa dele que eu estava aqui, mas agora, não tenho mais motivos para ficar.

Eu o magoei. Percebi pela forma como seus olhos brilharam e ele pareceu em choque.

— Me desculpa, Richard. Eu nunca, nunca vou poder agradecer por tudo o que você fez por mim.

-Pode parar, Gabriella. Eu não fiz nada para receber agradecimento depois.

Ficamos em silêncio por mais alguns minutos, por fim, eu tirei o anel do dedo e estiquei a mão para que ele pegasse, mas ele negou com a cabeça.

— Isso é seu, nunca vai pertencer a nenhuma outra pessoa.

Meu coração deu um pulo nessa hora e eu o coloquei em cima da mesa.

— Você ainda vai entregá-lo para a pessoa certa, Richard.

Ele não disse nada, eu não olhei para ele.

— Eu só queria me despedir. E dizer obrigada, mais uma vez, por tudo.

Ele assentiu, suas mãos cobriam seu rosto e eu não pude vê-lo. Percebi que aquele era o fim e fui

em direção à porta. Porém, antes que eu a alcançasse, ele me puxou e me abraçou, e sua boca já estava na minha. Ele me beijava com desespero de novo, mal respirávamos com tanta urgência. Eu precisava daquele beijo, queria me lembrar dele assim, meu amor intenso, meu amor arrebatador.

Quando ele se afastou, vi as lágrimas correndo por seu rosto. Eu as sequei com os lábios, como ele fez comigo. Esperei que me pedisse para ficar, pois se ele pedisse, eu ficaria. Eu aprenderia a amar de novo e ficaria com ele. Mas ele não me pediu, ao invés disso, disse:

— Seja feliz, Gabriella. Termine sua faculdade, viva sua vida, saia muito. Só não vou permitir que volte para aquele idiota, e não se envolva com ninguém, mas no resto, aproveite.

— Eu não estou voltando para ele, Richard.

— Eu sei, mas tome cuidado, Gabriella.

O clima ficou tenso de novo, ele me abraçou e disse no meu ouvido.

— Me perdoa. Eu sempre fui um perfeito idiota com você, eu te machuquei, te chantageei, eu queria que você me odiasse. E depois eu já não podia me perdoar por tudo o que fiz com você.

— Não diga isso, eu já te perdoo há muito tempo.

As lágrimas que eu achava que não tinha mais, voltaram a correr.

— Eu nunca vou ser bom o suficiente para você Gabriella, eu sou um monstro.

— Não. Você se redimiou. Você pode ter sido um monstro no passado, mas você se redimiou. Você foi a melhor coisa que me aconteceu, Richard.

Ele sorriu, um sorriso triste.

— Você foi minha redenção, Bella.

Senti meu corpo arrepiar ao ouvir o apelido saindo da boca dele.

— Eu sei. E você foi minha força. Agora somos pessoas melhores.

Ele concordou com a cabeça e eu me afastei dele. Soprei um beijo e andei até a porta. Quando a

abri, ele me chamou.

— Gabriella, não se esqueça, você ainda me deve sua vida.

Eu sorri e saí, me despedindo de uma vez por todas de Richard Becker. Assim que saí da empresa Christopher me parou:

— Você não pode ir embora!

— Não tenho mais nada para fazer aqui.

— Então venha comigo. Droga, Gabriella, vem comigo! Me deixa ficar com você, eu prometo te levar daqui para onde você quiser e cuidar de você. Eu não vou te abandonar, eu te amo.

— Não existe esse tipo de amor, Christopher, você mais do que ninguém sabe disso. Eu tenho que ir.

Quando dei um passo, ele me puxou e me beijou. E eu não senti nada. Não era como Richard, nunca seria como ele. Nenhum beijo mais. Quando percebeu que eu não correspondia, ele se afastou e eu fui embora, nem olhei para trás. Essa história não acabou bem, nenhum de nós três ficamos bem

no final.

Cheguei a Belo Horizonte e fui recebida pelo calor insuportável. Isabel falou o caminho todo de como Richard tinha me deixado ir embora, ela não entendia. Stacie me ligou a viagem toda dizendo que eu era uma burra que estava cometendo uma loucura, mas ninguém precisava me dizer isso.

Eu pretendia chegar a BH e arrumar um emprego, mas no dia seguinte a minha chegada, adoeci. Vomitava muito e fiquei de cama, mal tinha força para abrir os olhos. Nos momentos em que acordava, via Deivid e Isabel desesperados perto de mim, eu não aceitava ir para um hospital.

Não tinha forças, talvez fosse melhor não passar por tudo o que Ben passou, talvez fosse melhor simplesmente desistir e esperar, e minha mãe de repente não me parecia mais a louca por não ter feito a quimioterapia de Ben antes.

Uma noite, dessas que eu dormi mais de doze horas direto, acordei apenas para vomitar, mas

quando voltei para o quarto, Deivid e Isabel me aguardavam. Contra a minha vontade me levaram para o hospital. O resultado não podia ser outro, eu estava com uma anemia profunda. Rapidamente me colocaram no soro, enquanto uma médica acalmava Isabel que estava histérica, dizendo para ela que eu não ia morrer, era só uma anemia.

Isabel disse que nosso irmão tinha leucemia, mas mesmo assim a médica continuou tentando acalmá-la. Receitou-me um monte de vitaminas e injeções, verduras e frutas, e uma alimentação que eu teria que seguir rigorosamente. Eu nem estava ouvindo o que ela falava, só prestei atenção quando ela disse uma coisa. Que quase me fez desmaiar de novo:

— Ela vai ficar internada por uns dias, até que a gente possa saber se essa anemia está afetando o bebê.

— Que bebê? — Isabel e eu perguntamos juntas. A médica nos olhou e pareceu compreender.

— Você não sabia. Parabéns mamãe, você está grávida. Pelos exames seu bebê já está com oito semanas.

Não deu para saber quem ficou mais em choque, Isabel ou eu. Eu nem reagi, e no final, foi Deivid o primeiro a dar um grito de raiva, sair socando paredes e gritando que ia matar Richard. Eu ainda não tive reação. Não podia acreditar, eu não podia estar grávida, não quando ia recuperar minha vida, isso não podia estar acontecendo.

Isabel conversou comigo e me acalmou, disse que não era o fim do mundo, Richard com certeza daria de tudo para o filho, poderia ir vê-lo quando quisesse. Eu não precisaria parar minha vida por causa do bebê. Mas eu ainda estava em choque. Eu perdi um filho, e ganhei outro. Mas eu não queria outro filho, queria Ben. E esse ser na minha barriga era meu, meu sangue e de Richard. Será que se pareceria com ele? Teria seus olhos verdes? Seu sorriso?

Num dos dias em que me recusei a tomar a sopa

roxa que estava tentando me dar, a médica me deu uma bronca.

— Parabéns mamãe, pelo visto quer que seu filho tenha o mesmo destino do seu irmão.

Eu arregalei os olhos que se encheram de água, e ela se aproximou.

— Vou ser bem clara, Gabriella, eu tenho sido boazinha porque sei que está em choque com tudo o que tem acontecido, sua irmã me explicou. Mas agora não é só você. Tem uma vida dentro aí dentro, que só se alimenta, quando você se alimenta. Se você quer ficar fraca e morrer, faça isso depois que o seu bebê nascer. Ou você quer levá-lo junto?

— Não quero machucar o meu bebê.

— Ótimo. — ela respirou fundo. — Me desculpa, mas toma essa sopa.

Eu rapidamente peguei a sopa horrorosa e tomei tudo.

Dois meses depois, minha barriga quase não se

notava, mas meus seios estavam inchados e Isabel dizia que eu tinha um brilho no olhar. Eu me sentia bem, sorria de novo. Fiz uma ultrassom e não deu para ver o sexo do meu filho. Mas eu já havia decidido, se fosse um menino se chamaria Benjamin, como meu pequeno. Ainda não tinha dado a notícia a Richard. E Stacie me deixava louca.

Começou quando eu me mudei, ela me ligou assim que saí do hospital para dizer que Richard tinha bebido todas e sido atropelado. Eu levei um susto, mas ele quebrou a mão e mais nada.

Umas três semanas depois ela disse que ele tinha se envolvido numa briga no Hot e sido preso. Disse que ele estava um trapo, e que chegou a ir à minha antiga casa e ficar na porta bêbado, gritando meu nome. Meu coração doeu por ele, mas eu sabia que ele ia superar, e foi por isso que não contei nada a ele. Não era o momento. Precisava que ele voltasse a ser o Richard forte de sempre, até assustador, para assumir as rédeas e

cuidar do nosso filho, eu não faria isso sozinha.

Uma tarde, Deivid apareceu quando Isabel não estava. Nós almoçamos juntos e durante todo o tempo ele ficou me falando sobre coisas do nosso passado, sobre os planos que fizemos, o quanto nos amávamos, como teria sido nosso casamento. Era estranho ter esse tipo de conversa.

Quando eu voltei para Caxambu, para cuidar do meu pequeno, eu sonhava com esse casamento. Imaginava como seria, se ele pensava nisso. Mas depois de viver o que vivi com Richard, de experimentar aquele tipo de amor, intenso, obsessivo até, não queria nenhum outro tipo de amor. E ouvir Deivid falar sobre o que poderíamos ter vivido já não me fazia imaginar nada, me parecia uma coisa estranha, como outra vida, outra Gabriella.

E comecei a pensar em Richard, em como seria se Ben tivesse sobrevivido. Se teríamos mesmo nos casado, mas não, não teríamos. Eu fui a

redenção de Richard, apenas isso. Tive meu papel, que foi cumprido, e ele está melhor agora. Quando se apaixonar de novo será um homem melhor, mais controlado, bom. Um sorriso triste surgiu em meu rosto ao imaginar Richard, que era um furacão, como um homem calmo. Não combinava com ele.

Voltei a mim quando Deivid pegou minha mão, ele me olhava nos olhos e fiquei sem graça por estar com a cabeça em Richard, em vez de prestar atenção nele.

— Esse filho que você carrega deveria ser meu. Se tivéssemos nos casado, ele seria nosso filho.

O rumo dos pensamentos dele me assustou. Afastei minha mão e me levantei sem graça.

— Não era para ser, Deivid.

— Ele estava certo, sabe. O Richard. Eu não mereço você. Não fiquei ao seu lado quando você mais precisou de mim. Eu mereci perder seu amor. Mas ele também não o merece.

— Você está errado. Todos merecem ser amados.

Você vai encontrar alguém que o ame muito. E o Richard, eu não sei mais amar, mas se soubesse, eu o amaria. Não conheço ninguém que mereça mais amor do que ele.

Ele assentiu cabisbaixo e se despediu. Senti muito por tê-lo magoado, mas eu precisava ser clara, e não permitir que nossa reaproximação provocasse ilusões errôneas. Ele era um amigo, não passaria disso.

À noite, uma chuva forte caía na cidade. Isabel ainda não havia chegado e me preocupei. Tentei ligar, mas ela não atendia. Até que alguém bateu na porta. Achei que ela tivesse esquecido a chave de novo, mas assim que abri, me deparei com ele, Richard. Estava todo molhado, pingando água, os olhos mais verdes do que eu me lembrava, seu cabelo estava mais comprido, ele parecia mais magro, mas sua expressão ainda era a mesma segura e assustadora de sempre.

— Oi, Bella.

— Richard.

As palavras quase não saíram, o coração descontrolado no meu peito, quase me impedia de respirar. Ele estava ali. Na minha frente. E eu não sabia sequer começar a explicar o turbilhão de emoções que me dominou por vê-lo de novo.

— O que faz aqui? — consegui perguntar.

— Pode me deixar entrar?

Deixei que ele entrasse e peguei uma toalha para que pudesse se secar. Enquanto tirava a camisa molhada e secava o cabelo, ele não tirava os olhos de mim. Em nenhum momento deixou de me avaliar. Seus olhos se prenderam por um momento maior na minha barriga. Ele sabia. Por isso estava ali. Achei que fosse brigar por eu não ter contado, mas ele parecia calmo, apenas me observando.

— Você está ainda mais linda, e não achei que isso fosse possível.

Não respondi. Não sabia o que dizer. Quando ele terminou de se secar, consegui falar alguma coisa:

— Se está aqui por causa do bebê, eu ia te

contar. É só que...

— Eu não estava sendo homem o suficiente para receber uma notícia dessas, não é mesmo?

Assenti e ele continuou me olhando. Eu nem sabia explicar o que senti ao vê-lo ali. Tão perto de mim. Entre a incerteza do que deveria fazer e a vontade de pular nos braços dele, a vontade de pular nele era maior, mas eu me controlava. Ele estava ali por causa do filho.

— Não pretendo afastá-lo do seu filho. Nunca pensei nisso. — expliquei.

— Que bom. Uma briga a menos, já que nunca permitiria que fizesse isso.

— Como você soube?

Mentalmente já comecei a brigar com Stacie, mas ele me surpreendeu ao dizer:

— Isabel me mandou gentilmente uma cópia da sua ultrassom por e-mail.

Engasguei. Isabel? O que? Como? Quando?

— Você fez bem em não me contar de imediato. Eu estava meio perdido, Bella. Andei fazendo

umas besteiras. Esse era o momento certo.

— Não entendo. Se não está aqui para brigar por eu não ter dito nada, por que está aqui?

Ele jogou a toalha no sofá e se aproximou de mim.

— Estou aqui para te buscar.

Pisquei os olhos, confusa, e ele deu mais um passo na minha direção. Estava tão perto, que eu podia sentir o frio de seu corpo molhado me causando arrepios.

— Eu já te dei tempo o suficiente, Bella. Agora você vai voltar comigo. Para a nossa casa.

Neguei com a cabeça, ainda confusa, ele me deixou ir embora, não deixou? Ele mesmo disse que eu deveria ser feliz, aproveitar, curtir. Que papo era aquele de ir me buscar? Dei um passo para trás no instante em que ele tocou meu rosto e imediatamente seus braços me prenderam e ele me puxou para junto dele. Então sua boca já estava na minha. Voraz, faminta. Ele me apertava tanto que eu mal respirava, mas não podia me afastar. Como

eu precisava dele!

Ele se afastou um pouco para respirarmos e sussurrou:

— Como eu senti sua falta. Estava enlouquecendo sem você.

Voltei a mim e me afastei. Ele permitiu que eu saísse de seus braços. Minha roupa estava molhada, e fazia frio, mas não me importava. Meu coração estava acelerando como um louco, e meu corpo todo em alerta. Ele estava ali.

— Eu não entendo. Achei que tivéssemos acertado tudo. Você me deixou vir embora.

— Eu nunca disse isso.

O encarei confusa e ele se aproximou de novo, pegando minhas mãos, falou confiante, olhando em meus olhos.

— Eu fiz tudo o que pude por você, Bella. Eu prometi que a faria feliz. Mas quando o Ben se foi, uma parte de mim também se foi. Eu senti. Não sabia mais o que fazer. Eu queria cuidar de você, mas não conseguia apagar aquela tristeza, não

consegui colocar seu sorriso de volta. Eu não sabia mais o que fazer. Quando você saiu da minha casa, pensei em te dar um tempo. Achei que precisaria de uns dias a sós na casa em que se lembrava mais dele. Você sabia que podia me procurar. Mas quando você apareceu dizendo que queria ir embora, que não tinha mais nada que a prendesse ali, ah Bella, eu nunca quis tanto dar uma surra em você.

Arquejei em espanto e tentei me afastar, mas ele me puxou de volta para seus braços.

— Você é minha redenção, o que mais importa. Eu não podia te obrigar a ficar na cidade, no estado em que estava, só porque eu não queria perdê-la. Então deixei você ir, eu te dei um tempo, apenas isso. Nunca disse que era para sempre. Nunca disse que era o fim. Pelo contrário, eu fui claro com você, disse que não deveria tirar o anel do seu dedo, que ele era seu. Eu a lembrei que você ainda devia sua vida a mim. Você não prestou atenção nisso? Eu tive que deixá-la ir para

me redimir, mas nunca disse que era para sempre.

Ele passeou os dentes pelo meu pescoço me deixando ainda mais confusa. Então me afastei de novo para reorganizar meus pensamentos.

— Eu teria ficado se você tivesse pedido. Richard, você me desejou felicidades, que eu saísse, curtisse.

— E disse que não permitiria que se envolvesse com seu ex, que não era pra você se envolver com ninguém. Você achou que era o fim? Que eu a deixaria ir embora?

Ele passou as mãos pelos cabelos e andou até mim, segurando meu rosto.

— Gabriella, não acredito que depois de tudo ainda não tenha aprendido como eu sou. Eu amo você, eu te disse isso, eu te mostrei isso. Como pôde achar que eu simplesmente a deixaria ir embora? Eu nunca faria isso. Nunca farei. Você me pertence, Bella, você me disse sim e eu avisei que era para sempre.

— Mas, mas...

- Não tem *mas*. Você é minha, lembra? Para sempre. Já dei tempo o suficiente, você já se recuperou. Ainda vai ser difícil, mas não precisa mais enfrentar isso sozinha. Eu estarei com você.

O que ele estava falando? Eu não estava pronta para voltar. Não estava pronta para ficar com ele, eu não sabia mais amar, não queria. Ben não estaria lá, não seria a mesma coisa.

— Eu não vou voltar, Richard. Você não entende. Não vai ser como antes. Eu não sei mais amar.

Ele beijou levemente meus lábios.

— Então eu vou ensiná-la.

— Mas você me disse que também não sabia.

Ele sorriu e me beijou novamente.

— Eu aprendi Bella, eu aprendi.

Antes que eu pudesse contestar de novo ele me puxou, tomando minha boca e me arrastou até o sofá. Pedi que ele me levasse ao quarto, o que ele fez mais do que depressa. Mal me depositou na cama, meu vestido já estava no chão. Ele tirou

rapidamente a roupa e se encaixou no meio das minhas pernas.

— Nunca mais vou me afastar de você. Você vai ter que aprender a pedir ajuda, porque não darei mais tempo algum. Isso quase me matou.

Então sua boca tomou a minha de novo e ele me penetrou. E eu sentia tanta falta de tê-lo que lágrimas correram por meu rosto.

Eu o amava. Desesperadamente.

— Eu te amo. — sussurrei.

— Eu também te amo, amor. Loucamente. Desesperadamente.

Eu sorri e o puxei para mais perto. Ele acelerou os movimentos, e olhou em meus olhos, dizendo com dificuldade.

— Ainda sou o mesmo. Ainda enlouqueço perto de você. Ainda perco o controle se você não está. Você é minha fraqueza. Você sabe, ainda vou fazer um monte de *cagadas*.

Eu sorri e gemi ao mesmo tempo.

— Não importa. — sussurrei. — Eu amo você

assim mesmo, intenso, louco, idiota.

Ele sorriu de volta e voltou a me beijar, e esqueci tudo ali, com ele, sendo dele. Não havia como negar, no final das contas, ele venceu. Eu era dele. Richard Becker sempre consegue o que quer.

Agradei e dei uma bronca em Isabel ao mesmo tempo pelo favor que ela me fez, e por ter contado sem me avisar sobre o bebê a Richard. Quando estávamos indo, ela me abraçou e disse.

— Seja feliz, Bella. Finalmente seja feliz. Ele a ama. Não sabe como foi o e-mail de resposta depois que enviei a ultrassom, acho que nunca vi tanta felicidade expressada em palavras. Confesso que no começo, quando cheguei a Caxambu e vi a forma como ele a protegia, como a amava, fiquei me perguntando o que você tem que eu não tenho.

— Isabel.

— Não, me deixa falar. Você conseguiu o que eu tanto quis, você o conquistou. Mas foi isso, o desafio. Você o fez ser uma pessoa melhor, porque

você é uma pessoa tão melhor que eu, Bella.

— Não diga isso. Não fale assim. Quais eram as chances de eu me envolver com o homem que destruiu seu coração? Que nem morava na mesma cidade? Que era tão inalcançável?

— Tinha que ser assim, Bella. Vocês foram feitos um para o outro. Você não teria sobrevivido sem ele. E nem ele aprenderia a viver sem você.

— Isa, eu não quero que fique mal com isso.

— Eu não fico, de verdade. Fico muito feliz por vocês. Pela família que agora vão ter. E torço muito que você tenha toda a felicidade que deveria ter tido. Sabe, ao invés de brigar comigo, você deveria me agradecer. Meu gesto egoísta fez você conhecer o verdadeiro amor da sua vida.

Eu sorri e a abracei mais uma vez me despedindo.

Voltar a Caxambu foi realmente estranho, e difícil. Richard não passou nem perto da casa onde eu morava com Ben, me levou direto para a

mansão da família Becker, mas me garantiu que teríamos nossa própria casa. Bárbara me abraçou por tanto tempo, e pareceu tão emocionada, que me senti acolhida como uma neta por ela. Ela ficou radiante ao saber do bebê e já começou os planos para quando ele nascesse.

Minha felicidade só foi interrompida, ao descobrir o que Christopher havia feito. Stacie me disse e custei a acreditar. Procurei Richard imediatamente, eu devia ter percebido que ele ficou o dia todo em casa, não foi à empresa.

— O que aconteceu Richard? O que o Christopher fez?

Ele me olhou confuso e perguntei de outra maneira.

— Por que está em casa e não na Becker Records?

A compreensão tomou seu rosto, quando ele começou a falar.

— Quando você se foi, eu fiquei louco. Eu sabia que tinha feito a coisa certa, mas isso não

diminuía a vontade que eu tinha de ir atrás de você. Foi a coisa mais difícil que eu já fiz, Bella. Enfim, eu comecei a beber, você sabe que não tenho controle com o que sinto por você, isso me domina. O desespero de não ter você por perto me dominou.

Eu me sentei ao seu lado, e ele continuou falando.

— Eu não fui eu mesmo por um tempo. Não fui responsável, praticamente abandonei a empresa. Nesse meio tempo, houve um desvio de uma grande quantia em dinheiro para uma conta fantasma. Uma conta que estava em meu nome.

Ele me encarou e ao perceber meu choque, explicou:

— Eu não desviei dinheiro da gravadora. Não roubei minha própria família.

— Eu sei que não. Nunca pensaria isso. Mas se não foi você...

Ele assentiu e mal pude acreditar.

— Christopher é o presidente agora.

— Não acredito. — disse me levantando. — Como ele pôde? Será que nunca se cansa de querer ter o que é seu?

— Ele também ficou sem chão quando você se foi. Não que isso justifique, mas ele me culpou. E eu sabia que a culpa era mesmo minha.

— Richard, eu não acredito! Isso não pode ficar assim!

Ele abriu um sorriso e me puxou para seus braços.

— Acalme-se. Não pode ficar nervosa. Gabriella, isso não me importa. Sim, ainda estou na cidade porque quero provar que Christopher é o responsável pelo desvio do dinheiro, mas não quero a presidência de volta. Não quero nada disso. Quero minha própria empresa, longe dessa família maluca, de toda essa competição. Só quero que ele pague por manchar meu nome, nada mais.

Eu o abracei de volta, bem apertado.

— Eu sinto muito.

— Não foi culpa sua, meu amor. Você só me fez bem. Me fez enxergar muitas coisas. Eu não

preciso da aprovação de ninguém, não preciso provar para meus pais que não roubei a empresa deles. Apenas da sua. Preciso apenas do seu amor. Ele foi a única coisa boa que já tive na vida.

— Ah Richard.

Eu o beijei e toda raiva passou quando fizemos amor. Não achava justo que ele desistisse de algo que lutou tanto para conseguir. Mas Richard sempre conseguia o que queria, e se queria que Christopher pagasse, ele pagaria. Acariciei o rosto do meu amado e dormi assim, no conforto dos braços dele.

Quando acordei, senti algo frio no meu dedo anelar, abri os olhos e Richard estava de bruços, me olhando e segurando minha mão. Olhei para ela e o conhecido anel de noivado estava ali de novo.

— Esse anel nunca deveria ter saído do seu dedo. Você é minha Bella, sempre será. Quero que se case comigo, e veja bem, estou pedindo com

palavras claras, já que você é péssima para entender pedidos de casamento.

— Você que não sabe pedir.

Ele sorriu e beijou minha mão.

— Amor, estou dizendo que você é minha vida, minha alma, minha luz, que eu não consigo viver um dia sem você, sobreviver sem você é horrível. Eu te amo tanto que chega a me assustar e por mais que eu não seja bom o suficiente para você, vou te fazer a mulher mais feliz desse mundo custe o que custar. Estou dizendo que vou te mostrar a cada dia, a cada segundo, o quanto te amo. E quero ter você em minha vida, ao meu lado, para sempre e depois do para sempre e até o que vier depois do depois do para sempre.

Dei uma risada e um tapa nele.

— Eu te amo e sou seu, Bella. Não sei como ser mais claro que isso. Casa comigo?

Em meio a lágrimas e risos eu disse sim, ele me puxou para os braços dele e me beijou. O fogo do beijo dele me fez esquecer qualquer coisa ruim

que ele possa ter feito, pois a redenção dele foi o que me deu força.

— Vem me mostrar o quanto me ama então, em cada segundo. — sussurrei em seu ouvido.

Ele sorriu e voltou a me beijar.

— Sempre, meu amor, sempre.

CHRISTOPHER

Eles não saíram do quarto, ficaram lá mais de vinte e quatro horas. Eu tenho a empresa agora, mas não importa, não está completo sem ela. E ela o ama. Eu não entendo como ela pode amá-lo. A pessoa que mais a prejudicou. Eu não entendo por que não consegui seduzi-la. Fico de plantão na porta do quarto dele, até que finalmente, ela sai. Se assusta ao me ver, e antes que ela entre, eu a arrasto até o jardim, mas ela vem comigo, eu sabia que viria. Quando chegamos ela me olha com raiva.

— Devolva a empresa ao Richard.

Não quero o ódio dela. Ainda não é o fim. Sou capaz de qualquer coisa, faço qualquer coisa para que ela não me odeie.

— Farei isso. Se você ficar comigo. — é tudo que digo e espero que ela não me olhe mais com aquele ódio.

Funciona. Ela toca minha mão.

— Estou esperando um filho dele, Chris. Eu o amo mais que a minha vida. Espero que entenda isso e que possamos ser amigos.

Então é verdade, ela espera um filho dele. Ele terá tudo no final, a Gabriella e até um filho. Com ela. Com a mulher que eu amo. Como eu pude ser tão idiota e deixar isso acontecer? Afasto-me dela, não quero que ela perceba como estou transtornado, não quero que saiba como dói vê-la tão feliz com outro. Que ela pense que tudo o que eu sempre quis foi tomar o que o Richard queria, que ela pense que eu nunca a amei. Só eu vou saber como me sinto rasgado por dentro por culpa dela. Toda a confusão que toma minha mente agora é culpa dela. Eu devo odiá-la.

— Para o inferno com sua amizade! Tomara que ele te machuque de novo, e eu não estarei aqui como um babaca para ser o seu amiguinho, Gabriella.

Eu a deixo ali e saio. Não sei para onde ir, não quero ir para lugar nenhum, e ao mesmo tempo

quero ir para longe. Dirijo, até sair da cidade, vejo o sol sumir, depois sair de novo e eu preciso parar porque estou sem gasolina. Meus olhos estão vermelhos, estou cansado, mas não quero parar. Encho o tanque e volto a dirigir, sem perceber, volto à cidade, para Caxambu, vou pegar minhas coisas e sumir.

Quando chego, a manhã está nascendo. Quando estou passando próximo ao presídio de Caxambu, não vejo nada, meus olhos estão fechando, de repente um baque no carro me assusta e piso no freio a tempo de ver um corpo bater no vidro do carro e cair ao chão. Desço imediatamente e vejo uma mulher jogada na frente do carro. Me abaixo até ela e tiro o longo cabelo vermelho de seu rosto, há sangue por toda parte, eu toco o rosto dela e ela abre os olhos e solta um gemido. Mas, quando olha para mim, o mundo a minha volta para. Ela tem os olhos mais lindos que eu já vi na vida. Meu coração dispara e minha boca fica seca. Eu já vi essa história, sei onde isso vai dar, mas não

posso me afastar agora. Eu provoquei isso, tenho que salvá-la. Ela me olha por um tempo e depois fecha os olhos. Ela desmaia. Desmaia nos meus braços e eu só consigo pensar em uma maneira de salvar a vida da mulher que tem os olhos mais lindos do mundo, olhos de anjo.

Epílogo

— É o seu primeiro filho? — perguntou o anestesista tentando me desconcentrar da dor insuportável que me tomava.

— Não! — respondeu Richard. — É o primeiro parto apenas, mas ela já foi mãe.

O anestesista o encarou sem entender, mas voltou o olhar para mim.

— Não precisa ter medo. Logo, essa dor vai passar.

— Você devia aplicar isso nele também. — disse apontando para Richard que parecia que ia ter um treco a qualquer momento.

O anestesista apenas riu.

— Isso é comum. Homens são fracos demais na hora do parto.

— Minha mulher está prestes a ser rasgada para que uma criança passe por... Isso é assustador.

— Richard não me faça rir. Essa anestesia ainda não fez efeito e dói quando me movimento.

— Desculpe.

Ele andou até mim e segurou minha mão, apertando-a contra sua boca.

Eu sabia que Bárbara e Stacie estavam lá fora. Sabia o quanto o meu bebê era aguardado. Ele era a luz de volta. Uma vida que dependeria de mim e de Richard, e faríamos tudo por ela.

Mas meu bebê nunca substituiria Benjamin. Nada nunca o substituiria. Fiquei imaginando o quanto ele estaria radiante ali, vendo meu bebê nascer. Como ele seria amoroso e paciente com essa criança. Ele a amaria. Parece que nunca vai estar completo sem ele.

As coisas andavam bem. Quando Richard disse que havia aprendido a amar, não estava brincando. Havia dias em que eu não sabia como agradecer a ele tudo o que fazia por mim. Ele me amava vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana. Cuidava de mim, me entendia, me fazia rir. Era um outro Richard. Ainda me regulava e tentava

me controlar, mas eu sempre levantava o nariz pra ele, e nossas brigas acabavam na cama. Nunca pensei que pudesse ser tão feliz assim.

Comecei a trabalhar em uma ONG, onde ajudo crianças com câncer, eu sei dessa luta, podia ajudá-las.

Richard entendeu que eu não queria me casar na igreja. Não pareceu certo sem meu pequeno para levar as alianças. Nos casamos apenas no civil, e Bárbara organizou um jantar para poucas pessoas para comemorarmos.

Ele estava desde então empenhado em acabar com Christopher.

Por mais que eu soubesse que Christopher merecia sim, pagar por tudo, ainda não queria que Richard fizesse algo que machucasse Bárbara, mas ele estava irredutível quanto a essa vingança. E estava próximo, o dia em que Christopher cairia.

O médico entrou no quarto, trazendo minha

atenção de volta ao fato de que meu bebê estava prestes a nascer. Minha pequena. Richard segurou minha mão enquanto era levada para o momento mais lindo da minha vida.

O parto durou cerca de quatro horas. Quatro horas em que fiz a maior força possível, e em que achei pelo menos umas doze vezes que Richard ia desmaiar. Ele mudava de cor o tempo todo, e as caras que fazia, me assustavam. O médico acabou brigando com ele, pedindo que ficasse perto da minha cabeça e não olhasse o bebê nascer. Mas ele olhou. Pude ver pela expressão em seu rosto o momento em que nossa pequena finalmente nasceu. Pude ver pela forma como ele parecia sem palavras, como não desviava o olhar das mãos do médico, e então, o choro dela tomou o lugar. E eu chorei junto, e Richard chorou.

O médico se aproximou de mim com ela nas mãos, tão pequena, gritando tanto. A colocou perto de mim e tentei falar com ela, mas minha voz não saía. Foi Richard quem falou:

— Oi princesa. Bem-vinda, amor do papai.

Seu choro se transformou em resmungos apenas. A segurei com uma mão, ela era pouca coisa maior do que a mão de Richard, que pousou do outro lado. E eu não sabia sequer começar a explicar o que estava sentindo.

— Vou levar sua filha agora, mas daqui a pouco a levo para você no quarto, porque ela está faminta.

Quando estava instalada no quarto, esperando minha pequena, Richard apareceu.

Ele sentou-se na cama de frente para mim e segurou minhas mãos.

— Ela chorou muito durante o banho, Bella. Chorou até o momento em que segurei sua mãozinha. Então ela ficou quieta.

— Ela já ama você, amor.

— Eu amo você. Nunca pensei que existisse algum sentimento nesse nível do que estou sentindo agora. Por você e por ela. Obrigado,

Gabriella.

Segurei seu rosto entre as mãos e o puxei para mim, beijando-o.

— Me diga que ela tem seus olhos.

— Sim. — ele disse rindo. — Estão escuros ainda, um verde escuro. A enfermeira disse que vai clarear. Mas ela tem sua boca e seu queixo. Vai ser atrevida como você. Já a imagino empinando aquele narizinho para mim.

Sorri e ele me abraçou.

Pouco depois a enfermeira entrou com nossa pequena nos braços.

— Aqui está, mamãe. Sua pequena está faminta.

— Venha Thamara, venha meu amor.

A enfermeira a depositou em meus braços, eu a abracei forte antes de amamentá-la. Minha pequena Thamara ficou me olhando, calma, observando. Os olhos de um verde escuro, e embora estivesse ainda com o rostinho inchado, ela parecia com Richard.

— Ela se parece tanto com você. — disse a ele.

— E com você, amor.

Foi aí que aconteceu, quando Richard sentou-se ao meu lado e passou o braço pelo meu, segurando-a, eu o senti. Foi como ter ouvido a risada de Ben, como ter sentido seu cheiro. Como se ele estivesse ali.

— O que foi, Bella? — perguntou Richard, preocupado.

As lágrimas correram por meus olhos, olhei para todos os lugares, mas não o vi. Mas ele estava ali. Estaria sempre ali.

— As pessoas que amamos nunca vão realmente embora. Benjamin está aqui.

— Ele sempre esteve, Bella. Sempre esteve com você. Jamais te deixaria. Você pode achar que não, mas estamos completos agora.

— Eu sei. Estamos sim. Não nos falta mais nada.

Por Benjamin

Eu tinha uma mãe e duas irmãs mais velhas. Eu tinha uma família normal. Então perdi uma parte de mim. Depois perdi minha mãe. Minha irmã do meio largou tudo e assumiu o lugar de minha mamãe. Sou uma criança que precisa de cuidados. Tenho câncer. Leucemia. Minha irmã se faz de forte na minha frente, mas eu sei que quando está sozinha ela chora. Eu me culpo por tudo que ela perdeu. Ela reclama comigo quando isso acontece. Minha maninha é tudo para mim. É quem eu mais amo nessa vida. Vida. Uma palavra tão pequena, porém com um enorme peso e significado. Tenho medo de a minha chegar ao fim. Não sei o que acontece depois que ela se finda. Também não quero deixar a minha rainha. O meu porto seguro. Preciso ser forte por mim e por ela.

Não sei começar de forma fácil. Não consigo falar que estou sofrendo. Não posso demonstrar o que sei que está acontecendo. O câncer está me

matando. Agora de forma mais rápida. Minha irmã está assistindo meu corpo definhar sem poder fazer nada. Isso está acabando com ela. E acaba comigo vê-la assim. Mas agora não tenho mais medo da morte. Sei que não vai doer mais do que a dor que já sinto. E minha irmãzinha não está mais sozinha. Agora tem um homem bom que a ama e cuida dela. Ele é meu amigo. É grande e forte. Vai protegê-la quando eu partir. Os médicos disseram que eu estava curado. Não estava, tudo voltou e dessa vez pior. Eu sinto que meu fim está próximo. Então minha mamãe apareceu no quarto do hospital e me chamou. Levantei da cama e a abracei. Não vi mais nada. Só a minha Bella chorando no quarto dela horas depois. Acabou. Para mim acabou na Terra. Mas pra ela é um novo recomeço.

Por Sara Rodrigues

Ela soprou um beijo, seus olhos vermelhos pelas lágrimas derramadas. Soprou a merda de um beijo e se foi. No momento em que a porta bateu, algo dentro de mim parou de bater. Fiquei ali, sentado no chão, olhando o céu através do vidro. Desligado de tudo.

Ela não podia ter ido embora.

Foi como seu quisesse me torturar, mas só precisava ter certeza. Saí da empresa horas depois, não ouvi nada do que me foi dito, eu via as pessoas falando e gesticulando em minha direção, mas não importava. Eu estava surdo. Só precisava ter certeza.

A casa estava toda apagada. Por um momento foi como voltar meses atrás, eu chegaria, abriria a porta que sempre estava destrancada e encontraria Ben no tapete da sala, assistindo um filme de peixinhos. Ela estaria ali, na pequena cozinha, preparando o melhor café do mundo. Se irritaria

quando me visse, mas sorriria, e me olharia daquele jeito que só ela sabia olhar. E então eu teria que me controlar até Ben ir dormir. Para então tomá-la em meu braços e fazê-la minha. Eu deveria ter feito isso antes. Ter me casado com ela no momento em que percebi que a amava. Devia ter levado o pequeno para um lugar melhor. Devia ter impedido que a maior felicidade que já senti na vida escorresse por meus dedos, como deixei que acontecesse.

E ela era minha. Por que era tão difícil que entendesse isso?

Bati na porta, gritei seu nome. Stacie me olhou com pena, tentou falar comigo, mas não queria saber. Aquela foi apenas a primeira noite. A primeira noite em que fui àquele bar quente, sem olhar realmente para ninguém, apenas esperando que ela aparecesse, com aquelas roupas curtas, a bandeja perfeitamente equilibrada, brava por eu estar ali de novo.

Eu só queria vê-la, não importava como.

O tempo todo minha vontade era ir atrás dela. Eu sabia onde ela estava, só precisava jogá-la nos ombros e trazê-la de volta. Talvez eu a levasse para aquela ilha, e viveríamos ali, eu viveria dentro dela. E nunca mais permitiria que ela fosse embora. Mas não podia fazer isso. Fui eu o idiota a causar tantas vezes suas lágrimas. Fui eu a assustá-la e deixá-la sem chão. Se ela precisava de um momento para se recuperar, o mínimo que eu podia fazer era dar esse momento a ela.

Não queria que ela voltasse para andar com aquela tristeza em seus olhos. Não queria que virasse cada rua dessa cidade procurando pelo pequeno, se lembrando dele. Ela precisava de um tempo, seria apenas um tempo. Eu a buscaria, ao menor sinal de Isabel, eu a buscaria. E a prenderia a mim para sempre.

Achei que pudesse fazer isso, que pudesse esperar, dar um tempo a ela, e não enlouquecer. Triste engano. Era impossível ficar sem ela. Os dias eram uma merda sem ela, a vida não existia

sem ela. Eu não dormia, não sentia fome, não me concentrava. Tudo estava atrasado na gravadora e eu não conseguia me importar com isso. Ficava pensando nela, imaginando o que estaria fazendo. Imaginando aquele ex idiota em cima dela. Eu poderia ter mandado alguém segui-la, mandado alguém vigiá-la. Mas não o fiz. Eu realmente dei um tempo a ela.

Houveram aquelas noites em que eu aceitava que não era tão bom assim, e queria ir buscá-la. Em uma dessas noites, desisti na última hora, aceitando que não podia trazê-la de volta ainda. Ainda doía em mim não ter Ben ali, para ela seria insuportável. Comecei a beber, comecei a brigar em bares. Dormia a tarde toda, acordava a noite, o vazio aparecia e eu bebia ainda mais. Descontrolado. Perdido. Esse fui eu sem minha Bella.

Não senti dor quando um carro me acertou, não era o carro velho e devagar dela. Não era ela a motorista irritadinha e atrevida. As pessoas

falavam de mim. Ninguém mais me chamava para nada. Eu era o louco, largado. E era mesmo.

A pior coisa do mundo é você saber exatamente onde está sua felicidade, e não poder ir buscá-la.

-Richard, você precisa reagir. Sei que a Bella precisa de um tempo, mas isso não está funcionando. Vá buscá-la.

-Não posso, vovó. Não posso ainda. Ela precisa desse tempo para ficar bem.

-Você não sobrevirá a esse tempo.

-Sobreviverei. Por ela. Porque quero estar bem no dia em que ela me pedir para buscá-la.

Nunca duvidei de seu amor por mim. Nem mesmo quando ela quis ir embora. Ela me mostrava isso o tempo todo, pela forma como me olhava, pela forma como pronunciava meu nome. Como implorou com o olhar que eu pedisse a ela para ficar. Ela me amava. Eu a amava loucamente. Ficaríamos juntos no momento certo.

Esse momento certo parecia nunca chegar.

Me esforcei para não beber uma noite. Procurei

por Stacie pela décima vez naquela semana. As notícias eram as mesmas. Ela estava fraca. Estava com anemia. E eu queria ir ao seu encontro, mas ela nunca estava bem o suficiente para voltar comigo. Pensei em ir embora com ela. Eu poderia adiantar nosso reencontro. Poderia tirá-la da casa da irmã e levá-la comigo. Para bem longe. Mas ela disse que não sabia mais amar. E eu sabia bem o que era achar isso. E por mais que eu provasse de todas as formas que ela me amava, ela não cederia. E nada daria certo enquanto ela não estivesse realmente bem.

Numa noite, quando cheguei em casa, meus pais estavam ali. Aretha e Hector, parados no meio da sala. Pela expressão de vovó eu soube que alguma coisa estava muito errada.

-Olha quem apareceu! – disse meu pai em tom de acusação.

Então eu era o motivo da vinda deles. Provavelmente, meu pai exigiria que eu voltasse a ser um homem e honrasse o sobrenome que

carregava.

Mas não era isso. Eu mal me aproximei deles, uma dúzia de papéis foi atirada em mim. Eles bateram em meu rosto e caíram no chão. Olhei para ele, esperando que explicasse, mas a fúria em seu olhar me obrigou a abaixar-me e verificar o que eram aqueles papéis.

Eles eram sobre uma conta, uma conta em um banco na Itália. Um valor exorbitante. E essa conta estava em meu nome.

-O que é isso? – perguntei.

-Não se faça de desentendido. Não acredito que você fez isso! Eu confiei em você Richard! Achei que fosse como eu!

-Do que está falando? Por que meu nome está nessa conta?

Olhei para mamãe, mas ela desviou o olhar, Christopher parecia bem feliz, então eu soube que ele havia aprontado algo. Após uma série de insultos e toda mágoa que meus pais demonstraram, foi que analisei cada um dos

papéis jogados em mim. Sentei a mesa, peguei uma garrafa da adega e li tudo.

Christopher desviou um valor absurdo da empresa. Para uma conta na Itália, em meu nome. Vovó estava ali, parada na porta, quando terminei de ler aqueles papéis.

-Onde esse maldito está? — perguntei me levantando.

Eu ia acabar com a competição que Christopher insistia em ter comigo naquele momento. Eu o mataria. E meus magoados pais perderiam de uma só vez dois filhos.

-Você não vai atrás dele, Richard.

-Ah eu vou sim! Vou matá-lo!

Ela barrou minha passagem entrando na minha frente com lágrimas nos olhos.

-Vovó, me deixe passar.

-Me escuta. Eu sei que você não fez isso, sei que isso é obra dele. Mas se eu deixar que você o encontre agora irá matá-lo. E não quero vê-lo na cadeia.

-Eu não me importo! Me deixe passar!

-Você não pode fazer isso. Não pode ser preciso.

E a Gabriella? O que acontecerá com ela?

Estaquei de repente e a encarei.

-Ela precisa de você.

Com um soco que estraçalhou o vidro da mesa, gritei deixando que toda minha fúria extravasasse. Gabriella. Por ela, eu não mataria meu irmão. Somente por ela não ia parar na cadeia. Mas isso não ia ficar assim.

Não foi difícil conseguir provas. Uma conta aberta há dois meses, nenhuma movimentação feita. Dinheiro demais desviado de repente. Quando eu estava ausente. Um golpe muito mal dado. Era fácil provar que eu era inocente, mas mais do que isso, eu queria provar que Christopher era o culpado. Mas não faria aquilo naquele momento. Deixei que ele assumisse a presidência da gravadora. Deixei porque ele não é capacitado para isso. Se meu pai achou que fosse me atingir colocando-o no cargo que me pertencia,

estava engando. O atingido seria ele quando a gravadora começasse a afundar.

Comecei a juntar provas contra ele. Quando eu tirasse Christopher do trono, ele cairia para nunca mais se reerguer.

Uma tarde, mamãe foi me procurar. Esperei que fosse me acusar, como sempre fazia. Mas ela me surpreendeu ao dizer que acreditava que eu era inocente. Ela achou estranha demais essa conta repentina. Então ela se tornou minha aliada. O que eu não disse a ela, é que além de provar minha inocência, também acabaria com Christopher.

Voltei a beber. Nada me animava, nada melhorava aquele buraco em meu peito, sangrando cada dia mais. Nenhuma daquelas mulheres que se aproximavam me interessava. Não deixei que nenhuma delas pusesse suas mãos em mim. E o tempo todo eu pensava nela. Era a lembrança de seu rosto, seu sorriso, o que não me deixava perder totalmente o juízo.

Numa tarde chuvosa, em que raios riscavam o

céu, e eu me amaldiçoava por não tê-la ali, para protegê-la de todo esse barulho, achei que não aguentaria mais. Precisava buscá-la. Minha aparência era péssima eu tinha vários machucados espalhados pelo rosto, estava abatido, olheiras enormes, a barba cobrindo metade do meu rosto. Ela se assustaria se me visse assim. Jamais voltaria comigo.

Foi aí que recebi o e-mail.

Um e-mail de Isabel.

Achei que estivesse me dizendo que podia buscar minha Bella, mas o que havia naquele e-mail era muito melhor do que isso.

Richard,

Estou enviando esse e-mail sem o consentimento da Bella, mas preciso que você saiba. Ainda não é hora de buscá-la. Pare de agir como um lunático descontrolado e tome as rédeas da sua vida porque agora, além dela, há alguém mais que depende de você.

ps: Não deu para ver o sexo, mas meu palpite é de que é uma menina.

Parabéns.

Isabel

E ali, anexadas ao e-mail, haviam várias fotos. Fotos de um ultrassom. Um pequeno ponto, com braços bem pequenos, e a cabecinha, eu descobri a cabecinha dele. Era uma vida ali, naquelas imagens, daquele ultrassom, e o nome da mulher que carregava aquela vida logo acima:

Gabriella Elena de Wolle.

Bella estava grávida. De um filho meu. Por um momento o susto, a surpresa, me dominaram. Mas logo, entendi exatamente o que aquilo significava.

Uma segunda chance de sermos uma família. Meu filho.

Corri pela casa, deixei que toda aquela angustia saísse aos poucos, gritei como um louco. Um filho. Para sempre. Gabriella seria minha para

sempre.

De repente não me importava recuperar a empresa, o respeito de pais que nem me conheciam. Não me importava mais nada. Eu só precisava tê-la. Só precisava dela. Eu a faria feliz, como faria! Porque ela foi feita especialmente para mim.

Naquela tarde encontrei forças para fazer a barba, arrumar minhas roupas, deixar uma mala pronta. Eu não podia simplesmente aparecer e dizer que a amava e que ela voltaria comigo de qualquer jeito. Não. Ela devia saber sobre cada cagada que eu andava fazendo. Precisava de mais. Passei semanas comportado, sendo um bom homem, doei medula óssea, patrocinei campanhas, fiz doações a diversas instituições, me redimi de todas as maneiras que consegui com o mundo. E então, eu soube. Me redimi com ela. Minha Bella. Era hora de buscá-la. De trazer ela e o meu filho para junto de mim.

As poucas horas de viagem pareceram se tornar

dias. Não sei como aguentei tanto tempo sem ela, mas de repente eu já não aguentava nem mais um minuto. Quem diria que eu acabaria assim, completamente entregue àquela garota barraqueira e atrevida. A que achei apenas desejar demais. A que feri de tantas maneiras apenas porque ela me tirava da minha zona de conforto e tudo o que eu sentia me assustava. E então, tudo se resume a ela. Não foi fácil aceitar o que eu sentia e simplesmente viver isso tão intensamente, mas ela, não me deixou escolha, e foi a melhor coisa que podia ter feito, não me deixar tratá-la como apenas mais uma. Cada recusa, cada vez que me negou algo, cada vez que não cedeu às minhas chantagens, às minhas propostas, tão errada e tão perfeita para mim.

Parei na chuva ao encontrar o endereço. Havia apenas uma luz acesa na casa, mas foi como se eu sentisse seu cheio, eu soube que ela estava ali. Bati na porta como um desesperado. E quando ela abriu, e a vi ali, tão linda, mais linda do que eu me

lembrava. Meu filho já podia ser notado na pequena barriga. Ela era minha. Todo sentimento de posse que sempre tive por ela estava triplicado naquele momento. Minha. Gabriella pertence a mim, e nunca mais a deixarei se afastar de novo.

Ela foi minha redenção, foi a minha cura. Ela será minha vida para todo o sempre.

Quer ajudar na luta contra o câncer infantil?

Deixo abaixo os links de sites de algumas instituições de apoio a criança com câncer que sobrevivem de doações e ações voluntárias!

Faça a diferença você também!

Grupo luta pela vida - MG

<http://www.hospitaldocancer.org.br/grupo-luta-pela-vida/quem-somos/>

Casa Hope – SP

<http://hope.org.br/casa-hope-e-cia-hering-juntas-na-luta-contra-o-cancer-infantil/>

GACC – BA

<http://gaccbahia.org.br/seja-um-voluntario>

AACC – MS

<http://www.aacc-ms.org.br/view/como-ajudar/?tab=3>

Instituto do câncer infantil – RS

<http://www.ici-rs.org.br/como-ajudar>

CACCSVP – RJ

<http://www.casaapoiocancer.org.br/>

GRAACC – SP

<https://www.graacc.org.br/doacoes-online.aspx>

FAC

[http://www.fundodeassistenciaacrianca.org.br/?
cont=home](http://www.fundodeassistenciaacrianca.org.br/?cont=home)

Marta Kuboiana – SP

<http://www.cmk.org.br/>

Casa do Adalto – SC

<http://www.casadoadalto.org.br/>

Casa Durval Paiva – RN

<http://www.casadurvalpaiva.org.br/>

Abrace – DF

<http://www.abrace.com.br/abrace/quem-somos#.VUHV5CFViko>

AACCMT – MT

<https://www.facebook.com/mtaacc?fref=ts>

TUCCA – SP

<http://www.tucca.org.br/>

Indicação Capista Amanda Lopes

Precisa de uma capa para seu livro físico, e-book, banner para divulgação da sua obra, arte para marcadores ou arte de capa para sua página no facebook? Quero indicar a Amanda Lopes, a capista que fez a capa desse livro. Profissionalismo e talento, com preço justo.

Contato por e-mail:
<amanda.lps22@gmail.com>

Facebook:
<https://www.facebook.com/amandalps2?fref=ts>

Veja abaixo algumas capas feitas por ela:

Amor em Londres – Mia Klein

<http://dc531.4shared.com/download/68aYd34Cb2lgfp=3000>

Basta me escolher e Onde a curiosidade nos
leva? – Amanda Lopes

<http://dc531.4shared.com/download/VX3x4qc6ce1gfp=3000>

<http://dc531.4shared.com/download/jOCQh62nb1gfp=3000>

Trilogia V.D.A. (Estúpido desejo, Estúpida
chantagem e Estúpida proposta) – Carlie Ferrer

http://dc531.4shared.com/download/f-B_2jSjba/ED_-_ebook.jpg?lgfp=3000

http://dc531.4shared.com/download/Wzr3qlkGba_capa_oficial.png?lgfp=3000

<http://dc531.4shared.com/download/XcQxwnIbb1gfp=3000>

Sex and the Lyrics – Sara Jéssica

<http://dc531.4shared.com/download/L254AHQcc1gfp=3000>

Redenção

http://dc531.4shared.com/download/1DJkZ_-Oba/CAPA_OFICIAL.png?lgfp=3000

Indicação, revisora Bárbara Pinheiro.

Revisar é... aperfeiçoar sonhos!

Quer deixar sua obra profissional e bem escrita? Procure a Bárbara Pinheiro, revisora. Formação em Letras (Português e Espanhol), experiência, dedicação e preço abaixo do mercado.

Contato por e-mail:
<bcaroline.pinheiro@gmail.com>

Facebook:
[https://www.facebook.com/bazinha.pinheiro?
fref=ts](https://www.facebook.com/bazinha.pinheiro?fref=ts)

Revisão técnica e copidesque...

*Técnica: Revisar ortografia...

**Copidesque: É fazer – além da revisão – a leitura e a adequação de um texto, ou seja, podem-se modificar parágrafos, reescrever trechos, eliminar repetições, redundâncias e prolixidade

para deixar o texto claro, coeso e objetivo.

Veja abaixo algumas obras revisadas por ela:

Livros lançados

Amor em Londres - Mia Klein

Estúpido desejo - Carlie Ferrer

Fatal Angel - Tata Oliveira

Necessário - Carlie Ferrer

Proibido - Carlie Ferrer

Redenção - Carlie Ferrer

Sonhos - Mia Klein

A caminho:

Um lugar para morar - Diego Fortuna

Em andamento no Wattpad:

Basta me escolher - Amanda Lopes

<http://www.wattpad.com/story/33847991-basta->

[me-escolher](#)

Coração Arredio - Mia Klein

<http://www.wattpad.com/story/21282707>

Estúpida Proposta - Carlie Ferrer

<http://www.wattpad.com/story/39763776>

Onde a curiosidade nos leva? - Amanda Lopes

<http://www.wattpad.com/story/39841809>

Obrigada por chegar até aqui com Richard e Bella. Agradeço o carinho e apoio de cada um que levou essa história para um, ou mais de seus dias. Um grande abraço.

Contato com a autora: carlieferrers@gmail.com